



## ***Brazil Builds: releitura crítica***

Luciane Scottá

Tese apresentada à Universidade do Porto para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Arquitectura, realizada sob a orientação científica da Doutora Ana Vaz Milheiro, e co-orientação do Doutor Ricardo de Souza Rocha.

Esta tese foi escrita de acordo com as normas do português do Brasil.



Aos meus pais





## AGRADECIMENTOS

Primeiramente e acima de tudo, agradeço a meus pais Francisco e Reni e minha irmã Juliane, pelo amor incondicional em todos os momentos de minha vida e por investirem no meu percurso acadêmico sempre acreditando no meu potencial.

Ao meu marido Márlou pelo amor e carinho, pelo suporte emocional e pela presença fundamental em todos os momentos.

A minha orientadora prof.<sup>a</sup> Dra Ana Vaz Milheiro por acreditar em mim, pelo apoio e por proporcionar-me uma experiência engrandecedora ao longo do doutoramento. Agradeço também ao meu coorientador prof. Dr. Ricardo Rocha pelas valiosas sugestões e pelo auxílio desde o início do meu percurso acadêmico.

Ao prof. Dr. Alexandre Alves Costa por trazer à luz e ressaltar a importância do tema *Brazil Builds*.

Ao prof. Dr. Carlos Eduardo Comas pela entrevista concedida.

A toda a minha família e amigos pelo suporte e boas energias e especialmente a Ana Luísa Diesel e Jéssica de Souza, que compartilham comigo o entusiasmo pela Arquitetura e Urbanismo, pela amizade e incentivo desde a Graduação na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Aos professores Sylvia Ficher e Andrey Rosenthal Schlee, e as colegas Ana Cláudia Breier e Maíra Teixeira Pereira pelo aprendizado e convívio no Mestrado do Curso de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília (UnB), e pela contribuição a esta tese.

Aos meus colegas de doutoramento pela troca de ideias e pelo convívio, principalmente ao Alexandre, Natalia, Juliana, Leonor e Catarina.

A todos que acreditaram nesse projeto, aos que duvidaram, e aos que não acreditaram. Todos contribuíram de alguma forma para me motivar.



## RESUMO

A tese apresenta uma releitura crítica do livro-catálogo *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*, de Philip Goodwin, com fotografias de Kidder Smith. O objetivo é discutir as escolhas tomadas pelos editores do livro, analisando tanto a arquitetura mostrada quanto as ausências que se fizeram notar. O texto foi dividido em quatro partes: 1) Apresentação e contextualização do livro-catálogo; 2) Leitura quantitativa dos dados do livro-catálogo; 3) Análise do conteúdo do livro-catálogo, abordando temas suscitados ao longo do texto; e 4) Comparação com a literatura posterior que aborda o mesmo período. Na primeira parte encontra-se informações sobre o livro-catálogo e a exposição que o acompanhou à época de seu lançamento, realizada no MoMA – Museum of Modern Art – em Nova Iorque. O enredo passa pela história da viagem de recolha de material até a exposição, analisando sua repercussão nacional e internacional. *Brazil Builds* teve imenso sucesso e difundiu a recente arquitetura moderna que o país estava produzindo, inclusive mostrando obras inacabadas. Além disso, o livro-catálogo também inclui a arquitetura do passado, mostrando suas origens, suas heranças, antes de apresentar o seu potencial moderno. *Brazil Builds* chegou às principais cidades da Europa e de outros continentes, proliferando internacionalmente cultura arquitetônica brasileira. Na segunda parte encontra-se uma análise de dados quantitativos de diversos aspectos do livro-catálogo. Na terceira parte desta tese, o livro-catálogo é abordado a partir de diversas perspectivas, englobando discussões sobre os seus arquitetos, a arquitetura nova e antiga, a relação com a cidade e o patrimônio, além do papel controverso que foi dado ao arquiteto Warchavchik e aos edifícios ecléticos, a integração entre uma obra nova e uma construção antiga e a repercussão nacional e internacional. Por fim, na quarta parte, é analisada a permanência (ou ausência) das obras apresentadas no livro-catálogo em relação à literatura posterior sobre o tema específico, a qual inclui os seguintes livros: *Arquitetura Moderna no Brasil* de Henrique Mindlin; *Arquitetura Contemporânea no Brasil* de Yves Bruand; *Arquitetura Moderna Brasileira* de Sylvia Ficher e Marlene Acayaba e *Arquiteturas no Brasil* de Hugo Segawa. A comparação é feita a partir da análise da relevância dada às obras pelos autores selecionados.



## ABSTRACT

This thesis presents a critical review of the catalogue-book *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*, by Philip Goodwin, with photographs by Kidder Smith. The aim is to discuss the editor's choices, analysing the architecture presented as well as the architecture omitted. This document was divided into four parts: 1) Presentation and context of the catalogue-book; 2) Quantitative analysis; 3) Content analysis of the catalogue-book approaching several subjects addressed in the thesis; and 4) Comparison with the posterior literature that focuses on the same period. The first part presents information regarding the catalogue-book and the exhibition that accompanied it, at the time of its launch, held at MoMA – Museum of Modern Art – in New York. The discussion departs from the history of the journey to collect material and continues until the exhibition, analysing its national and international repercussions. *Brazil Builds* was immensely successful, disseminating the recent modern architecture produced in Brazil, also including unfinished buildings. Moreover, the catalogue-book also presents the old architecture, demonstrating its origin and heritage before introducing Brazil's modern potential. *Brazil Builds* reached the major cities of Europe and other continents, internationally proliferating Brazilian architectural culture. The second part presents a quantitative data analysis of various aspects of the catalogue-book. In the third part of this thesis, the catalogue-book is approached from various perspectives, encompassing discussion about its architects, the new and old architecture, its relation with cities and patrimony, the controversial role given to the architect Warchavchik and to eclectic buildings, the integration of a new construction of an old building and the *Brazil Builds* national and international repercussion. Finally, in the fourth part, the permanence (or absence) of buildings presented in the catalogue-book in relation to the posterior literature about the specific subject is also analysed, which includes: *Arquitetura Moderna no Brasil* by Henrique Mindlin; *Arquitetura Contemporânea no Brasil* by Yves Bruand; *Arquitetura Moderna Brasileira* by Sylvia Ficher and Marlene Acayaba; and *Arquiteturas no Brasil* by Hugo Segawa. The comparison is made by analysing the relevance given by the selected authors to the buildings.

.



## SUMÁRIO

RESUMO.....	7
ABSTRACT.....	9
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	13
INTRODUÇÃO .....	1
<b>PARTE 1 – Brasil: arquitetura em movimento .....</b>	<b>13</b>
1.1. Brazil Builds, exposição e livro-catálogo.....	41
1.1.1. O MoMA e as exposições de Arquitetura .....	41
1.1.2. Os autores de <i>Brazil Builds</i> .....	49
1.1.3. A exposição .....	62
1.1.4. O catálogo (breve resenha e enquadramento).....	69
<b>PARTE 2 - Leitura quantitativa.....</b>	<b>127</b>
2.1. Arquitetura Antiga.....	129
2.2. Arquitetura Moderna.....	135
<b>PARTE 3 - Construção de uma moldura cultural a partir da matriz de <i>Brazil Builds</i></b>	
<b>.....</b>	<b>143</b>
3.1. Intervalo temporal.....	145
3.2. Arquitetos e Arquitetura Antiga.....	146
3.3. Arquitetos e Arquitetura Moderna .....	154
3.4. O hiato entre Arquitetura Antiga e Moderna .....	161
3.5. A desvalorização de Gregori Warchavchik .....	167
3.6. A abordagem da cidade .....	178
3.7. Arquitetura Antiga – o trabalho e influência do SPHAN .....	188
3.8. O novo no antigo .....	196
3.9. Repercussão nacional e internacional (catálogo e exposição).....	201
<b>PARTE 4 – Arquitetura Moderna: permanência das obras modernas na literatura</b>	
<b>posterior .....</b>	<b>217</b>
4.1. Arquitetura Moderna no Brasil - Henrique E. Mindlin – 1956 .....	219
4.2. Arquitetura Contemporânea no Brasil – Yves Bruand – 1981.....	236

4.3. Arquitetura Moderna Brasileira – Sylvia Ficher e Marlene Milan Acayaba- 1982 .....	253
4.4. Arquiteturas no Brasil 1900-1990 – Hugo Segawa – 1998 .....	258
4.5. Presença de <i>Brazil Builds</i> .....	268
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>273</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>283</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>299</b>
TABELA 01 – ARQUITETURA ANTIGA – Introdução I .....	300
TABELA 02 – ARQUITETURA ANTIGA – Planchas.....	301
TABELA 03 – ARQUITETURA ANTIGA - Outras fotografias nas <i>Planchas</i> (Paisagens, não obras específicas) .....	304
TABELA 04 – ARQUITETURA ANTIGA – Tipo das Imagens .....	305
TABELA 05 – ARQUITETURA ANTIGA – Lista de Arquitetos.....	306
TABELA 06 - ARQUITETURA ANTIGA – Tema das Obras.....	307
TABELA 07 – ARQUITETURA ANTIGA – Data das Edificações .....	308
TABELA 08 – ARQUITETURA ANTIGA – Data das Edificações .....	309
TABELA 09 - ARQUITETURA ANTIGA – Localização das Obras .....	310
TABELA 10 - ARQUITETURA ANTIGA – Localização das Obras .....	311
TABELA 11 - ARQUITETURA ANTIGA – Localização das Obras .....	312
TABELA 12 – ARQUITETURA MODERNA – Introdução II.....	313
TABELA 13 – ARQUITETURA MODERNA – Planchas.....	315
TABELA 14 - ARQUITETURA MODERNA – Tipo das Imagens.....	318
TABELA 15 – ARQUITETURA MODERNA – Lista de Arquitetos.....	319
TABELA 16 – ARQUITETURA MODERNA – Tema das Obras.....	321
TABELA 17 - ARQUITETURA MODERNA – Data das Edificações.....	322
TABELA 18 - ARQUITETURA MODERNA – Localização das Obras .....	323
TABELA 19 - ARQUITETURA MODERNA - Localização das Obras – Estados ....	324
TABELA 20 – ARQUITETURA MODERNA – Situação das Obras .....	325



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Estação Ferroviária de Mairinque, Arquiteto Victor Dubugras, 1907.....	16
Ilustração 2 - Casa da rua Itápolis, Gregori Warchavichk, 1928.....	23
Ilustração 3 - Lucio Costa, Frank Lloyd Wright e Gregori Warchavchik, na casa Nordshild (1931, Rio de Janeiro). ....	29
Ilustração 4 - Salão de Arquitetura Tropical, 1933, RJ. ....	30
Ilustração 5 - Primeira versão do Ministério da Educação e Saúde (Projeto da equipe de arquitetos brasileiros). ....	32
Ilustração 6 - Proposta de Le Corbusier para o novo terreno escolhido pelo arquiteto (Publicada na Œuvre complète 1934-38).....	34
Ilustração 7 - Proposta de Le Corbusier para terreno original, RJ.....	35
Ilustração 8 - Ministério da Educação e Saúde, RJ. ....	37
Ilustração 9 - Pavilhão Brasileiro da Feira de Nova Iorque, 1939.....	38
Ilustração 10 -Modern Architecture International Exhibition, 1932. ....	43
Ilustração 11 - "Goodwin Place", Woodbury, 1917. ....	50
Ilustração 12 - "Goodwin Place", Woodbury, 1917. ....	50
Ilustração 13 - "Goodwin Place", Woodbury, 1917. ....	51
Ilustração 14 - "Goodwin Place", Woodbury, 1917. ....	51
Ilustração 15 - Philip L. Goodwin. Proposed design for The Museum of Modern Art. c. 1936. Street facade. (Pencil on tracing paper, 8112 x 10Id'. Study Collection, Architecture and Design, The Museum of Modern Art, New York).....	53
Ilustração 16 - Philip L. Goodwin. Proposed design for The Museum of Modern Art, New York. Before June, 1936. First floor (ground floor) plan. (Pencil on tracing paper, 9 x 11 2". Study Collection, Architecture and Design, The Museum of Modern Art, New York). ....	54
Ilustração 17 - Philip L. Goodwin. Proposed design for The Museum of Modern Art, New York. Before June, 1936. Perspective drawing of first floor (groundfloor) lobby with circular staircase. (Pencil on tracing paper, 9 x 13s8". Study Collection, Architecture and Design, The Museum of Modern Art, New York).....	54
Ilustração 18 - Philip L. Goodwin (with the possible assistance of Edward D. Stone). Proposed design for The Museum of Modern Art, New York. June, 1936. Street exterior. (Pencil on tracing paper, 13 12 x 11". Study Collection, Architecture and Design, The Museum of Modern Art, New York).....	57
Ilustração 19 - Philip L. Goodwin and Edward D. Stone looking at plans for the new building of The Museum of Modern Art, New York. c. 1936. (Photograph, The Museum of Modern Art, New York).....	56
Ilustração 20 - Philip L. Goodwin and Edward D. Stone. Proposed design for The Museum of Modern Art, New York. c. July, 1937. Street exterior. (Pencil on tracing paper, 1418 x	

1618". Study Collection, Architecture and Design, The Museum of Modern Art, New York).	57
Ilustração 21 - Philip L. Goodwin and Edward D. Stone. Proposed design for The Museum of Modern Art, New York. c. July, 1938. Street exterior. (Pencil on tracing paper, 1418 x 1618". Study Collection, Architecture and Design, The Museum of Modern Art, New York).	58
Ilustração 22 - Philip L. Goodwin and Edward D. Stone. The Museum of Modern Art, II West 53rd Street, New York. 1939. (Photograph, The Museum of Modern Art, New York)	59
Ilustração 23 - Maquete do MoMA, NY, 1939.	60
Ilustração 24 - Exposição Stockholm Builds (4 de agosto a 8 de setembro de 1941)	61
Ilustração 25 - Parte de Check List da Exposição Brazil Builds.	65
Ilustração 26 - Maquete do Pavilhão Brasileiro na Feira Internacional de 1939 (Arquivo do MoMA).	66
Ilustração 27 - Maquete da Escultura de Prometeu para o Ministério da Educação e Saúde Pública.	66
Ilustração 28 - Capa Rígida Brazil Builds.	70
Ilustração 29 – Sobrecapa de Brazil Builds.	71
Ilustração 30 – Sobrecapa de Brazil Builds em Português.	71
Ilustração 31 - Catedral, Braga, Portugal.	76
Ilustração 32 - Velho Armazém em Recife.	78
Ilustração 33 - Palácio Rio Negro atualmente, Petrópolis, RJ.	79
Ilustração 34 - Obra como consta no Brazil Builds nomeada como Palacio [sic] Rio Negro, Petrópolis.	80
Ilustração 35 - Palácio Imperial, RJ.	80
Ilustração 36 - Teatro de Manaus.	81
Ilustração 37 - Teatro de Manaus.	81
Ilustração 38 - Rio de Janeiro.	83
Ilustração 39 - Palácio Itamarati, José Maria Jacinto Rebelo, RJ, 1851-1854 (Restaurado em 1928-1930).	83
Ilustração 40 - Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, Julio Frederico Koeller e Phillipe Garçon Rivière, RJ, 1842.	84
Ilustração 41 - Planta da Fazenda Colubandê, São Gonçalo, (perto de Niterói, Estado do Rio de Janeiro) Primeira metade do século XIX.	85
Ilustração 42 - Planta e Fotografia da Fazenda Colubandê, São Gonçalo, (perto de Niterói, Estado do Rio de Janeiro) Primeira metade do século XIX.	85
Ilustração 43 - Fazenda Garcia, perto de Petrópolis, RJ.	86
Ilustração 44 - Fazenda Garcia, perto de Petrópolis, RJ. (Jardim moderno projetado pelo arquiteto paisagista Roberto Burle Marx).	86
Ilustração 45 - Ruínas de São Miguel dos Missões (RS).	87
Ilustração 46 - Intervenção de Lucio Costa, São Miguel dos Missões (RS).	88

Ilustração 47 – Uma “Casa autêntica do século XVIII” comparada à “Arquitetura Colonial de hoje” no Brasil.....	93
Ilustração 48 – Ministério da Educação e Saúde Pública, 1942 (Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Affonso Eduardo Reidy, Carlos Leão, Jorge Moreira e Ernani Vasconcelos). ....	94
Ilustração 49 - Ministério da Educação e Saúde Pública.1942. (Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Affonso Eduardo Reidy, Carlos Leão, Jorge Moreira e Ernani Vasconcelos). ....	95
Ilustração 50 - Ministério da Educação em 2009. ....	95
Ilustração 51 – Os Brises. Ministério da Educação em 2009. ....	96
Ilustração 52 – Pilotis. Ministério da Educação em 2009. ....	96
Ilustração 53 - Terraço-jardim do 2º andar. Ministério da Educação em 2009. ....	97
Ilustração 54 - Associação Brasileira de Imprensa (A.B.I.) Marcelo e Milton Roberto, RJ.....	97
Ilustração 55 - Associação Brasileira de Imprensa (A.B.I) em 2009.....	98
Ilustração 56 - Associação Brasileira de Imprensa A.B.I.sendo vista a partir do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e da Biblioteca Nacional em 2009. ....	98
Ilustração 57 - Edifício Esther. Arquitetos Álvaro Vital Brazil e Adhemar Marinho, SP. ....	99
Ilustração 58 - Edifício Esther. Arquitetos Álvaro Vital Brazil e Adhemar Marinho, SP. ....	99
Ilustração 59 - Edifício Esther. Arquitetos Álvaro Vital Brazil e Adhemar Marinho. ....	100
Ilustração 60 - Casa de Apartamentos, Arquiteto Dr. Saldanha 1940, RJ. (Rua Bolívar, 97, Rio de Janeiro).....	100
Ilustração 61 - Casa de Apartamentos, Arquiteto Dr. Saldanha, RJ.....	101
Ilustração 62 - Casa para Operários no Realengo, Carlos Frederico Ferreira, RJ.....	101
Ilustração 63 – Hotel em Ouro Preto, Oscar Niemeyer, MG.....	102
Ilustração 64 - Hotel em Ouro Preto, Oscar Niemeyer, MG. ....	103
Ilustração 65 – Grande Hotel de Ouro Preto, Oscar Niemeyer, MG.....	103
Ilustração 66 - Grande Hotel de Ouro Preto, Oscar Niemeyer, MG. ....	104
Ilustração 67 - Obra do Berço, Oscar Niemeyer, Rio de Janeiro, RJ. ....	105
Ilustração 68 - Obra do Berço, Oscar Niemeyer, Rio de Janeiro, RJ. ....	105
Ilustração 69 - Obra do Berço, Oscar Niemeyer, Rio de Janeiro, RJ, Aspecto recente. ....	106
Ilustração 70 - Escola Normal, Carlos Henrique de Oliveira Porto, Salvador, BA.....	106
Ilustração 71 - Instituto Superior de Filosofia, Ciências e Letras “Sedes Sapientiae”, Rino Levi, 1942, SP.....	107
Ilustração 72 - Instituto Superior de Filosofia, Ciências e Letras “Sedes Sapientiae”, Rino Levi, 1942, SP.....	107
Ilustração 73 - Instituto Superior de Filosofia, Ciências e Letras “Sedes Sapientiae”, Rino Levi, 1942, SP (Setembro de 2016).....	108
Ilustração 74 - Instituto Superior de Filosofia, Ciências e Letras “Sedes Sapientiae”, Rino Levi, 1942, SP (Setembro de 2016).....	108
Ilustração 75 - Estação para hidro-aviões, RJ. ....	109
Ilustração 76 - Estação para hidro-aviões, RJ. ....	109

Ilustração 77 - Instituto Histórico Cultural da Aeronáutica (antiga Estação para hidro-aviões).	110
Ilustração 78 - Torre d'Água em Olinda, Luis Nunes, 1942.	111
Ilustração 79 - Torre d'Água em Olinda.	111
Ilustração 80 - Torre d'Água em Olinda.	112
Ilustração 81 - Torre d'Água em Olinda nos dias de hoje.	113
Ilustração 82 - Pavilhão de Anatomia Patológica, Luis Nunes e Fernando Saturnino de Brito.	113
Ilustração 83 - Pavilhão de Anatomia Patológica.	114
Ilustração 84 - Pavilhão de Anatomia Patológica.	114
Ilustração 85 - Instituto Vital Brazil, Niterói, RJ, 1942.	115
Ilustração 86 - Residência Cavalcanti, Oscar Niemeyer, 1940.	115
Ilustração 87 - Residência do próprio arquiteto, Oscar Niemeyer, 1942.	116
Ilustração 88 - Residência do próprio arquiteto, Oscar Niemeyer, 1942.	116
Ilustração 89 - Casa Johnson, Oscar Niemeyer, 1940.	117
Ilustração 90 - Residência João Arnstein, Bernard Rudofsky, SP.	117
Ilustração 91 - Residência Frontini. Bernard Rudofsky, SP.	118
Ilustração 92 - Casa de Warchavchik considerada a primeira casa moderna de São Paulo.	119
Ilustração 93 - Cassino, Pampulha.	120
Ilustração 94 - Cassino, Pampulha.	120
Ilustração 95 - Cassino, Pampulha.	121
Ilustração 96 - Cassino, Pampulha.	121
Ilustração 97 - Cassino, Pampulha.	122
Ilustração 98 - Ilha-Restaurante. Pampulha.	122
Ilustração 99 - Ilha-Restaurante. Pampulha.	123
Ilustração 100 - Casa de Baile (antiga Ilha-Restaurante), Pampulha.	123
Ilustração 101 - Casa de Baile (antiga Ilha-Restaurante), Pampulha.	123
Ilustração 102 - Yacht Club.	124
Ilustração 103 - Pavilhão Brasileiro da Feira de Nova Iorque, de Lucio Costa e Oscar Niemeyer.	124
Ilustração 104 - Pavilhão Brasileiro da Feira de Nova Iorque, de Lucio Costa e Oscar Niemeyer.	125
Ilustração 105 - Arquitetura Antiga: Tipo de Imagem.	129
Ilustração 106 - Arquitetura Antiga: Gráfico Arquitetos/Obras/Imagens.	130
Ilustração 107 - Arquitetura Antiga: Comparação Número de Obras/Imagens por Tema.	131
Ilustração 108 - Arquitetura Antiga: Comparação de Data de Obras/Imagens.	132
Ilustração 109 - Arquitetura Antiga: Localização das Obras/Imagens.	133
Ilustração 110 - Arquitetura Antiga: Obras por Estado.	134
Ilustração 111 - Arquitetura Antiga: Obras/Imagens por Região.	134
Ilustração 112 - Arquitetura Antiga: Obras por Região.	135
Ilustração 113 - Arquitetura Moderna: Tipos de Imagens.	136

Ilustração 114 - Arquitetura Moderna: Arquitetos e Número de Obras.....	137
Ilustração 115 - Arquitetura Moderna: Arquitetos e Número de Imagens .....	138
Ilustração 116 - Arquitetura Moderna: Grupos de Temas.....	139
Ilustração 117 - Arquitetura Moderna: Data das edificações .....	140
Ilustração 118 - Arquitetura Moderna: Localização das Edificações .....	140
Ilustração 119 - Arquitetura Moderna: Imagens e obras por Regiões .....	141
Ilustração 120 - Arquitetura Moderna: Imagens e obras por Regiões .....	142
Ilustração 121 - Arquitetura Moderna: Andamento das Obras .....	142
Ilustração 122 - Forte Montserrat, Salvador, BA, 1586.....	145
Ilustração 123 - Fazenda Boa União (Plantação de Café), RJ. ....	146
Ilustração 124 - Teatro Santa Izabel, Recife, PE. ....	148
Ilustração 125 - Teatro de Manaus, Manaus, AM.....	149
Ilustração 126 - Teatro de Manaus, Manaus, AM.....	149
Ilustração 127 - Igreja Matriz Nossa Senhora da Glória, RJ.....	152
Ilustração 128 - Igreja de Santo Alexandre, Belém, PA.....	154
Ilustração 129 - Teatro Municipal do Rio de Janeiro.....	162
Ilustração 130 – Vista a partir do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, com a Biblioteca Nacional à esquerda.....	163
Ilustração 131 - Casa de Apartamentos, Gregori Warchavchik, São Paulo, 1940 .....	168
Ilustração 132 - Edifício de Apartamentos na Rua Barão de Limeira .....	169
Ilustração 133 – Edifício de Apartamentos na Rua Barão de Limeira, Gregori Warchavchik, São Paulo .....	170
Ilustração 134 - Edifício de Apartamentos na Rua Barão de Limeira, Gregori Warchavchik, São Paulo .....	170
Ilustração 135 - Casa Modernista da Rua Santa Cruz.....	173
Ilustração 136 - Casa moderna de Warchavchik .....	173
Ilustração 137 - Casa da Rua Bahia .....	174
Ilustração 138 - Casa da Rua Bahia .....	175
Ilustração 139 - Casa da Rua Bahia .....	175
Ilustração 140 - Casa simples de Gregori Warchavchik .....	176
Ilustração 141 - Tabela de itens presentes no Brazil Builds e tombados pelo IPHAN .....	195
Ilustração 142. Páginas 60 e 61 de <i>Brazil Builds</i> .....	197
Ilustração 143. Páginas 62 e 63 de <i>Brazil Builds</i> .....	197
Ilustração 144 - Museu de Lucio Costa para as Ruínas de São Miguel das Missões .....	198
Ilustração 145 - Museu de Lucio Costa para as Ruínas de São Miguel das Missões. ....	199
Ilustração 146 - Museu de Lucio Costa para as Ruínas de São Miguel das Missões.....	199
Ilustração 147 - Museu de Lucio Costa para as Ruínas de São Miguel das Missões.....	199
Ilustração 148. Página 38 e 39 de Brazil Builds, com os desenhos de Roberto Burle Marx para a Fazenda Garcia .....	200
Ilustração 149 – Arquitetura Brasileira na Life Magazine .....	201

Ilustração 150 – Três revistas: New Pencil Points, janeiro 1943, Architectural Record, n.1, v. 93, janeiro 1943 e The Studio n607, v126, outubro, 1943 .....	207
Ilustração 151 - Aspectos da Arquitetura Portuguesa 1550-1950. Capa e Folha de Rosto ...	214
Ilustração 152 - Capa do livro Arquitetura Moderna no Brasil, versão 1999 .....	220
Ilustração 153 - <i>L'architecture moderne au Brésil</i> .....	221
Ilustração 154 - Forte de Santa Maria, Salvador, BA.....	222
Ilustração 155 - Forte de Santa Maria, Salvador, BA.....	222
Ilustração 156 - Teatro Santa Isabel, Recife, PE .....	223
Ilustração 157 - Teatro Santa Isabel, Recife, PE .....	223
Ilustração 158 - Academia Imperial de Belas Artes, Rio de Janeiro, 1826.....	224
Ilustração 159 - Solar de Monjope, Rio de Janeiro, 1926.....	224
Ilustração 160 - Casa na Rua Itápolis, Gregori Warchavchik, 1928, São Paulo. ....	225
Ilustração 161 - Casa na rua Thomé de Souza, Gregori Warchavchik, 1929, São Paulo .....	225
Ilustração 162 - Página 31 de Arquitetura Moderna no Brasil. ....	226
Ilustração 163 - Edifício Esther, São Paulo, 1938, SP.....	227
Ilustração 164 - Edifício Residencial, Gregori Warchavchik, 1939, São Paulo, .....	228
Ilustração 165 - Grande Hotel, Oscar Niemeyer, 1940. Ouro Preto, MG .....	229
Ilustração 166 - Hotel em Ouro Preto, Oscar Niemeyer, 1942, Ouro Preto, MG.....	229
Ilustração 167 - Salão de Dança da Casa do Baile, Oscar Niemeyer, 1942, Pampulha, Belo Horizonte, MG .....	230
Ilustração 168 - Salão de Dança da Casa do Baile, Oscar Niemeyer, 1942. Pampulha, Belo Horizonte, MG .....	230
Ilustração 169 - Cassino, Oscar Niemeyer, 1942. Pampulha, Belo Horizonte, MG .....	231
Ilustração 170 - Edifício da Associação Brasileira de Imprensa, A.B.I. 1938, RJ.....	233
Ilustração 171 - Ministério da Educação e Saúde, 1937-1943, RJ.....	234
Ilustração 172 - Instituto Vital Brazil, Niterói, RJ .....	234
Ilustração 173 - Instituto Vital Brazil, Niterói, RJ .....	235
Ilustração 174 - Capa de Arquitetura Contemporânea no Brasil .....	237
Ilustração 175 - Planta do térreo. Casa do arquiteto. Gregori Warchavchik, 1927-1928, São Paulo, SP.....	238
Ilustração 176 - Planta do primeiro andar. Casa do arquiteto. Gregori Warchavchik, 1927-1928, São Paulo, SP .....	239
Ilustração 177 - Fachada da casa construída. Casa do arquiteto. Gregori Warchavchik, 1927-1928, São Paulo, SP .....	239
Ilustração 178 - Casa “Modernista” à Rua Itápolis. Gregori Warchavchik, 1929-1930, São Paulo, SP .....	240
Ilustração 179 - Interiores da Casa “Modernista” à Rua Itápolis. Gregori Warchavchik, 1929-1930, São Paulo, SP .....	240
Ilustração 180 - Cidade de Monlevade (projeto de conjunto) e Igreja de Monlevade (Plantas, elevações, cortes). Lucio Costa. 1934 .....	241

Ilustração 181 – Hospital da Brigada Militar. Luís Nunes. 1935-37. Recife. PE .....	242
Ilustração 182 - Escola Rural Alberto Torres. Luís Nunes, 1935, Recife, PE .....	243
Ilustração 183 - Escola Rural Alberto Torres .....	243
Ilustração 184 - Escola Rural Alberto Torres .....	244
Ilustração 185 - Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro, 1936-43 .....	245
Ilustração 186 - Os pilotis e os azulejos de Portinari. Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro, 1936-43.....	246
Ilustração 187 - Prédio A.B.I., Marcelo e Milton Roberto, Rio de Janeiro, 1936-1938 .....	247
Ilustração 188 - Frente Norte da Estação de Hidraviões. Attilio Corrêa Lima, Rio de Janeiro, 1937-38 .....	248
Ilustração 189 - Frente Leste e Sul da Estação de Hidraviões. Attilio Corrêa Lima. Rio de Janeiro, 1937-38.....	248
Ilustração 190 - Plantas e fotografia do Pavilhão do Brasil na Exposição Internacional de Nova Iorque, 1939 .....	249
Ilustração 191 - Grande Hotel. Oscar Niemeyer.Ouro Preto. 1940. (MG) .....	250
Ilustração 192 - Plantas Baixas do Cassino da Pampulha .....	251
Ilustração 193 - Cassino da Pampulha .....	251
Ilustração 194 - Planta Baixa da Casa de Bailes da Pampulha.....	251
Ilustração 195 - Casa de Bailes da Pampulha .....	252
Ilustração 196 - Capa de Arquitetura Moderna Brasileira .....	254
Ilustração 197 - Casa Warchavchik à Rua Santa Cruz, Plano Urbanístico para Goiânia e Aeroporto Santos Dumont.....	255
Ilustração 198 - Associação Brasileira de Imprensa, RJ .....	255
Ilustração 199 - Hotel de Ouro Preto .....	256
Ilustração 200 - Casa de Baile da Pampulha.....	257
Ilustração 201 - Esboços dos brises do Edifício do Ministério da Educação feitos por Lucio Costa .....	257
Ilustração 202 - Caixa d'água de Luis Nunes, Olinda, PE .....	258
Ilustração 203 – Capa de Arquiteturas no Brasil.....	259
Ilustração 204 - Casa da Rua Santa Cruz, Gregori Warchavchik, 1928, São Paulo .....	259
Ilustração 205 - Casa da Rua Bahia, Gregori Warchavchik, São Paulo, 1930.....	260
Ilustração 206 - Essa construção de Gregori Warchavchik é geralmente citada como a primeira casa moderna construída em São Paulo .....	261
Ilustração 207 - Museu de São Miguel das Missões – Lucio Costa 1937 .....	262
Ilustração 208 – Leprosário de Mirueira, 1936, PE e esquema estrutural do Reservatório de água de Olinda (PE). Luis Nunes /Departamento de Arquitetura e Urbanismo .....	263
Ilustração 209 - Álvaro Vital Brazil em frente ao Edifício Esther.....	264
Ilustração 210 - Associação Brasileira de Imprensa, Marcelo e Milton Roberto, Rio de Janeiro, 1936.....	265
Ilustração 211 - Ministério da Educação e Saúde, em postal dos anos 40 .....	266

Ilustração 212 - Lucio Costa e o Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro, 1987 .....	266
Ilustração 213 - Imagens Externas e Internas do Pavilhão Brasileiro na Feira de Nova Iorque de 1939.....	267
Ilustração 214 - Croquis de Oscar Niemeyer para o Grande Hotel de Ouro Preto (MG) .....	268
Ilustração 215 – Tabela comparativa entre publicações.....	270



## INTRODUÇÃO

A exposição *Brazil Builds – Architecture New and Old 1652 – 1942* foi inaugurada em janeiro de 1943, no Museu de Arte Moderna (MoMA) em Nova Iorque. Trazia uma coletânea de exemplares da arquitetura que o Brasil herdou dos seus colonizadores e imigrantes, associada com a produção moderna recente. Para documentar esta exposição foi lançado o catálogo *Brazil Builds – Architecture New and Old 1652 – 1942*, de Phillip Goodwin, que chegou às principais cidades da Europa e de outros continentes, proliferando e atualizando o conhecimento que se tinha da cultura arquitetônica brasileira.

A edição de *Brazil Builds* abrangia doze estados<sup>1</sup> – Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Bahia, Pernambuco, Paraíba, Ceará, Amazonas e Pará – que foram listadas no mesmo, sugerindo um itinerário. No âmbito da arquitetura catalogada como Antiga, as características associadas a cada uma dessas regiões eram óbvias pela identificação de certos desempenhos estilísticos ou autorais relacionados a essas mesmas produções. No livro-catálogo estava presente o barroco das obras de Minas Gerais, designadamente a obra de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho; as edificações rurais de cunho mais produtivo, como os engenhos pernambucanos ou as fazendas mineiras de café; a arquitetura religiosa dos séculos XVII e XVIII do Rio de Janeiro; as fortificações, instalações açucareiras e religiosas da Bahia; a arquitetura urbana do Pará; o teatro do Amazonas; as Missões Jesuíticas no Rio Grande do Sul, entre outras. Na parte moderna é mostrada a arquitetura recém-feita, algumas mesmo em construção, de acordo com o que havia de mais moderno na arquitetura internacional, mas com um toque brasileiro. O catálogo se tornou um livro de referência<sup>2</sup>, considerado como um “passaporte da arquitetura brasileira para o mundo pós segunda guerra”<sup>3</sup>. É unânime entre a crítica brasileira e internacional, no período imediato à sua publicação, com repercussões na atualidade, como um dos episódios

---

<sup>1</sup> A divisão do Brasil em Estados à época do *Brazil Builds* era diferente da atual. Segundo um mapa de 1940, o Brasil possuía as seguintes divisões: Território do Acre, Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Distrito Federal, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. In: IBGE. *Evolução da divisão territorial do Brasil 1872-2010*. <[http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/default\\_evolucao.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/default_evolucao.shtm)>.

<sup>2</sup> Ana Vaz Milheiro. *A construção do Brasil: Relações com a cultura Arquitectónica Portuguesa*. (Porto: FAUP Publicações, 2005), 268.

<sup>3</sup> Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 100-2.

mais representativos de prestígio e difusão da arquitetura brasileira. Richard Williams afirma: "Em termos de impacto, o *Brazil Builds* foi um evento crítico da mesma ordem que a realização de Brasília"<sup>4</sup>. Contudo, é relevante ressaltar que a inauguração da capital brasileira despertou várias polêmicas, o que não aconteceu com *Brazil Builds*.

A partir dos relatos e afirmações da bibliografia comentada – ou do estado da arte que assinala este momento excepcional que *Brazil Builds* representa – pode-se sugerir que a sua publicação marca o início de uma nova era para a história da arquitetura brasileira, abrindo caminho e servindo de referência a outras publicações que proliferaram desde então, “estabelecendo a reputação da Arquitetura Moderna Brasileira no círculo da Arquitetura Internacional”<sup>5</sup>, e também a nível local. Parte significativa desta bibliografia será comentada ao longo desta investigação com o objetivo de situar o papel fundador de *Brazil Builds* na construção de uma historiografia e de uma teoria para a Arquitetura Moderna do Brasil.

A magnitude desse documento merece um estudo detalhado enquanto livro de referência, uma vez que começa a difundir detalhes da arquitetura moderna brasileira que trariam o reconhecimento internacional, cuja marca se concretiza após a construção de Brasília. São muitos os investigadores, historiadores de arte e arquitetura, arquitetos, entre outros, que têm refletido, escrito e publicado sobre *Brazil Builds*. Com base nessas informações foi tomada a opção de elencar uma lista mais reduzida, ainda que central no domínio do trabalho que será apresentado a seguir. Neste contexto, referência importante para a elaboração da tese é o livro *Brazil Built: the architecture of the modern movement in Brazil*<sup>6</sup>, de Zilah Deckker, no qual a autora faz um estudo do movimento moderno brasileiro, e atribui a sua popularidade e sucesso à exposição e ao catálogo-livro. Trata-se de uma narrativa informada que incide mais especificamente sobre os aspectos históricos, nomeadamente na relação geopolítica entre o Brasil e os Estados Unidos da América – país de onde advêm os fundos para a concretização de *Brazil Builds* - sem questionar o lado mais disciplinar da sua realização.

Outros autores foram sendo igualmente apontados pelas suas contribuições e visões para a ampliação do estado da arte – como passamos a listar. Ana Vaz Milheiro narra e

---

<sup>4</sup> Richard J. Williams. *Brazil (Modern architectures in history)*. (Londres: Reaktion Books Ltd, 2009), 51. Tradução da autora.

<sup>5</sup> Zilah Quezado Deckker. *Brazil Built: the architecture of the modern movement in Brazil*. (London and New York: Spon Press – Taylor & Francis Group. 2001), 164. Tradução da autora.

<sup>6</sup> *Ibidem*.

discute a história do *Brazil Builds* no seu livro *A construção do Brasil: Relações com a cultura arquitectónica portuguesa*, resultado da sua tese de doutoramento cumprida na Universidade de São Paulo, onde analisa a história comum das culturas arquitetônicas do Brasil e de Portugal, indicando o momento em que estas se autonomizam, principalmente na consolidação de uma identidade brasileira própria. Elemento envolvido nessa narrativa, o *Brazil Builds* é considerado uma realização “que consagrará *avant-la-lettre* a arquitetura do país”<sup>7</sup>. Mais tarde, numa atualização da temática desenvolvida nesse trabalho, Ana Vaz Milheiro, coloca no livro *Nos trópicos sem Le Corbusier, Arquitectura luso-africana no Estado-Novo*<sup>8</sup>, em artigo diretamente ligado a *Brazil Builds*, a importância da arquitetura antiga na definição e prática da própria arquitetura nova. Aponta ainda o catálogo da exposição do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque (MoMA) como determinante na pesquisa que os arquitetos portugueses desenvolveram sobre a arquitetura popular em Portugal no âmbito do Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal na década de 50. Esta visão autoriza uma nova perspectiva sobre *Brazil Builds* ao identificar a relevância das imagens da arquitetura histórica muito além da presença da arquitetura moderna mais recente.

Ricardo Rocha também discute, brevemente, o tema no artigo *Resenhar Brazil Builds*<sup>9</sup> onde, questionando a opinião do crítico argentino Jorge Liernur<sup>10</sup>, procura sugerir a complexidade da figura de Philip Goodwin, por quem passa todo o processo de ideologia de *Brazil Builds*.

Carlos Eduardo Comas trata do período em que ocorrem os fatos, contribuindo com sua tese *Precisões brasileiras: sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos: a partir dos projetos e obras de Lucio Costa, Oscar Niemeyer, MAM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia., 1936-45*<sup>11</sup> e mais tarde publica *Brazil Builds* e a

---

<sup>7</sup> Ana Vaz Milheiro. *A construção do Brasil: Relações com a cultura Arquitectónica Portuguesa*. (Porto: FAUP Publicações, 2005), 268.

<sup>8</sup> Ana Vaz Milheiro. *Nos trópicos sem Le Corbusier, Arquitectura luso-africana no Estado-Novo*. (Lisboa: Relógio d'Água, 2012), 18.

<sup>9</sup> Ricardo Rocha. “Resenhar Brazil Builds”. *Resenhas Online*, ano 12, n. 142.05, Vitruvius. (São Paulo, out. 2013). <<http://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/12.142/4923>>

<sup>10</sup> *Ibidem*.

<sup>11</sup> Carlos E. D. Comas. *Precisões brasileiras: sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos: a partir dos projetos e obras de Lucio Costa, Oscar Niemeyer, MAM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia., 1936-45*. (Paris: Tese de Doutorado, Universidade de Paris VIII, 2002).

*bossa barroca: notas sobre a singularização da arquitetura moderna brasileira*<sup>12</sup> em que faz uma revisão de *Brazil Builds* onde aborda o tema da *brasilidade* da arquitetura moderna, tanto da arquitetura antiga quanto da nova.

Aspectos que podem ser considerados laterais à temática dominante, como a produção fotográfica de Kidder Smith, surgem por exemplo abordados em dissertações de mestrado como *'Brazil Builds' e a construção de um moderno na arquitetura brasileira*<sup>13</sup>, de Eduardo A. Costa, onde o foco é a fotografia de arquitetura, que é encarada como meio de criação de uma cultura visual arquitetônica no Brasil, tomando como marco a publicação do catálogo.

O objetivo da releitura crítica de *Brazil Builds* proposta nesta tese é traçado na perspectiva de mostrar uma radiografia do seu conteúdo, das suas imagens, e das opções tomadas pelos editores, assim como apontar possíveis omissões de trabalhos significativos que tenham posteriormente adquirido consenso entre os historiadores da arquitetura brasileira. Procura-se verificar se o recorte mostrado no livro é abrangente o bastante ou se limita e direciona a compreensão das obras, discutindo a escolha das obras selecionadas para o *Brazil Builds*; verificando a relevância atual das principais obras; analisando a permanência das obras modernas na literatura posterior, discutindo e demonstrando aspectos que foram omitidos na publicação.

O trabalho mostrou-se necessário face à orientação dominante do estado da arte sobre o tema, que – apesar da proliferação de literatura sobre *Brazil Builds* e a arquitetura moderna brasileira – tem, de acordo com minhas pesquisas, omitido aspectos relevantes dessa produção que hoje podem explicar as direções tomadas posteriormente pela historiografia. À medida que fui levantando mais dados sobre *Brazil Builds*, começaram a surgir outras questões que esta tese poderia ajudar a esclarecer, entre elas:

- O peso da arquitetura antiga e seus protagonistas;
- A relação entre o patrimônio tombado e as obras históricas reproduzidas;
- A relação entre a arquitetura antiga e a nova;
- O hiato na apresentação das obras;

---

<sup>12</sup> Carlos E. Comas. "Brazil Builds e a Bossa Barroca". *Anais do VI Seminário Docomomo Brasil*. (Niterói: UFF, 2005. v. 1.)

<sup>13</sup>Eduardo A. Costa. *'Brazil Builds' e a construção de um moderno, na arquitetura brasileira*. (Dissertação de Mestrado: Campinas, SP, 2009).

- A identificação das obras que ficaram de fora;
- A abrangência dos casos de estudo analisados;
- A valorização e/ou desvalorização de arquitetos importantes no contexto da cultura arquitetônica brasileira, como Gregori Warchavchik e Lucio Costa;
- A permanência ou não das obras e arquitetos mencionados na literatura posterior.

A tese procura, assim, encontrar chaves de leitura que ajudem a responder estes pontos, que até então têm sido negligenciadas. Também pretende-se fazer justiça à importância que a presença da arquitetura antiga teve em *Brazil Builds*, já que seu paralelo por muitas vezes é esquecido, em função de maior destaque da arquitetura moderna. Desse modo, esta tese foi desenvolvida a partir das seguintes hipóteses:

- 1) A seleção das obras antigas se mostra como sequência de um trabalho ou uma cultura de preservação do patrimônio que começava a se instaurar;
- 2) Apesar de sua importância, o *Brazil Builds* omite momentos importantes da história da arquitetura brasileira;
- 3) O *Brazil Builds* mostra o modernismo brasileiro moldado segundo as preferências do editor ou dos coordenadores do projeto;
- 4) O *Brazil Builds* marca o início de uma nova era para a história da arquitetura brasileira, abrindo caminho e servindo de referência a outras publicações que proliferaram desde então, contribuindo para a construção de uma historiografia e de uma teoria da Arquitetura Moderna do Brasil.

Para contemplar a discussão acerca dessas hipóteses, a discussão foi realizada em quatro grandes blocos:

A “PARTE 1 - Brasil: arquitetura em Movimento”, consiste em uma descrição e fundamentação do objeto. É constituída por um capítulo dividido em quatro subcapítulos, e trata do contexto do evento *Brazil Builds*: desde as primeiras ideias sobre a exposição e sua curadoria, de como foi pensado, organizado e executado. Pretende-se mostrar que as exposições no MoMA envolviam graus de complexidade que passaram durante algum tempo despercebidas à historiografia, não apenas pelo significado estratégico e

político analisado em trabalhos já mencionados (caso de Deckker<sup>14</sup>), mas também pelas agendas pessoais e institucionais dos seus protagonistas Philip Goodwin e Kidder Smith, que autores como Ricardo Rocha<sup>15</sup>, também citado nesta introdução, têm seguido.

A seguir, a exposição é descrita de forma mais detalhada, assim como todo o processo de produção: angariação de fotografias e fundos para a sua concretização; preparação da viagem ao Brasil, com duração prevista de dois meses; o trabalho com o material coletado e a produção da exposição, realizada ao mesmo tempo que se preparava o livro-catálogo. Como será exposto, muitas foram as discussões até encontrar o nome ideal para a mostra e várias hipóteses foram cogitados. Por fim, se escolheu *Brazil Builds - Architecture New and Old: 1652 – 1942*, e em português *Construção Brasileira Arquitetura Moderna e Antiga: 1652 – 1942*. Na exposição, duas personagens parecem assumir relevante protagonismo: Alice Carson<sup>16</sup>, responsável pelo *design* das instalações, e o arquiteto Bernard Rudofsky<sup>17</sup>, que cooperou durante a instalação.

A exposição foi aberta ao público no dia 13 de janeiro de 1943<sup>18</sup> e perdurou até o dia 28 de fevereiro do mesmo ano. Posteriormente foram criadas versões itinerantes que circularam por museus e galerias dos Estados Unidos, Canadá, e México, cruzando o Atlântico até à cidade de Londres.

Quanto ao livro-catálogo, este foi publicado em dois idiomas (inglês/português) e levava o mesmo nome da exposição. Foi uma edição publicada pelo MoMA, em 1943, de

---

<sup>14</sup> Zilah Quezado Deckker. *Brazil Built: the architecture of the modern movement in Brazil*. (London and New York: Spon Press – Taylor & Francis Group. 2001), 164.

<sup>15</sup> Ricardo Rocha. “Resenhar Brazil Builds”. *Resenhas Online*, ano 12, n. 142.05, *Vitruvius*. (São Paulo, out. 2013). <<http://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/12.142/4923>>

<sup>16</sup> Maurício Lissovsky e Paulo Sérgio Moraes de Sá (org.). *Colunas da educação: a construção do Ministério da Educação e Saúde (1935-1945)*. (Rio de Janeiro: MINC/IPHAN; Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1996), 171.

<sup>17</sup> Marcos Carrilho. *Brazil Builds – 55 anos da exposição*. PiniWEB Notícias. (01 de Abril de 1998), <<http://www.piniweb.com.br/construcao/noticias/brazil-builds---55-anos-da-exposicao-84648-1.asp>>.

<sup>18</sup>The Museum of Modern Art (MoMA) *Brazilian Architecture heads New Exhibition Schedule for Museum of Modern Art.*, (MoMA Press Releases Archives). (New York. 4 jan. 1943.) <[https://www.moma.org/d/c/press\\_releases/W1siZlsljMyNTM2MSJdXQ.pdf?sha=6c0dea98cecf637e](https://www.moma.org/d/c/press_releases/W1siZlsljMyNTM2MSJdXQ.pdf?sha=6c0dea98cecf637e)>

autoria do arquiteto Philip L. Goodwin juntamente com o fotógrafo G. E. Kidder Smith<sup>19</sup>. O trabalho editorial da publicação ficou a cargo de Elizabeth Mock, e a capa é de autoria de E. McKnight Kauffer<sup>20</sup>. O livro ficou composto por 208<sup>21</sup> páginas, onde há um acervo de cerca de 300 fotografias.

O texto de Goodwin é bastante direto, sem manifestar um conhecimento prévio sobre arquitetura brasileira. Baseia-se no que o arquiteto americano conhecia sobre o tema, na sua ação enquanto participante de um Museu de Arte Moderna e o que lhe foi mostrado durante seu percurso no contato com os arquitetos locais mediado pelo embaixador brasileiro Carlos Martins. Os autores do livro-catálogo tiveram contatos com os mais diversos personagens, desde políticos como Gustavo Capanema, até arquitetos e artistas plásticos, como Atilio Corrêa Lima, Cândido Portinari, Marcelo Roberto, Oscar Niemeyer e Lucio Costa. Parece ter sido fundamental o acesso a serviços públicos ligados ao patrimônio arquitetônico como o SPHAN (Serviço de Patrimônio Histórico Artístico e Arquitetônico) que há pouco tempo se formara<sup>22</sup>.

Goodwin partiu das indicações recebidas bem como do seu próprio conhecimento e critérios, para apresentar ao mundo a arquitetura antiga e moderna do Brasil. A exposição, mas principalmente o livro, se tornaram referências para a história da arquitetura brasileira, como já mencionado anteriormente.

Um dado importante é o pioneirismo desta publicação face à proliferação de matérias sobre a arquitetura brasileira nos circuitos internacionais. Só sobre a exposição e o catálogo em si, foram publicados artigos em pelo menos dezoito títulos da época<sup>23</sup>. O livro-catálogo se tornou particularmente influente em Portugal, com o reconhecimento de vários arquitetos como Fernando Távora, Álvaro Siza Vieira e Nuno Teotónio Pereira,

---

<sup>19</sup> Que já havia produzido um trabalho semelhante anteriormente para a exposição *Stockholm Builds* exposta no MoMA no ano de 1941.

<sup>20</sup> Maurício Lissovsky e Paulo Sérgio Moraes de Sá (org.). *Colunas da educação: a construção do Ministério da Educação e Saúde (1935-1945)*. (Rio de Janeiro: MINC/IPHAN; Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1996), 171.

<sup>21</sup> Na capa e na contracapa se afirma que o volume tem 208 páginas. No interior do livro a numeração vai apenas até 200, no entanto há páginas incluídas sem numeração. Após a página 58 há duas páginas não numeradas e em seguida a numeração recomeça com 59. O mesmo acontece entre a página 64 e 65, e 142 e 143.

<sup>22</sup> Zilah Quezado Deckker. *Brazil Built: the architecture of the modern movement in Brazil*. (London and New York: Spon Press – Taylor & Francis Group. 2001), 116.

<sup>23</sup> Juliana Braga Costa. *Ver não é só ver: dois estudos a partir de Flávio Motta*. Dissertação de Mestrado, FAUUSP (São Paulo, 2010), 96.

como sugerem diferentes autores portugueses, como Ana Tostões, Alexandre Alves Costa, Sergio Fernandez, José Manuel Fernandes, Nuno Teotónio Pereira, André Tavares, e Ana Vaz Milheiro, já citada. Inicialmente, se destacava a presença da arquitetura moderna como um incentivo à própria produção portuguesa. Mais recentemente o recorte da arquitetura antiga/nova se tornou objeto de análise.

Na “PARTE 2 – Leitura Quantitativa” buscou-se analisar as edificações apresentadas e para tanto foram elaboradas diversas tabelas (ver anexo, números 1 a 20) para mapear as obras no Brasil em relação a temas, arquitetos, localização, elaboração de quadros descritivos e tabelas comparativas. A intenção foi gerar um conhecimento também quantitativo, uma vez que a maioria das investigações anteriores sobre *Brazil Builds* recorre a análises mais subjectivas e não se deteve nesse tipo de metodologia, que, como pretendo demonstrar, pode revelar dados e perspectivas inovadoras.

A “PARTE 3 - Construção de uma moldura cultural a partir de uma matriz de *Brazil Builds*”, apresenta uma leitura analítica dos dados compilados anteriormente. É nesta terceira parte que a relevância da releitura proposta neste trabalho de pesquisa se torna mais abrangente, e pretende contribuir para aumentar o estado da arte atual através da constatação de algumas das lacunas antes apontadas. Partiu-se da recensão de livros, teses e dissertações, e artigos, parcialmente já mencionados, remetendo-se os demais títulos para a bibliografia geral. Incluíram-se entrevistas, com destaque para um relato pessoal de Álvaro Siza, que dá sua opinião sobre o livro e uma entrevista com Carlos Eduardo Dias Comas que foi curador da mostra *Latin America in Construction: Architecture 1955-1980* em 2015, também no MoMA, que possui similaridades com a mostra *Brazil Builds*. Desse modo, construiu-se uma análise de *Brazil Builds* a partir de levantamento de dados e estudos comentando informações, de caráter descritivo, quantitativo e qualitativo, presentes nas fontes citadas e material disponível em acervos de institutos online. São abordados os temas do intervalo temporal escolhido por Goodwin para selecionar os edifícios; há uma análise mais detalhada sobre os arquitetos e suas obras; comenta-se o hiato entre a arquitetura antiga e a arquitetura moderna, que poderia ter sido preenchido pela arquitetura eclética, que foi praticamente descartada por Goodwin; aborda-se a presença de pouco destaque do arquiteto Gregori Warchavchik, um pioneiro da arquitetura moderna de São Paulo; aborda-se os comentários e visões de Goodwin em relação às cidades que visitou; analisa-se a possível influência do órgão de Patrimônio Histórico (SPHAN) na escolha dos edifícios antigos; discute-se a mostra de um edifício moderno num sítio histórico, inserido na



parte da arquitetura antiga e, por fim, comenta-se a repercussão nacional e internacional de *Brazil Builds*.

A “PARTE 4 - Arquitetura Moderna: permanência das Obras Modernas na literatura posterior”, expõe uma análise de quatro livros sobre arquitetura moderna brasileira para verificar as obras de *Brazil Builds* que se mantêm como ícones da modernidade. Buscou-se verificar na bibliografia de historiografia brasileira que remete ao período, quais projetos, arquitetos e fundamentos permaneceram com o passar do tempo. Para isso foram escolhidos os quatro livros de referência da historiografia brasileira que abordam esse período:

- MINDLIN, Henrique E. *Arquitetura Moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999. (Original em inglês: *Modern Architecture in Brazil*, New York, Reinhold Publishing Corporation, 1956).
- BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2012. (5ª reimpressão da 1ª edição: 1981).
- FICHER, Sylvia; ACAYABA, Marlene M. *Arquitetura Moderna Brasileira*. São Paulo: Projeto, 1982.
- Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), [1ª edição 1998].

Estes quatro autores foram construindo, de modo geral, a historiografia atual da arquitetura moderna do Brasil. A presente tese procura confrontar o recorte de obras que cada um propõe, os conceitos estilísticos e tecnológicos que são incluídos, assim como as análises feitas com o pioneirismo de *Brazil Builds*. De algum modo, funcionam como um espelho das opções tomadas nesse primeiro momento, ajudando a compreender como a cultura arquitetônica brasileira se formou e se consolidou entre a década de 1940 e o final do milênio.

No decorrer do doutoramento, além da pesquisa para a tese, foram desenvolvidos artigos que foram apresentados em conferências e/ou publicados em revistas especializadas, envolvendo aspectos relevantes para esta investigação, designadamente:

- SCOTTÁ, Luciane. “Brazil Builds: Architecture New and Old. Repercussão da divulgação da arquitetura moderna brasileira”. *Revista AUS*, v. 1 (Chile, 2015) 24-29.

- SCOTTÁ, Luciane. “A habitação moderna no livro-catálogo *Brazil Builds*”. *Conferência Internacional Optimistic Suburbia - Large housing complexes for the middle-class beyond Europe* (Lisboa, 2015)
- SCOTTÁ, Luciane. “La presencia de Le Corbusier en el libro-catálogo *Brazil Builds*”. *LC-2015 Internacional Congress LE CORBUSIER 50 YEARS LATER. Le Corbusier 50 anos después*. (Valencia: Editorial Universitat Politècnica de Valencia, 2015) 2082-2099.
- SCOTTÁ, Luciane e MILHEIRO, Ana Vaz. “A cidade em *Brazil Builds*: Sinalizar uma cultura urbana emergente”. *3º Seminário Internacional da Academia de Escolas de Arquitetura e Urbanismo de Língua Portuguesa. Arquiteturas do mar, da terra e do ar*. v. III. (Lisboa: Academia de Escolas de Arquitetura e Urbanismo de Língua Portuguesa, 2014).

Pode-se afirmar que foi fundamental a compreensão e relevância dos dados obtidos, essenciais para o entendimento dos diferentes papéis atribuídos aos agentes envolvidos em *Brazil Builds*. Foi dada grande importância aos textos documentais, como os de Lucio Costa para o SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico Nacional), e às entrevistas e menções de arquitetos que receberam o *Brazil Builds* ou tiveram alguma ligação com este, que se mostraram um aspecto fundamental para reconstituir o pensamento dos diferentes arquitetos – autores e leitores - à época da produção e publicação do livro-catálogo. Uma parte inicial da tese é dedicada à construção do perfil do arquiteto Goodwin, responsável por grande parte de todo o trabalho que foi realizado através de investigações em documentos sobre a exposição e o livro-catálogo disponibilizados pelo MoMA (Museu de Arte Moderna) bem como correspondências trocadas com autoridades brasileiras, e publicações da época. A importância desta personagem-chave reflete-se na publicação, como pretende-se comprovar.

No que tange a minha relação com o tema, saliento que *Brazil Builds* sempre foi um item muito interessante para mim, principalmente pela sua inacessibilidade no começo da minha vida acadêmica (era raro encontrá-lo e a biblioteca da Universidade Federal de Santa Maria, onde me licenciiei, não possuía nenhum exemplar). A impossibilidade de o manipular aumentou a minha curiosidade pelo livro já tão famoso e com o seu aspecto mítico. Passou a ser um objeto de procura e cobiça. Durante o meu curso de mestrado tive oportunidade de tê-lo em mãos, tendo já visitado algumas obras que nele constavam, e foi um momento marcante. Antes de iniciar a pesquisa que me levaria a desenvolver o doutoramento na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, eu já havia feito visitas (algumas guiadas) em boa parte dos edifícios presentes em *Brazil*

*Builds*. Este fato possibilitou – através da acumulação dessa experiência – dedicar-me mais à análise bibliográfica e documental. Entre os edifícios mais destacados de *Brazil Builds*, visitei principalmente os que permaneceram na literatura através do tempo, como Ministério da Educação, a A.B.I. (Associação Brasileira de Imprensa), o Grande Hotel de Ouro Preto, as obras de Minas Gerais e da Lagoa da Pampulha (Cassino, Ilha-restaurant (hoje) Casa de Baile e late Clube), a Estação de Hidroaviões (hoje Instituto Cultural da Histórica Aeronáutica). Das obras antigas, conheci Ouro Preto e suas igrejas encantadoras, e a Igreja da Nossa Senhora da Glória do Outeiro, no Rio de Janeiro, e São Miguel das Missões com o museu de Lucio Costa no sul do Brasil. Então, de certa maneira já existia uma pesquisa de campo “prévia”. O terreno estava sendo preparado e algumas indagações já se formavam.



## **PARTE 1 – Brasil: arquitetura em movimento**



Para a compreensão do momento em que surge *Brazil Builds* é necessário retroceder um pouco no tempo e dar atenção a algumas questões. A *modernidade* foi um processo longo e a sua ocorrência em terras brasileiras foi resultado de um percurso peculiar, com vários protagonistas.

Uma das personagens importantes é Victor Dubugras, arquiteto nascido na França que mudou-se para a Argentina ainda criança e, mais tarde, para o Brasil em 1891<sup>24</sup>. Segundo Segawa

Os mais surpreendentes escritos impregnados de uma precoce modernidade foram feitos a respeito da obra do arquiteto Victor Dubugras (1868-1933), francês com formação profissional em Buenos Aires e radicado no Brasil a partir de 1890. [...] Na virada do século, o arquiteto era um projetista perfeitamente sintonizado com a experimentação Art Nouveau, praticando obras residenciais com a mesma desenvoltura modernista de Bruxelas, Barcelona ou Paris<sup>25</sup>.

Dubugras, no início do século XX, como professor da Politécnica de São Paulo era exaltado por seus alunos do curso de engenharia. O arquiteto trabalhava com cimento armado e sua “postura estético-construtiva” foi descrita como “honesta e racional”<sup>26</sup> por deixar os materiais da estrutura em evidência, sem agregar artifícios decorativos que ocultassem a verdadeira forma: “Na obra de Dubugras, madeira era madeira e granito era granito”<sup>27</sup>. Sua obra da Estação Ferroviária de Mairinque (Ilustração 1) demonstrava as novas possibilidades utilizando concreto armado, estrutura com trilhos, metal expandido e ainda coberturas sobre as plataformas, atirantadas ao corpo principal. Mas não permaneceu muito mais tempo com esta postura, já que na metade da década de 1910 adotaria, juntamente com outros arquitetos, “a arquitetura inspirada na arte tradicional brasileira: o neocolonial”<sup>28</sup>.

---

<sup>24</sup> Nestor Goulart Reis Filho. *Victor Dubugras. Precursor da Arquitetura Moderna na América Latina*. (São Paulo: Via das Artes, 2005).

<sup>25</sup> Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 33.

<sup>26</sup> Toledo *apud* Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 33.

<sup>27</sup> Alex Miyoshi. “Victor Dubugras, arquiteto dos caminhos.” *Revista de História da Arte e Arqueologia*, v. 12 (Campinas, 2009), 90.

<sup>28</sup> Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 35.

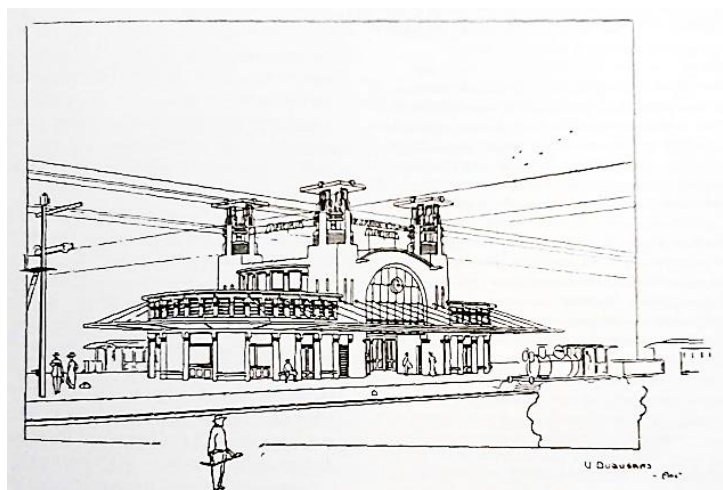


Ilustração 1 - Estação Ferroviária de Mairinque, Arquiteto Victor Dubugras, 1907.

Fonte: Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 33.

Outro acontecimento importante foi a conferência do engenheiro português Ricardo Severo, onde “procura então incutir o gosto pelo gênero lusitano que vê como genuinamente brasileiro”<sup>29</sup>. Segundo Hugo Segawa,

Ricardo Severo (1869-1940) proferiu na Sociedade de Cultura Artística uma conferência, ‘A Arte Tradicional no Brasil’, preconizando a valorização da arte tradicional como manifestação de nacionalidade e como elemento de constituição de uma arte brasileira<sup>30</sup>.

Ricardo Severo exilou-se no Brasil em 1891. Posteriormente, em 1898, retornou a Portugal, onde permaneceu até 1908, voltando definitivamente para o Brasil no ano seguinte. O engenheiro já estava envolvido com manifestações de valorização da cultura tradicional em seu país e “sua atuação prosseguiu no Brasil, transformando a exaltação da raiz cultural e étnica portuguesa no fundamento da arte brasileira”<sup>31</sup>.

Severo orientava o estudo da arte colonial em busca das origens portuguesas na cultura brasileira através de um “reencontro afetivo”<sup>32</sup> entre as duas nações. Era o culto à tradição sendo estimulado no mesmo momento em que o país atravessava um período

<sup>29</sup> Ana Vaz Milheiro. *A construção do Brasil: Relações com a cultura Arquitectónica Portuguesa*. (Porto: FAUP Publicações, 2005), 181.

<sup>30</sup> Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 34.

<sup>31</sup> *Ibidem*, 35.

<sup>32</sup> Ana Vaz Milheiro. *A construção do Brasil: Relações com a cultura Arquitectónica Portuguesa*. (Porto: FAUP Publicações, 2005), 181.



de ufanismo crescente<sup>33</sup>. Segundo afirma Ana Vaz Milheiro, “1914 assinala portanto o arranque da divulgação, no Brasil, das teses que permitem uma aproximação: ao falar de arte brasileira confirma que a arquitectura [sic] por si defendida deriva dos debates portugueses”<sup>34</sup>. Ricardo Severo atribui valor às fontes populares no desenvolvimento da arquitetura e isso o leva a enunciar uma “frase-chave”<sup>35</sup> para o novo movimento: “O povo foi sempre o seu architecto [sic], o seu grande e original artista”<sup>36</sup>. Milheiro salienta que o engenheiro evoca um ponto em comum entre as duas culturas e “ao fazê-lo reforça a imagem de que uma arquitetura nacional é aquela que não repudia as obras que o povo constrói”<sup>37</sup>.

Também é importante a figura de Manuel de Araújo Porto Alegre, um “precursor da história da arte no Brasil”<sup>38</sup> que, segundo Ricardo Rocha:

Quando de sua temporada na Europa, trava contato com a obra de Almeida Garret, ele mesmo uma espécie de *maquis* da história da arte em Portugal. O fato é significativo porque há uma coincidência de intenções, claramente relacionada ao ideário do *nacionalismo* romântico nesse momento<sup>39</sup>.

Manuel de Araújo Porto Alegre é a ligação entre a missão francesa e a tradição colonial. Porém não cria uma linguagem arquitetônica nacional, porque acreditava que a linguagem da arquitetura era universal, ou seja, clássica. Segundo Ricardo Rocha, “não logra, entretanto, feito semelhante em relação ao nosso passado colonial”<sup>40</sup>. Mais tarde, tudo isso vai chegar, por meio de Ernesto da Cunha Araújo Viana, a Lucio Costa, que

---

<sup>33</sup> Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 35.

<sup>34</sup> Ana Vaz Milheiro. *A construção do Brasil: Relações com a cultura Arquitectónica Portuguesa*. (Porto: FAUP Publicações, 2005), 178.

<sup>35</sup> *Ibidem*, 178.

<sup>36</sup> Ricardo Severo *apud* Ana Vaz Milheiro. *A construção do Brasil: Relações com a cultura Arquitectónica Portuguesa*. (Porto: FAUP Publicações, 2005), 178.

<sup>37</sup> Ana Vaz Milheiro. *A construção do Brasil: Relações com a cultura Arquitectónica Portuguesa*. (Porto: FAUP Publicações, 2005), 178.

<sup>38</sup> Ricardo Rocha. “BR-PT: Oswaldo Bratke e Carlos Botti em Portugal”. *Drops, Vitruvius*, ano 14, n. 073.03 (São Paulo, out. 2013) <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/14.073/4903>

<sup>39</sup> *Ibidem*.

<sup>40</sup> *Ibidem*.

irá valorizar os trabalhos de Viana, mudando o viés do discurso neocolonial para tornar possível sua síntese moderno/tradicional<sup>41</sup>.

Foi José Mariano Filho, um médico e historiador de arte, que nomeou o movimento de neocolonial<sup>42</sup> e foi mais eficaz no sentido de colocar em prática os discursos tradicionalistas. Sua ação, a partir de 1919, foi a de patrocinar alguns concursos de arquitetura por meio do *Instituto Brasileiro de Arquitetos*, e de interferir junto ao governo sobre as decisões estilísticas de alguns edifícios públicos<sup>43</sup>. O reconhecimento oficial levou o neocolonial a ser apropriado pela população nas décadas seguintes.

Ao mesmo tempo que voltava o seu olhar ao passado, os defensores do neocolonial evocavam seu caráter de progresso<sup>44</sup>, como reafirmaria Severo em 1926: “A ação primária tem que ser a revolução; mas a essência da obra construtiva é apenas a tradição; e a meta desse tradicionalismo revolucionário é o mesmo desenvolvimento do progresso que todos os povos buscam na mais angustiosa das ansiedades”<sup>45</sup>.

Segundo Hugo Segawa, o movimento neocolonial

Foi o símbolo de uma tomada de consciência nacional, que a seguir iria se desenvolver e dar um caráter particular às realizações brasileiras. [...] Constituiu-se numa transição necessária entre o ecletismo de caráter histórico, do qual era parte intrínseca, e o advento de um racionalismo moderno<sup>46</sup>.

Fato marcante foi a organização da Semana de Arte Moderna de 1922. Enquanto nesse evento a pintura, escultura, música e literatura mostravam as influências das vanguardas européias, a arquitetura foi representada por trabalhos neocoloniais de Antonio Garcia Moya e Georg Przyrembel<sup>47</sup> que, segundo Ana Vaz Milheiro: “talvez fossem a expressão da *modernidade então possível* que também era a de um

---

<sup>41</sup> Ricardo Rocha. “BR-PT: Oswaldo Bratke e Carlos Botti em Portugal”. *Drops, Vitruvius, ano 14, n. 073.03* (São Paulo, out. 2013) <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/14.073/4903>.

<sup>42</sup> Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 36.

<sup>43</sup> *Ibidem*.

<sup>44</sup> *Ibidem*.

<sup>45</sup> Severo *apud* Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 37.

<sup>46</sup> Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 58

<sup>47</sup> Ana Vaz Milheiro. *A construção do Brasil: Relações com a cultura Arquitectónica Portuguesa*. (Porto: FAUP Publicações, 2005), 203.

*abrasileiramento*<sup>48</sup>. Por isso, talvez fosse mais pertinente utilizar os trabalhos de Dubugras.

O cenário começa a mudar em 1925 com o surgimento de dois manifestos sobre arquitetura, divulgados através da imprensa. O primeiro foi escrito pelo paulista Rino Levi, ainda estudante na Escola Superior de Arquitetura em Roma e publicado em 15 de outubro de 1925, em *O Estado de São Paulo*. O segundo manifesto surgiu poucos dias depois - em 1º de novembro - Gregori Warchavchik publicou *Acerca da Arquitetura Moderna*<sup>49</sup>, no *Correio da Manhã*<sup>50</sup>, no Rio de Janeiro.

O texto de Levi tinha o título *A arquitetura e a estética das cidades*, e afirmava que “é mister que o artista crie alguma coisa de novo e que consiga maior fusão entre o que é estrutura e o que é decoração”<sup>51</sup>, e que “se eduque no espírito de seu tempo e possa constituir uma alma sensível e correspondente ao gosto dos seus contemporâneos”<sup>52</sup>. Trazia a questão do urbanismo como um elemento indispensável ao estudo do arquiteto, e salientava a sua importância, principalmente nas cidades brasileiras em desenvolvimento. Era uma defesa da renovação da arquitetura e urbanismo no Brasil<sup>53</sup>, adaptando as experiências internacionais às especificidades do país – a busca e integração de uma *alma brasileira*<sup>54</sup>.

Warchavchik escreve que “a nossa arquitetura deve ser apenas racional, deve basear-se apenas na lógica, e esta lógica devemos opô-la aos que estão procurando por força

---

<sup>48</sup> Ana Vaz Milheiro. *A construção do Brasil: Relações com a cultura Arquitectónica Portuguesa*. (Porto: FAUP Publicações, 2005), 203.

<sup>49</sup> O texto de Warchavchik havia sido publicado originalmente em italiano, com o título “Futurismo” no jornal *Il Piccolo*, (São Paulo, 14 jun. 1925).

<sup>50</sup> Gregori Warchavchik. “Acerca da arquitetura moderna”. In: Alberto Xavier (ed.). *Depoimento de uma geração – arquitetura moderna brasileira*. (São Paulo: Cosac & Naify, 2003), 37. Originalmente publicada em 1º de novembro no *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro.

<sup>51</sup> Rino Levi. “A arquitetura e a estética das cidades”. In: Alberto Xavier (ed.). *Depoimento de uma geração – arquitetura moderna brasileira*. (São Paulo: Cosac & Naify, 2003), 38. Originalmente publicada em *O Estado de São Paulo*, 15 out. 1925.

<sup>52</sup> *Ibidem*, 38.

<sup>53</sup> Lauro Cavalcanti. *Quando o Brasil era moderno. Guia da arquitetura 1928-1960*. (Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001), 378.

<sup>54</sup> Carlos E. D. Comas. *Precisões brasileiras: sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos: a partir dos projetos e obras de Lucio Costa, Oscar Niemeyer, MAM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia., 1936-45*. (Paris: Tese de Doutorado, Universidade de Paris VIII, 2002). 53.

imitar na construção algum estilo”<sup>55</sup>. Lauro Cavalcanti comenta o texto de Warchavchik, explicando que o arquiteto “combate o ecletismo acadêmico ainda predominante na arquitetura brasileira e lança as bases de novos conceitos, apoiados nos princípios do ‘racionalismo técnico-construtivo’”<sup>56</sup>. Defendia uma harmonia geral entre automóveis, aeroplanos e casas<sup>57</sup>, em que a busca da lógica e racionalidade encaminhariam o arquiteto em direção a uma arquitetura original. Segundo Carlos Lemos, Warchavchik “fazia uma apologia dos novos conceitos sobre a ‘máquina de morar’, demonstrando estar bem enfronhado nos postulados de Le Corbusier”<sup>58</sup>. De qualquer modo, começa a surgir a consciência brasileira de que existe uma renovação estética, funcional e tecnológica acontecendo fora do país e tentam visualizá-la despertando no seu território.

Não era somente a Le Corbusier que Warchavchik recorria:

Ao mobilizar ideias novas, por exemplo, de antidecorativismo, máquina de morar ou racionalidade construtiva – reminescentes, como se sabe, a Adolf Loos (1870-1933), Le Corbusier e Walter Gropius, Warchavchik não se impunha romper de uma vez por todas com as práticas convencionais nem afirmar uma filiação a tais ou quais mestre, tendências, movimentos ou submovimentos de vanguarda [...]. Ao contrário, parecia aderir a uma espécie de *zeitgeist* do futuro<sup>59</sup>.

Segundo Yves Bruand, já havia

uma predisposição de espírito por parte daqueles que se revoltaram contra a ordem estabelecida, mas no entanto estavam incertos quanto à solução apropriada. Tudo isso propiciava no campo da arquitetura condições psicológicas favoráveis à afirmação de uma personalidade decidida, capaz de propor soluções simples e precisas e de passar à ação<sup>60</sup>.

---

<sup>55</sup> Gregori Warchavchik. “Acerca da arquitetura moderna”. In: Alberto Xavier (ed.). *Depoimento de uma geração – arquitetura moderna brasileira*. (São Paulo: Cosac & Naify, 2003), 37. Originalmente publicada em 1º de novembro no Correio da Manhã, Rio de Janeiro.

<sup>56</sup> Lauro Cavalcanti. *Quando o Brasil era moderno. Guia da arquitetura 1928-1960*. (Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001), 108.

<sup>57</sup> Gregori Warchavchik. “Acerca da arquitetura moderna”. In: Alberto Xavier (ed.). *Depoimento de uma geração – arquitetura moderna brasileira*. (São Paulo: Cosac & Naify, 2003), 37. Originalmente publicada em 1º de novembro no Correio da Manhã, Rio de Janeiro.

<sup>58</sup> Carlos Lemos. *Arquitetura brasileira*. (São Paulo: Melhoramentos, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1979), 134.

<sup>59</sup> José Lira. *Warchavchik: Fraturas da vanguarda*. (São Paulo: Cosac & Naify, 2011), 144-45.

<sup>60</sup> Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 63.

Por outro lado, havia subterfúgios para a não concretização de fato. O sistema atual não se mostrava nem um pouco receptivo, além de ter o desafio de conquistar a opinião pública (por vezes hostil) e a aceitação geral, os arquitetos estavam agrilhoados à legislação municipal que lhes tolhia a liberdade de composição, induzindo a determinados modelos arquitetônicos já em uso. Os materiais utilizados pelo Movimento Moderno – cimento, ferro e vidro – eram dispendiosos e novos, com outras técnicas de execução que embatiam com os métodos artesanais<sup>61</sup>.

Em 1927, Gregori Warchavchik apresentou a sua própria residência: a *casa moderna na Rua Santa Cruz*, como a primeira expressão concreta dos ideais modernos que defendia. No entanto, encontrou vários obstáculos:

O primeiro foi a obtenção de alvará para a construção de um projeto, cuja fachada rigorosamente plana não comportava o mínimo ornamento. Existia de fato, um serviço de censura de fachadas que, em nome do bom gosto, aprovava elucubrações pseudo-históricas as mais inadmissíveis, mas não tolerava a nudez integral, característica do projeto de Warchavchik. Apresentou então um projeto onde os volumes eram cuidadosamente mantidos, mas sua pureza provocante desaparecia debaixo de acréscimos fictícios (cornijas, enquadramento de janelas e portas, balcões); uma vez aprovado, o edifício foi construído conforme concebido originalmente, alegando o arquiteto falta de recursos para justificar, perante os órgãos municipais, o suposto 'inacabamento'<sup>62</sup>.

Mesmo tendo defendido em seu texto o uso de padronização e produtos fabricados em grande escala, teve que desenhar e mandar fabricar as esquadrias e demais acessórios. Entretanto, a primeira casa de Warchavchik entra em contradição com o Manifesto de 1925 em pelo menos quatro pontos, os quais são esclarecidos por Bruand: a obra parecia ser de concreto armado (segundo a ideia inicial), mas era quase toda de tijolo com revestimento de cimento branco; as janelas nos cantos eram adequadas para a obra em concreto, mas acarretaram problemas de construção com os materiais tradicionais; o tratamento da fachada, idêntico às duas alas da casa, enquanto uma correspondia a uma varanda e a outra a um cômodo interior, contradizendo seus

---

<sup>61</sup> Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 63.

<sup>62</sup> *Ibidem*, 65.

próprios argumentos<sup>63</sup>; e a cobertura, que se esperava um terraço, escondia um telhado de telhas coloniais oculto pela platibanda<sup>64</sup>.

Houve divulgação pela imprensa e reações polêmicas, que resultaram em direitos de resposta, dando ao arquiteto a oportunidade de publicação de vários artigos ao longo do ano defendendo seus ideais<sup>65</sup>.

Conforme afirma Segawa, a primeira obra de Warchavchik

Não pode ser considerada um trabalho fiel ao ideário moderno europeu, tampouco ao seu discurso revolucionário [...] Warchavchik teria buscado contemporizar a intenção moderna com elementos locais, declarando para a imprensa, logo após a inauguração, que tentou 'criar um caráter de arquitetura que se adaptasse a esta região, ao clima e também às antigas tradições desta terra', assim justificando também a cobertura de telhas tradicionais<sup>66</sup>.

Warchavchik tinha que se adaptar às questões construtivas existentes no país em 1928. Segundo o próprio arquiteto:

Em São Paulo, dada a carestia de cimento e a falta de materiais para construção (materiais adequados à construção moderna) ainda não é possível fazer o que já se faz em outras partes do mundo. A indústria local, bem que em estado de incessante progresso, ainda não fabrica as peças necessárias, estandardizadas, de bom gosto e de boa qualidade, como sejam: portas, janelas, ferragens, aparelhos sanitários, etc. Estamos sempre peiados pela obrigação de empregar material importado, o que vem a encarecer muito as construções<sup>67</sup>.

Com o progresso da tecnologia, o arquiteto pôde ousar mais nas suas obras seguintes, que afirmaram a evolução de seu estilo<sup>68</sup>. O concreto foi utilizado, assim como os terraços na cobertura e a volumetria se revelou mais de acordo com a linguagem que defendia (Ilustração 2). Segawa defende que "importante é assinalar, todavia, que

---

<sup>63</sup> "A beleza de uma fachada deve resultar da racionalidade da planta da disposição interna, assim como a forma da máquina é determinada pelo mecanismo, que é sua alma". Warchavchik *apud* Yves. Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 66.

<sup>64</sup> *Ibidem*.

<sup>65</sup> Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 45.

<sup>66</sup> *Ibidem*, 46.

<sup>67</sup> Warchavchik *apud* Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 47.

<sup>68</sup> Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 68.

Warchavchik tinha conhecimento das experiências européias acerca da padronização de componentes arquitetônicos e economia da construção”<sup>69</sup>.



Ilustração 2 - Casa da rua Itápolis, Gregori Warchavchik, 1928.

Fonte: Camila Oliveira. “Gregori Warchavchik e a arquitetura brasileira”. *Drops* (São Paulo, ano 11, n. 040.06, Vitruvius, jan. 2011), <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/11.040/3704>>.

Embora não tenha sido totalmente fiel aos preceitos do Movimento Moderno, não há dúvida que contribuiu para a disseminação das ideias racionalistas e contribuiu para estimular o debate em São Paulo. Segundo Segawa,

a modernidade de sua obra persistiu mais como uma intenção, aplicada em casas burguesas, até os interiores, mas que ele não pôde demonstrar em programas de alcance social ou econômico maiores – como habitações populares, escolas, edifícios ou fábricas – condizentes com as preocupações dos modernistas europeus. Não obstante a prática limitada, Warchavchik teve o importante papel de agitador cultural ao mobilizar a opinião pública com suas realizações e promover uma causa – a arquitetura moderna racionalista<sup>70</sup>.

Segundo Bruand, a obra de Warchavchik

representou uma etapa necessária, já que tornou possível o rompimento com a influência da tradição e o estabelecimento de um novo vínculo com as correntes vivas da arquitetura internacional. O que ele não conseguiu foi impor essa arquitetura de modo definitivo [...]. O passo decisivo não foi portanto dado na cidade cosmopolita de São Paulo, por volta de 1930, mas alguns anos mais tarde, na Capital Federal, por uma equipe inteiramente brasileira liderada por Lucio Costa e inspirada

<sup>69</sup> Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 46.

<sup>70</sup> *Ibidem*, 48.

diretamente em Le Corbusier. Mas duvida-se que isso pudesse ocorrer sem a ação pioneira de Warchavchik, que preparou o caminho, contribuindo para forjar uma nova mentalidade nos jovens arquitetos do Rio de Janeiro<sup>71</sup>.

O arquiteto Lucio<sup>72</sup> Costa percorreu outros caminhos antes de defender a Arquitetura Moderna: vinha de um ensino academicista, tinha uma produção arquitetônica eclética e estava envolvido com o estilo neocolonial na década de 1920<sup>73</sup>. Em 1921 iniciou seu primeiro projeto de residência e participou de concursos com projetos de cunho neocolonial. Em 19 de março de 1924, publicou *A alma dos nossos lares*<sup>74</sup>, no jornal *A Noite*, com conteúdo similar ao que vinha sendo defendido por José Mariano Filho e outros arquitetos sobre o estilo colonial<sup>75</sup>.

Alguns meses depois, foi convidado por José Mariano Filho a viajar para Minas Gerais com a função de fazer pesquisas e levantamentos sobre sua arquitetura. Era a primeira vez que Lucio Costa visitava as cidades de Ouro Preto, Mariana, Sabará e Diamantina<sup>76</sup>. No retorno publicou suas reflexões no artigo *Considerações sobre o nosso gosto e estilo*<sup>77</sup>, publicado em 18 de junho, no jornal *A Noite*. O contato com a arquitetura e os estudos que fez no local o levaram a questionar o neocolonial que então se fazia: “Encontrei um estilo inteiramente diverso desse colonial de estufa, colonial de laboratório que, nesses últimos anos, surgiu e ao qual, infelizmente, já está habituado o

---

<sup>71</sup> Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 71.

<sup>72</sup> Há confusão na grafia do nome do arquiteto Lucio Costa, que aparece na literatura como “Lucio” ou por vezes, como “Lúcio”. De acordo com o Acervo de Lucio Costa, os arquivos que contém e a análise da própria assinatura do arquiteto entende-se e será adotado nesta tese que o correto é “Lucio”. Instituto Antonio Carlos Jobim. *Sobre Lucio Costa*. <<http://www.jobim.org/lucio/handle/2010.3/4146>>

<sup>73</sup> Ana Slade. “Arquitetura moderna brasileira e as experiências de Lucio Costa na década de 1920”. *Arte & Ensaio*, v. 15, (Rio de Janeiro, 2007), 47.

<sup>74</sup> Lucio Costa. “A alma de nossos lares”. *Jornal A noite*. (Rio de Janeiro, 19 mar.1924.) *Apud* Ana Slade. “Arquitetura moderna brasileira e as experiências de Lucio Costa na década de 1920”. *Arte & Ensaio*, v. 15, (Rio de Janeiro, 2007), 48.

<sup>75</sup> Ana Slade. “Arquitetura moderna brasileira e as experiências de Lucio Costa na década de 1920”. *Arte & Ensaio*, v. 15, (Rio de Janeiro, 2007), 47.

<sup>76</sup> Ana Slade. “As experiências eclético-acadêmicas de Lucio Costa - uma lacuna na história da arquitetura no Brasil.” *Cadernos do PROARQ*, v. 1. (Rio de Janeiro, 2013), 81.

<sup>77</sup> Lucio Costa. “Considerações sobre o nosso gosto e estilo”. *Jornal A noite*. (Rio de Janeiro, 18 jun.1924.) *apud* Ana Slade. “Arquitetura moderna brasileira e as experiências de Lucio Costa na década de 1920”. *Arte & Ensaio*, v. 15, (Rio de Janeiro, 2007), 50.



povo, a ponto de classificar o verdadeiro colonial de inovação”<sup>78</sup>. Neste segundo momento, adota uma atitude mais crítica em relação às construções no estilo neocolonial. Segundo Ana Slade, em seu trabalho sobre esse período na vida de Lucio Costa, o arquiteto chega a apresentar “discurso de cunho racionalista, que desprezava qualquer elemento sem ‘função’ justificada na arquitetura”<sup>79</sup>. Lucio Costa afirma que:

Tudo em arquitetura deve ter uma razão de ser; exercer uma função, seja ela qual for. É preciso acabar de vez com as incoerências e absurdos que, a todo momento, vemos em nossas casas. Varandas, onde mal cabe uma cadeira; lanternins, que nada iluminam; telhadinhos, que não abrigam nada; jardineiras, em lugares inacessíveis; escoras, que nenhum peso escoram. Acabar com essas pequenas complicações que a título de embelezamento e a pretexto decorativo, todo construtor se acha com o direito de ‘criar’<sup>80</sup>.

O arquiteto escreve ainda sobre como idealiza o modo de fazer arquitetura

Não é preciso que exista a preocupação de se fazer um estilo nacional. Não. O estilo vem por si. Não é necessário andar estilizando papagaios e abacaxis... basta que cada arquitetura e cada proprietário tenha sinceramente o desejo de fazer uma obra que preencha da melhor maneira possível os fins a que se destina. Uma composição que satisfaça a vista, e onde o espírito repouse. Sejamos simples. Sejamos sinceros. Evitemos a mentira. Evitemos o ridículo. Evitemos todo excesso de complicação na arquitetura de nossas casas<sup>81</sup>.

Em 1926, Lucio Costa visita a Europa, onde fica por aproximadamente um ano. No retorno permanece durante um período em Minas Gerais. Em 1928, Lucio é entrevistado pelo jornal *O País*, onde reafirma suas ideias sobre as imitações de estilos do passado<sup>82</sup> e esclarece:

O estilo não é fantasia que se invente ou se copie, surge naturalmente como função do sistema de construção, dos materiais empregados, do clima, do ambiente, da época. Está

---

<sup>78</sup> Lucio Costa. “Considerações sobre o nosso gosto e estilo”. *Jornal A noite*. (Rio de Janeiro, 18 jun.1924.) *apud* Ana Slade. “Arquitetura moderna brasileira e as experiências de Lucio Costa na década de 1920”. *Arte & Ensaio*, v. 15, (Rio de Janeiro, 2007), 50.

<sup>79</sup> Ana Slade. “Arquitetura moderna brasileira e as experiências de Lucio Costa na década de 1920”. *Arte & Ensaio*, v. 15, (Rio de Janeiro, 2007), 51.

<sup>80</sup> Lucio Costa. “Considerações sobre o nosso gosto e estilo”. *Jornal A noite*. (Rio de Janeiro, 18 jun.1924.) *apud* Ana Slade. “Arquitetura moderna brasileira e as experiências de Lucio Costa na década de 1920”. *Arte & Ensaio*, v. 15, (Rio de Janeiro, 2007), 51.

<sup>81</sup> *Ibidem*.

<sup>82</sup> Ana Slade. “As experiências eclético-acadêmicas de Lucio Costa - uma lacuna na história da arquitetura no Brasil.” *Cadernos do PROARQ*, v. 1. (Rio de Janeiro, 2013), 86.

preso ao arcabouço construtivo e às vezes a uma simples exigência de aeração e higiene<sup>83</sup>.

Ponto essencial é a visita de Le Corbusier ao Brasil em 1929. As suas palestras em São Paulo e Rio de Janeiro foram fundamentais para disseminar as suas ideias e consolidar alicerces já antecipados por Warchavchik. Foram quatro conferências - duas em cada cidade - duas com o tema “Arquitetura e a revolução arquitetural contemporânea”, e as outras com os seguintes títulos: “Urbanismo – a revolução arquitetural contemporânea traz a solução da urbanização das grandes cidades modernas” e “Urbanismo nasceu da necessidade de resolver o problema da cidade”<sup>84</sup>. Em São Paulo, Le Corbusier visitou as obras de Warchavchik e propôs que o arquiteto fosse nomeado delegado do Congresso Internacional da Arquitetura Moderna (CIAM) para a América do Sul<sup>85</sup>. Le Corbusier lança no ano seguinte o livro *Precisões*, com suas impressões da viagem, onde declara que “no Brasil, como na Argentina, aliás, *L'Esprit Nouveau*, nossa revista de 1920, precipitou desejos. Estes países, a Argentina – a velha Castela – e o Brasil – o velho Portugal – chegaram a um momento em que querem desenhar sua história”<sup>86</sup>. Menciona já haver certo movimento inclinando-se para o moderno: “em cada uma das grandes cidades da América do Sul grupos entusiasmados cultivam a nova idéia. A fermentação é geral”<sup>87</sup>.

No Rio de Janeiro, em 1930, Lucio Costa foi nomeado para a direção da Escola Nacional de Belas-Artes (ENBA), com poderes para reformular o ensino. Tinha 28 anos e havia completado a sua formação na mesma escola seis anos antes. Tinha sua carreira de “prática profissional de arquitetura eclética e era associado ao movimento neocolonial”<sup>88</sup>, no entanto estava em um processo de transformação e seus interesses estavam indo na direção das práticas modernas. Lucio Costa se interessou de fato pela doutrina de Le Corbusier. O próprio arquiteto conta:

---

<sup>83</sup> Ana Slade. “As experiências eclético-acadêmicas de Lucio Costa - uma lacuna na história da arquitetura no Brasil.” *Cadernos do PROARQ*, v. 1. (Rio de Janeiro, 2013), 86.

<sup>84</sup> Silvia Palazzi Zakia. “Primeira visita de Le Corbusier ao Brasil em 1929. Uma chegada acidentadíssima!” *Arquiteturismo* ano 09, n. 102.01, *Vitruvius*, (São Paulo, set. 2015) <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/09.102/5685>>

<sup>85</sup> Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 68.

<sup>86</sup> Le Corbusier. *Precisões. Sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo*. Coleção Face Norte, volume 06. (São Paulo, Cosac Naify, 2004) 29.

<sup>87</sup> *Ibidem*, 16.

<sup>88</sup> Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 78.

tomei conhecimento a fundo, de verdade, de todo esse movimento que havia ocorrido na Europa [...] Aí comecei a tomar conhecimentos da obra de Le Corbusier e me apaixonei, porque ele era extraordinário, tanto na paixão que tinha pelo que estava fazendo como foi o único daqueles arquitetos que trabalharam na época, todos extraordinários – o Gropius, o Mies van der Rohe -, que fez uma abordagem completa do movimento do ponto de vista social, do ponto de vista tecnológico, das novas técnicas construtivas, e do ponto de vista plástico, ponto de vista das artes. Ele reunia esses propósitos abrangentes; os outros cuidavam da arquitetura, cada um fazia seu prédio, sua arquitetura, mas nunca uma abordagem global<sup>89</sup>.

Dentre os novos professores que contratou para a ENBA estavam Gregori Warchavchik, Affonso Eduardo Reidy e Alexandre Buddeüs. Com isso buscava “proporcionar aos seus alunos uma opção entre o ensino acadêmico, ministrado por professores catedráticos, que seriam mantidos em suas funções e o ensino ministrado por elementos mais jovens, identificados com o espírito moderno”<sup>90</sup>.

Sobre a situação do ensino, Lucio Costa escreveu em *O Globo*:

A reforma visará aparelhar a escola de um ensino técnico-científico tanto quanto possível perfeito e orientar o ensino artístico no sentido de uma perfeita harmonia com a construção. Os clássicos serão estudados como disciplina; os estilos históricos como orientação crítica, e não para aplicação direta.

Acho indispensável que os nossos arquitetos deixem a escola conhecendo perfeitamente a nossa arquitetura da época colonial, não com o intuito da transposição ridícula de seus motivos, [...] mas de aprender as boas lições que ela nos dá de simplicidade, perfeita adaptação ao meio e à função, e conseqüente beleza<sup>91</sup>.

Os tradicionalistas se revoltaram contra as mudanças e Lucio Costa foi exonerado do cargo em 1931, mesmo após uma greve dos estudantes. Segawa afirma que

Embora tenha durado pouco mais de sete meses e nada tenha restado da reestruturação após a saída de Lucio Costa, esse período foi marcante o suficiente para que uma geração de futuros arquitetos tivesse consciência das transformações em

---

<sup>89</sup> Lucio Costa *apud* Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 81.

<sup>90</sup> Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 72.

<sup>91</sup> Lucio Costa. “A situação do ensino das Belas Artes”. *O Globo*, 29 dec. 1930 (Rio de Janeiro, 1930). In Alberto Xavier (org.). *Depoimento de uma geração – arquitetura moderna brasileira*. (São Paulo: Cosac & Naify, 2003), 57-8.

curso na arquitetura mundial – consciência impensável numa estrutura conservadora como a que prevaleceu<sup>92</sup>.

As visitas de arquitetos estrangeiros também foram marcantes nessa época. Em 1931, houve no Rio de Janeiro um concurso internacional de arquitetura organizada pela *Union of American Republics*. O objetivo era construir um Monumento ao Descobrimento da América a ser construído na República Dominicana<sup>93</sup>. O arquiteto Frank Lloyd Wright foi ao Brasil convidado a ser integrante do júri, representando as Américas, e no mesmo navio, como representante da Europa (embora morasse nos EUA) estava o arquiteto Elieel Saarinen, filho do arquiteto Eero Saarinen. Frank Lloyd Wright foi acompanhado da esposa e permaneceu três semanas no Rio de Janeiro. Durante este período foi procurado pelos estudantes grevistas da ENBA em busca de apoio. Wright conheceu Lucio Costa e Warchavchik (Ilustração 3), conversou com professores e estudantes em encontros na Casa da Rua Toneleros (de Warchavchik), embora houvesse problemas com a tradução<sup>94</sup>, e publicou artigos “em prol da Nova Arquitetura e em apoio os estudantes”<sup>95</sup>. O arquiteto Elieel Saarinen preferiu não se manifestar acerca do assunto<sup>96</sup>.

Nesse momento já havia um intercâmbio entre Brasil e Estados Unidos, com arquitetos americanos se estabelecendo no Brasil e brasileiros estudando nos Estados Unidos e depois retornando à sua terra natal. O acesso a periódicos também acontecia: “É certo que ao menos as revistas norte-americanas *Architectural Record*, *Architectural*

---

<sup>92</sup> Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 79.

<sup>93</sup> Nina Nedelykov e Pedro Moreira. “Caminhos da Arquitetura Moderna no Brasil: a presença de Frank Lloyd Wright.” *Arquitextos*, ano 02, n. 018.03, Vitruvius, (São Paulo, 2001) <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.018/829>>

<sup>94</sup> “Wright deixa clara a problemática da comunicação, já que a língua estrangeira mais difundida nesse período no Brasil era o francês. Segundo ele “only one (and a half, say) spoke english”, referindo-se aos cerca de 700 estudantes da ENBA. Seus tradutores são o jornalista Herbert Moses (co-proprietário do jornal O Globo) e o então estudante Alcides Rocha Miranda. Wright enfatiza que, pelo tom exacerbado de suas traduções, Moses, que ele apelida de El Globo, provavelmente transmitiu aos ouvintes uma versão pessoal e deturpada de suas palavras”. In: Nina Nedelykov e Pedro Moreira. “Caminhos da Arquitetura Moderna no Brasil: a presença de Frank Lloyd Wright.” *Arquitextos*, ano 02, n. 018.03, Vitruvius (São Paulo, 2001) <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.018/829>>

<sup>95</sup> *Ibidem*.

<sup>96</sup> “Saarinen se eclipsou, temeroso das possíveis repercussões da greve, e chegou a comentar com o colega:” Este é um país revolucionário – a primeira coisa que você sabe... CRRHANN (e passou o indicador pela garganta) e era uma vez você”. Elizabeth D Harris. *Le Corbusier Riscos Brasileiros*. (São Paulo: Editora Nobel, 1987), 51.

*Forum e Pencil Point* eram recebidas regularmente pela Escola de Engenharia Mackenzie de São Paulo<sup>97</sup>.



Ilustração 3 - Lucio Costa, Frank Lloyd Wright e Gregori Warchavchik, na casa Nordshild (1931, Rio de Janeiro).

Fonte: Márcia Bassetto Paes. "Frank Lloyd Wright e a arquitetura orgânica". *Engenharia e Arquitetura*. <<http://www.engenhariaearquitectura.com.br/noticias/469/Frank-Lloyd-Wright-e-a-arquitetura-organica.aspx>>.

De 1931 a 1933 Lucio Costa e Gregori Warchavchik foram sócios num escritório de arquitetura. Em 1933, foi inaugurado o "1º Salão de Arquitetura Tropical"<sup>98</sup> no Rio de Janeiro, organizado pela Associação dos Artistas Brasileiros, dirigida por João Lourenço e Alcides da Rocha Miranda durante 16 de março a 17 de abril de 1933 (Ilustração 4). Segundo Hélio Herbst, em sua tese de doutorado, o fato não é lembrado pela historiografia tradicional: "Na ocasião, são concedidas homenagens a Costa e Warchavchik e o título de Presidente de Honra a Frank Lloyd Wright. Apesar do seu pioneirismo, a mostra não é sequer mencionada nos manuais de Henrique Mindlin, *Modern Architecture in Brazil* (1956), Yves Bruand, *Arquitetura Contemporânea no Brasil* (1981)<sup>99</sup> e Carlos Lemos, *Arquitetura Brasileira* (1979). Não são conhecidas as

---

<sup>97</sup> Nina Nedelykov e Pedro Moreira. Caminhos da Arquitetura Moderna no Brasil: a presença de Frank Lloyd Wright. *Arquitextos*, ano 02, n. 018.03, Vitruvius, (São Paulo, 2001) <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.018/829>>

<sup>98</sup> A mostra ocorreu de 16 de março a 17 de abril de 1933.

<sup>99</sup> Muito provavelmente também não apareça na sua tese de doutoramento *L'Architecture Contemporaine au Brésil* (1971) que deu origem ao livro.

razões para tal esquecimento”<sup>100</sup>. Entre os participantes estava Gregori Warchavchik, Lucio Costa, Alexandre Altberg, Affonso Eduardo Reidy, Gerson Pompeu Pinheiro, Emílio Baumgart, Marcelo Roberto, Luis Nunes, Vicente Batista, Alexander Buddeüs e Anton Floderer <sup>101</sup>.



Ilustração 4 - Salão de Arquitetura Tropical, 1933, RJ.

Fonte: Hélio Herbst. “Pelos salões das bienais, a arquitetura ausente dos manuais: expressões da arquitetura moderna brasileira expostas nas bienais paulistanas (1951-1959)”. *Tese de Doutorado*. Universidade de São Paulo. (São Paulo, 2007), 27.

Entre 1934-1935, Lucio Costa escreveu *Razões da Nova Arquitetura*, que segundo Segawa além de compilar suas ideias sobre o assunto, foi o que “pode ser considerada a mais completa apologia sobre a modernidade arquitetônica na perspectiva de transição dos anos de 1930, escrita por um brasileiro”<sup>102</sup>. Esse texto foi publicado na *Revista da Diretoria de Engenharia*, periódico do órgão responsável pelas obras públicas no Rio de

<sup>100</sup> Hélio Herbst. *Pelos salões das bienais, a arquitetura ausente dos manuais: expressões da arquitetura moderna brasileira expostas nas bienais paulistanas (1951-1959)*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. (São Paulo, 2007), 27.

<sup>101</sup> Pedro Moreira. “Alexandre Altberg e a Arquitetura Nova no Rio de Janeiro”. *Arquitextos*, ano 05, n. 058.00, Vitruvius. (São Paulo, 2005). <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.058/484>>

<sup>102</sup> Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 81.

Janeiro, que se transformou num espaço importante de divulgação de assuntos como a arquitetura moderna no Brasil, temas urbanísticos e informações de arquitetura internacional<sup>103</sup>.

Enquanto isso, jovens arquitetos iam realizando seus trabalhos pelo país. Luis Nunes - um dos grevistas contra a demissão de Lucio Costa - assumiu a repartição do departamento de Arquitetura na prefeitura de Recife, e “tinha clara consciência do papel modernizador da arquitetura e seu potencial transformador”<sup>104</sup>. Outros jovens arquitetos em ascensão eram Álvaro Vital Brazil e Adhemar Marinho, também participantes da greve na ENBA, que venceram um concurso para um edifício de alto padrão em São Paulo, o Edifício Esther<sup>105</sup>. Os irmãos Marcelo e Milton Roberto participavam de vários concursos e venceram dois importantes: o da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) em 1936<sup>106</sup> e do Aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro em 1937<sup>107</sup>.

Em abril de 1935, foi aberto um concurso de anteprojetos para a construção da sede do Ministério da Educação e Saúde (MES). As regras do plano de urbanização do Rio de Janeiro aplicadas ao terreno na esplanada do Castelo e que deviam ser respeitadas recomendavam “o recuo homogêneo da construção em relação aos limites do terreno (o alinhamento), a construção dos prédios como blocos com áreas internas para ventilação e iluminação e entradas pelas quatro faces”<sup>108</sup>. O júri do concurso eliminou sumariamente os projetos que desrespeitaram as normas do edital, restando três projetos que teriam mais um período para desenvolvimento até o julgamento final. A escolha final do júri foi o projeto do arquiteto Archimedes Memória e Francisque Cuchet<sup>109</sup>, na época diretor da Escola Nacional de Belas Artes. O prêmio foi pago ao arquiteto, mas Gustavo Capanema, cercado de intelectuais modernistas, resolveu não construir o projeto vencedor, que “não se coadunava com as preocupações dos seus

---

<sup>103</sup> Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 81.

<sup>104</sup> *Ibidem*, 83.

<sup>105</sup> Roberto Conduru. “Vital Brazil”. *Coleção Espaços da Arte Brasileira*, (São Paulo, Cosac Naify, 2000.)

<sup>106</sup> Cláudio Calovi Pereira. “Os Irmãos Roberto e o edifício da A.B.I: uma história da modernidade arquitetônica brasileira”. *ARQTEXTO* (UFRGS), v. 2 (Porto Alegre, 2002). 139.

<sup>107</sup> Cláudio Calovi Pereira. *Os Irmãos Roberto e a Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro (1930-1960)*. Dissertação de Mestrado (UFRGS, 1993), 45.

<sup>108</sup> Maurício Lissovsky e Paulo Sérgio Moraes de Sá (org). *Colunas da Educação. A construção do Ministério da Educação e Saúde*. (Rio de Janeiro: MINC/IPHAN, Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1996), 13.

<sup>109</sup> Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 89.

auxiliares e com o apoio deles”<sup>110</sup>, e por intermédio de Carlos Drummond de Andrade, convidou Lucio Costa para a elaboração de uma proposta para o MES em 25 de março de 1936. O arquiteto montou uma equipe com Oscar Niemeyer, Affonso Eduardo Reidy, Carlos Leão, Jorge Moreira e Ernani Vasconcelos. Concomitantemente, por sugestão de Lucio Costa foram iniciados os contatos com Le Corbusier para ir ao Brasil dar um parecer sobre o projeto do MES, sobre os planos da Cidade Universitária do Brasil e promover um ciclo de conferências sobre arquitetura moderna<sup>111</sup>.

Em maio, a equipe de arquitetos apresentou um memorial descritivo onde se percebem as influências dos princípios corbusianos da nova arquitetura. Especificando estruturas independentes que dotavam as fachadas de liberdade, o projeto foi elaborado em um volume principal de sete pavimentos ligado a duas alas de cinco pavimentos, todos assentados sobre pilotis e com um salão de conferências em bloco anexo (Ilustração 5).

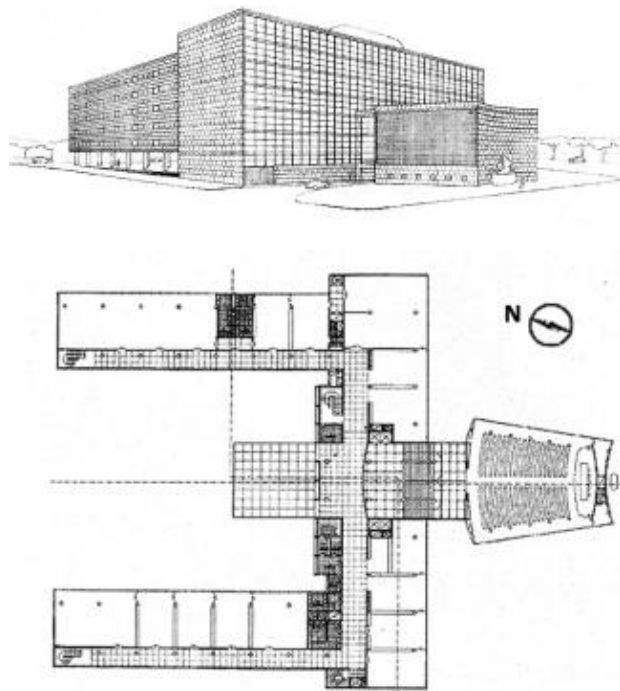


Ilustração 5 - Primeira versão do Ministério da Educação e Saúde (Projeto da equipe de arquitetos brasileiros).

Fonte: Maurício Lissovsky e Paulo Sérgio Moraes de Sá (org).. “Colunas da educação: a construção do Ministério da Educação e Saúde (1935-1945). (Rio de Janeiro: MINC/IPHAN; Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1996).

---

<sup>110</sup> Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 89.

<sup>111</sup> Lucio Costa. *Lucio Costa: Registro de uma vivência*. (São Paulo, Empresa das Artes, 1995), 144-5.



Depois que se oficializou a vinda de Le Corbusier, foram trocadas cartas entre o arquiteto estrangeiro e Lucio Costa. Os assuntos eram a arquitetura moderna, seus obstáculos no Brasil e o envio das propostas da equipe brasileira para Le Corbusier<sup>112</sup>. Lucio Costa afirmava, em uma das cartas, que a maioria da população não compreendia totalmente a arquitetura moderna e a ideia de “máquina de morar”, e que havia muito o que se aprender ainda. Contava que demorou a entender as ideias de Le Corbusier, e que quando este veio ao Brasil pela primeira vez em 1929, também não o compreendeu. Em uma carta de 26 de junho de 1936, escreveu Lucio Costa

Durante sua visita ao Rio, em 1929, fui ouvir sua conferência: ela estava na metade, a sala cheia – cinco minutos mais tarde eu saía escandalizado, sinceramente convencido de ter conhecido um ‘cabotino’. Compreendo muito bem, portanto, o mal-entendido que persiste, já que a maioria ainda está nesse estágio<sup>113</sup>.

No entanto, na mesma carta esclareceu que um pouco mais tarde, já como diretor da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro

Uma mudança profunda se produzira – de ‘tradicionalista’ que eu era, no sentido equívoco da palavra, havia podido pouco a pouco vencer a repugnância que seus livros me inspiravam e de repente, como uma revelação, toda a comovente beleza de seu espírito me ofuscou. Em ‘estado de graça’ e com a fé intransigente dos recém-convertidos, procurei ‘salvar’ os jovens da Escola!<sup>114</sup>

Antes de chegar ao Brasil, Le Corbusier já havia recebido o projeto em desenvolvimento pela equipe brasileira e o havia considerado promissor. Em seu relatório ao Ministro da Educação e Saúde, mencionava a aplicação das teorias modernas de arquitetura que defendia, elogiando a boa orientação, a solução de estrutura do prédio, o esquema de iluminação, e afirmava que o “projeto pode ser classificado por seu valor arquitetônico dentre os melhores que já se fizeram até hoje não importa em que país”<sup>115</sup>. Admitindo

---

<sup>112</sup> Maurício Lissovsky e Paulo Sérgio Moraes de Sá (org). *Colunas da Educação. A construção do Ministério da Educação e Saúde*. (Rio de Janeiro: MINC/IPHAN, Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1996), 92.

<sup>113</sup> Lucio Costa *apud* Maurício Lissovsky e Paulo Sérgio Moraes de Sá (org). *Colunas da Educação. A construção do Ministério da Educação e Saúde*. (Rio de Janeiro: MINC/IPHAN, Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1996), 93.

<sup>114</sup> *Ibidem*.

<sup>115</sup> Le Corbusier *apud* Maurício Lissovsky e Paulo Sérgio Moraes de Sá (org). *Colunas da Educação. A construção do Ministério da Educação e Saúde*. (Rio de Janeiro: MINC/IPHAN, Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1996), 109.

reservas do ponto de vista plástico quanto à simetria, sustentava que o terreno possuía algumas características que podiam ter limitado as soluções arquitetônicas. Sendo assim - em relação ao terreno escolhido na esplanada do Castelo - argumentava que “seria desolador arcar com os custos de uma construção tão bem concebida”<sup>116</sup> em um terreno mal localizado. Alegava que “o início e o essencial de uma obra arquitetônica residem em sua localização. A localização equivale a mais da metade da concepção arquitetônica, ela é predominantemente decisiva”<sup>117</sup>. Assim, se propôs a “não corrigir o projeto, que é excelente, mas sim substituir o terreno, que é ruim”<sup>118</sup>. No mesmo relatório, Le Corbusier referia que questionou a escolha do terreno e obteve como resposta que “toda a liberdade era ainda possível”<sup>119</sup>. Sendo assim, se disponibilizava a procurar e escolher outro terreno, decidindo-se por uma área junto ao mar. Para o novo terreno, situado na orla do mar e próximo ao aeroporto, apresentou uma proposta (Ilustração 6), que salientava não ser nova, mas uma reelaboração do projeto dos arquitetos brasileiros<sup>120</sup>.

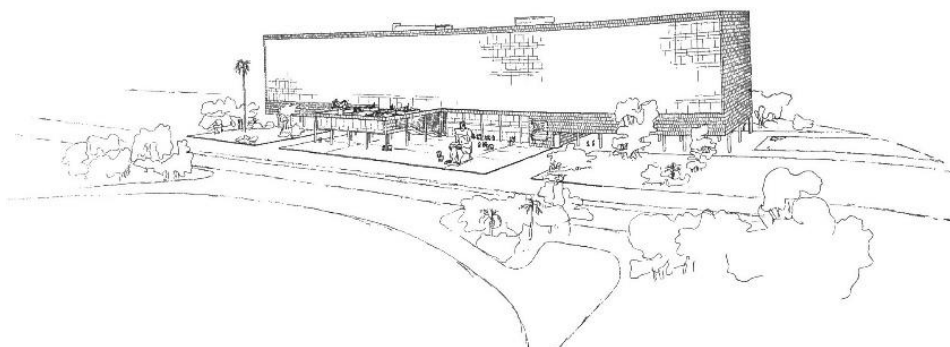


Ilustração 6 - Proposta de Le Corbusier para o novo terreno escolhido pelo arquiteto (Publicada na *Œuvre complète* 1934-38).

Fonte: Max Bill. *Le Corbusier & P. Jeaneret Œuvre complète* 1934-38. (Zurich: Editions Gisberger, 1938).

<sup>116</sup> Le Corbusier apud Maurício Lissovsky e Paulo Sérgio Moraes de Sá (org). *Colunas da Educação. A construção do Ministério da Educação e Saúde*. (Rio de Janeiro: MINC/IPHAN, Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1996), 110.

<sup>117</sup> *Ibidem*.

<sup>118</sup> *Ibidem*.

<sup>119</sup> Maurício Lissovsky e Paulo Sérgio Moraes de Sá (org). *Colunas da Educação. A construção do Ministério da Educação e Saúde*. (Rio de Janeiro: MINC/IPHAN, Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1996), 109.

<sup>120</sup> Le Corbusier apud Maurício Lissovsky e Paulo Sérgio Moraes de Sá (org). *Colunas da Educação. A construção do Ministério da Educação e Saúde*. (Rio de Janeiro: MINC/IPHAN, Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1996), 112.

No entanto, por vários motivos de ordem administrativa não foi possível modificar o terreno, tendo como um de seus inconvenientes situar-se próximo ao aeroporto, onde o gabarito de altura exigido era excessivamente baixo<sup>121</sup>. Sendo assim, voltava-se para o terreno da Esplanada do Castelo para o qual havia o projeto da equipe brasileira. Portanto, o projeto idealizado por Le Corbusier não seria exequível. Ao mesmo tempo, a estadia de Le Corbusier chegava ao fim. Gustavo Capanema conseguiu que Le Corbusier deixasse alguns esboços, feitos à última hora, para o terreno original. O desenho do arquiteto consistia em um volume principal horizontal com um grande recuo conformando uma praça de acesso, tendo o bloco de serviços em uma das extremidades do terreno (Ilustração 7).

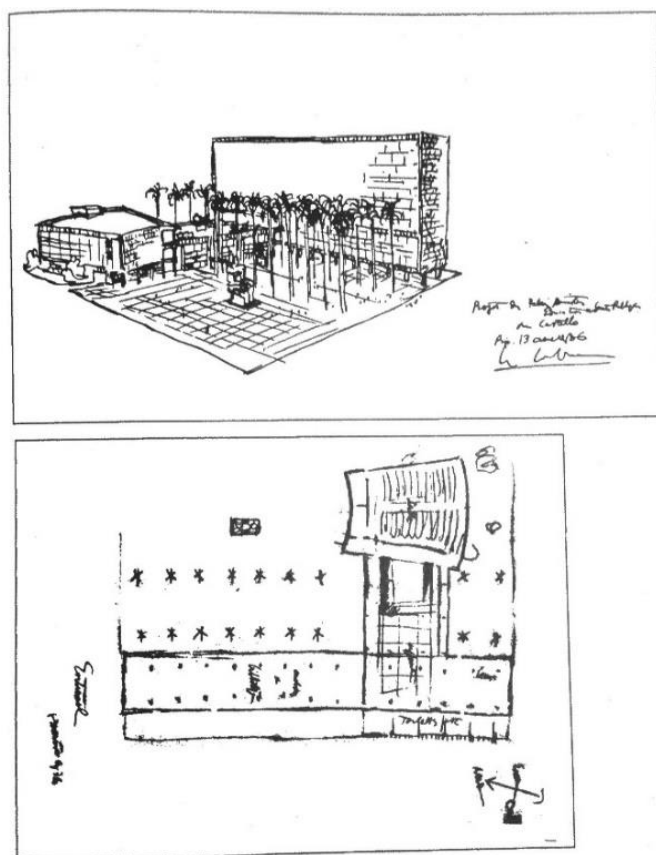


Ilustração 7 - Proposta de Le Corbusier para terreno original, RJ.

Fonte: Maurício Lissovsky e Paulo Sérgio Moraes de Sá (org). *Colunas da Educação. A construção do Ministério da Educação e Saúde*. (Rio de Janeiro: MINC/IPHAN, Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1996).

<sup>121</sup> Maurício Lissovsky e Paulo Sérgio Moraes de Sá (org). *Colunas da Educação. A construção do Ministério da Educação e Saúde*. (Rio de Janeiro: MINC/IPHAN, Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1996), 110.

Ainda assim, o projeto brasileiro seguiu obtendo pareceres de vários profissionais, incorporando as sugestões de Le Corbusier a fim de chegarem a um projeto definitivo. Os brasileiros não queriam construir o seu projeto inicial mas não estavam satisfeitos com a proposta deixada por Le Corbusier. No entanto, foi após muito trabalho, que se chegou a uma solução definitiva baseada na concepção deixada pelo mestre, mas com alterações na relação entre os três volumes propostos. Lucio Costa escreve, em 3 de julho de 1937, a Le Corbusier:

Reconhecida a impossibilidade de construí-lo no magnífico terreno que o senhor escolheu – porque ele teria de ser muito mais baixo e sem poder desenvolvê-lo em seguida por causa do aeroporto; e certificado, de outro lado, que a ‘múmia’<sup>122</sup> estava já bem morta – fizemos um novo projeto, inspirado diretamente nos seus estudos<sup>123</sup>.

A resposta de Le Corbusier foi recebida no mesmo mês:

Seu edifício do Ministério da Educação e Saúde Pública parece-me excelente. Diria até: animado de um espírito clarividente, consciente dos objetivos: servir e emocionar. Ele não tem esses hiatos ou barbarismos que freqüentemente aliás, em outras obras modernas mostram que não se sabe o que é harmonia. Ele está sendo construído? Sim? Então tanto melhor, e estou certo que será bonito. Será como uma pérola em lixo ‘agáchico’. Meus cumprimentos, meu ‘OK’ (como você reclamava)<sup>124</sup>.

Em 30 de dezembro, Le Corbusier escreve a Gustavo Capanema: “Recebi há algumas semanas os planos e as fotografias do ministério atualmente em construção. Continuo a deplorar o lastimável terreno no qual o edificam, mas creio que o espírito inovador que anima esse prédio acabará por torná-lo uma coisa excelente”<sup>125</sup>. O projeto era marcado pelo funcionalismo e racionalismo pregado por Le Corbusier, e seguia os cinco princípios: os pilotis, a planta livre, o terraço-jardim, a fachada livre e superfície de vidro

---

<sup>122</sup> Apelido íntimo dado por Le Corbusier ao primeiro projeto da equipe brasileira.

<sup>123</sup> Lucio Costa *apud* Maurício Lissovsky e Paulo Sérgio Moraes de Sá (org). *Colunas da Educação. A construção do Ministério da Educação e Saúde*. (Rio de Janeiro: MINC/IPHAN, Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1996), 137.

<sup>124</sup> Le Corbusier *apud* Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 91.

<sup>125</sup> Le Corbusier *apud* Maurício Lissovsky e Paulo Sérgio Moraes de Sá (org). *Colunas da Educação. A construção do Ministério da Educação e Saúde*. (Rio de Janeiro: MINC/IPHAN, Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1996), 140.

(Ilustração 8). Ainda foi dada muita importância à integração com obras de arte, integrando revestimentos de azulejos, afrescos e esculturas<sup>126</sup>.



Ilustração 8 - Ministério da Educação e Saúde, RJ.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds – Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMa, 1943), 107.

Em 1939, com o Ministério ainda em construção, outro projeto “antecipou a surpresa que esse edifício provocaria mais tarde”<sup>127</sup>. Os Estados Unidos organizaram uma Exposição Internacional em Nova Iorque, e para o pavilhão representativo do Brasil foi feito um concurso de anteprojetos. O júri recomendou que buscassem “uma forma arquitetônica que pudesse traduzir a expressão do meio brasileiro”; chegava-se mesmo a recomendar que essa forma devia estar preferencialmente baseada nas preocupações atuais de modo a corresponder ao programa da Exposição de Nova Iorque, que pretendia oferecer uma visão do ‘mundo de amanhã’<sup>128</sup>. O vencedor foi Lucio Costa que, no entanto, renunciou à sua ideia e propôs a elaboração de um novo projeto em conjunto com Oscar Niemeyer, o qual também havia concorrido e alcançado

---

<sup>126</sup> Lauro Cavalcanti (org.). *Quando o Brasil era Moderno – Guia de Arquitetura 1928-1960*. (Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001), 373.

<sup>127</sup> Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 93.

<sup>128</sup> Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 105.

o segundo lugar<sup>129</sup>. Os dois foram a Nova Iorque e trabalharam na versão final do edifício que continha traços do primeiro projeto de Costa: pilotis, elementos vazados nas fachadas e rampa de acesso, e o de Niemeyer: a linha curva da parede e os jardins na parte posterior<sup>130</sup> (Ilustração 9).

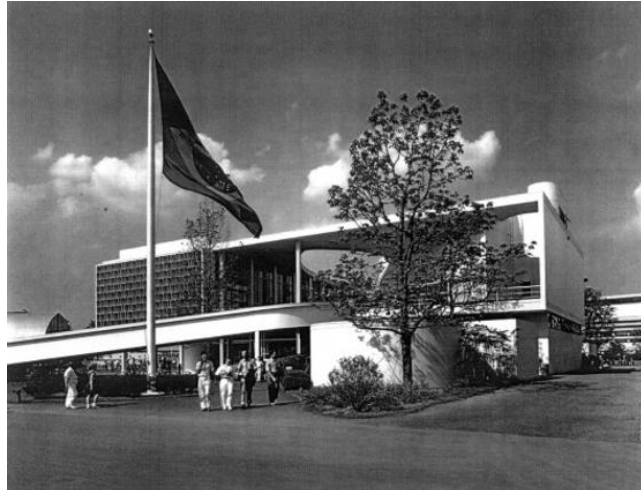


Ilustração 9 - Pavilhão Brasileiro da Feira de Nova Iorque, 1939.

Fonte: Igor Fracalossi. Clássicos da Arquitetura: Pavilhão de Nova York 1939 / Lucio Costa e Oscar Niemeyer. 04 Jun 2014. *ArchDaily Brasil*, <<http://www.archdaily.com.br/br/615845/classicos-da-arquitetura-pavilhao-de-nova-york-1939-lucio-costa-e-oscar-niemeyer>>.

Ao mesmo tempo, Lucio Costa e Oscar Niemeyer estabeleceram contatos com arquitetos americanos como Paul Lester Wiener<sup>131</sup> e Wallace K. Harrison. Quanto ao projeto, Lucio Costa explica suas intenções:

Em uma terra industrial e culturalmente desenvolvida como os Estados Unidos, e numa feira em que tomam parte países mais ricos e 'experimentados' que o nosso, não se poderia razoavelmente pensar em se sobressair pelo aparato, pela monumentalidade ou pela técnica. Procurou-se interessar de outra maneira: fazendo-se um pavilhão simples, pouco formalístico, atraente e acolhedor, que se impusesse não pelas suas proporções, que o terreno não é grande, nem pelo luxo, que o país ainda é pobre, mas pelas suas qualidades de

---

<sup>129</sup> Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 93.

<sup>130</sup> *Ibidem*.

<sup>131</sup> Paul Lester Wiener foi o projetista do Pavilhão Norte-americano na Feira Internacional de Paris em 1937. Jorge F Liernur. "The South American Way." "O milagre brasileiro, os Estados Unidos e a Segunda Guerra Mundial – 1939-1943". In: Abilio Guerra (org.). *Textos fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira*. v. 2. (São Paulo: Romano Guerra, 2010[1999]), 210.

harmonia e de equilíbrio e como expressão, tanto quanto possível pura, de arte contemporânea<sup>132</sup>.

A estrutura metálica adequada a um edifício provisório, não limitou a construção que se baseou em um “jogo de curvas”<sup>133</sup>, como narra Bruand:

Ao ritmo ondulado do corpo principal, correspondia o da marquise que protegia o terraço da sobreloja, o da rampa de acesso, o das paredes da grande gaiola de pássaros, do aquário, do auditório, do jardim; no interior, repetia-se agora, de maneira mais informal, a mesma disposição de curvas através do contorno da laje do mezanino. O predomínio de curvas, especialmente nos planos horizontais, constituía um meio elegante de romper a ortogonalidade e o rigor do estilo internacional, conservando, ao mesmo tempo, o espírito de clareza e lógica que o caracterizava<sup>134</sup>.

Foi uma obra de grande repercussão para a arquitetura brasileira, e podia ser “visitado e experienciado”<sup>135</sup>, diferentemente do que havia chegado até agora apenas por fotografias. Em seguida Bruand afirma que projeto do pavilhão consistia em um

convincente exemplo de nova forma de expressão arquitetônica, com características de criação autenticamente brasileiras em sua flexibilidade e riqueza plásticas; contudo esse caráter nacional não era mais perseguido na cópia esterilizante das formas do passado, mas através de uma linguagem moderna, com marcante interpretação pessoal plenamente válida e de grande significação<sup>136</sup>.

Segawa ressalta que “o pavilhão brasileiro da Feira Mundial de Nova Iorque foi considerado um dos pontos altos de toda a exposição, tanto na sua arquitetura quanto em seus interiores projetados pelo norte-americano Paul Lester Wiener”<sup>137</sup>. Segundo Bruand, “Simples na aparência, apesar da diversidade, modesto nas dimensões, o

---

<sup>132</sup> Lucio Costa. “Pavilhão do Brasil na Feira de Nova York”. *Arquitetura e Urbanismo*. In: Alberto Xavier (org.). *Depoimento de uma geração – arquitetura moderna brasileira*. (São Paulo: Cosac & Naify, 2003[1939]), 140.

<sup>133</sup> Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 106.

<sup>134</sup> Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 106.

<sup>135</sup> Zilah Quezado Deckker. *Brazil Built: the architecture of the modern movement in Brazil*. (London and New York: Spon Press – Taylor & Francis Group. 2001), 111.

<sup>136</sup> Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 107.

<sup>137</sup> Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 93.

pavilhão de Lucio Costa e Niemeyer impunha-se por sua leveza, harmonia e equilíbrio, por sua elegância e distinção”<sup>138</sup>. Lucio Costa escreveu sobre o projeto:

Levei o Oscar comigo para Nova York [sic] a fim de elaborarmos novo projeto para o Pavilhão do Brasil, na Feira Mundial de 1939, porque foi depois da vinda de Le Corbusier, em 36, por iniciativa minha, que a sua criatividade se revelou subitamente, com grande força inventiva; entendi então que era o momento dele desabrochar e ser reconhecido internacionalmente.

O meu objetivo na época era contribuir fazendo o melhor possível, naquilo que dependesse de mim, pra o bom êxito da adequação arquitetônica às novas tecnologias do aço e do concreto. O que estava em jogo era a boa causa da arquitetura<sup>139</sup>.

A produção arquitetônica brasileira já estava chamando atenção, mas com o Pavilhão de Brasileiro de 1939, o interesse se fortaleceu. De acordo com Comas,

o pavilhão, mais que o Ministério da Educação projetado em 1936, despertará junto ao Museu de Arte Moderna de Nova York [sic], o interesse pela realização de exposição sobre a nova arquitetura brasileira, instrumento de consagração concretizada em 1942 com o título de *Brazil Builds*<sup>140</sup>.

Este interesse foi confirmado com a aquisição da maquete do Pavilhão do Brasil pelo Museu de Arte Moderna (MoMA) de Nova Iorque<sup>141</sup>.

---

<sup>138</sup> Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 106.

<sup>139</sup> Lucio Costa. “Pavilhão do Brasil na Feira de Nova York”. *Arquitetura e Urbanismo*. In: Alberto Xavier (org.). *Depoimento de uma geração – arquitetura moderna brasileira*. (São Paulo: Cosac & Naify, 2003[1939]), 140.

<sup>140</sup> Carlos Eduardo Dias Comas. “Arquitetura moderna, estilo Corbu, pavilhão brasileiro”. In: Abilio Guerra (org.). *Textos fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira* v. 1. (São Paulo: Romano Guerra, 2010[1989]), 207.

<sup>141</sup> Zilah Quezado Deckker. *Brazil Built: the architecture of the modern movement in Brazil*. (London and New York: Spon Press – Taylor & Francis Group. 2001), 112.



## 1.1. Brazil Builds, exposição e livro-catálogo

### 1.1.1. O MoMA e as exposições de Arquitetura

O Museu de Arte Moderna de Nova Iorque descreve seu objetivo de modo sucinto em seu *Mission Statement*<sup>142</sup>, porém de maneira bastante expressiva: “Fundado em 1929 como uma instituição educacional, o Museu de Arte Moderna é dedicado a ser o principal museu de arte moderna do mundo”<sup>143</sup>. Com a intenção de propagar o modernismo em várias vertentes artísticas, foi nomeado o primeiro diretor, Alfred Barr<sup>144</sup>, um professor de História da Arte, que vinha com o desejo de abranger todos os tipos de arte, dentre estas, a arquitetura.

Foi Barr que em 1930 resolveu organizar a primeira exposição de arquitetura, que foi chamada *Modern Architecture: An International Exhibition*<sup>145</sup> e inaugurada em 10 de fevereiro de 1932. O evento foi de tal importância que cunhou o termo *Estilo Internacional*, o qual passou a ser usado desde então<sup>146</sup>.

Os curadores foram o historiador Henry-Russell Hitchcock e o arquiteto Philip Johnson que trouxeram para a exposição “um estilo de arquitetura emergente caracterizado por uma geometria simplificada e uma falta de ornamentação; conhecido como o ‘Estilo Internacional’”<sup>147</sup>. Para isto os curadores estiveram dois anos pesquisando e coletando material na Europa sobre o novo estilo que surgiu a partir de 1922<sup>148</sup>, e a esses

---

<sup>142</sup> The Museum of Modern Art (MoMA). *Mission Statement*. <<http://www.moma.org/about/>>

<sup>143</sup> *Ibidem*.

<sup>144</sup> The Museum of Modern Art (MoMA). *Alfred H. Barr: Biographical Notes*. <[http://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press\\_archives/4249/releases/MOMA\\_1969\\_Jan-June\\_0082\\_56.pdf?2010/](http://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press_archives/4249/releases/MOMA_1969_Jan-June_0082_56.pdf?2010/)>

<sup>145</sup> The Museum of Modern Art (MoMA): “Modern Architecture: An International Exhibition”. *Exhibitions* <<http://www.moma.org/calendar/exhibitions/2044>>

<sup>146</sup> Zilah Quezado Deckker. *Brazil Built: the architecture of the modern movement in Brazil*. (London and New York: Spon Press – Taylor & Francis Group. 2001), 89.

<sup>147</sup> Gili Merin, “AD Classics: Modern Architecture International Exhibition / Philip Johnson and Henry-Russell Hitchcock”. *ArchDaily*. (02 Aug 2013) <<http://www.archdaily.com/409918/ad-classics-modern-architecture-international-exhibition-philip-johnson-and-henry-russell-hitchcock/>>. Tradução da autora.

<sup>148</sup> *Ibidem*.

exemplares adicionaram alguns edifícios dos Estados Unidos<sup>149</sup>. A exposição possuía maquetes, fotografias e desenhos expostos (Ilustração 10) e contava com um catálogo acompanhando a exposição<sup>150</sup>.

Philip Johnson comenta na divulgação do evento<sup>151</sup> que:

O Estilo Internacional é provavelmente o primeiro estilo fundamentalmente original e amplamente distribuído desde o gótico. Hoje, o estilo está além da fase experimental. Em quase todos os países civilizados do mundo está chegando a passos largos<sup>152</sup>.

Entre os arquitetos que tiveram maquetes expostas estavam nomes como Le Corbusier, J. J. P. Oud, Walter Gropius e Mies van der Rohe. Entre os arquitetos dos Estados Unidos estavam Raymond Hood e Richard Neutra (austro-americano)<sup>153</sup>. Frank Lloyd Wright<sup>154</sup> também faria parte da exposição, mas declinou do convite, e decidiu não participar do evento um mês antes da inauguração<sup>155</sup>. Segundo o material de divulgação

Círculos arquitetônicos ficarão muito interessados nesta exposição que é a primeira mostra internacional deste tipo já preparada [...]. As maquetes especialmente preparadas dão um vislumbre dos últimos desenvolvimentos em arquitetura americana e européia [*sic*] e será profética da tendência do desenvolvimento das cidades do futuro [...]. Um importante recurso educacional desta exposição será um catálogo especialmente preparado, com o primeiro estudo abrangente

---

<sup>149</sup> Zilah Quezado Deckker. *Brazil Built: the architecture of the modern movement in Brazil*. (London and New York: Spon Press – Taylor & Francis Group. 2001), 91.

<sup>150</sup> Gili Merin, “AD Classics: Modern Architecture International Exhibition / Philip Johnson and Henry-Russell Hitchcock.” *ArchDaily*. (02 Aug 2013) <<http://www.archdaily.com/409918/ad-classics-modern-architecture-international-exhibition-philip-johnson-and-henry-russell-hitchcock/>>. Tradução da autora.

<sup>151</sup> The Museum of Modern Art (MoMA). “Models assembled for opening of exhibit of Modern Architecture”. *MoMA Press Releases Archives*. (New York. 16. Jan.1932) <[https://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press\\_archives/64/releases/MOMA\\_1932\\_0001\\_1932-01-16.pdf?2010](https://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press_archives/64/releases/MOMA_1932_0001_1932-01-16.pdf?2010)>

<sup>152</sup> *Ibidem*. Tradução da autora.

<sup>153</sup> *Ibidem*.

<sup>154</sup> The Museum of Modern Art (MoMA). “Frank Lloyd Wright at The Museum of Modern Art”. *MoMA Press Releases Archives* (New York. 1994). <[https://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press\\_archives/7220/releases/MOMA\\_1994\\_0006\\_5.pdf?2010](https://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press_archives/7220/releases/MOMA_1994_0006_5.pdf?2010)>

<sup>155</sup> Gili Merin, “AD Classics: Modern Architecture International Exhibition / Philip Johnson and Henry-Russell Hitchcock.” *ArchDaily*. (02 Aug 2013) <<http://www.archdaily.com/409918/ad-classics-modern-architecture-international-exhibition-philip-johnson-and-henry-russell-hitchcock/>>. Tradução da autora.

dos trabalhos de arquitetos modernos, juntamente com comentários críticos e históricos<sup>156</sup>.

A seção principal intitulava-se *Modern Architects* e mostrava o trabalho dos arquitetos mais importantes e as outras seções eram *Housing* - que mostrava a necessidade de um novo ambiente doméstico - e *The Extent of Modern Architecture* - divulgando trabalhos de 37 arquitetos de diversos países<sup>157</sup>. O catálogo publicado, além de um importante documento histórico, se tornou um guia da arquitetura internacional daquele momento<sup>158</sup>.



Ilustração 10 – Imagem da *Modern Architecture International Exhibition*, 1932.

Fonte: Gili Merin, *AD Classics: Modern Architecture International Exhibition / Philip Johnson and Henry-Russell Hitchcock*. *ArchDaily*. (02 Aug 2013) <<http://www.archdaily.com/409918/ad-classics-modern-architecture-international-exhibition-philip-johnson-and-henry-russell-hitchcock/>>.

O sucesso desta exposição, de certa forma, moldou o formato das posteriores exposições de arquitetura<sup>159</sup> do MoMA. A partir de então se criou o Departamento de Arquitetura e Philip Johnson foi nomeado o primeiro presidente e permaneceu no posto até 1935, quando deixou o museu e foi substituído por Philip Lippincott Goodwin.

---

<sup>156</sup> The Museum of Modern Art (MoMA). "Prominent American Architects show special models in Modern Architecture Exhibit". *MoMA Press Releases Archives*. (New York. 24 Jan 1932). <[https://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press\\_archives/68/releases/MOMA\\_1932\\_0005\\_1932-01-24.pdf?2010](https://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press_archives/68/releases/MOMA_1932_0005_1932-01-24.pdf?2010)>

<sup>157</sup> Gili Merin, "AD Classics: Modern Architecture International Exhibition / Philip Johnson and Henry-Russell Hitchcock." *ArchDaily*. (02 Aug 2013) <<http://www.archdaily.com/409918/ad-classics-modern-architecture-international-exhibition-philip-johnson-and-henry-russell-hitchcock/>>. Tradução da autora.

<sup>158</sup> *Ibidem*.

<sup>159</sup> Zilah Quezado Deckker. *Brazil Built: the architecture of the modern movement in Brazil*. (London and New York: Spon Press – Taylor & Francis Group. 2001), 91.

De acordo com Deckker<sup>160</sup>, o MoMA mostra um programa de três tendências. A primeira com exposições de trabalhos do fim do século XIX e começo do século XX, dos arquitetos indicados como pioneiros do modernismo nos Estados Unidos, dentre eles Henry H. Richardson, Louis Sullivan e Frank Lloyd Wright<sup>161</sup>. A segunda englobava o trabalho de grandes mestres da Arquitetura Moderna: Le Corbusier, Frank Lloyd Wright, Walter Gropius, Alvar e Aino Aalto, Eric Mendelsohn e Mies Van der Rohe<sup>162</sup>. E a terceira tendência era um misto do trabalho de arquitetos nos EUA e outros países que provassem a aceitação internacional do modernismo<sup>163</sup>. Com a guerra, o cenário mudou. O museu teve que voltar-se para os Estados Unidos, e para países como o Brasil e a Suécia, para encontrar material de interesse, uma vez que os empreendimentos imobiliários estavam em suspensão na Europa em função da guerra<sup>164</sup>.

Todavia, na gênese da Exposição de Arquitetura Brasileira há que se considerar um cenário para além do MoMA, e que promoveu o evento *Brazil Builds* - incluído em uma série de outros acontecimentos: a *Política de Boa Vizinhança*. A aproximação entre Brasil e Estados Unidos estava inserida em uma trama de estratégias políticas. Segundo Fernando Atique,

em linhas gerais, a historiografia brasileira cristalizou a ideia de que o processo de ‘*americanização do Brasil*’ se delineou apenas na década de 1930, quando explicitamente, a ‘*Política da Boa Vizinhança*’, de *Franklin Delano Roosevelt* foi formulada

---

<sup>160</sup> Zilah Quezado Deckker. *Brazil Built: the architecture of the modern movement in Brazil*. (London and New York: Spon Press – Taylor & Francis Group. 2001), 92.

<sup>161</sup> Early Modern Architecture Chicago 1870-1910 (1933); The Architecture of Henry Hobson Richardson and His Time (1936). In: Zilah Quezado Deckker. *Brazil Built: the architecture of the modern movement in Brazil*. (London and New York: Spon Press – Taylor & Francis Group. 2001), 93.

<sup>162</sup> Recent Works by Le Corbusier (1935); A New House by Frank Lloyd Wright: Fallingwater (1938); Bauhaus 1919-28 (1938); Architecture and Furniture by Alvar e Aino Aalto (1938); The Architecture of Eric Mendelsohn 1914-40 (1941), e Mies Van der Rohe (1947). In: Zilah Quezado Deckker. *Brazil Built: the architecture of the modern movement in Brazil*. (London and New York: Spon Press – Taylor & Francis Group. 2001), 93.

<sup>163</sup> Modern Architecture in California (1935); Modern Exposition Architecture (1936); Modern Architecture in England (1937), T.V.A. Architecture and Design (1941-2). In: Zilah Quezado Deckker. *Brazil Built: the architecture of the modern movement in Brazil*. (London and New York: Spon Press – Taylor & Francis Group. 2001), 93.

<sup>164</sup> Zilah Quezado Deckker. *Brazil Built: the architecture of the modern movement in Brazil*. (London and New York: Spon Press – Taylor & Francis Group. 2001), 93.

e posta em prática por *Nelson Rockefeller* e pelo *staff* do *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*<sup>165</sup>.

No entanto, o estabelecimento de relações começou bem antes, em princípios do século XIX. Em 1823, foi promulgada a *Doutrina Monroe* que ficou conhecida pela expressão “América para os americanos”. Ficava declarado, pelo presidente James Monroe que

Os continentes americanos, em virtude da condição livre e independente que adquiriram e conservam, não podem mais ser considerados como suscetíveis de colonização por nenhuma potência europeia<sup>166</sup>.

A *Doutrina Monroe* tinha por objetivo tornar os Estados Unidos os guardiões da América sendo “imbuída de nítido caráter antieuropeu, mas também de demonstração de superioridade em relação às demais nações e colônias do continente, que ficaram, então, tuteladas por aquele país em formação”<sup>167</sup>.

## Segundo Atique

Enquanto divulgaram, venderam e disponibilizaram mercadorias e tecnologias, os Estados Unidos foram criando laços econômicos que se transformaram, também, em laços sociais, os quais, por sua vez, permitiram a criação de representações positivas acerca do ‘mundo americano’. Este processo [...] deve ser visto como uma etapa de construção de uma política maior, consolidada na segunda metade do século XIX e que, portanto conduziu à efetivação da ‘*Política da Boa Vizinhança*’<sup>168</sup>.

Foi a partir da década de 30, do século XX que a *Política de Boa Vizinhança* foi se consolidando e estreitando os laços entre as Américas, nas áreas políticas, econômicas e culturais. O *Office of Inter-American Affairs* (OIAA) tinha relações estreitas com o MoMA, e o interesse foi revelado a partir da exposição *American Sources of Modern Art (Aztec, Mayan, Incan)* (Maio-Julho 1933)<sup>169</sup> dedicada às grandes civilizações pré-

---

<sup>165</sup> Fernando Atique. *Arquitetando a “Boa Vizinhança”: a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano. 1876-1945*. Tese de Doutorado. FAUUSP. (São Paulo, 2007), 5.

<sup>166</sup> Zilah Quezado Deckker. *Brazil Built: the architecture of the modern movement in Brazil*. (London and New York: Spon Press – Taylor & Francis Group. 2001), 95. Tradução da autora.

<sup>167</sup> Fernando Atique. *Arquitetando a “Boa Vizinhança”: a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano. 1876-1945*. Tese de Doutorado. FAUUSP. (São Paulo, 2007), 24.

<sup>168</sup> *Ibidem*, 7.

<sup>169</sup> The Museum of Modern Art (MoMA). *Exhibition History List*. Disponível em <[http://www.moma.org/learn/resources/archives/archives\\_exhibition\\_history\\_list#1929](http://www.moma.org/learn/resources/archives/archives_exhibition_history_list#1929)>.

hispânicas americanas<sup>170</sup>, seguida por uma exposição de arte mexicana *Twenty Centuries of Mexican Art* (maio – setembro de 1940), por *Portinari of Brazil* (outubro – novembro 1940), entre outras. Os eventos incluíam exposições itinerantes de vários assuntos pelos países da América Latina e propiciavam desde a apresentação ao público dos Estados Unidos da música mexicana indígena ao destaque do muralista José C. Orozco em suas publicações<sup>171</sup>.

A exposição brasileira estava ligada a essas duas séries de exposições que o MoMA vinha apresentando: a da “política de aproximação à América Latina”<sup>172</sup> e a que buscava definir o lugar da Arquitetura no Museu, com exposições que tiveram início com *Modern Architecture, International Exhibition*, em 1932<sup>173</sup> e *Stockholm Builds*<sup>174</sup> em 1940. No começo de 1942, a exposição brasileira foi sendo delineada e passou de ideia a projeto:

O evento começou a ser preparado em princípios de 1942 no Gabinete do Coordenador de Assuntos Interamericanos do Departamento de Estado, e as figuras mais relevantes que lhe deram impulso inicial foram Nelson A. Rockefeller, Wallace K. Harrison y René d’Harnoncourt. A responsabilidade da operação ficou a cargo de Philip L. Goodwin, que também foi o artífice de sua estrutura teórica<sup>175</sup>.

Segundo Comas,

Wiener e Robert C. Smith avalizam a ideia de cobrir arquitetura brasileira antiga e moderna. Wiener é professor convidado da Universidade do Brasil e cunhado de Henry Morgenthau Jr, Secretário de Tesouro de Roosevelt. Smith é Diretor Associado

---

<sup>170</sup> Jorge F. Liernur. “The South American Way. O milagre brasileiro, os Estados Unidos e a Segunda Guerra Mundial – 1939-1943”. In: GUERRA, Abílio (org.). *Textos fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira*. v. 2. São Paulo: Romano Guerra, 2010[1999], 171.

<sup>171</sup> The Museum of Modern Art (MoMA) “Orozco Paints Fresco On Walls Of Moma- “The Dive Bomber””, *MoMA Press Releases Archives*. (New York. 18 jun. 1940) [https://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press\\_archives/616/releases/MOMA\\_1940\\_0047\\_1940-06-18\\_40618-42.pdf?2010](https://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press_archives/616/releases/MOMA_1940_0047_1940-06-18_40618-42.pdf?2010)

<sup>172</sup> Jorge F. Liernur. “The South American Way. O milagre brasileiro, os Estados Unidos e a Segunda Guerra Mundial – 1939-1943”. In: Abílio Guerra (org.). *Textos fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira*. v. 2. (São Paulo: Romano Guerra, 2010[1999].), 184.

<sup>173</sup> *Ibidem*.

<sup>174</sup> Que será detalhado mais à frente.

<sup>175</sup> Jorge F. Liernur. “The South American Way. O milagre brasileiro, os Estados Unidos e a Segunda Guerra Mundial – 1939-1943”. In: Abílio Guerra (org.). *Textos fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira*. v. 2. (São Paulo: Romano Guerra, 2010[1999].), 183.

da Fundação Hispânica da Biblioteca do Congresso e autoridade em arte luso-brasileira<sup>176</sup>.

Uma ideia que ficou parcialmente equivocada em alguns meios, segundo Carlos Eduardo Comas, foi a de que a arquitetura brasileira nova tinha sido “simplesmente um fruto de um interesse geopolítico norte-americano”<sup>177</sup>. Todavia, o autor esclarece

É correto dizer que a publicidade dada à arquitetura brasileira é, produto sim do interesse geopolítico brasileiro [...], nós tivemos uma atenção extra que resultou nessa exposição de enorme sucesso. Mas a qualidade e o sucesso da exposição, tem uma parte independente a ver com um interesse da própria arquitetura, em termos de edificações e em termos de inserção dentro do debate disciplinar daquele momento<sup>178</sup>.

No prefácio de *Brazil Builds*, Goodwin fala da ansiedade do MoMA e do Instituto Americano de Arquitetos (AIA) em *travar relações* com o Brasil, “nosso futuro aliado”<sup>179</sup> e agradece o apoio do “Gabinete do Coordenador de Assuntos Inter-americanos, Nelson A. Rockefeller, Wallace K. Harrison e René D’Harnoncourt, bem como Berendt Friele no Rio”<sup>180</sup>. Nelson A. Rockefeller era o Coordenador de Assuntos Interamericanos (OCIAA - *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*) e desde 1939 era presidente do MoMA<sup>181</sup>, Wallace K. Harrison era Diretor da Divisão de Relações Culturais do OCIAA<sup>182</sup>, René D’Harnoncourt era o Diretor da Seção de Arte do OCIAA<sup>183</sup> e Berendt Friele uma espécie de representante de Rockefeller no Brasil<sup>184</sup>.

---

<sup>176</sup> Carlos E. Comas. “Brazil Builds e a Bossa Barroca”. *Anais do VI Seminário Docomomo Brasil*. (Niterói: UFF, 2005. v. 1.), 1.

<sup>177</sup>, Carlos Eduardo Comas. *Entrevista à autora*. (Lisboa, 20 de maio de 2015).

<sup>178</sup> *Ibidem*.

<sup>179</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 7.

<sup>180</sup> *Ibidem*.

<sup>181</sup> Zilah Quezado Deckker. *Brazil Built: the architecture of the modern movement in Brazil*. (London and New York: Spon Press – Taylor & Francis Group. 2001), 90.

<sup>182</sup> Érica G. Daniel Monteiro. “Slogans da Guerra: a participação das empresas privadas norte-americanas e do OCIAA no Advertising Project durante a Segunda Guerra Mundial. XXV”. *Simpósio Nacional de História. História e Ética, 2009*. (Fortaleza. ANPUH, 2009), 8.

<sup>183</sup> The Museum of Modern Art (MoMA). “René d’Harnoncourt Papers.” *The Museum of Modern Art Archives*. (New York, 2002).  
<<https://www.moma.org/learn/resources/archives/EAD/dHarnoncourt>>

<sup>184</sup> Ângela M. Carrato Diniz. *Uma história da TV Pública brasileira*. Tese de Doutorado. FAC-UnB. (Brasília, 2013), 108.

O Brasil se dividia entre aderir às ideias americanas, e à sua herança e influência europeias. Os Estados Unidos ofereciam uma “opção modernizadora atraente à elite brasileira”<sup>185</sup>. Segundo Hugo Segawa:

o *Brazil Builds* era uma das peças da “política de boa vizinhança” que o presidente Franklin Roosevelt (1882-1945) desenvolvia na América Latina para angariar alianças estratégicas no conflito mundial que corroía a Europa. Até então, o presidente brasileiro Getúlio Vargas exercia uma política de neutralidade: “namorava” nazistas e norte-americanos. Graças a essa ambiguidade, o Brasil conseguiu recursos norte-americanos para a implantação da Usina Siderúrgica de Volta Redonda, Walt Disney desenhou um personagem brasileiro, o Zé Carioca, e o MoMA organizou o *Brazil Builds*. E os brasileiros exportaram para os Estados Unidos a atriz/bailarina Carmen Miranda (1909-1955) e *Brazil Builds* para o mundo<sup>186</sup>.

Mais tarde se veria pelos textos de *Brazil Builds* que

para Goodwin – que põe no mesmo saco as democráticas Washington e Londres e a nazista Munique, em um ataque evidente às correntes arquitetônicas conservadoras – o regime político parece importar menos que sua expressão arquitetônica, lembrando o fato de que a ‘coragem’ brasileira era patrocinada por um regime ditatorial<sup>187</sup>.

Em junho de 1943, o OIAA (Office of Inter-American Affairs) além de terem enviados grupos de balé e ópera à América Latina, tinham sob sua responsabilidade 16 exposições de arte, incluindo *Brazil Builds*<sup>188</sup>.

---

<sup>185</sup> Fernando Atique. *Arquitetando a “Boa Vizinhança”: a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano. 1876-1945*. Tese de Doutorado. FAUUSP. (São Paulo, 2007), 6.

<sup>186</sup> Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 100-1.

<sup>187</sup> Ricardo de Souza Rocha. “A arquitetura moderna diante da esfinge ou a nova monumentalidade: uma análise do Monumento Nacional aos Mortos na Segunda Guerra Mundial, Rio de Janeiro”. *Anais do Museu Paulista* v. 15, n. 2, (São Paulo, 2007), 153. <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-47142007000200016&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142007000200016&lng=pt&nrm=iso)>

<sup>188</sup> Zilah Quezado Deckker. *Brazil Built: the architecture of the modern movement in Brazil*. (London and New York: Spon Press – Taylor & Francis Group. 2001), 100.



## 1.1.2. Os autores de *Brazil Builds*

### 1.1.2.1. Philip Goodwin

Nascido em 1885<sup>189</sup>, Philip Lippincott Goodwin foi a personagem principal no desenvolvimento do *Brazil Builds*. Era um colecionador de arte<sup>190</sup>, arquiteto, funcionário do MoMA com a função de Presidente do Departamento de Arquitetura na época da exposição *Brazil Builds*. Philip L. Goodwin cursou arquitetura na Universidade de Columbia, complementando seus estudos com uma estadia em Paris durante o período de 1914-15. Retornando aos Estados Unidos, trabalhou no escritório de Delano & Aldrich até 1916, em Nova Iorque. Mais tarde estabeleceu uma parceria com colegas e fundou seu primeiro escritório: Goodwin, Bullard & Woolsey. Alguns anos depois, a partir de 1921, começou a trabalhar de forma independente<sup>191</sup>.

Segundo Liernur<sup>192</sup>, Goodwin tinha preferências arquitetônicas tradicionais e isso transparecia em sua obra escrita e em seus projetos arquitetônicos. Além de sua produção arquitetônica – na sua maioria residências, Goodwin publicou *French Provincial Architecture* (New York, 1924), *French Architecture as Source Material* (Chicago, 1931-2)<sup>193</sup>, e *Architectural bird houses as made and carved by the boys of the Greenwich House*<sup>194</sup>. Uma de suas obras foi a sua própria residência: *Goodwin Place* que foi edificada em 1917, em Woodbury (Ilustrações 11 a 14).

---

<sup>189</sup> Faleceu em 1958.

<sup>190</sup> Sua coleção abrangia escultura, pinturas a óleo, aquarelas e trabalhos de Carl Milles, Alexander Calder, Redon, Vuillard, Leger, Riopelle, MacIver, Demuth, John Marin, e John von Wicht. Depois da sua morte seu acervo foi dividido entre a Galeria de Arte da Universidade de Yale, Wadsworth Atheneum e o Museu de Arte Moderna.

<sup>191</sup> American Architects and Buildings. “Philip Lippincott Goodwin” *Biography from the American Architects and Buildings database* (Philadelphia, 2006). <[www.americanbuildings.org](http://www.americanbuildings.org)>

<sup>192</sup> Jorge F. Liernur. “The South American Way. O milagre brasileiro, os Estados Unidos e a Segunda Guerra Mundial – 1939-1943”. In: Abilio Guerra (org.). *Textos fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira*. v. 2. (São Paulo: Romano Guerra, 2010[1999]).

<sup>193</sup> Zilah Quezado Deckker. *Brazil Built: the architecture of the modern movement in Brazil*. (London and New York: Spon Press – Taylor & Francis Group. 2001), 115.

<sup>194</sup> Jorge F. Liernur. “The South American Way. O milagre brasileiro, os Estados Unidos e a Segunda Guerra Mundial – 1939-1943”. In: Abilio Guerra (org.). *Textos fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira*. v. 2. (São Paulo: Romano Guerra, 2010[1999]).

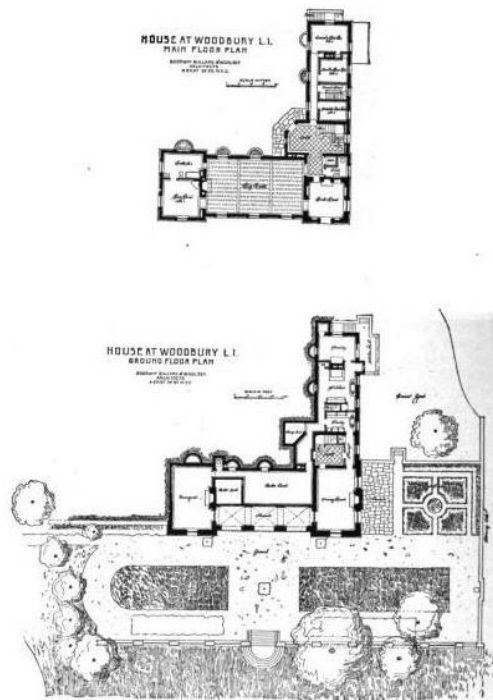


Ilustração 11 – Residência do Arquiteto: "Goodwin Place", Woodbury, 1917.

Fonte: Zach L. "Goodwin Place". *Old Long Island* <<http://www.oldlongisland.com/2010/02/goodwin-place.html>>



Ilustração 12 - Residência do Arquiteto: "Goodwin Place", Woodbury, 1917.

Fonte: Zach L. "Goodwin Place". *Old Long Island* <<http://www.oldlongisland.com/2010/02/goodwin-place.html>>.



Ilustração 13 - Residência do Arquiteto: "Goodwin Place", Woodbury, 1917.

Fonte: Zach L. "Goodwin Place". *Old Long Island* <<http://www.oldlongisland.com/2010/02/goodwin-place.html>>.



Ilustração 14 - Residência do Arquiteto: "Goodwin Place", Woodbury, 1917.

Fonte: Zach L. "Goodwin Place". *Old Long Island* <<http://www.oldlongisland.com/2010/02/goodwin-place.html>>.

Em 1935, Philip Goodwin, que já colaborava desde o ano anterior na administração do MoMA, foi indicado para o Comitê de Arquitetura. Com o crescimento do Museu de Arte Moderna, se tornou pertinente a construção de uma sede adequada. O diretor do

museu, Alfred Barr, “imaginava um Museu de Arte Moderna onde arquitetura, *design* gráfico e industrial, fotografia, e cinema pudessem estar representados de forma equivalente com as Artes Plásticas Tradicionais”<sup>195</sup>. Segundo Talbot Hamlin<sup>196</sup>, era esperado que o edifício refletisse o que o MoMA defendia: “Uma vez que a arquitetura é uma das artes em que [o museu] está profundamente interessado, o seu próprio novo edifício deve servir como uma evidência pública de seus objetivos e ideais”<sup>197</sup>.

A escolha de Philip Goodwin para projetar o museu foi mais diplomática do que em função da sua carreira arquitetônica. Goodwin era um dos administradores e o único arquiteto no Comitê, e também um colecionador de arte moderna. Seu trabalho como arquiteto<sup>198</sup> de imediato não se coadunava com os anseios modernos do MoMA, uma vez que era conhecido por seguir a tradição *Beaux-Arts* e ter projetado residências em estilo eclético.

Ainda assim, em meados de 1936

Philip Goodwin, um diretor do Museu, foi nomeado como arquiteto. Diplomado no estilo *Beaux-Arts*, os desenhos iniciais de Goodwin para o local aproximavam-se de uma tradição mais clássica; alguns de seus primeiros esquemas indicam construção de alvenaria, arranjo simétrico da fachada e aplicação de medalhões ornamentais<sup>199</sup>.

Goodwin fez esforços para adequar a sua arquitetura à modernidade pretendida pelo MoMA. O seu desenho incorporava algumas das premissas de Le Corbusier, por exemplo: a janela em fita, o edifício em um bloco “suspense” do chão e, embora aqui

---

<sup>195</sup> The Museum of Modern Art (MoMA). “A Modern Museum: The 1939 Goodwin/Stone Building”. MoMA Press Releases Archives (New York, abril 1989). <[https://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press\\_archives/6668/releases/MOMA\\_1989\\_0035\\_35.pdf?2010](https://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press_archives/6668/releases/MOMA_1989_0035_35.pdf?2010)>

<sup>196</sup> Arquiteto, professor, crítico e historiador. Foi aluno e professor da School of Architecture da Columbia University. In: Columbia University, “Talbot F. Hamlin (1889-1956)”. *Avery Architectural & Fine Arts Library*. Columbia University Libraries. <[http://library.columbia.edu/locations/avery/da/collections/hamlin\\_tf.html](http://library.columbia.edu/locations/avery/da/collections/hamlin_tf.html)>

<sup>197</sup> Dominic Ricciotti. “The 1939 Building of the Museum of Modern Art: The Goodwin-Stone Collaboration”. *The American Art Journal*, Vol. 17, No. 3, (Kennedy Galleries Inc. 1985), 51.

<sup>198</sup> *Ibidem*, 63.

<sup>199</sup> The Museum of Modern Art (MoMA). “A Modern Museum: The 1939 Goodwin/Stone Building”. MoMA Press Releases Archives (New York, abril 1989). <[https://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press\\_archives/6668/releases/MOMA\\_1989\\_0035\\_35.pdf?2010](https://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press_archives/6668/releases/MOMA_1989_0035_35.pdf?2010)>

não existam pilotis há uma insinuação de recuo do pavimento do rés-do-chão (Ilustração 15).

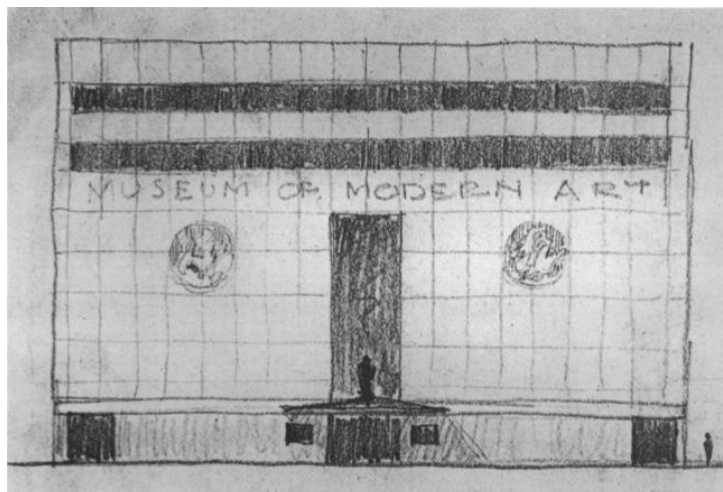


Ilustração 15 – Proposta de Philip Goodwin para o MoMA, 1936, Fachada. (*Pencil on tracing paper, 8112 x 101d'. Study Collection, Architecture and Design, The Museum of Modern Art, New York*).

Fonte: Dominic Ricciotti. "The 1939 Building of the Museum of Modern Art: The Goodwin-Stone Collaboration". *The American Art Journal*. Vol. 17, No. 3, (Kennedy Galleries Inc. 1985).

Chegou a elaborar alguns planos para os interiores do museu (Ilustração 16), organizou um núcleo de serviços e deu destaque a um elemento central: tratou a escada circular como um elemento escultural que domina o átrio (Ilustração 17). De acordo com Ricciotti, esses esquemas podem indicar o “nível de modernismo” da arquitetura de Goodwin nessa etapa de sua carreira, que ainda mostrava conceitos de *design Beaux-Arts*, mas revelava também sugestões do “modernismo dos anos 30, ou como ficou conhecido, Art Deco”<sup>200</sup>.

---

<sup>200</sup> Dominic Ricciotti. "The 1939 Building of the Museum of Modern Art: The Goodwin-Stone Collaboration". *The American Art Journal*. Vol. 17, No. 3, (Kennedy Galleries Inc. 1985), 62-3.

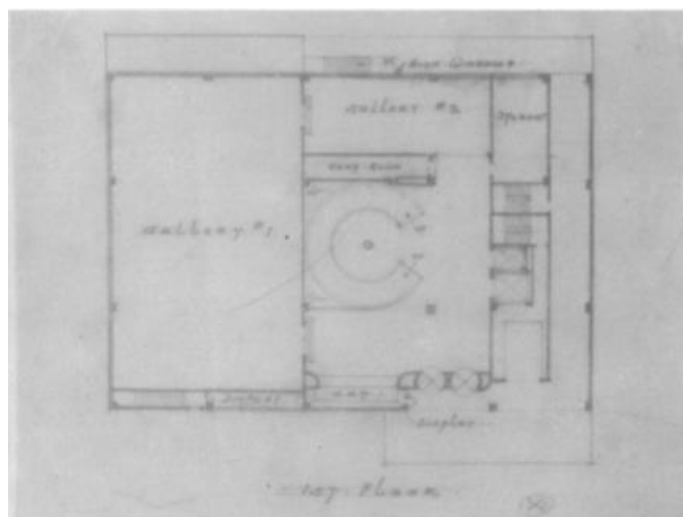


Ilustração 16 - Proposta de Philip Goodwin para o MoMA, antes de junho de 1936, Primeiro andar. (Pencil on tracing paper, 9 x 11 2". Study Collection, Architecture and Design, The Museum of Modern Art, New York).

Fonte: Dominic Ricciotti. "The 1939 Building of the Museum of Modern Art: The Goodwin-Stone Collaboration". *The American Art Journal*. Vol. 17, No. 3, (Kennedy Galleries Inc. 1985).

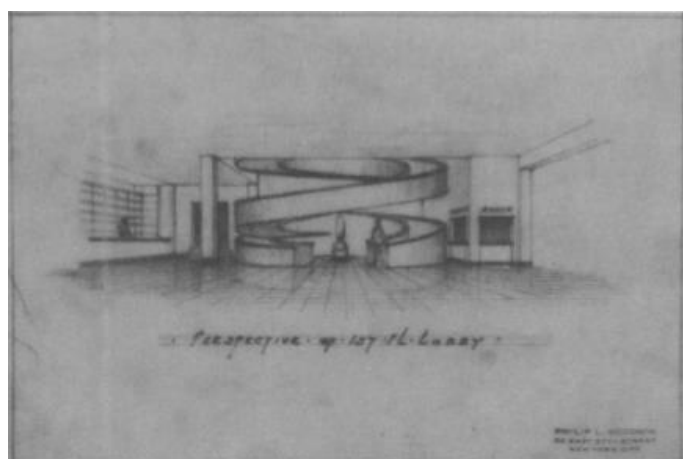


Ilustração 17 - Proposta de Philip Goodwin para o MoMA, antes de junho de 1936, Perspectiva interna. (Pencil on tracing paper, 9 x 13s8". Study Collection, Architecture and Design, The Museum of Modern Art, New York).

Fonte: Dominic Ricciotti. "The 1939 Building of the Museum of Modern Art: The Goodwin-Stone Collaboration". *The American Art Journal*. Vol. 17, No. 3, (Kennedy Galleries Inc. 1985).

As primeiras propostas de Goodwin, contudo, não eram modernas o suficiente para o MoMA, que havia apresentado uma exposição de tamanha importância como a *Modern Architecture: An International Exhibition*, em 1932. Tal evento fazia com que a sede do museu gerasse alguma expectativa. O esperado era uma obra que seguisse a modernidade propagada pelo próprio museu.

Desde o princípio, ficou claro para o Comitê de Construção do Museu que Goodwin não iria realizar o projeto sozinho e este foi contratado já ciente de que deveria estar

“disposto a aceitar a colaboração de um arquiteto moderno, possivelmente, um jovem norte-americano”<sup>201</sup>. No entanto a questão de quem seria o colaborador causou muita controvérsia entre Goodwin e os membros do Comitê da Construção: Alfred Barr, Nelson Rockefeller e Conger Goodyear, o presidente do museu<sup>202</sup>.

Com o objetivo de modernizar o projeto do museu, o diretor “Barr recomendou comissionar como colaborador o grande modernista europeu Ludwig Mies van der Rohe, destaque na Exposição Modern Architecture: International Exhibition (1932) que foi um marco do Museu”<sup>203</sup>. Já “Goodyear e Nelson Rockefeller estavam preocupados em não ofender Goodwin, impondo-lhe um colaborador proeminente que pudesse facilmente ofuscá-lo”<sup>204</sup>. Somado a isso, segundo afirma Jorge Liernur, Goodwin “recusou toda possibilidade de incluir um europeu na equipe”<sup>205</sup>. De acordo com Ricciotti, Goodwin foi firme e ameaçou se retirar caso se sentisse pressionado por tal situação. O seu poder enquanto curador do Museu, era suficiente para negociar sua posição<sup>206</sup>. Além disso, o clima político da década de 30 e críticas ao museu por não dar apoio suficiente aos artistas americanos<sup>207</sup> foram outros fatores que levaram à decisão final: “o comitê de

---

<sup>201</sup> Dominic Ricciotti. “The 1939 Building of the Museum of Modern Art: The Goodwin-Stone Collaboration”. *The American Art Journal*. Vol. 17, No. 3, (Kennedy Galleries Inc. 1985), 63.

<sup>202</sup> *Ibidem*.

<sup>203</sup> The Museum of Modern Art (MoMA). “A Modern Museum: The 1939 Goodwin/Stone Building”. *MoMA Press Releases Archives* (New York, abril 1989). <[https://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press\\_archives/6668/releases/MOMA\\_1989\\_0035\\_35.pdf?2010](https://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press_archives/6668/releases/MOMA_1989_0035_35.pdf?2010)>

<sup>204</sup> Dominic Ricciotti. “The 1939 Building of the Museum of Modern Art: The Goodwin-Stone Collaboration”. *The American Art Journal*. Vol. 17, No. 3, (Kennedy Galleries Inc. 1985), 64.

<sup>205</sup> Jorge F. Liernur. “The South American Way. O milagre brasileiro, os Estados Unidos e a Segunda Guerra Mundial – 1939-1943”. In: Abilio Guerra (org.). *Textos fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira*. v. 2. (São Paulo: Romano Guerra, 2010 [1999]). Tradução da autora.

<sup>206</sup> *Ibidem*.

<sup>207</sup> *Ibidem*.

construção do museu escolheu então o jovem arquiteto americano Edward Durrell Stone<sup>208</sup> para assistente de Goodwin<sup>209</sup> (Ilustração 18).

Edward Durrell Stone estudou arquitetura em Harvard, e no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (M.I.T.). Trabalhou em dois projetos do Rockefeller Center: Radio City Music Hall e do Museu da Ciência e Indústria. Projetou também uma série de residências no *Estilo Internacional*. O próprio Goodyear encomendou a Stone um projeto residencial logo em 1938<sup>210</sup>.



Ilustração 18 - Philip L. Goodwin e Edward D. Stone com o projeto do novo edifício do MoMA. 1936.

Fonte: Dominic Ricciotti. "The 1939 Building of the Museum of Modern Art: The Goodwin-Stone Collaboration". *The American Art Journal*. Vol. 17, No. 3, (Kennedy Galleries Inc. 1985).

Os primeiros desenhos assinados pelos dois arquitetos foram feitos em agosto de 1936, sendo que as propostas de Goodwin haviam começado antes do mês de junho (Ilustração 19).

---

<sup>208</sup> Edward Durrell Stone pode ter sido indicado por influência de Nelson Rockefeller, pois este havia trabalhado no Rockefeller Center. In: Christopher Gray, "1939 Arrival That Made Its Neighbors Old-Fashioned." *The New York Times*. (New York, 27 de julho de 1997). <<http://www.nytimes.com/1997/07/27/realestate/1939-arrival-that-made-its-neighbors-old-fashioned.html>>.

<sup>209</sup> The Museum of Modern Art (MoMA). "A Modern Museum: The 1939 Goodwin/Stone Building". *MoMA Press Releases Archives* (New York, abril 1989). <[https://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press\\_archives/6668/releases/MOMA\\_1989\\_0035\\_35.pdf?2010](https://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press_archives/6668/releases/MOMA_1989_0035_35.pdf?2010)>

<sup>210</sup> Dominic Ricciotti. "The 1939 Building of the Museum of Modern Art: The Goodwin-Stone Collaboration". *The American Art Journal*. Vol. 17, No. 3, (Kennedy Galleries Inc. 1985), 65.



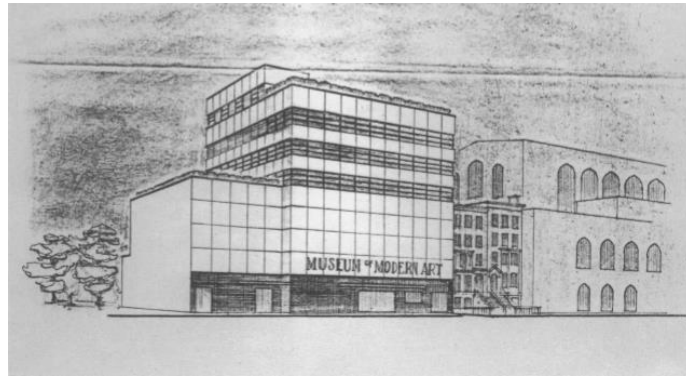


Ilustração 19 - Proposta de Philip Goodwin (com possível assistência de Edward Stone) para o MoMA, junho de 1936, Perspectiva externa. (Pencil on tracing paper, 13 12 x 11". Study Collection, Architecture and Design, The Museum of Modern Art, New York).

Fonte: Dominic Ricciotti. "The 1939 Building of the Museum of Modern Art: The Goodwin-Stone Collaboration". *The American Art Journal*. Vol. 17, No. 3, (Kennedy Galleries Inc. 1985).

Em março de 1937, chegaram a um acordo quanto ao projeto (Ilustração 20), mas o desenho da fachada só foi concluído em fevereiro de 1938 (Ilustração 21). O desejo do MoMA era de modernidade: "tendo apresentado o Estilo Internacional em 1932, não foi por acaso que o design de seus novos aposentos deveria ter validado esta nova estética arquitetônica"<sup>211</sup>.

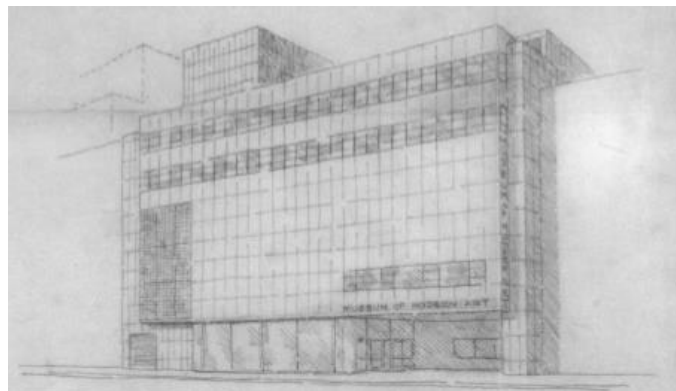


Ilustração 20 - Proposta de Philip Goodwin e Edward D. Stone para o MoMA, julho de 1937. Perspectiva externa, (Pencil on tracing paper, 1418 x 1618". Study Collection, Architecture and Design, The Museum of Modern Art, New York).

Fonte: Dominic Ricciotti. "The 1939 Building of the Museum of Modern Art: The Goodwin-Stone Collaboration". *The American Art Journal*. Vol. 17, No. 3, (Kennedy Galleries Inc. 1985).

<sup>211</sup> Dominic Ricciotti. "The 1939 Building of the Museum of Modern Art: The Goodwin-Stone Collaboration". *The American Art Journal*. Vol. 17, No. 3, (Kennedy Galleries Inc. 1985), 52. Tradução da autora.

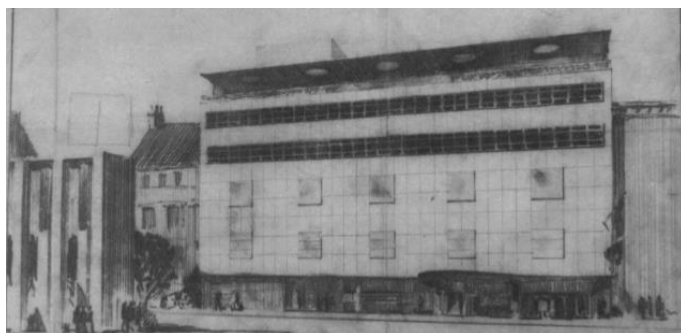


Ilustração 21 - Proposta de Philip Goodwin e Edward D. Stone para o MoMA, julho de 1938. (Pencil on tracing paper, 1418 x 1618". Study Collection, Architecture and Design, The Museum of Modern Art, New York).

Fonte: Dominic Ricciotti. "The 1939 Building of the Museum of Modern Art: The Goodwin-Stone Collaboration". *The American Art Journal*. Vol. 17, No. 3, (Kennedy Galleries Inc. 1985).

Sobre o edifício construído (Ilustração 22),

O crítico Paul Goldberger observa que o edifício Goodwin-Stone e a 'diluição' do Estilo Internacional são um reflexo expressivo da 'estranha mistura de avant-gard e os temperamentos institucionais' dos fundadores do MoMA, cujas ideias foram equilibrados entre 'devoção ao novo por um lado, e as ligações às estabelecidas linhas de poder da cidade de outro [...]'. Claramente, os respectivos gostos dos indivíduos no Comitê intervieram na produção de um edifício que, suprimindo os rigores do Estilo Internacional resultou em um modernismo silenciado<sup>212</sup>.

Segundo Ricciotti, a "moderação" do Estilo Internacional foi condicionada pela formação e prática *Beaux-Arts* de Goodwin, e afirma que não foi surpresa terem permanecido alguns dos seus resquícios<sup>213</sup>. A educação de Edward Stone também refletia ideais *Beaux-Arts*, mas embora tivesse participado de projetos de tendência *Art Deco*, estava inclinado para o Estilo Internacional, com uma visão mais abrangente do que foi apresentado pelo MoMA em 1932, tendo inclusive, se interessado por uma de suas vertentes: o expressionismo<sup>214</sup>. Em relação ao projeto do MoMA, afirma Ricciotti

Se fosse para atribuir a responsabilidade final para um ou outro, Goodwin ou Stone do sucesso e origem do Museu, a evidência apontaria para Stone. [...] Dadas as limitações de Goodwin - os hábitos remanescentes de anos de prática *Beaux Arts* - E o progresso dos projetos em seguida à nomeação de Stone, é claro que seu papel era decisivo. Stone tinha muito mais experiência da arquitetura modernista em seu próprio trabalho e

<sup>212</sup> Dominic Ricciotti. "The 1939 Building of the Museum of Modern Art: The Goodwin-Stone Collaboration". *The American Art Journal*. Vol. 17, No. 3, (Kennedy Galleries Inc. 1985), *dem*, 72.

<sup>213</sup> *Ibidem*.

<sup>214</sup> *Ibidem*.

conhecimento em primeira-mão de várias das primeiras obras de referência [do Estilo Internacional]<sup>215</sup>.



Ilustração 22 - The Museum of Modern Art, New York. 1939.

Fonte: Dominic Ricciotti. *The 1939 Building of the Museum of Modern Art: The Goodwin-Stone Collaboration*. *The American Art Journal*. Vol. 17, No. 3, (Kennedy Galleries Inc. 1985).

No entanto, não há elementos suficientes para dissociar onde começa e termina a influência de um e de outro, e não há como avaliar a contribuição completa de Goodwin<sup>216</sup>. O edifício construído com “uma certa elegância e clareza no projeto e plano”<sup>217</sup> apoiou a tradição do Museu como uma instituição singular do seu tempo. Segundo Ricciotti, o edifício do MoMA resumiu o que vinha sendo fundamental para a Arte Moderna, e se transformou num símbolo-síntese do Estilo Internacional<sup>218</sup> (Ilustração 23).

---

<sup>215</sup> Dominic Ricciotti. “The 1939 Building of the Museum of Modern Art: The Goodwin-Stone Collaboration”. *The American Art Journal*. Vol. 17, No. 3, (Kennedy Galleries Inc. 1985), *dem*, 72.

<sup>216</sup> Dominic Ricciotti. “The 1939 Building of the Museum of Modern Art: The Goodwin-Stone Collaboration”. *The American Art Journal*. Vol. 17, No. 3, (Kennedy Galleries Inc. 1985), *dem*, 74.

<sup>217</sup> *Ibidem*.

<sup>218</sup> *Ibidem*.



Ilustração 23 - Maquete do MoMA, NY, 1939.

Fonte: MoMA. Philip L. Goodwin, Edward Durell Stone: The Museum of Modern, New York 1939. The collection. [http://www.moma.org/collection/browse\\_results.php?criteria=O%3AAD%3AE%3A16292&page\\_number=1&template\\_id=1&sort\\_order=1&background=gray](http://www.moma.org/collection/browse_results.php?criteria=O%3AAD%3AE%3A16292&page_number=1&template_id=1&sort_order=1&background=gray).

#### 1.1.2.2. George Everard Kidder Smith

O coadjuvante de Philip Goodwin, em *Brazil Builds*, foi George Everard Kidder Smith que nasceu em Birmingham, na Inglaterra, em 1913. Formou-se arquiteto na Universidade de Princeton em 1938. Logo depois foi consultor em uma expedição arqueológica na Turquia, em uma colaboração Princeton-Louvre<sup>219</sup>. Kidder Smith já possuía alguma relação com o Brasil pois em 1939 havia registrado o Pavilhão brasileiro na Exposição na Feira Mundial de Nova Iorque<sup>220</sup>.

Kidder Smith já havia feito fotografias para uma outra exposição chamada *Stockholm Builds* (Ilustração 24) que esteve exposta no MoMA em 1941, sendo que depois percorreu vários espaços no ano posterior<sup>221</sup>. Foi uma exposição montada a partir das

<sup>219</sup> Herbert Muschamp. "G. E. Kidder Smith, 83, Historian Who Wrote About Architecture". *The New York Times*, (New York, 26 oct. 1997). <[http://www.nytimes.com/1997/10/26/nyregion/g-e-kidder-smith-83-historian-who-wrote-about-architecture.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/1997/10/26/nyregion/g-e-kidder-smith-83-historian-who-wrote-about-architecture.html?_r=0)>

<sup>220</sup> Ana Cláudia Breier, Andrey Schlee e Maíra Teixeira. "Fotografando a obra de Oscar Niemeyer [Parte 2]." *ArchDaily Brasil*. <<http://www.archdaily.com.br/br/772210/fotografando-a-obra-de-oscar-niemeyer-parte-2>>

<sup>221</sup> The Museum of Modern Art (MoMA) *Stockholm Builds – Exhibit of Modern Swedish Architecture* New York. . MoMA Press Releases Archives (New York, 04. Ago. 1941).

fotografias que o arquiteto tirou durante uma viagem a Escandinávia, mas com suporte de pesquisas posteriores feitas nos Estados Unidos por Elizabeth Mock<sup>222</sup>.



Ilustração 24 - Exposição *Stockholm Builds* (4 de agosto a 8 de setembro de 1941).

Fonte: MoMA. *Stockholm Builds*. August 4–September 8, 1941. Exhibitions.  
<<http://www.moma.org/calendar/exhibitions/3009?locale=pt>>.

A ideia de apresentar uma mostra de arquitetura do Brasil era baseada em parte em *Stockholm Builds*, com a diferença que não se tinha um prévio levantamento fotográfico do Brasil<sup>223</sup>. Monroe Wheeler, diretor de Publicações do MoMA pressionou Elodie Courter, Diretora do Departamento de Exposições Itinerantes, a considerar o mesmo formato para uma exibição sobre o Brasil:

As pessoas ficam me dizendo o quão extraordinária a arquitetura brasileira é, e eu ainda penso que você deveria ter uma mostra como 'Stockholm Builds' sobre o Brasil<sup>224</sup>.

Quando se decidiu fazer a exposição, Goodwin sugeriu que o acompanhasse um arquiteto que pudesse tirar fotografias na expedição, e Kidder Smith foi a escolha natural<sup>225</sup>.

Depois de *Brazil Builds*, trabalho que o colocou em evidência no campo da fotografia de arquitetura<sup>226</sup>, o arquiteto continuou trabalhando:

---

<sup>222</sup> Zilah Quezado Deckker. *Brazil Built: the architecture of the modern movement in Brazil*. (London and New York: Spon Press – Taylor & Francis Group. 2001), 112.

<sup>223</sup> *Ibidem*.

<sup>224</sup> *Ibidem*.

<sup>225</sup> *Ibidem*, 116.

<sup>226</sup> Ana Cláudia Breier, Andrey Schlee e Maíra Teixeira. "Fotografando a obra de Oscar Niemeyer [Parte 2]." *ArchDaily Brasil*. <<http://www.archdaily.com.br/br/772210/fotografando-a-obra-de-oscar-niemeyer-parte-2>>

Aproveitou esse formato para elaborar outros trabalhos parecidos como *Switzerland Builds* (1950), *Italy Builds* (1955), and *Sweden Builds* (1957) e publicou vários livros após *Brazil Builds*, como *New architecture of Europe; A pictorial history of architecture in America; The architecture of the United States e Source book of American architecture: 500 notable buildings from the 10th century to the present*<sup>227</sup>.

Além disso, Kidder Smith também se engajou na defesa do patrimônio arquitetural, através da intervenção em favor de dois marcos da arquitetura moderna: a Robie House de Frank Lloyd Wright e a Villa Savoye, de Le Corbusier<sup>228</sup>.

### 1.1.3. A exposição

Para a montagem da exposição o MoMA enviou ao Brasil o arquiteto Philip Goodwin, juntamente com o fotógrafo Kidder Smith, com a missão de visitar, recolher dados e registrar em fotografias tanto a arquitetura moderna quanto a antiga. De acordo com o *press release*<sup>229</sup> do MoMA:

Sr. Goodwin e Mr. Smith empreenderam esse levantamento da arquitetura brasileira sob os auspícios conjuntos do Museu e do Instituto Americano de Arquitetos. O Escritório do Coordenador de Assuntos Interamericanos assistiu o projeto em todas as formas possíveis<sup>230</sup>.

Goodwin e Smith chegam ao Brasil portando uma carta de apresentação endereçada a Gustavo Capanema e assinada por Carlos Martins, que era na época embaixador brasileiro em Nova Iorque. Na carta, datada de 28 de abril de 1942, Martins explica que

---

<sup>227</sup> Zilah Quezado Deckker. *Brazil Built: the architecture of the modern movement in Brazil*. (London and New York: Spon Press – Taylor & Francis Group. 2001), 112.

<sup>228</sup> Herbert Muschamp. "G. E. Kidder Smith, 83, Historian Who Wrote About Architecture". *The New York Times*, (New York, 26 oct. 1997). <[http://www.nytimes.com/1997/10/26/nyregion/g-e-kidder-smith-83-historian-who-wrote-about-architecture.html?\\_r=>](http://www.nytimes.com/1997/10/26/nyregion/g-e-kidder-smith-83-historian-who-wrote-about-architecture.html?_r=>)>

<sup>229</sup> Comunicado enviado à imprensa com material para posterior divulgação.

<sup>230</sup> The Museum of Modern Art (MoMA). "Brazilian Government leads western hemisphere in encouraging Modern Architecture. Exhibition of Brazilian Architecture opens at Museum of Modern Art". *MoMA Press Releases Archives*. (New York. 12. Jan. 1943). <[https://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press\\_archives/850/releases/MOMA\\_1943\\_0002\\_1943-01-12\\_43112-2.pdf?2010](https://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press_archives/850/releases/MOMA_1943_0002_1943-01-12_43112-2.pdf?2010)>

os arquitetos pretendiam coletar material para uma exposição a ser realizada no MoMA sobre arquitetura colonial e moderna. Segue fragmento da carta

Tenho a honra de apresentar a Vossa Excelência o portador desta, senhor Philip L. Goodwin, do Museu de Arte Moderna de Nova York que, acompanhado pelo senhor G. E. K. Smith, vai ao Brasil sob os auspícios do referido museu, a fim de coligir material para uma exposição a se realizar nos Estados Unidos sobre arquitetura coloniais e moderna do Brasil.

A reconhecida competência e autoridade do senhor Philip Goodwin e larga experiência do senhor Smith no campo da fotografia artística muito os recomendam à benévola atenção de Vossa Excelência, em vista do valor para as relações culturais entre os dois países amigos da projetada exposição a se organizar através das mais importantes cidades americanas<sup>231</sup>.

Entre as pessoas que receberam os arquitetos na sua chegada ao Rio de Janeiro além de Gustavo Capanema, estavam Cândido Portinari, Marcelo Roberto, Oscar Niemeyer, Atílio Corrêa Lima e Lucio Costa<sup>232</sup>. Costa, a esta altura, era diretor de pesquisas do SPHAN (Serviço de Patrimônio Histórico Artístico e Arquitetônico) e contribuiu providenciando imagens e material de edifícios coloniais<sup>233</sup>.

Em dois meses de viagem foram arrecadadas

650 fotografias em preto-e-branco e 250 *Kodachromes* tiradas por Kidder Smith, mais 200 fotografias em preto-e-branco dos arquivos do Instituto de Arquitetos do Brasil e do SPHAN, desenhos originais de Oscar Niemeyer, impressões e fotografias de vários outros esboços de desenhos, alguns esboços atuais e exemplares dos azulejos do Ministério da Educação<sup>234</sup>.

---

<sup>231</sup> Maurício Lissovsky e Paulo Sérgio Moraes de Sá (org.). *Colunas da educação: a construção do Ministério da Educação e Saúde (1935-1945)*. (Rio de Janeiro: MINC/IPHAN; Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1996), 169.

<sup>232</sup> Zilah Quezado Deckker. *Brazil Built: the architecture of the modern movement in Brazil*. (London and New York: Spon Press – Taylor & Francis Group. 2001), 116.

<sup>233</sup> *Ibidem*.

<sup>234</sup> Zilah Quezado Deckker. *Brazil Built: the architecture of the modern movement in Brazil*. (London and New York: Spon Press – Taylor & Francis Group. 2001), 123.

Tinham selecionado, segundo Carlos Eduardo Comas, “setenta e duas obras construídas entre 1926 e 1931”<sup>235</sup>. O fato de abordar o período antigo e o moderno foi relatado por Comas<sup>236</sup>:

o cartaz de *Brazil Builds* a descreve como uma exposição de Arquitetura Colonial e Moderna, porque a possibilidade de analogia com o contexto americano se tornava assim mais direta. Não se poderia pretender que o americano médio soubesse que o Brasil havia sido Reino Unido com Portugal antes de se tornar Império independente.<sup>237</sup>

A partir desse material foi inaugurada em janeiro de 1943, a exposição *Brazil Builds*, onde a arquitetura brasileira foi exibida em painéis com fotografias e textos explicativos, maquetes e material audiovisual. O tema da exposição era *Arquitetura nova e antiga: 1652-1942*, e trazia um conjunto de exemplares da arquitetura que o Brasil herdou dos seus colonizadores e imigrantes, e sua produção moderna.

Philip Goodwin havia cogitado outros títulos para o catálogo como: “Brazilian Buildings – 1700-1900”, “Brazilian Buildings – Old Gold, New Concrete”, “Building in Brazil From Gold to Concrete”<sup>238</sup>. Por fim, o título escolhido foi *Brazil Builds Architecture New and Old: 1652 – 1942*, e em português *Construção Brasileira Arquitetura Moderna e Antiga: 1652 – 1942* (Ilustração 25).

---

<sup>235</sup> Carlos E. Comas. “Brazil Builds e a Bossa Barroca”. *Anais do VI Seminário Docomomo Brasil*. (Niterói: UFF, 2005. v. 1), 1.

<sup>236</sup> *Ibidem*.

<sup>237</sup> Carlos E. Comas. “Brazil Builds e a Bossa Barroca”. *Anais do VI Seminário Docomomo Brasil*. (Niterói: UFF, 2005. v. 1), 4.

<sup>238</sup> Zilah Quezado Deckker. *Brazil Built: the architecture of the modern movement in Brazil*. (London and New York: Spon Press – Taylor & Francis Group. 2001), 124.



BRAZIL BUILDS (Small) *Selection from Exhibition 213*  
 An exhibition circulated by The Museum of Modern Art, New York City

INSTALLATION LIST

Instal. No.	Title	Photo. No.
PANEL 1.	BRAZIL BUILDS (title and credits)	
PANEL 2.	THE COUNTRY	
PANEL 3.	THE ARCHITECTURE	
PANEL 4.	SALVADOR, BAHIA	
PHOTO 5.	THIRD ORDER OF SÃO FRANCISCO, Salvador, Bahia, 1703	221-12
PHOTO 6.	SÃO FRANCISCO DE ASSIS, Salvador, Bahia, 1710	220-9
PHOTO 7.	SÃO FRANCISCO DE ASSIS, Salvador, Bahia, 1710, Interior	224-3
PHOTO 8.	SÃO FRANCISCO DE ASSIS, Salvador, Bahia, 1710, Monastery Cloister	225-1
PHOTO 9.	PARISH CHURCH OF PILAR, Salvador, Bahia, Late 18th century	223-1
PHOTO 10.	FORTE DE SANTA MARIA, Salvador, Bahia, 1896	220-8
PANEL 11.	OURO PRETO	
PHOTO 12.	MOSSA SENHORA DO CARMO, Ouro Preto, Minas Gerais, 1766	204-2
	Manoel Francisco Lisboa, architect	
PHOTO 13.	MOSSA SENHORA DO ROSARIO DOS PRETOS, Ouro Preto, Minas Gerais, 1785, Jose Pereira Arouca, architect	202-6
PHOTO 14.	SÃO FRANCISCO DE ASSIS, Ouro Preto, Minas Gerais, 1772-04	201-10
PANEL 15.	ANTONIO FRANCISCO LISBOA	
PHOTO 16.	MOSSA SENHOR DO BOM JESUS DE MATOZINHOS, Congonhas do Campo	
PANEL 17.	RIO DE JANEIRO	
PHOTO 18.	SÃO BENTO, Rio de Janeiro, 1662	220-5

Ilustração 25 - Parte de Check List da Exposição Brazil Builds.

Fonte: MoMA. *Checklists*.

<<http://www.moma.org/d/c/checklists/W1siZilsjMyNTM1OSJdXQ.pdf?sha=fda058cf030438ae>>.

Além de Philip Goodwin e Kidder Smith, a exposição foi delineada<sup>239</sup> por Alice Carson<sup>240</sup>, que foi responsável pelo *design* das instalações<sup>241</sup> e ainda teve a participação do arquiteto Bernard Rudofsky durante a instalação e também na concessão de alguns desenhos.

A exposição compunha-se de painéis fotográficos e respectivos textos explicativos, um conjunto de três maquetes - do Ministério de Educação e Saúde, do Pavilhão Brasileiro na Feira Internacional de Nova York (1939), e da Residência Arnstein (projeto de B. Rudovsky [sic]) - e ainda de um interessante audiovisual que, pioneiramente, combinava a projeção de slides em cores com um texto gravado em fita<sup>242</sup>.

<sup>239</sup> Maurício Lissovsky e Paulo Sérgio Moraes de Sá (org.). *Colunas da educação: a construção do Ministério da Educação e Saúde (1935-1945)*. (Rio de Janeiro: MINC/IPHAN; Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1996), 171.

<sup>240</sup> *Acting Curator of the Museum's Department of Architecture*.

<sup>241</sup> The Museum of Modern Art (MoMA). "Brazilian Government leads western hemisphere in encouraging Modern Architecture. Exhibition of Brazilian Architecture opens at Museum of Modern Art". *MoMA Press Releases Archives*. (New York. 12. Jan. 1943). <[https://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press\\_archives/850/releases/MOMA\\_1943\\_0002\\_1943-01-12\\_43112-2.pdf?2010](https://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press_archives/850/releases/MOMA_1943_0002_1943-01-12_43112-2.pdf?2010)>

<sup>242</sup> Marcos Carrilho. *Brazil Builds – 55 anos da exposição*. PiniWEB Notícias. (01 de Abril de 1998), <<http://www.piniweb.com.br/construcao/noticias/brazil-builds---55-anos-da-exposicao-84648-1.asp>>

Além das três maquetes das edificações mencionadas (Ilustração 26), também havia um modelo da escultura de Prometeu<sup>243</sup> que Lipchitz propôs para a parede do auditório do Ministério da Educação e Saúde (Ilustração 27).

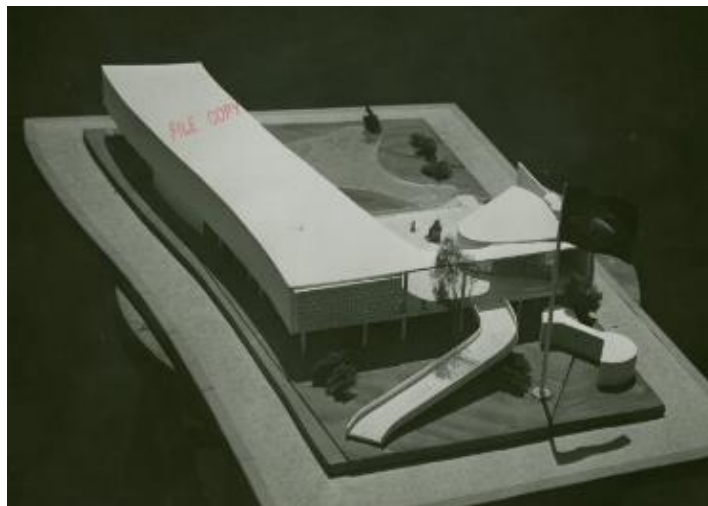


Ilustração 26 - Maquete do Pavilhão Brasileiro na Feira Internacional de 1939 (Arquivo do MoMA).

Fonte: The New York Public Library. *Brazil Participation - Building – Model*. Manuscripts and Archives Division, 1935 - 1945. <<http://digitalcollections.nypl.org/items/5e66b3e8-9dd6-d471-e040-e00a180654d7>>.

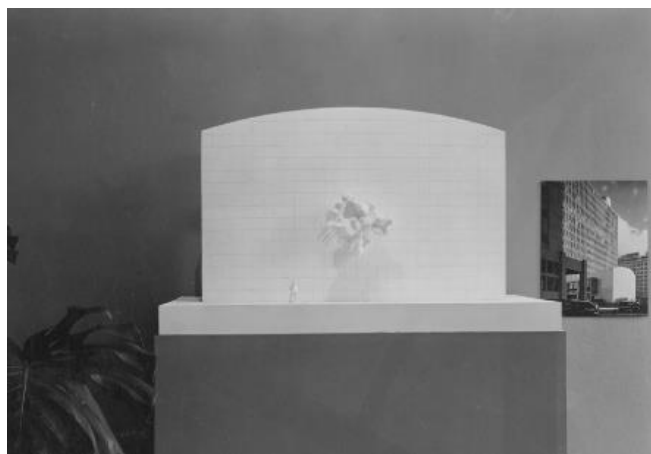


Ilustração 27 - Maquete da Escultura de Prometeu para o Ministério da Educação e Saúde Pública.

Fonte: MoMA. *Brazil Builds: Installation images*. Exhibitions.  
<[http://www.moma.org/calendar/exhibitions/2304/installation\\_images/0?locale=pt](http://www.moma.org/calendar/exhibitions/2304/installation_images/0?locale=pt)>.

---

<sup>243</sup> The Museum of Modern Art (MoMA) *Brazilian Architecture heads New Exhibition Schedule for Museum of Modern Art.*, (MoMA Press Releases Archives). (New York. 4 jan. 1943). <[https://www.moma.org/d/c/press\\_releases/W1siZiIsIjMyNTM2MSJdXQ.pdf?sha=6c0dea98cecf637e](https://www.moma.org/d/c/press_releases/W1siZiIsIjMyNTM2MSJdXQ.pdf?sha=6c0dea98cecf637e)>

O *press release* do MoMA<sup>244</sup>, publicado no dia 13 de janeiro de 1943, convidava os nova-iorquinos a familiarizarem-se com os melhores exemplares de arquitetura moderna do mundo. Afirmava que a exposição era composta por: maquetes, grandes fotografias, desenhos, planos, mapas e projeção contínua de slides coloridos<sup>245</sup>. Enfatizava ainda que não só a arquitetura moderna do “colosso do Sul”<sup>246</sup> seria mostrada, mas também a arquitetura antiga com seus “elaborados interiores incrustados a ouro”<sup>247</sup>.

A exposição foi aberta ao público nesse mesmo dia e perdurou até o dia 28 de fevereiro do mesmo ano. A entrada do local era marcada por um mapa do Brasil em madeira inserido no perfil da América Latina, onde as cidades e estados presentes na exposição estavam marcados. Além disso, eram mostradas algumas vistas do litoral. Em seguida havia a projeção contínua de 48 slides coloridos, o que era uma grande atração para a época. Havia um esquema de cores para cada época: enquanto a parte antiga era destacada por tons dourados e rosados, a parte moderna era de “azuis e suaves terracotas”<sup>248</sup>.

A exposição não se restringiu a Nova Iorque. A mostra foi tão popular que o MoMA decidiu criar versões itinerantes que circularam por museus e galerias dos Estados Unidos, Canadá e México. Entre 1943 e 1945 a exposição esteve presente em cidades como Boston, Filadélfia, São Francisco, Pittsburgh, Toronto e Cidade do México. Foi preparada uma edição especial para Londres, a pedido da Embaixada do Brasil. Ainda foram criadas pequenas versões para colégios e pequenas galerias que foram exibidas entre fevereiro de 1944 e maio de 1946, e um *slide-show* que percorreu os Estados Unidos e o Canadá até 1947<sup>249</sup>. Segundo o próprio MoMA, em sua publicação *Bulletin*, “*Brazil Builds* tem sido extremamente popular aqui e no exterior”<sup>250</sup>. No Brasil, a

---

<sup>244</sup> <sup>244</sup> The Museum of Modern Art (MoMA) *Brazilian Architecture heads New Exhibition Schedule for Museum of Modern Art.*, (MoMA Press Releases Archives). (New York. 4 jan. 1943). <[https://www.moma.org/d/c/press\\_releases/W1siZiIsIjMyNTM2MSJdXQ.pdf?sha=6c0dea98cecf637e](https://www.moma.org/d/c/press_releases/W1siZiIsIjMyNTM2MSJdXQ.pdf?sha=6c0dea98cecf637e)>.

<sup>245</sup> *Ibidem*.

<sup>246</sup> *Ibidem*.

<sup>247</sup> *Ibidem*.

<sup>248</sup> Zilah Quezado Deckker. *Brazil Built: the architecture of the modern movement in Brazil*. (London and New York: Spon Press – Taylor & Francis Group. 2001), 128.

<sup>249</sup> *Idem*, 132.

<sup>250</sup> *Idem*, 133.

exposição foi mostrada nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Florianópolis, Santos, Campinas, e Jundiaí. As aberturas da exposição tiveram, por vezes, palestras de arquitetos e historiadores. Em Boston, Robert Smith falou sobre a Arquitetura Colonial Brasileira, enquanto Bernard Rudofsky e Paul Lester Wiener comentavam sobre a Arquitetura Moderna. Já no Brasil os palestrantes foram Oscar Niemeyer, no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte, e Henrique Mindlin em São Paulo<sup>251</sup>.

Segundo Carlos Eduardo Comas

*Brazil Builds* tem sucesso maior do que o esperado, circulando depois em museus e galerias nos Estados Unidos, México, Canadá. Uma versão em português se exhibe no fim do ano no próprio prédio do MESP. Em 1944, Niemeyer publica o Álbum da Pampulha, bilíngue, com prefácio de Goodwin e Kubitschek. *Brazil Builds* se expõe na Embaixada Brasileira em Londres, em paralelo à publicação de um número especial da *The Architectural Review* sobre o Brasil e à ocupação efetiva do MESP. A última das quatro edições do livro é de 1946<sup>252</sup>.

Na cidade de Jundiaí a exposição foi inaugurada com palavras do engenheiro-arquiteto Carlos Gomes Cardim Filho:

O mundo ainda estava debaixo da grande incógnita, do destino dos povos pisados e desprezados pelo espírito [sic] danoso e destruidor do “nasi-nipo-fascismo”, quando o Museo [sic] de Arte Moderna resolveu organizar essa exposição e, dois arquitetos, sendo um deles [sic] exímio fotógrafo, correram o nosso Brasil de Norte a Sul, descendo de Pernambuco ao Rio Grande, para sentir o espírito do passado do povo brasileiro revelado na sua arquitetura colonial, e, como espíritos cultos e ótimos artistas, procuraram entrar dentro do pensamento e realizações dos modernistas, da época movimentada em que vivemos.

Dessa peregrinação surgiu um admirável livro e esta exposição móvel; com o fim de apresentar um fato novo nos centros culturais é que foi preciso o estrangeiro inteligente, para revelar ao mundo o nosso potencial de tradição do passado e as revelações do presente, no campo das construções

---

<sup>251</sup> Zilah Quezado Deckker. *Brazil Built: the architecture of the modern movement in Brazil*. (London and New York: Spon Press – Taylor & Francis Group. 2001), 133.

<sup>252</sup> Carlos E. D. Comas. *Precisões brasileiras: sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos: a partir dos projetos e obras de Lucio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia., 1936-45*. (Paris: Tese de Doutorado, Universidade de Paris VIII, 2002), 6.

arquitetônicas. E então, dentro do Brasil, também começaram a ver melhor as suas próprias realizações<sup>253</sup>.

A maioria dos brasileiros desconhecia a arquitetura brasileira e teve através das exposições e do livro-catálogo a revelação desse potencial. A exposição, inicialmente no MoMA e depois em diferentes lugares atingiu um grande público. Este pôde ter contacto com o patrimônio arquitetônico antigo que mostrava um país com um percurso digno de ser apreciado, e que, conseqüentemente continuava a produzir, agora com traços modernos, uma arquitetura surpreendente e validada pelo olhar do estrangeiro, na figura de instituição de grande renome como o MoMA.

#### 1.1.4. O catálogo (breve resenha e enquadramento)

O livro-catálogo *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942* foi uma edição publicada pelo Museu de Arte Moderna de Nova Iorque (MoMA), em 1943. É bilíngue e possui o título em português de *Construção brasileira: Arquitetura Moderna e Antiga 1652-1942*. A autoria é do arquiteto Philip Goodwin juntamente com o fotógrafo Kidder Smith.

Em 1943, o MoMA abria a exposição *Brazil Builds*, que circulou também pelo Brasil. A mostra foi acompanhada por um belo livro-catálogo de duzentas páginas, resultado de uma viagem pelo país do arquiteto Philip L. Goodwin (1885-1958) (vice-presidente executivo do MoMA) e do fotógrafo G. E. Kidder Smith (1913-1997), registrando a tradicional e a nova arquitetura do Brasil<sup>254</sup>.

*Brazil Builds* é composto por 208<sup>255</sup> páginas, encadernadas em uma capa preta rígida (Ilustração 28) com a inscrição “Brazil Builds” nas cores verde e amarelo. O trabalho editorial da publicação ficou a cargo de Elizabeth Mock enquanto a capa e *dust jacket*

---

<sup>253</sup> Carlos A. Gomes Cardim Filho. “A exposição “Brasil [sic] Builds” em Jundiaí.” *Acrópole* Nov. 1945, ano 8, nº 92, (São Paulo: Max Gruenwald & Cia, 1945), 209. <<http://www.acropole.fau.usp.br/>>

<sup>254</sup> Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 100.

<sup>255</sup> Na capa e na contracapa se afirma que o volume tem 208 páginas. No interior do livro a numeração vai apenas até 200, no entanto há páginas incluídas sem numeração. Após a página 58 há 2 páginas não numeradas e em seguida a numeração recomeça com 59. O mesmo acontece entre a página 64 e 65, e 142 e 143.

era de autoria de McKnight Kauffer<sup>256</sup>. O livro-catálogo era vendido a cinco dólares por exemplar.

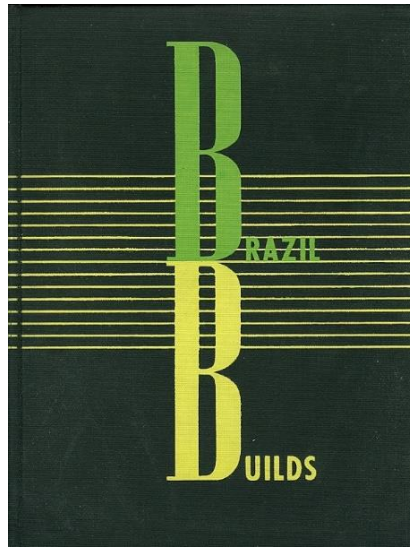


Ilustração 28 - Capa Rígida Brazil Builds.

Fonte: Imagem da autora.

Sobre esta capa há uma *dust jacket*, que envolve o livro. A capa e a contracapa possuem as mesmas características, mas diferem no idioma: a capa é em inglês e a contracapa em português. O fundo possui duas imagens separadas por uma linha curva divisória. Na parte superior vê-se um dos Profetas esculpidos por Aleijadinho à frente da Igreja Nosso Senhor do Bom Jesus de Matosinhos - em Congonhas do Campo, Minas Gerais, do século XVIII - remetendo à arquitetura antiga. Na parte inferior está a Estação para hidroaviões no Rio de Janeiro de 1940, do arquiteto Attilio Corrêa Lima representando a arquitetura moderna (Ilustrações 29 e 30).

---

<sup>256</sup> Maurício Lissovsky e Paulo Sérgio Moraes de Sá (org.). *Colunas da educação: a construção do Ministério da Educação e Saúde (1935-1945)*. (Rio de Janeiro: MINC/IPHAN; Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1996), 171.

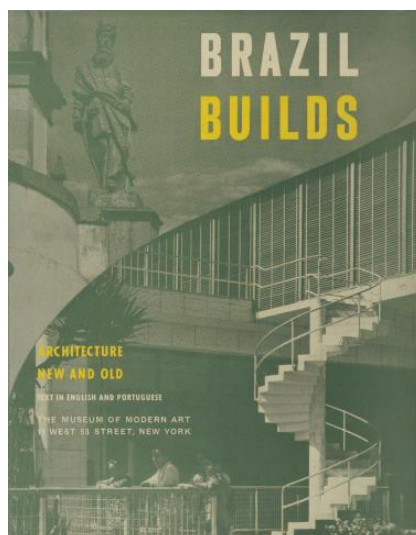


Ilustração 29 – Sobrecapa de Brazil Builds.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943).



Ilustração 30 – Sobrecapa de Brazil Builds em Português.

Fonte: *The New York Public Library. Brazil Builds; architecture new and old, 1652-1942*. General Research Division The New York Public Library Digital Collections. 1926 - 1947. <<http://digitalcollections.nypl.org/items/510d47db-dea9-a3d9-e040-e00a18064a99>>.

Foi esta publicação que levou a arquitetura brasileira a lugares mais distantes, alcançando as principais cidades da Europa e outros continentes<sup>257</sup>. De acordo com Lauro Cavalcanti “a mostra ‘*Brazil Builds*’ percorreu, durante três anos, quarenta e oito cidades do continente e o seu livro-catálogo alcançou os principais centros europeus e

<sup>257</sup> Lauro Cavalcanti (org.). *Quando o Brasil era Moderno – Guia de Arquitetura 1928-1960*. (Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001), 20.

a países como a África do Sul”<sup>258</sup>. Foram 300 fotografias impressas, dentre as mais de mil fotografias tiradas no Brasil.

Em um primeiro momento foram produzidos cerca de 3200 exemplares, mas o livro foi bastante procurado e rapidamente se esgotou. Tal fato gerou três reimpressões, sendo a última efetuada em 1946<sup>259</sup>. Em carta a Gustavo Capanema, o jornalista Caio Julio Cesar Vieira comenta sobre a exposição realizada no *Museum of Fine Art*, em Boston e a escassez de exemplares: “Os referidos álbuns são procurados e adquiridos a todo o instante. No momento em que ali estivemos, o embaixador desejou adquirir alguns deles, mas já não mais havia nenhum”<sup>260</sup>.

O *Brazil Builds*, historicamente, tem sido considerado somente um catálogo, elaborado em função da exposição. Porém, os catálogos do MoMA tinham uma grande reputação e eram bastante requisitados: “Eles foram mais do que catálogos de exposições: a maioria eram monografias sobre seus assuntos: destinada a estudiosos e ao público em geral”<sup>261</sup>. E fato importante foi a frase do diretor do MoMA na época, Alfred Barr, afirmando que a exposição *Brazil Builds* era “um magnífico tipo de anúncio para o livro”<sup>262</sup>, sugerindo que a publicação era o acontecimento principal, e a exposição a coadjuvante. Isto lança outra luz sobre a concepção e o valor da publicação:

Assim, pensar no ‘Brazil Builds’ como um livro e não como um catálogo da exposição, traz a reflexão para dentro de uma tradição historiográfica que coloca este objeto no centro das argumentações teóricas, no centro do pensamento, podendo assim levantar questões fundamentais para a compreensão desta obra na formação da determinação de uma historiografia

---

<sup>258</sup> Lauro Cavalcanti (org.). *Quando o Brasil era Moderno – Guia de Arquitetura 1928-1960*. (Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001), 20.

<sup>259</sup> Carlos E. D. Comas. *Precisões brasileiras: sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos: a partir dos projetos e obras de Lucio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia., 1936-45*. (Paris: Tese de Doutorado, Universidade de Paris VIII, 2002), 6.

<sup>260</sup> VIEIRA, Caio J. C. Carta a Gustavo Capanema. In Maurício Lissovsky e Paulo Sérgio Moraes de Sá (org.). *Colunas da educação: a construção do Ministério da Educação e Saúde (1935-1945)*. (Rio de Janeiro: MINC/IPHAN; Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1996), 176.

<sup>261</sup> Zilah Quezado Deckker. *Brazil Built: the architecture of the modern movement in Brazil*. (London and New York: Spon Press – Taylor & Francis Group. 2001), 90.

<sup>262</sup> Carta de Alfred Barr a Philip L. Goodwin. In: Zilah Quezado Deckker. *Brazil Built: the architecture of the modern movement in Brazil*. (London and New York: Spon Press – Taylor & Francis Group. 2001), Tradução da autora.



da arquitetura brasileira e, também, de uma visualidade desta arquitetura – ambas vinculadas com uma proposta de cultura<sup>263</sup>.

Com esta mudança de perspectiva, em que o catálogo passa a ser considerado mais importante que a exposição, compreende-se melhor a repercussão do *Brazil Builds*. Especialmente porque a publicação permitiu a permanência das informações por muito tempo após a exposição. Nos dias atuais é considerada uma peça rara, com pouquíssimos exemplares, os quais são oferecidos por um valor variável e relativamente alto.

#### 1.1.4.1. Prefácio

O prefácio do *Brazil Builds* foi escrito por Philip Goodwin em dezembro de 1942. O texto é bilíngue e está organizado em duas colunas, sendo a coluna da esquerda em inglês e a coluna da direita em português. Na época, o arquiteto assinou o prefácio como Presidente da Comissão de Relações Exteriores, A.I.A.<sup>264</sup> e da Comissão de Arquitetura do Museu de Arte Moderna, de Nova Iorque, e ainda membro correspondente do Instituto de Arquitetos do Brasil<sup>265</sup>. O início do prefácio ressalta os motivos que levaram à realização do *Brazil Builds*: a presumida futura aliança entre os dois países (Estados Unidos e Brasil) e o “desejo agudo de conhecer a arquitetura brasileira, principalmente as soluções dadas ao problema do combate ao calor e aos efeitos da luz sobre as grandes superfícies de vidro na parte externa das construções”<sup>266</sup>. Apresenta seu companheiro de viagem Kidder Smith, dá detalhes técnicos do material fotográfico e informa que foram contempladas a arquitetura colonial e moderna. No segundo parágrafo parte para os agradecimentos aos órgãos internacionais e nacionais que os auxiliaram, aos arquitetos e revistas cujo material lhes foi disponibilizado. No final do texto pede desculpas pelas eventuais omissões existentes:

Pedimos indulgencia [*sic*] para as lacunas naturais num trabalho feito tão às pressas. É um esforço para mostrar aos norte-

---

<sup>263</sup> Eduardo A. Costa. *‘Brazil Builds’ e a construção de um moderno, na arquitetura brasileira*. (Dissertação de Mestrado: Campinas, SP, 2009), 100.

<sup>264</sup> American Institute of Architects.

<sup>265</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 7.

<sup>266</sup> *Ibidem*, Tradução da autora.

americanos o encanto das velhas e a inspiração das novas construções no Brasil. Também [sic] outros muitos latinos-americanos podem não estar familiarizados com esta face da cultura dos nossos vizinhos brasileiros. E estes fatos justificam o esforço<sup>267</sup>.

Após o prefácio encontra-se a página do Índice, que descortina a sequência de organização do livro-catálogo. Na lista está o “Prefacio [sic]”, “Lista de edifícios [sic] das ilustrações”, “Primeira Introdução” seguida de “Planchas [sic]”, ambas referentes aos Edifícios Antigos, e “Segunda Introdução” e “Planchas [sic]” referente aos Edifícios Modernos. Há ainda uma “Lista de Arquitetos” onde estão alguns nomes de autores das obras modernas e seus respectivos endereços; um “Mapa do Brasil” e um “Mapa do Rio de Janeiro”.

Na página onze, há um mapa do Brasil, da época da publicação, em que a divisão dos estados é diferente da atual. Apresenta informação somente em inglês, com título: “BRAZIL Places mentioned in this book”<sup>268</sup>. O mapa é simples, em branco e preto, com a indicação da linha do Equador e do rio Amazonas. A maneira como o mapa foi enquadrado exclui o estado do Acre e parte do estado do Amazonas.

Os estados e as respectivas cidades são, conforme o mapa:

- Amazonas – Manáos [sic];
- Para [sic] – Belém;
- Ceara [sic] – Fortaleza;
- Paraiba [sic];
- Pernambuco – Olinda e Recife;
- Baia [sic] – Salvador e Paraguassu;
- Goiaz [sic] – Goiania [sic];
- Minas Gerais – Belo Horizonte, Congonhas do Campo, Mariana e Ouro Preto;
- Espirito [sic] Santo – Vitoria [sic];
- Rio de Janeiro – Rio de Janeiro e Niteroi [sic];
- Sao [sic] Paulo – São Paulo;
- Rio Grande do Sul – São Miguel.

---

<sup>267</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 9.

<sup>268</sup> *Ibidem*, 11.

É importante ter atenção a um detalhe: são os lugares mencionados no livro-catálogo. A cidade de Goiânia, por exemplo, foi citada ao longo do texto na “Segunda Introdução”, mas não há nenhuma obra publicada no livro-catálogo.

A “Lista de edifícios das ilustracoes [sic]”<sup>269</sup>, divide-se entre Edifícios Antigos e Edifícios Modernos. É relevante destacar que há uma diferença na organização entre os dois. O grupo dos Edifícios Antigos segue um critério geográfico, havendo portanto uma possível relação entre região e cultura arquitetônica<sup>270</sup>, com suas obras listadas e agrupadas por Estados: “Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Espirito [sic] Santo, Baia [sic], Paraíba [sic] e Pernambuco”<sup>271</sup>. Os Edifícios Modernos, por outro lado, são organizados por tipos, de acordo com as seguintes categorias: “Construcoes [sic] de Cimento Armado; Edifícios de Escritorios [sic], Apartamentos e Hoteis [sic]; Colegios [sic], Hospitais, Bibliotecas; Edifícios [sic] de Sistemas de Transporte; Diversos; Casas Particulares; Edifícios [sic] de Recreação”<sup>272</sup>.

#### 1.1.4.2. Arquitetura Antiga

- Introdução I

Philip Goodwin inicia a primeira parte do livro descrevendo a sua viagem de avião e chegada ao território brasileiro. Poeticamente fala do percurso que passa pelo Amazonas, por Belo Horizonte, Petrópolis até o desembarque no Rio de Janeiro.

O enorme avião prateado atravessa velozmente o rio Amazonas. Quilômetros e quilômetros de agua [sic] sinuosa serpeando pântanos e contornando ilhas, a perder de vista. Prossegue depois através de tufos de nuvens, por sobre terras desertas,

---

<sup>269</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 13.

<sup>270</sup> Mais tarde na bibliografia sobre arquitetura moderna este tema voltará à tona, através da ideia de “escolas regionais”, enquanto possíveis correntes identificáveis em meio ao panorama do modernismo arquitetônico no Brasil.

<sup>271</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 13.

<sup>272</sup> *Ibidem*, 14-15.

virgens do passo humano, apenas pontilhadas de colinas verdes<sup>273</sup>.

Faz um breve relato da história do Brasil desde o começo do seu desenvolvimento: expõe e esclarece que eram três os fatores importantes na época colonial: a igreja, o ouro, e a escravidão. Afirma ainda que o clima, muito variável conforme a região - com áreas semelhantes à Flórida ou Portugal - e ainda a qualidade do solo, que foi preferencialmente ocupado nas áreas altas e litorâneas.

Goodwin afirma que, embora exista fartura de madeira no Brasil, os materiais não diferem muito dos utilizados em Portugal. Afirma que também são herdadas da metrópole a arquitetura lusitana barroca, mas empregada de forma geralmente mais simples, com certa independência e a permanência da tradição do uso de azulejos. Para exemplificar, mostra uma imagem da “Catedral de Braga”<sup>274</sup> em Portugal (Ilustração 31).



Ilustração 31 - Catedral, Braga, Portugal.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 21.

---

<sup>273</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 17.

<sup>274</sup> *Ibidem*, 21.

São mencionados também os jesuítas e suas missões, com o exemplo da planta de São Miguel das Missões<sup>275</sup>, no Rio Grande do Sul - a única que restou. A planta da Igreja São Francisco de Assis, em Ouro Preto, é usada para exemplificar a riqueza das igrejas construídas em vários estados. Goodwin descreve alguns dos elementos presentes nestas igrejas: de pedra ou taipa, com frontispício de pedra-sabão, portas de madeira, interiores “chapeados a ouro sobre talhas”<sup>276</sup>, tetos de madeira, púlpitos ricamente decorados, assim como a sacristia e o lavabo, exemplificado por um lavabo de talha de Aleijadinho<sup>277</sup>.

Goodwin cita Robert Smith ao falar da arquitetura brasileira em relação à arquitetura dos colonizadores. Smith<sup>278</sup> foi um historiador de arte norte-americano graduado no Departamento de Belas Artes da Universidade de Harvard (1929-1933), que se dedicou ao estudo da história da arte e da arquitetura, no Brasil e em Portugal, nos períodos barroco e rococó. Comenta que, no Brasil, como não foram encontradas condições muito adversas em relação ao clima e outros fatores, em relação a Portugal, a arquitetura dos colonizadores parece ser transplantada de um lugar para o outro, marcadas principalmente pelo barroco português e pelos azulejos<sup>279</sup>. Consta que embora haja muita madeira, como esta não era usada em Portugal devido à umidade e cupins, os latinos possuíam uma inata preferência pelas construções de pedras, de adobe ou taipa. Concorda com Robert Smith, quando explica que

uma arquitetura mais genuinamente autóctone poderia ter sido desenvolvida si [sic] os colonizadores do Brasil, como os

---

<sup>275</sup> Na época de implantação, a região onde foram construídas as edificações de São Miguel das Missões pertenciam à América Espanhola. In: André Ahmud Botelho, Diego Vivian e Laerson Bruxel. *Museu das Missões*. (Brasília, DF. Ibram, 2015).

<sup>276</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 22.

<sup>277</sup> *Ibidem*.

<sup>278</sup> Robert Chester Smith (Cranford, 1912-1975) Em 1937, com bolsa do *American Council of Learned Societies* viajou ao Brasil por quatro meses em busca das semelhanças da cultura artística lusa em solos da América Meridional. A data coincide com o movimento de criação do SPHAN, com o qual esteve em contato e colaborou com os trabalhos e publicou vários textos na Revista do órgão. Foi um pioneiro na pesquisa da documentação histórica, fotográfica e recuperação de informações dos períodos que estudava. Escreveu vários artigos, sobre arquitetura, urbanismo e iconografia brasileiros. Seus trabalhos devem ter sido uma grande fonte de informação para Goodwin sobre o Barroco Brasileiro e Português. In: Nestor Goulart Reis Filho (org.). *Robert Smith e o Brasil: arquitetura e urbanismo*. (Brasília, Distrito Federal, IPHAN, 2012).

<sup>279</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 20.

colonizadores da Nova Inglaterra, tivessem sido obrigados a fazer face a uma série de condições diversas das existentes na metrópole. Dessa maneira, as paredes grossas, o pé-direito elevado, os cômodos espaçosos, o assoalho de lages, e os rodapés [sic] que caracterizam a arquitetura lusitana foram transplantados para o país<sup>280</sup>.

Uma imagem de um velho armazém em Recife ilustra o surgimento dessa tipologia em vários estados em razão do aumento das fazendas de canaviais ou cafeeiras (Ilustração 32). A função era servir de depósito até o embarque para o exterior. Os proprietários dessas fazendas, que pertenciam a um seleto grupo de pessoas com títulos de nobreza concedidos por Portugal ou pelo Império, também construíam “ricos solares”<sup>281</sup> na área urbana.



Ilustração 32 - Velho Armazém em Recife.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 22.

Durante a presença da corte portuguesa no Brasil, em 1816, um acontecimento de grande importância para a arquitetura brasileira deve ser lembrado: a Missão Artística Francesa, convidada por Dom Joao VI. Goodwin, entretanto, foi muito sintético ao citar o fato, cita Debret, Lebreton e Grandjean de Montigny, afirmando que este último foi o “autor do risco da primeira escola de belas artes, do edificio [sic] da alfandega [sic] e de

---

<sup>280</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 20.

<sup>281</sup> *Idem*, 23.

outras construções do Rio”<sup>282</sup>. Logo em seguida diz que “um ultimo [sic] artista que se reuniu ao grupo foi Louis Vauthier”<sup>283</sup>. Vauthier, no entanto, nasceu em 1815 (um ano antes da Missão Artística Francesa) e só veio ao Brasil em 1839. Foi o autor do Teatro Santa Isabel de Recife que está retratado no livro e possui influências do *Palais Royal* de Paris<sup>284</sup>.

Philip Goodwin menciona a existência do SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional) desde 1936, e a sua importância em preservar os monumentos do passado. O arquiteto mostra uma das obras preservadas, o qual nomeia como Palácio Rio Negro (Ilustração 33), embora seja o Palácio Imperial (Ilustrações 34 e 35), que foi residência de verão do Imperador do Brasil Pedro II<sup>285</sup>.



Ilustração 33 - Palácio Rio Negro atualmente, Petrópolis, RJ.

Fonte: Fundação de Cultura e Turismo De Petrópolis. *Palácio Rio Negro*. Pontos Turísticos de Petrópolis. <<http://www.petropolis.rj.gov.br/fct/index.php/turismo/atrativos-turisticos/94-centro-historico-aberto-a-visitacao/82-palacio-rio-negro.html>>.

---

<sup>282</sup>Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 23.

<sup>283</sup> *Idem*, 23.

<sup>284</sup> *Idem*, 22.

<sup>285</sup> *Ibidem*.





Ilustração 34 - Obra como consta no Brazil Builds nomeada como Palacio [sic] Rio Negro, Petrópolis.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 25.



Ilustração 35 - Palácio Imperial, RJ.

Fonte: IBRAM. *Museu Imperial comemora 70 anos com programação especial em Petrópolis*. Notícias Portal do Instituto Brasileiro de Museus. <<http://www.museus.gov.br/tag/sarau-imperial>>.

Para finalizar, Goodwin expressa que havia várias correntes na arquitetura do Brasil no final do século XIX. Em Manaus, construía-se um teatro, do qual há duas imagens (Ilustrações 36 e 37), com o interior *Art Nouveau* influenciado por Bruxelas e Nancy, segundo Goodwin<sup>286</sup>.

---

<sup>286</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 25.





Ilustração 36 - Teatro de Manaus.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 24.



Ilustração 37 - Teatro de Manaus.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 24.

Já no Rio de Janeiro foram construídos, na Avenida Rio Branco, “uma Biblioteca, um museu, um magestoso [sic] teatro e o Palacio [sic] Monroe”<sup>287</sup>, dos quais Goodwin acha melhor não tecer comentários e nem mostrar qualquer tipo de imagem: quanto aos primeiros três edifícios, o arquiteto está se referindo à Biblioteca Nacional, o Museu

---

<sup>287</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 25.

Nacional de Belas Artes e o Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Afirma que o “Rio de Janeiro, como Washington, foram vítimas da mania internacional do carregado à Palladio”<sup>288</sup>. Ainda acrescenta que a arquitetura tendeu para a correção acadêmica ao invés de buscar algo mais integrado ao local. Diz, porém que as coisas tiveram final feliz, e que “quasi [*sic*] da noite para o dia, a encantadora cidade curou-se dessa doença, começando ver melhor as vantagens de uma arquitetura de acordo com a vida atual e com a moderna técnica construtora”<sup>289</sup>. Este assunto será tratado mais adiante na Parte 3.

- **Planchas**

O acervo de imagens do livro inicia com fotografias da paisagem do Rio de Janeiro. Enquadra toda a paisagem que envolve a cidade, incluindo o Cristo Redentor, a Lagoa e o Pão-de-Açúcar. Goodwin inicia o texto fazendo a leitura de que a civilização não prejudicou a beleza natural do ambiente e que o homem procura erigir uma cidade e “realçar o esplendor da mesma”<sup>290</sup>, e cita como outro exemplo a cidade de São Francisco, na Califórnia, fazendo um paralelo com a capital brasileira. Já sobre as seguintes fotografias da praia de Copacabana, o arquiteto menciona que é a praia preferida tanto dos turistas quanto dos locais. A praia tem a forma de uma curva elíptica, é cercada pelo passeio coberto por mosaicos pretos e brancos de formas sinuosas e pela linha de edifícios de hoteleiros e apartamentos, cujas sombras se projetam pela areia em direção ao mar (Ilustração 38).

---

<sup>288</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 25.

<sup>289</sup> *Ibidem*.

<sup>290</sup> *Ibidem*, 26.



Ilustração 38 - Rio de Janeiro.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 27.

A parte antiga compreende 43 edifícios de acordo com a lista do livro, sendo que aparecem mais algumas obras na introdução. Ainda são apresentadas 13 fotografias de paisagens de tais cidades: Rio de Janeiro, Congonhas do Campo, Ouro Preto, Recife e Salvador. O enredo arquitetônico do livro é preenchido por edificações de todos os tipos.

O primeiro edifício é o Palácio do Itamarati (Ilustração 39), de José Jacinto Rebelo, aluno de Grandjean de Montigny e foi classificado como italiano neoclássico.

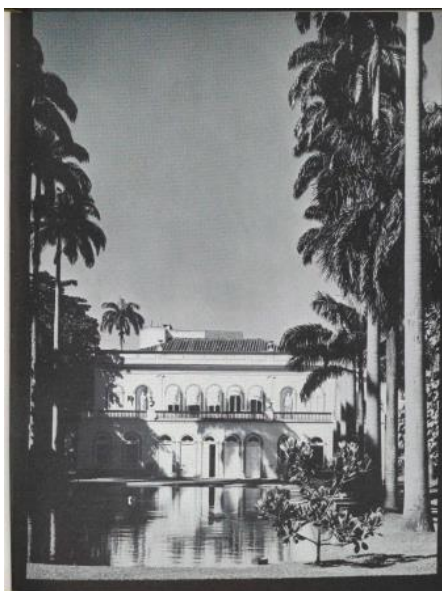


Ilustração 39 - Palácio Itamarati, José Maria Jacinto Rebelo, RJ, 1851-1854 (Restaurado em 1928-1930).

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 27.

São mostradas velhas edificações rurais e também urbanas, além da Igreja da Glória (Ilustração 40), “pequena joia da arquitetura neo-gótica [sic]”<sup>291</sup>, no topo do seu monte.

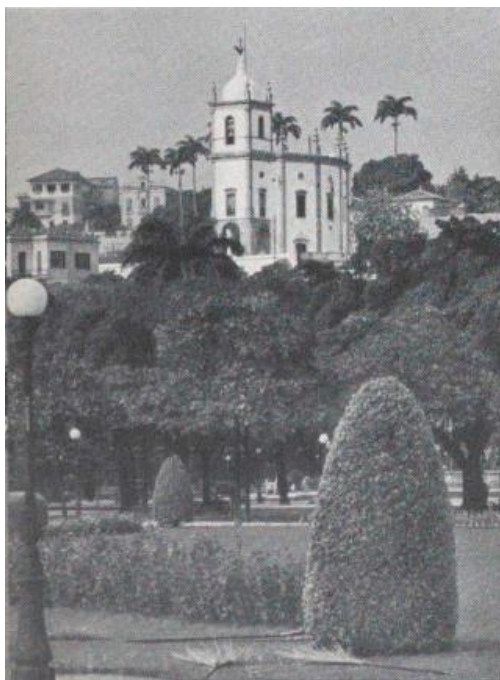


Ilustração 40 - Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, Julio Frederico Koeller e Phillipe Garçon Rivière, RJ, 1842.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 30.

Na sequência, perpassa pela Igreja e Mosteiro de São Bento, onde o severo exterior oculta a delicadeza dos trabalhos barrocos de entalhes dourados do interior<sup>292</sup>. Desvenda os interiores das casas antigas rurais, passando pelos alpendres das velhas casas de fazendas açucareiras e cafeeiras com suas pequenas capelas adjuntas, como as fazendas Colubandê<sup>293</sup> (Ilustrações 41 e 42), Vassouras e Garcia:

A forma típica do núcleo brasileiro do século XIX é a grande fazenda, com os seus barracões, casas de colonos, e a casa-grande com a capela adjunta<sup>294</sup>.

---

<sup>291</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 30.

<sup>292</sup> *Ibidem*, 32.

<sup>293</sup> *Ibidem*, 34-35.

<sup>294</sup> *Ibidem*, 34.

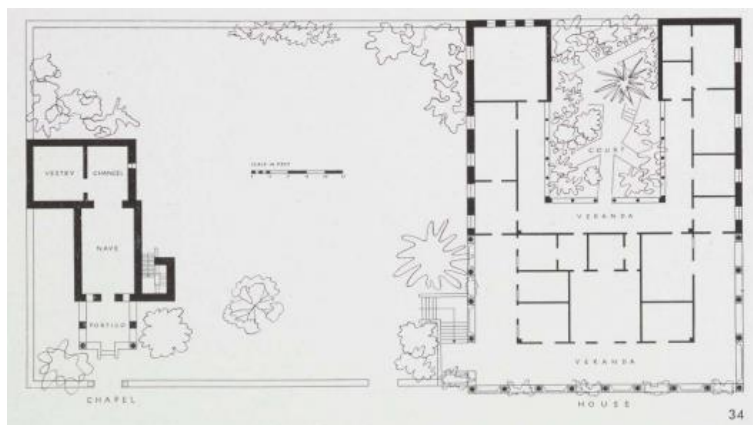


Ilustração 41 - Planta da Fazenda Colubandê, São Gonçalo, (perto de Niterói, Estado do Rio de Janeiro) Primeira metade do século XIX.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 34-5.

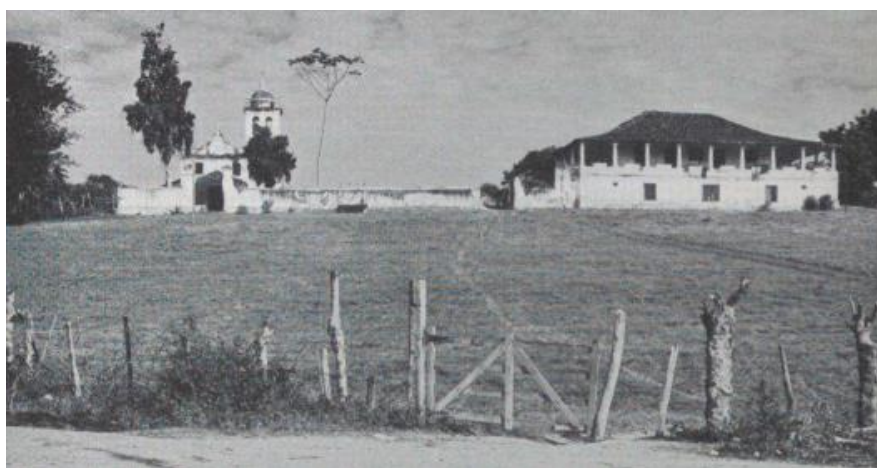


Ilustração 42 - Planta e Fotografia da Fazenda Colubandê, São Gonçalo, (perto de Niterói, Estado do Rio de Janeiro) Primeira metade do século XIX.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 34-5.

Em relação à Fazenda Garcia (Ilustração 43), bastante curiosa é a apresentação de desenhos de um jardim moderno por Burle Marx. São cinco pequenos detalhes e uma grande perspectiva do jardim final (Ilustração 44). Trata-se de um exemplo de arquitetura regional mostrado por Goodwin e que faz jus ao nome do livro. É também uma espécie de episódio particular no livro, unindo o antigo e o novo, assim como o Museu das Missões de São Miguel do arquiteto Lucio Costa.



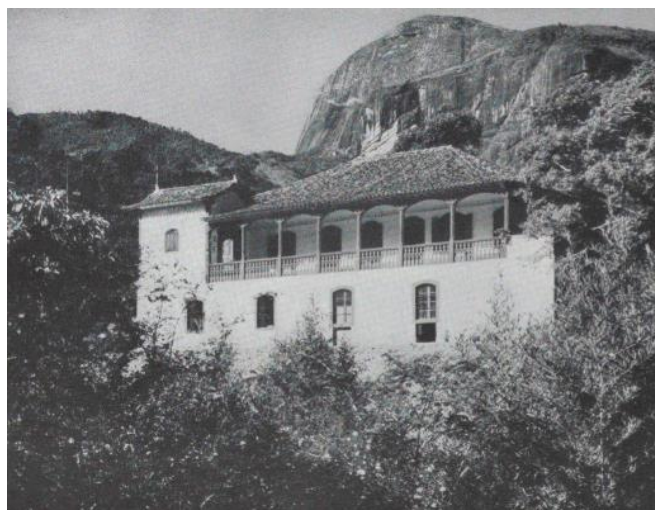


Ilustração 43 - Fazenda Garcia, perto de Petrópolis, RJ.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 39.



Ilustração 44 - Fazenda Garcia, perto de Petrópolis, RJ. (Jardim moderno projetado pelo arquiteto paisagista Roberto Burle Marx).

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 39.

Acerca do jardim já se antecipavam premissas do que se tornaria corrente mais tarde:

O jardim moderno foi projetado pelo arquiteto paisagista Roberto Burle Marx. As plantas da flora nacional, tão comumente desprezadas pelos jardineiros do Brasil, foram dispostas de modo a produzir um romântico efeito<sup>295</sup>.

---

<sup>295</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 38.

Outro fato curioso verifica-se nas ruínas das missões jesuíticas no Rio Grande do Sul, do século XVIII. No local encontra-se uma igreja que possui um *pórtico-frontão* separado do corpo do edifício (Ilustração 45).

Afastado em relação à Igreja, está presente o museu que Lucio Costa elaborou para utilizar “o grande número de entalhes de pedra e madeira oriundos da igreja”<sup>296</sup>. Embora a construção do Museu pertença ao século XX, mais precisamente em 1940<sup>297</sup>, Lucio Costa utilizou materiais coletados do entorno das ruínas (Ilustração 46).

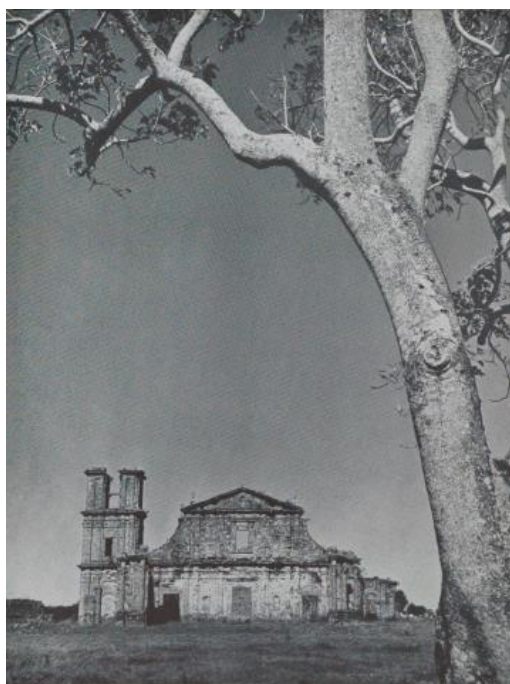


Ilustração 45 - Ruínas de São Miguel dos Missões (RS).

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 21.

---

<sup>296</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 42.

<sup>297</sup> Ricardo Rocha. “De museus e ruínas. Os liames entre o novo e o antigo”. *Arquitextos*, ano 01, n. 008.02, Vitruvius. (São Paulo, jan. 2001). <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.008/927>>



Ilustração 46 - Intervenção de Lucio Costa, São Miguel dos Missões (RS).

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 21.

O barroco da arquitetura religiosa de Minas Gerais é mostrado em diversas fotos, dando destaque as várias nuances de cada cidade. Entretanto, a maior parte das fotos estão especialmente concentradas na arquitetura de Ouro Preto. Goodwin rememora obras muito antigas, uma delas quinhentista, de certa forma transgredindo as datas estipuladas no título do livro que dão como início o ano de 1652<sup>298</sup>. Salvador, a primeira capital do Brasil, é retratada em cenas urbanas juntamente com seus edifícios religiosos ricamente decorados em detalhes. A viagem passa por obras religiosas do interior da Bahia, com reminiscências do *Manuelino* português, seguindo pelas ruas do Recife, mostrando suas igrejas menos ornamentadas do século XVIII.

---

<sup>298</sup> O edifício mais antigo a aparecer é o Forte Montserrat, na Bahia, de 1586. Mas esse assunto será tratado mais à frente na Parte 3.



#### 1.1.4.3. Arquitetura Moderna

- **Introdução II**

A segunda parte de *Brazil Builds* inicia com um grande mapa esquemático da cidade do Rio de Janeiro com a marcação dos edifícios mostrados no livro-catálogo. O texto afirma que a arquitetura moderna surgiu no Brasil muito antes dos anos 30, teve um início modesto e cresceu rapidamente em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. A grande influência veio da França, não só neste aspecto, mas também em outras áreas. Especificamente na arquitetura, era marcante a influência de Le Corbusier, cujos ensinamentos transparecem no Ministério da Educação, na A.B.I. e em obras da Pampulha, por exemplo. Chegavam também influências da Itália e Alemanha, através das publicações ou por meio de viagens ao exterior realizadas por arquitetos brasileiros, além de profissionais estrangeiros que vieram se fixar no Brasil nessa época. Dos Estados Unidos, o Brasil adotou soluções técnicas para a arquitetura de arranha-céus que pontilharam o centro de São Paulo, do Rio de Janeiro e a orla das praias.

Goodwin afirma que, em meio a tantas influências, os arquitetos brasileiros encontraram um caminho próprio ao criarem soluções para controlar a incidência do sol e calor, e que este era o motivo principal da sua viagem ao Brasil. Menciona que Le Corbusier já havia recomendado o uso de *brise-soleil* em projetos não construídos, enquanto no Brasil foram postos em prática de variadas formas: horizontais, verticais, móveis e fixos. Cita o Ministério da Educação e Saúde como um exemplo bem-sucedido de utilização desses artifícios, pois exigiu diferentes soluções de acordo com a orientação solar de cada fachada. Foram empregadas estratégias parecidas na Estação de Barcas de Attilio Corrêa Lima, no Iate Clube da Pampulha, de Oscar Niemeyer, assim como na sua Obra do Berço. Já os irmãos Roberto, na Associação Brasileira de Imprensa, optaram por brises fixos de concreto, e Goodwin ainda menciona outros artifícios usados pelos brasileiros como as rótulas coloniais ou grades fixas de madeira ou cimento que protegem do sol.

Chama a atenção para o fato de que as obras não têm a necessidade de precaução contra abalos sísmicos, como em outros países da América do Sul, e para os materiais

usados nos edifícios modernos: a estrutura de “cimento armado”<sup>299</sup>, fechado com chapas ou blocos de concreto, até mesmo tijolos. Já para os prédios baixos, menciona que as paredes são de “pedra tosca”<sup>300</sup> e ambos são rebocados ou revestidos de lajes de pedras. Cita como exemplo uma escola de Rino Levi, a *Sedes Sapientiae* em São Paulo, que possui estrutura de cimento e a Torre d’Água de Olinda que possui paredes de *cambogé*<sup>301</sup>. O cimento e o metal para as construções são de origem brasileira, assim como o granito, tendo como exemplo o que foi utilizado no Ministério da Educação. Além disso são usados também mármore de Portugal, Itália e Argentina. Um elemento de destaque é o azulejo, como usado no Ministério da Educação, com desenhos de Cândido Portinari. Goodwin adverte que nem sempre o uso é benéfico, mas acredita que um “uso largo de desenho amplo para trabalhos modernos está para ser visto”<sup>302</sup> enquanto critica a maneira como foi utilizado no novo edifício da Pampulha<sup>303</sup>.

Goodwin fala de encanamentos, que são fabricados no Brasil, e de elevadores, que são importados dos Estados Unidos. Além disso, tenta estabelecer uma comparação de custos, relativos às construções, entre os dois países. Entretanto explica que tal comparação não é possível. A seguir, faz um panorama geral da organização-político administrativa, já que muitos edifícios foram construídos pelo governo federal, estadual ou municipal como escolas de “excelentes modelos”<sup>304</sup>, bibliotecas e hospitais modernos.

Menciona a vinda de Le Corbusier como consultor a convite dos arquitetos responsáveis pelo projeto do Ministério da Educação, afirmando que “a sua influencia [sic] reflete-se acentuadamente, o mais importante porém é que aí se manifestam livres a imaginação do desenho e a condenação da velha trilha oficial”<sup>305</sup>. Diz também que “enquanto o

---

<sup>299</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 87.

<sup>300</sup> *Ibidem*.

<sup>301</sup> Bloco de concreto perfurado a cada meio metro quadrado. *Ibidem*, 87.

<sup>302</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 90.

<sup>303</sup> Goodwin não especifica qual é o edifício da Pampulha a que se refere. Mas refere-se à “pobreza da cor [sic], a pequenez do desenhos e a aparência [sic] antiga dos azulejos, tão em desacordo com a obra que decoram”. Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 90.

<sup>304</sup> *Ibidem*, 93.

<sup>305</sup> *Ibidem*, 91.

clássico dos edifícios [sic] federais de Washington, o arqueológico da Academia Real de Londres e o clássico nazista de Munich dominam triunfantes, o Brasil teve a coragem de quebrar a rotina e tomar um rumo novo, dando como resultado poder o Rio orgulhar-se de possuir os mais belos edifícios [sic] públicos do continente americano”<sup>306</sup>. Goodwin ainda chama a atenção para o contraste que o Ministério da Educação faz com o Ministério da Fazenda, sendo o último mais conservador.

A inauguração da Biblioteca Pública de São Paulo – a Biblioteca Mário de Andrade, de 1942: “é agradável, embora alguns dos elementos estruturais não pareçam haver contribuído muito bem para os resultados arquitetônicos”<sup>307</sup>. Goodwin aproveita para falar sobre o gosto pela leitura dos brasileiros, que seria maior nas classes mais favorecidas. As bibliotecas seriam parte de um incentivo para mudar esse cenário e aumentar o índice de leitura.

No que diz respeito aos aeroportos, Goodwin afirma que “apesar da importancia [sic] capital da aviação num paiz [sic] enorme, difícil e acidentado”<sup>308</sup>, não há infraestrutura nos campos pequenos de aviação. No entanto, chama a atenção para o projeto de dois edifícios: o Hidroporto<sup>309</sup> e o Hangar n.1<sup>310</sup> que comenta serem superiores “em desenho”<sup>311</sup> aos de Nova Iorque e Washington.

Goodwin alude a uma “coisa desconhecida para os Estados Unidos”<sup>312</sup> – que eram os cassinos e menciona a construção de um exemplar em Petrópolis, mas o verdadeiro interesse está no Cassino da Pampulha, em Belo Horizonte. Goodwin descreve o edifício e sua relação com o entorno: situado num dos pontos mais altos ao redor da Lagoa, é um ponto de referência que se conecta visualmente com a Ilha-restaurante (ou salão de baile) e o late Clube. Cabe ressaltar que todos os edifícios são projetos de

---

<sup>306</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 91.

<sup>307</sup> *Ibidem*, 93.

<sup>308</sup> *Ibidem*.

<sup>309</sup> Estação para Hidro-Aviões. Aeroporto Santos Dumont. Atílio Corrêa Lima. Rio de Janeiro. 1940.

<sup>310</sup> Hangar nº 1. Aeroporto Santos Dumont. Marcelo e Milton Roberto. Rio de Janeiro. 1940.

<sup>311</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 93.

<sup>312</sup> *Ibidem*, 93.

Oscar Niemeyer e que formam um conjunto<sup>313</sup>. Ainda apresenta o paisagista de “vários talentos”<sup>314</sup> Roberto Burle-Marx, que colaborou de várias formas nos projetos da Pampulha.

São mencionadas as intervenções urbanas em São Paulo, tais como túneis, pontes e passagens de níveis, além de avenidas e viadutos. O mercado imobiliário cresceu e os preços subiram. Goodwin afirma que “nem Detroit nem Huston poderão apostar carreira de crescimento com São Paulo e Rio de 1940-1941”<sup>315</sup>. Faz comparações entre o Rio de Janeiro e outras cidades: compara a Manhattan por terem ambas uma área limitada por elementos naturais; a Chicago por terem tido semelhantes grandes obras urbanas; e a Paris pela iluminação noturna. Menciona que Belo Horizonte e Goiânia tiveram planos desenhados a partir do nada, contando com ruas largas e espaços livres, mas não entra em detalhes. Goodwin reclama do precário estado das estradas de ligação entre as cidades, que não correspondem ao desenvolvimento das cidades.

O problema da desapropriação de terras para a renovação acabou por gerar núcleos de habitações insalubres nas encostas dos morros. Goodwin explica que esforços têm sido feitos para realocar essa população. Alguns projetos de conjuntos de habitações estão em andamento, como um bairro industrial de Atílio Corrêa Lima, e o projeto de Realengo. A predileção por apartamentos incentivou a construção de arranha-céus, valorizando os terrenos. No Rio, os apartamentos procuram voltar-se para o mar e possuem uma área externa. As cores dos edifícios alternam-se entre cinzento ou amarelado, com detalhes em outras cores, sendo frequente o azul.

Uma das diferenças entre as famílias norte americanas e as latinas era o fator de isolamento, o autor afirma que as últimas são bem reservadas e preferem um “isolamento exclusivista”<sup>316</sup>. Talvez por isso a aceitação tão grande do quebra-luz. No entanto, alguns projetos recentes, como o Jardim América e o Pacaembu, remetem ao “panorama das cidades-jardins norte-americanas”<sup>317</sup>. Menciona particularmente o

---

<sup>313</sup> O conjunto ainda incluiria a Igreja de São Francisco de Assis, não mencionada por Goodwin.

<sup>314</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 94.

<sup>315</sup> *Ibidem*, 95.

<sup>316</sup> *Ibidem*, 98.

<sup>317</sup> *Ibidem*, 99.

arquiteto Rudofsky, que construiu duas casas, uma para o sr. Frontini e outra para sr. Arnstein, esta última com características de uma “vila pompeiana”<sup>318</sup>.

Sobre o Estilo Colonial (Ilustração 47), Goodwin afirma que este foi bem recebido como o era nos Estados Unidos, embora os exemplares não tenham a elegância do século XVIII, mas acrescenta “felizmente há agora gente audaciosa que ama as casas mais de acordo com os seus hábitos próprios [sic] e necessidades modernas”<sup>319</sup>.



Ilustração 47 – Uma “Casa autêntica do século XVIII” comparada à “Arquitetura Colonial de hoje” no Brasil.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 100.

Goodwin fala de outros bairros do Rio de Janeiro e de seus parques e paisagens, enaltecendo Agache pelo seu trabalho. Afirma que a flora brasileira e o paisagismo são surpreendentes, principalmente se estiver a cargo de um artista como Burle Marx. A escultura é peça fundamental na edificação moderna. Anteriormente presente em parques e avenidas, agora são integradas aos edifícios. Goodwin fala que a arquitetura moderna do Rio e São Paulo sofreu muitas críticas, mas sem argumentos consistentes. A nova arquitetura ainda estava em fase de aceitação. Segundo Goodwin, “estabeleceu-se no Brasil e terá que exigir atmosfera diversa daquela que tem sido facilitada pela mentalidade acadêmica da Escola de Belas Artes”<sup>320</sup>. Esta arquitetura, que Goodwin diz trazer o “carater [sic] do proprio [sic] país e dos artistas que o lançaram”<sup>321</sup>, adequava-se muito bem ao clima e materiais locais. A proteção contra o calor e o sol foi um aspecto resolvido, e foi além das ideias lançadas antes da Guerra. O Brasil se aventurou e conseguiu encontrar um caminho e ainda pode colher bons frutos.

<sup>318</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 99.

<sup>319</sup> *Idem*, 100.

<sup>320</sup> *Idem*, 102.

<sup>321</sup> *Idem*, 103.

- **Planchas**<sup>322</sup>

O livro-catálogo começa mostrando as obras de “cimento armado”<sup>323</sup>, que era o que vinha apoiando a arquitetura moderna do país. Além disso, mostra alguns exemplos de obras em construção, o que dá noção do dinamismo em que se encontrava o país nessa área. Quando começa a apresentar obras individuais, o livro-catálogo mostra o seu grande destaque: o Ministério da Educação e Saúde Pública (Ilustração 48). São exibidos seus *brises-soleil*, seus pilotis, azulejos e terraços-jardins em fotos, plantas e croquis (Ilustrações 49 a 53).



Ilustração 48 – Ministério da Educação e Saúde Pública, 1942 (Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Afonso Eduardo Reidy, Carlos Leão, Jorge Moreira e Ernani Vasconcelos).

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 107.

---

<sup>322</sup> Será feita, sempre que possível uma comparação fotográfica das fotos das obras em *Brazil Builds* e o estado atual.

<sup>323</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 104.

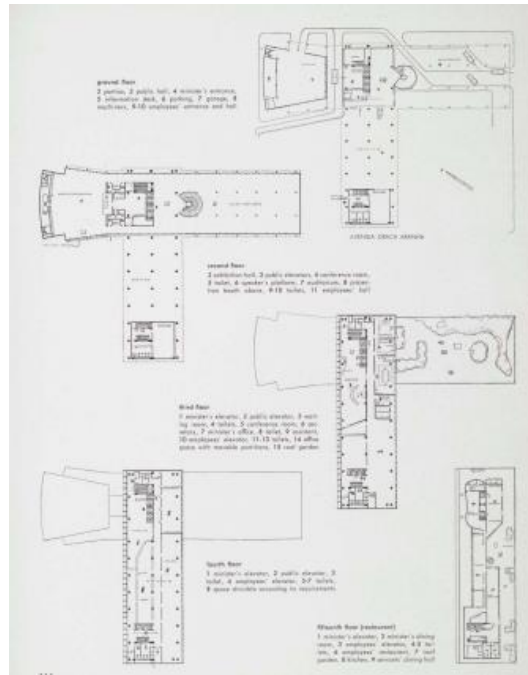


Ilustração 49 - Ministério da Educação e Saúde Pública.1942. (Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Afonso Eduardo Reidy, Carlos Leão, Jorge Moreira e Ernani Vasconcelos).

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 111.



Ilustração 50 - Ministério da Educação em 2009.

Fonte: Fotografia da autora (2009).





Ilustração 51 – Os Brises. Ministério da Educação em 2009.

Fonte: Fotografia da autora (2009).



Ilustração 52 – Pilotis. Ministério da Educação em 2009.

Fonte: Fotografia da autora (2009).





Ilustração 53 - Terraço-jardim do 2º andar. Ministério da Educação em 2009.

Fonte: Fotografia da autora (2009).

Em seguida, Goodwin mostra o projeto da Associação Brasileira de Imprensa A.B.I. com seus quebra-luzes fixos (Ilustrações 54 a 56).



Ilustração 54 - Associação Brasileira de Imprensa (A.B.I.) Marcelo e Milton Roberto, RJ.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 113.



Ilustração 55 - Associação Brasileira de Imprensa (A.B.I) em 2009.

Fonte: Fotografia da autora (2009).



Ilustração 56 - Associação Brasileira de Imprensa A.B.I. sendo vista a partir do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e da Biblioteca Nacional em 2009.

Fonte: Fotografia da autora (2009).

Vários edifícios de apartamentos são mostrados, alguns sem os nomes dos arquitetos. O Edifício Esther também recebeu bastante atenção, três páginas foram dedicadas as suas fotografias, plantas, desenhos e detalhes (Ilustrações 57 a 59). O edifício de São Paulo, desenhado por Álvaro Vital Brazil e Ademar Marinho se encontra em uma localização privilegiada: a Praça da República. Além de moradias, o edifício inclui lojas no térreo e garagens no subsolo.



Ilustração 57 - Edifício Esther. Arquitetos Álvaro Vital Brazil e Adhemar Marinho, SP.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 119.

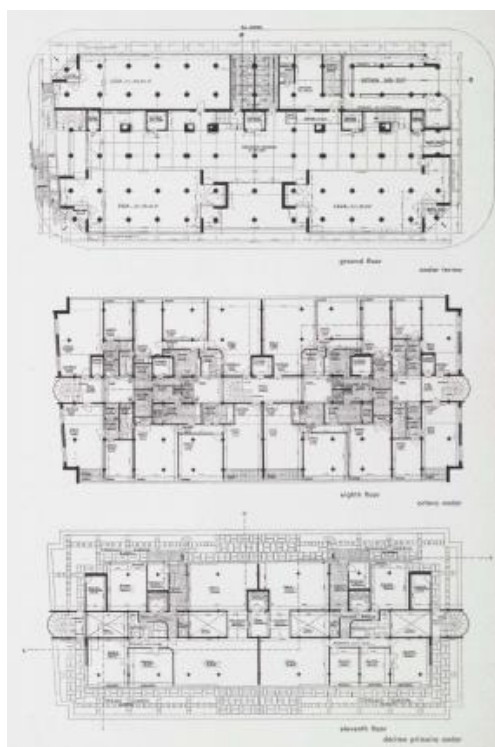


Ilustração 58 - Edifício Esther. Arquitetos Álvaro Vital Brazil e Adhemar Marinho, SP.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 120-1.



Ilustração 59 - Edifício Esther. Arquitetos Álvaro Vital Brazil e Adhemar Marinho.

Fonte: Fotografia de Ana Vaz Milheiro (2016).

Havia muitos edifícios de apartamentos como esse de 1940 (Ilustrações 60 e 61), do arquiteto Dr. Saldanha que ainda existem na malha urbana e se tornaram parte da paisagem.



Ilustração 60 - Casa de Apartamentos, Arquiteto Dr. Saldanha 1940, RJ. (Rua Bolívar, 97, Rio de Janeiro).

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 124.





Ilustração 61 - Casa de Apartamentos, Arquiteto Dr. Saldanha, RJ.

Fonte:GOOGLE MAPS. *Visualização do edifício através do aplicativo Google Maps.* [Casa de Apartamentos, Arquiteto Dr. Saldanha, RJ] <<https://www.google.pt/maps/@-22.9757679,-43.1912814,3a,75y,148.68h,113.32t/data=!3m6!1e1!3m4!1s3-5UADuwBRfmLTnrfgcdXQ!2e0!7i13312!8i6656>>.

Em seguida é apresentado um grande projeto de moradias de custo baixo para o Instituto dos Industriários no Realengo (Ilustração 62). Trata-se de um projeto que continha casas de andar térreo e edifícios de apartamentos.



Ilustração 62 - Casa para Operários no Realengo, Carlos Frederico Ferreira, RJ.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942.* (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 124.

Em seguida, o hotel de Oscar Niemeyer (Ilustrações 63 a 66), inserido na malha urbana colonial de Ouro Preto, é mostrado nas quatro páginas seguintes do livro-catálogo.

Aparece uma planta geral do terreno com a obra inserida, plantas dos andares, fachadas, cortes e uma fotografia com o edifício ainda em construção. Esta obra é mostrada com bastante destaque. Sobre ela, Goodwin diz que “coaduna-se bem com o ambiente oitocentista”<sup>324</sup>.

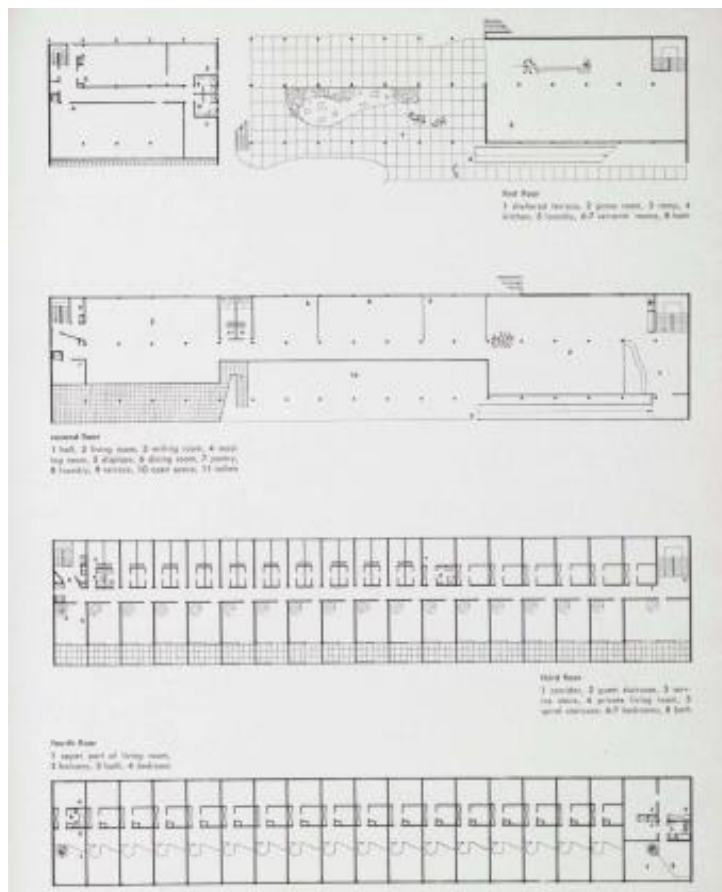


Ilustração 63 – Hotel em Ouro Preto, Oscar Niemeyer, MG.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 130-1.

<sup>324</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 132.

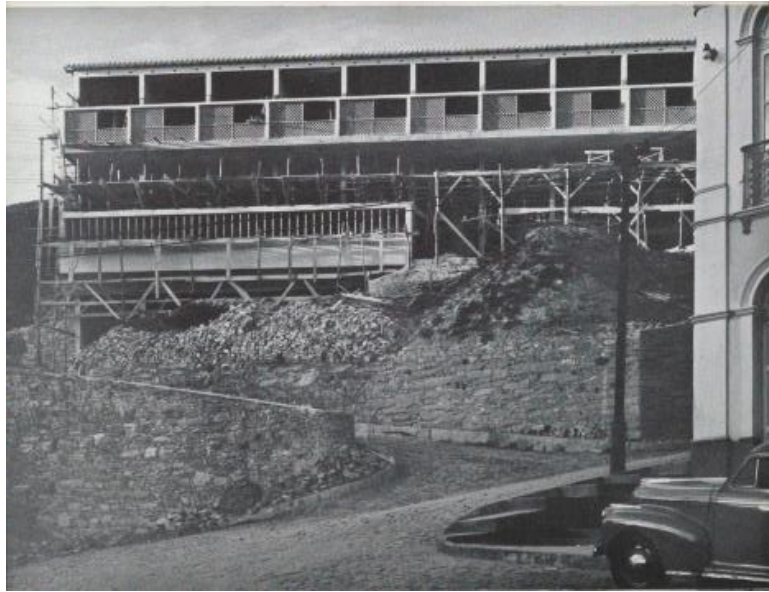


Ilustração 64 - Hotel em Ouro Preto, Oscar Niemeyer, MG.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 132.



Ilustração 65 – Grande Hotel de Ouro Preto, Oscar Niemeyer, MG.

Fonte: Fotografia da autora (2005).



Ilustração 66 - Grande Hotel de Ouro Preto, Oscar Niemeyer, MG.

Fonte: Fotografia da autora (2005).

São vários os edifícios mostrados, cada um com sua função: pode-se enumerar obras como: o Asilo de Inválidos, no Rio de Janeiro, de Paulo Camargo Almeida; a Biblioteca Pública do Departamento de Cultura de São Paulo de Jacques Pilon, Matarazzo e equipe do departamento de obras da Prefeitura; e o Sanatório de Tuberculosos Santa Teresinha, em Salvador, Bahia. Cada edifício tinha sua particularidade e estava em busca da modernidade, apresentando várias características criativas.

Em seguida aparece uma obra do início da carreira de Oscar Niemeyer: a Obra do Berço (Ilustrações 67 a 69). Foi nesta obra, a qual também é documentada em quatro páginas, que o arquiteto fez uso de brises fixos pela primeira vez.





Ilustração 67 - Obra do Berço, Oscar Niemeyer, Rio de Janeiro, RJ.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 137.

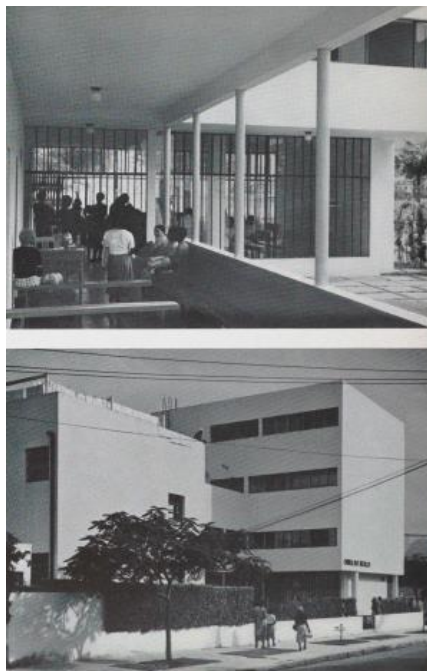


Ilustração 68 - Obra do Berço, Oscar Niemeyer, Rio de Janeiro, RJ.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 138-9.



Ilustração 69 - Obra do Berço, Oscar Niemeyer, Rio de Janeiro, RJ, Aspecto recente.

Fonte: Fundação Oscar Niemeyer. *Obra do Berço* Obra: Arquitetura. <<http://www.niemeyer.org.br/obra/pro004>>.

São mostradas três escolas: A Escola Primária de Raul Vidal de Álvaro Vital Brazil, de 1942, sobre pilotis; também é mostrada uma Escola Normal (Ilustração 70), em Salvador; em seguida, uma proposta de Escola Industrial, do arquiteto Carlos Henrique de Oliveira Porto, na qual as salas de aula ficavam elevadas e abertas para dois pátios sobre pilotis. A imagem que ilustra este detalhe é uma das raras fotografias coloridas do livro-catálogo.



Ilustração 70 - Escola Normal, Carlos Henrique de Oliveira Porto, Salvador, BA.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 143.

O Instituto Superior de Filosofia, Ciências e Letras “Sedes Sapientiae” (Ilustrações 71 a 74) em São Paulo, de autoria de Rino Levi, em 1942, mostra interessantes paredes de concreto vazado e uma cobertura em pilotis e concreto.

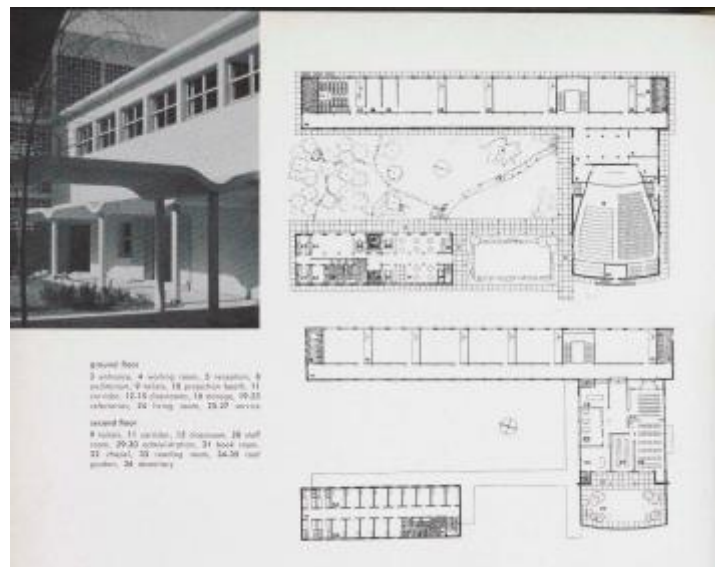


Ilustração 71 - Instituto Superior de Filosofia, Ciências e Letras “Sedes Sapientiae”, Rino Levi, 1942, SP.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 143.



Ilustração 72 - Instituto Superior de Filosofia, Ciências e Letras “Sedes Sapientiae”, Rino Levi, 1942, SP.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 143.



Ilustração 73 - Instituto Superior de Filosofia, Ciências e Letras "Sedes Sapientiae", Rino Levi, 1942, SP (Setembro de 2016).

Fonte: Fotografia de Ana Vaz Milheiro (2016).



Ilustração 74 - Instituto Superior de Filosofia, Ciências e Letras "Sedes Sapientiae", Rino Levi, 1942, SP (Setembro de 2016).

Fonte: Fotografia de Ana Vaz Milheiro (2016).

Depois ainda aparecem as maquetes e cortes do Liceu Industrial de Marcelo e Milton Roberto, com data de 1942. Como não são mostradas fotografias da obra, supõe-se que ainda deveriam estar em fase de projeto ou com as obras recém-começadas.

A obra seguinte recebeu tanto destaque que foi uma das escolhas para figurar na capa de *Brazil-Builds*: a Estação de Hidro-aviões de Attilio Corrêa Lima (Ilustrações 75 a 77). Era um edifício que funcionaria até que o futuro Aeroporto, projetado pelos Irmãos Roberto, estivesse pronto. Foram mostradas fotografias do seu interior com a escada em espiral dominando o espaço, fotografias de detalhes, a fotografia repetida na capa, plantas, fotografias das fachadas das frentes e dos fundos.



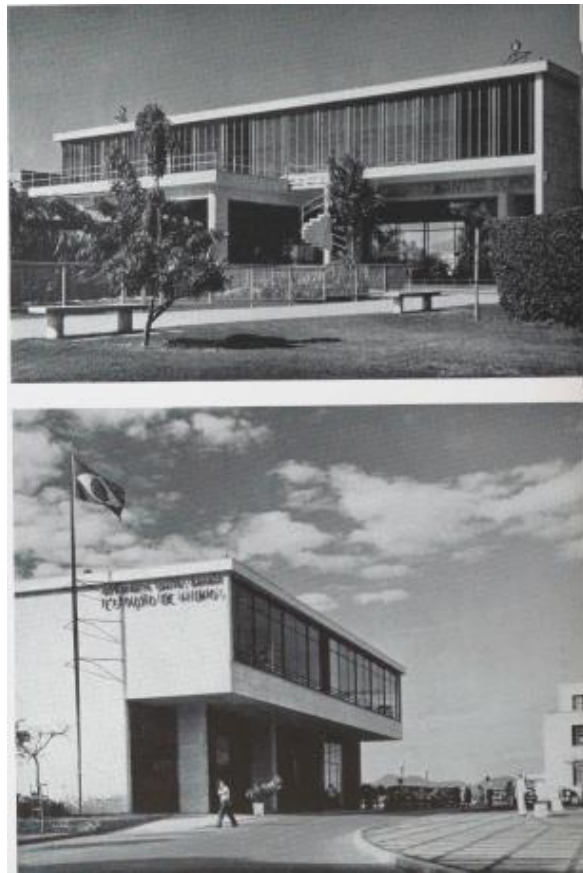


Ilustração 75 - Estação para hidro-aviões, RJ.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 151-152.

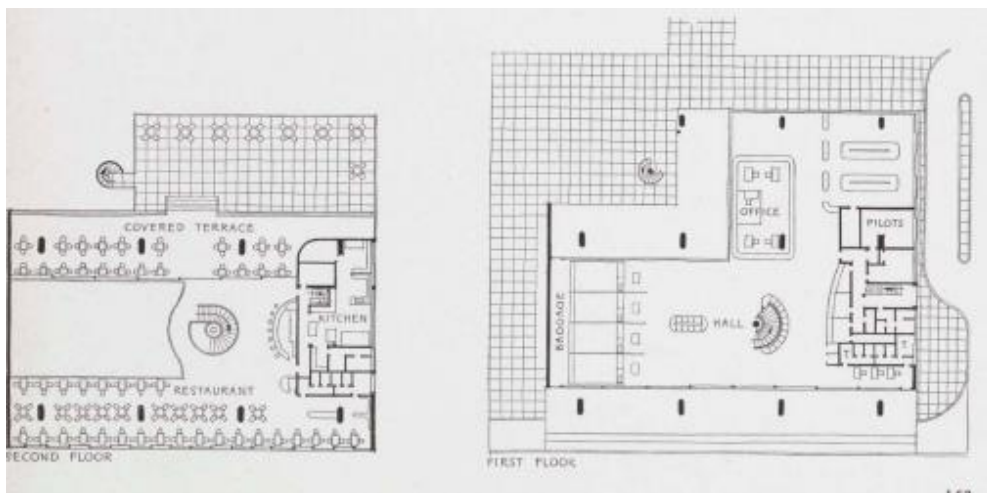


Ilustração 76 - Estação para hidro-aviões, RJ.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 153.

Atualmente é o Instituto Histórico Cultural da Aeronáutica que ocupa o edifício.



Ilustração 77 - Instituto Histórico Cultural da Aeronáutica (antiga Estação para hidro-aviões).

Fonte: Fotografia da autora (2007).

Há também o Hangar nº 1, de Marcelo e Milton Roberto, e a Estação de Barcas de Attilio Corrêa Lima, ambas de 1940. Para estas obras, Goodwin dedica quatro páginas do livro-catálogo, sendo duas para cada.

A região Nordeste, Goodwin mostra o edifício chamado Torre D'Água (Ilustrações 78 a 80) desenhado pelo arquiteto Luis Nunes. Uma grande caixa sobre pilotis, que além de reservatório de água para a cidade possuía um terraço para “bailes ou festivais”<sup>325</sup>.

---

<sup>325</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 158.



Ilustração 78 - Torre d'Água em Olinda, Luis Nunes, 1942.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 158.



Ilustração 79 - Torre d'Água em Olinda.

Fonte: Fotografia de Ana Vaz Milheiro (2007).



Ilustração 80 - Torre d'Água em Olinda.

Fonte: Fotografia de Ana Vaz Milheiro (2007).

Atualmente a situação da Torre D'Água no Nordeste (Ilustração 81), que era um dos grandes ícones modernistas regionais, é desanimadora:

O prédio passou recentemente por obras de requalificação, inauguradas no dia 24 de outubro de 2011. No edifício, de 20 metros de altura, foi instalado um elevador panorâmico e o local foi transformado num mirante, que permite ao visitante uma vista de 360 graus para as duas cidades irmãs: Olinda e Recife. O espaço interior foi requalificado para exposições e outras atividades de apoio à visitação turística<sup>326</sup>.

---

<sup>326</sup> Prefeitura de Olinda. *Guia Turístico da Prefeitura de Olinda.*  
<<http://www.olinda.pe.gov.br/guia-turistico/monumentos>>





Ilustração 81 - Torre d'Água em Olinda nos dias de hoje.

Fonte: Prefeitura de Olinda. Guia Turístico da Prefeitura de Olinda. *Caixa D'Água*. <<http://www.olinda.pe.gov.br/guia-turistico/monumentos>>.

Em Pernambuco ainda é mostrado o Pavilhão de Anatomia Patológica, na cidade de Recife, projetado por Luis Nunes e Fernando Saturnino de Brito (Ilustrações 82 a 84).

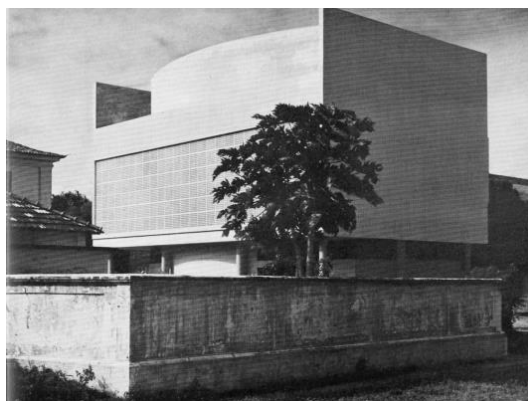


Ilustração 82 - Pavilhão de Anatomia Patológica, Luis Nunes e Fernando Saturnino de Brito.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 159.



Ilustração 83 - Pavilhão de Anatomia Patológica.

Fonte: Fotografia de Ana Vaz Milheiro (2007).



Ilustração 84 - Pavilhão de Anatomia Patológica.

Fonte: Fotografia de Ana Vaz Milheiro (2007).

O Instituto Vital Brazil, de Alvaro Vital Brazil e Adhemar Marinho ainda estava em obras quando as fotografias foram tiradas (Ilustração 85). Era uma unidade complementar ao Instituto Butantã de São Paulo.

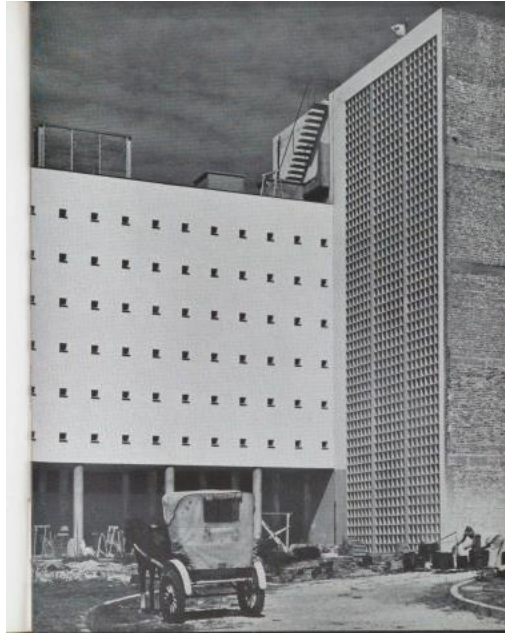


Ilustração 85 - Instituto Vital Brazil, Niterói, RJ, 1942.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 163.

Uma das residências projetadas por Oscar Niemeyer e apresentadas no livro-catálogo é a Residência Cavalcanti (Ilustração 86), de 1940, acerca da qual aparecem plantas e cortes, além de fotografias de vários ambientes.

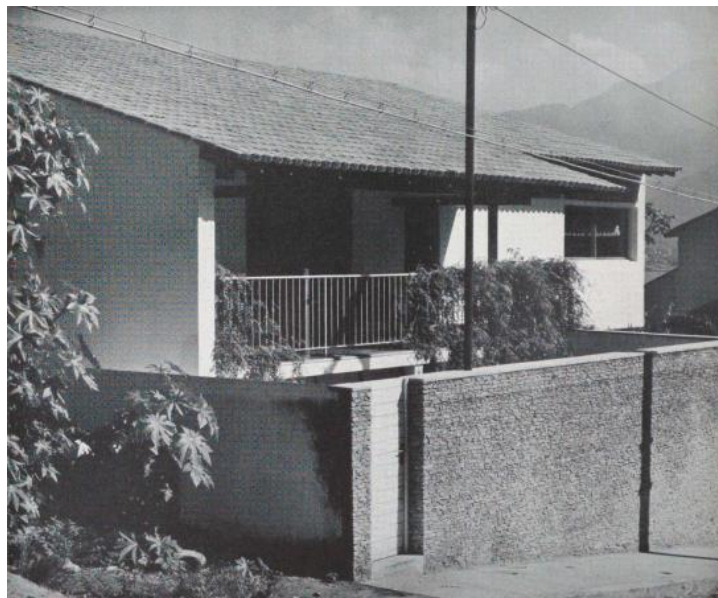


Ilustração 86 - Residência Cavalcanti, Oscar Niemeyer, 1940.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 163.

A segunda residência de Oscar Niemeyer mostrada no livro-catálogo é a Residência do próprio arquiteto (Ilustrações 87 e 88) que se voltava para a Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro, e parecia ainda estar em construção.

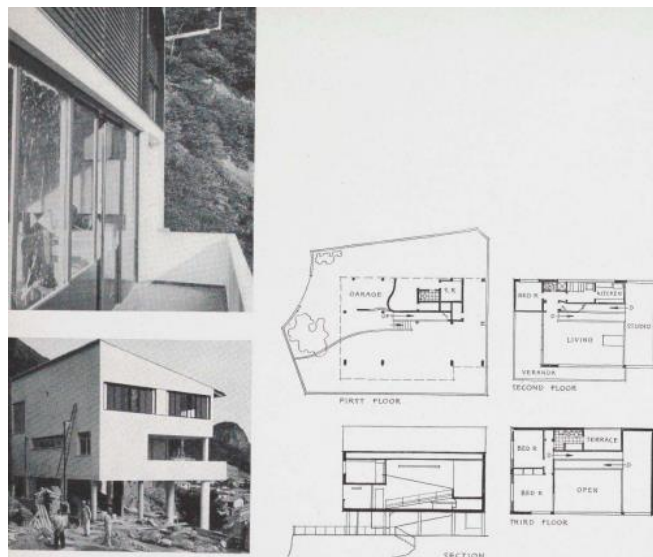


Ilustração 87 - Residência do próprio arquiteto, Oscar Niemeyer, 1942.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 166.

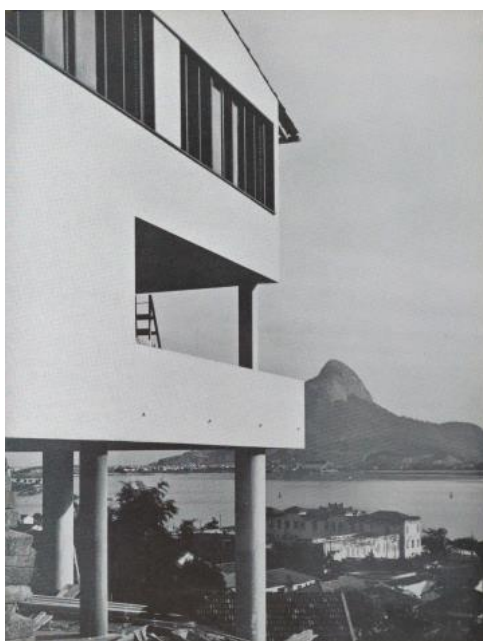


Ilustração 88 - Residência do próprio arquiteto, Oscar Niemeyer, 1942.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 167.



*Brazil Builds* apresenta também croquis, plantas e fachadas para a Casa Johnson (Ilustração 89), em Fortaleza, no Ceará. O texto afirma que o proprietário “escolhe seus arquitetos admiravelmente”<sup>327</sup>, já que possuía uma casa projetada por Frank Lloyd Wright nos Estados Unidos da América, da qual mostra uma fotografia.

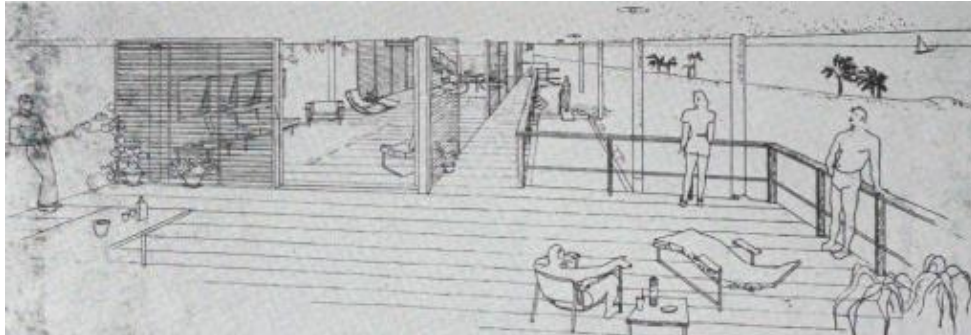


Ilustração 89 - Casa Johnson, Oscar Niemeyer, 1940.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 163.

As casas projetadas pelo arquiteto Bernard Rudofsky retratavam a influência italiana na arquitetura de São Paulo. Eram construídas em torno de pátios e Goodwin chega a afirmar que a casa Arnstein (Ilustrações 90 e 91) tem um “tipo tão bom e tão definido como uma vila pompeiana”<sup>328</sup>.

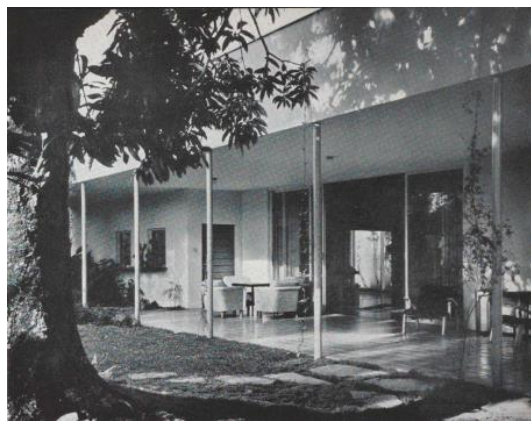


Ilustração 90 - Residência João Arnstein, Bernard Rudofsky, SP.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 171.

<sup>327</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 168.

<sup>328</sup> *Ibidem*, 99.



Ilustração 91 - Residência Frontini. Bernard Rudofsky, SP.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 175.

Em seguida aparecem os projetos para a Residência Hermenegildo Sotto Maior, na Fazenda São Luis, com data de 1942, de Aldary Toledo. Sobre esta obra foi mostrado apenas o projeto, sem nenhuma fotografia. O texto, entretanto, afirma que a obra havia sido construída.

Aparece um edifício de Warchavchik (Ilustração 92) onde se lê: “Esta construção de Gregori Warchavchik é, geralmente, considerada a primeira casa moderna construída em São Paulo”<sup>329</sup>. Mas não há indicações de nome, e o enquadramento da fotografia apenas mostra uma pequena parte da edificação, uma questão que será abordada mais adiante.

---

<sup>329</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 178.

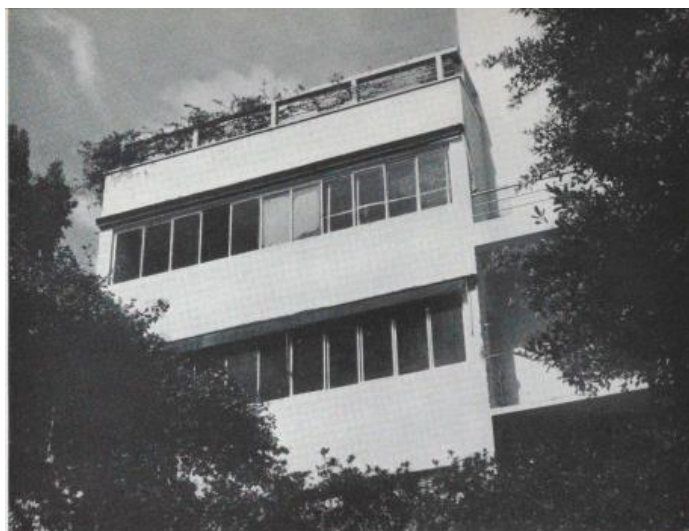


Ilustração 92 – Casa de Warchavchik considerada a primeira casa moderna de São Paulo.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 179.

O conjunto da Pampulha, que foi projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, estava em andamento na época da viagem de Goodwin. O livro-catálogo mostra que algumas obras já estavam mais adiantadas do que outras. O conjunto previa um salão de baile/restaurante, o Yatch Clube e um Cassino. Dispostos ao longo da Lagoa da Pampulha, os prédios ficariam em locais estratégicos de modo a proporcionar a vista de um ou mais dos outros edifícios.

O Cassino é o edifício mais fotografado (Ilustrações 93 a 97). Está em um terreno irregular a que se adaptava com colunas de diversos tamanhos, sustentando um bloco com leveza. A riqueza dos materiais era impressionante: as colunas externas eram revestidas de travertino, enquanto as internas eram revestidas de crômio; além disso, muitas paredes de vidros espelhados foram utilizadas. Conectada à parte mais ortogonal, há uma parte em “forma de pera”<sup>330</sup>, envidraçada e voltada para a lagoa que abriga o restaurante.

---

<sup>330</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 186.

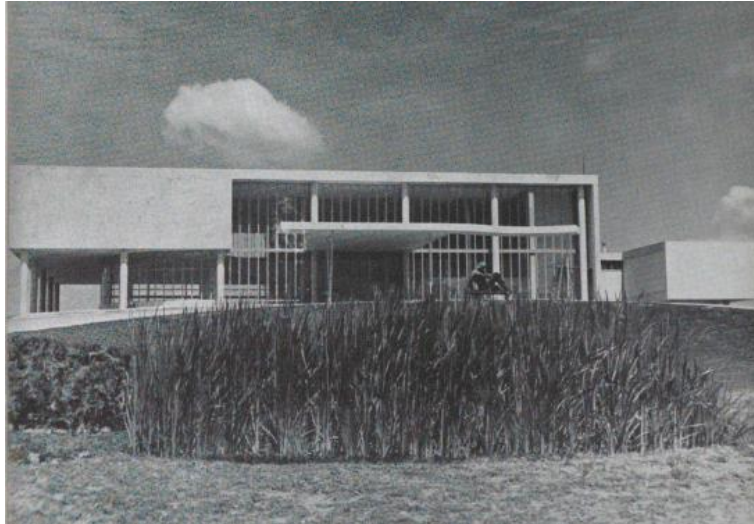


Ilustração 93 - Cassino, Pampulha.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 195.

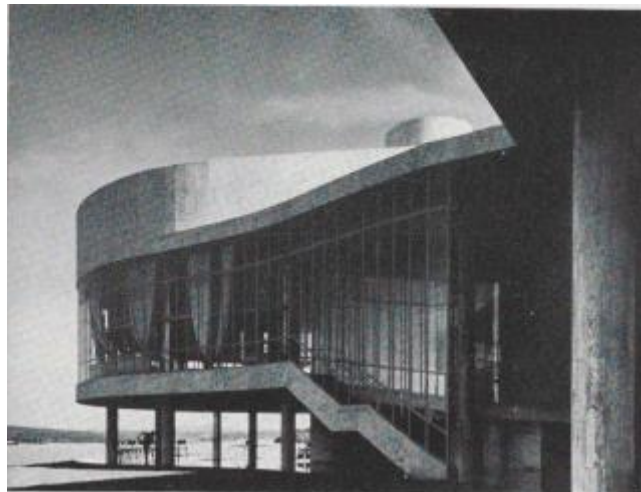


Ilustração 94 - Cassino, Pampulha.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 195.





Ilustração 95 - Cassino, Pampulha.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 195.



Ilustração 96 - Cassino, Pampulha.

Fonte: Fotografia da autora (2005).



Ilustração 97 - Cassino, Pampulha.

Fonte: Fotografia da autora (2005).

A Ilha-Restaurante (Ilustrações 98 a 101), que mais tarde passou a se chamar Casa de Baile, constituía-se de um edifício circular com uma cobertura serpenteante sob pilotis que se prolongava para o jardim.



Ilustração 98 - Ilha-Restaurante. Pampulha.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 190.

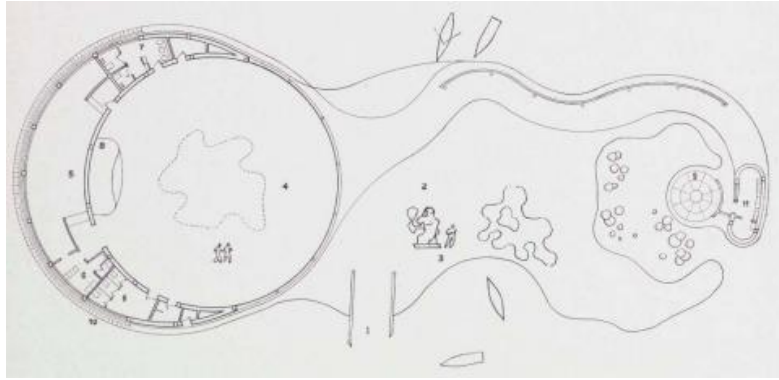


Ilustração 99 - Ilha-Restaurante. Pampulha.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 189.



Ilustração 100 - Casa de Baile (antiga Ilha-Restaurante), Pampulha.

Fonte: Fotografia da autora (2005).



Ilustração 101 - Casa de Baile (antiga Ilha-Restaurante), Pampulha.

Fonte: Fotografia da autora (2005).

O Iate Clube (Ilustração 102) possuía uma cobertura borboleta e, segundo Goodwin, é “em forma de navio”<sup>331</sup>. O piso térreo, revestido por azulejos, é onde ficam as instalações de serviços e o abrigo para as embarcações. Uma rampa leva ao andar superior, o qual possui mural de Burle-Marx, e em seguida para a sala de estar e jantar. Paredes de vidro enquadram as paisagens para o lado e para as montanhas, enquanto a fachada oeste está protegida com brises verticais.

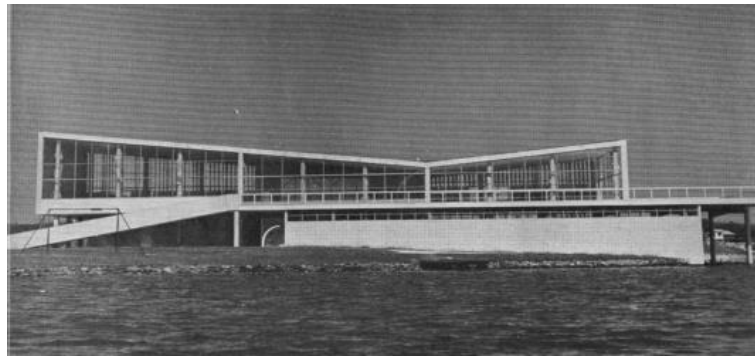


Ilustração 102 - Yacht Club.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 189.

Para finalizar o livro-catálogo, Goodwin apresenta a obra do Pavilhão Brasileiro da Feira Mundial de Nova Iorque (Ilustrações 103 a 104), de Lucio Costa e Oscar Niemeyer. Segundo o autor, dentre outros edifícios modernos construídos na Feira, nenhum possuía a “elegante leveza”<sup>332</sup> da obra brasileira.

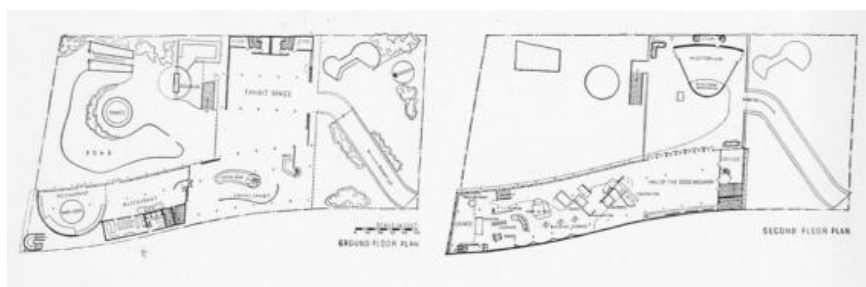


Ilustração 103 - Pavilhão Brasileiro da Feira de Nova Iorque, de Lucio Costa e Oscar Niemeyer.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 194.

<sup>331</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 190.

<sup>332</sup> *Ibidem*, 194.



Ilustração 104 - Pavilhão Brasileiro da Feira de Nova Iorque, de Lucio Costa e Oscar Niemeyer.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 195.

#### 1.1.4.4. Anexos

No final do livro há uma página com fotos de personagens envolvidas na realização do livro. Aparecem Gustavo Capanema, Rodrigo Mello Franco de Andrade, Oscar Niemeyer, Attilio Corrêa Lima, Marcelo e Milton Roberto, Álvaro Vital Brazil, Bernard Rudofsky, G. E. Kidder Smith e Philip L. Goodwin.

Em seguida há uma página com a “Lista de Arquitetos<sup>333</sup>”, onde se encontram endereços dos seus escritórios e os nomes das obras projetadas além do nome de Rodrigo Mello Franco de Andrade como diretor do SPHAN. E curiosamente o Museu das Missões é atribuído ao SPHAN, sendo que a Lucio Costa (embora exista um “ver SPHAN”<sup>334</sup>) apenas são atribuídos o Pavilhão de Nova Iorque e o Ministério da Educação.

<sup>333</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 197.

<sup>334</sup> *Ibidem*, 197-8.



## **PARTE 2 - Leitura quantitativa**





## 2.1. Arquitetura Antiga

Na primeira parte do livro, que se refere aos edifícios antigos, foram apresentadas 107 imagens ao todo, sendo 93 fotografias e 14 desenhos e plantas arquitetônicas. (Ver tabelas 01, 02 e 03 em anexo). Das obras arquitetônicas mostradas na secção de *Planchas* há um total de 79 fotografias, sendo que grande maioria é de fotografias de exteriores, com 54 imagens (Ilustração 105). As 16 fotografias de ambientes internos ilustram locais como o rico interior das igrejas e os cômodos principais das casas das fazendas.

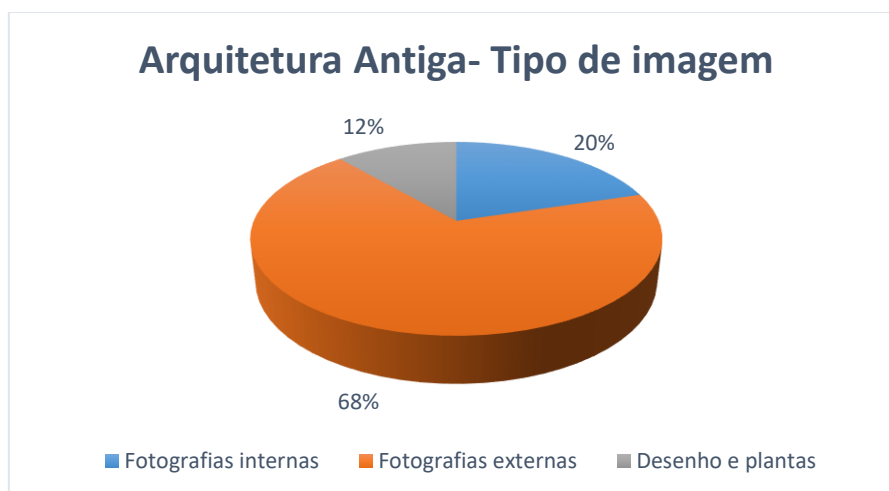


Ilustração 105 - Arquitetura Antiga: Tipo de Imagem

Além de fotografias há nove desenhos e/ou plantas baixas arquitetônicas, que são as seguintes:

- Planta baixa da Fazenda Colubandê;
- Desenho esquemático da Igreja Rosário dos Pretos, em Ouro Preto;
- Planta baixa da Igreja de São Francisco de Assis, mostrando a integração com parte do Mosteiro;
- Vários desenhos de estudos, detalhes e perspectivas de um projeto moderno elaborado por Roberto Burle Marx para a Fazenda Garcia (Século XX). No caso desta obra, não fica claro se o projeto foi executado ou não.

Segundo a contagem, a maioria das fotografias eram externas, seguidas por fotografias de ambientes internos e algumas plantas ou desenhos (ver Tabela 4, em anexo). Os

arquitetos não receberam muita atenção na parte da Arquitetura Antiga: das 40 obras, a maior parte não apresenta o nome do arquiteto; apenas 11 arquitetos são nomeados (ver tabela 5) e muitas obras não possuem qualquer informação acerca da data de construção; os dois arquitetos que possuem mais referências (cinco para cada um) são Lucio Costa e Roberto Burle Marx que, curiosamente, são contemporâneos à edição do *Brazil Builds*. As obras destes dois arquitetos consistem em intervenção moderna em local histórico, fato que os torna mais pertinentes à segunda parte do livro, nas obras modernas.

O número de obras de todos os arquitetos apresentados é o mesmo: uma obra por arquiteto. No entanto se destacam em número de imagens os projetos de Lucio Costa e Burle Marx (contemporâneos) e em seguida João Batista Primoli, Julio Frederico Koeller e Phillipe Garçon Rivière (Ilustração 106).

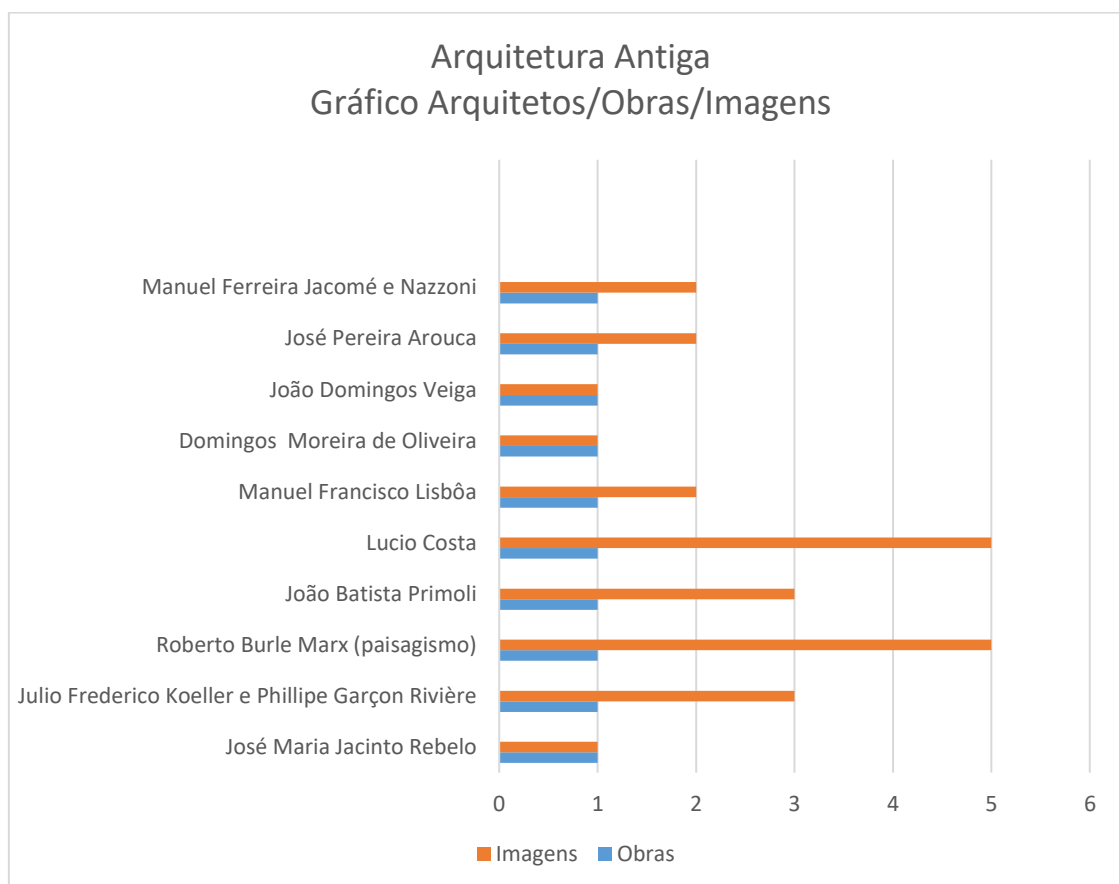


Ilustração 106 - Arquitetura Antiga: Gráfico Arquitetos/Obras/Imagens.

As obras foram divididas por temas (ver Tabela 6). Os edifícios mais apresentados em *Brazil Builds*, na parte antiga, foram *Igreja* e *Capelas* com 22 exemplares, um número

bastante significativo, seguido de *Residências* com cinco exemplares cada, e *Fazendas* com três (Ilustração 107).

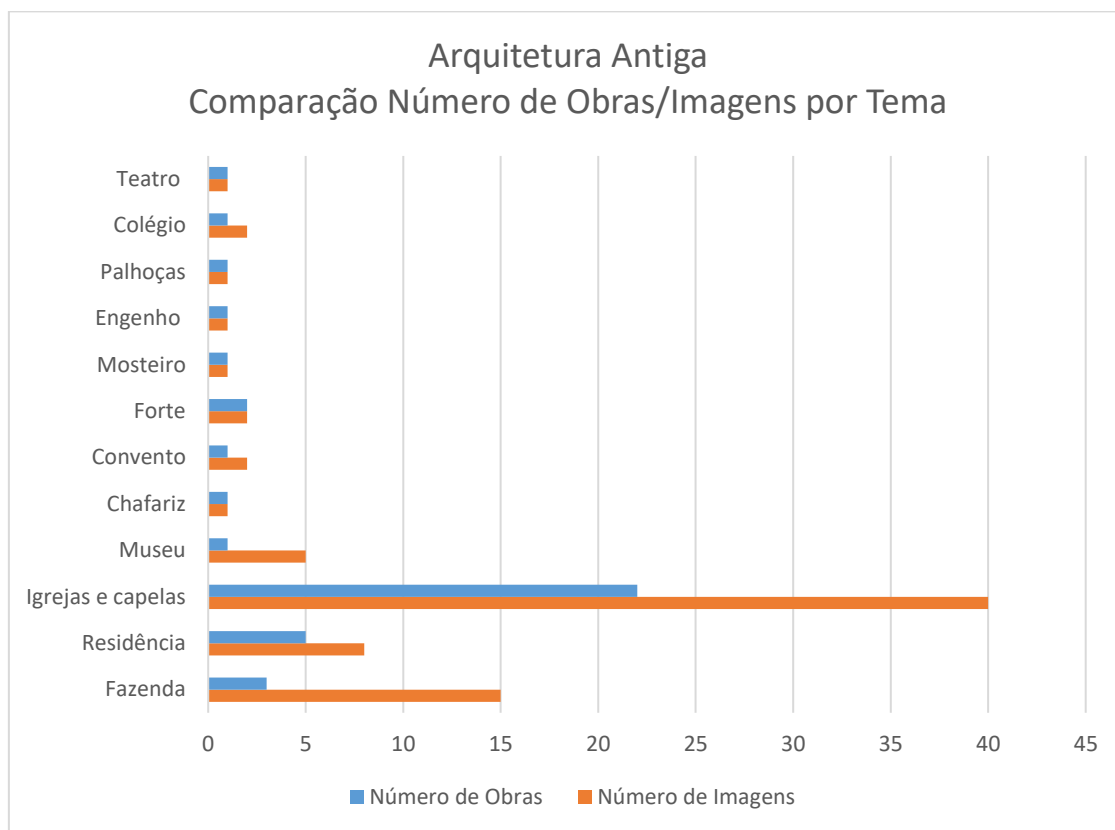


Ilustração 107 - Arquitetura Antiga: Comparação Número de Obras/Imagens por Tema

Dentre as 40 obras representadas no livro, o edifício que recebeu maior destaque foi a Fazenda Colubandê, tendo sete fotografias e uma planta baixa retratadas. A fazenda foi tema de vários estudos, inclusive um comparando as influências que tiveram no desenvolvimento do Palácio da Alvorada em Brasília, de Oscar Niemeyer, muitos anos depois<sup>335</sup>.

A predominância de edifícios é datada do século XVIII, tanto em obras como imagens (Ilustração 108), mas há um número considerável de obras sem indicação de data (ver tabelas 7 e 8). O edifício mais antigo é o Forte Montserrat em Salvador, na Bahia, com a data de 1586. As obras mais recentes (com data indicada) são três obras do século XIX: a Fazenda Colubandê, a Fazenda Vassouras e a Casa caiada de Rosa.

<sup>335</sup> Luciane Scottá. *Capelas, Igrejas e Catedrais: Arquitetura Religiosa de Oscar Niemeyer em Brasília*. (Saarbrücken, Alemanha. Novas Edições Acadêmicas, 2014), 68.

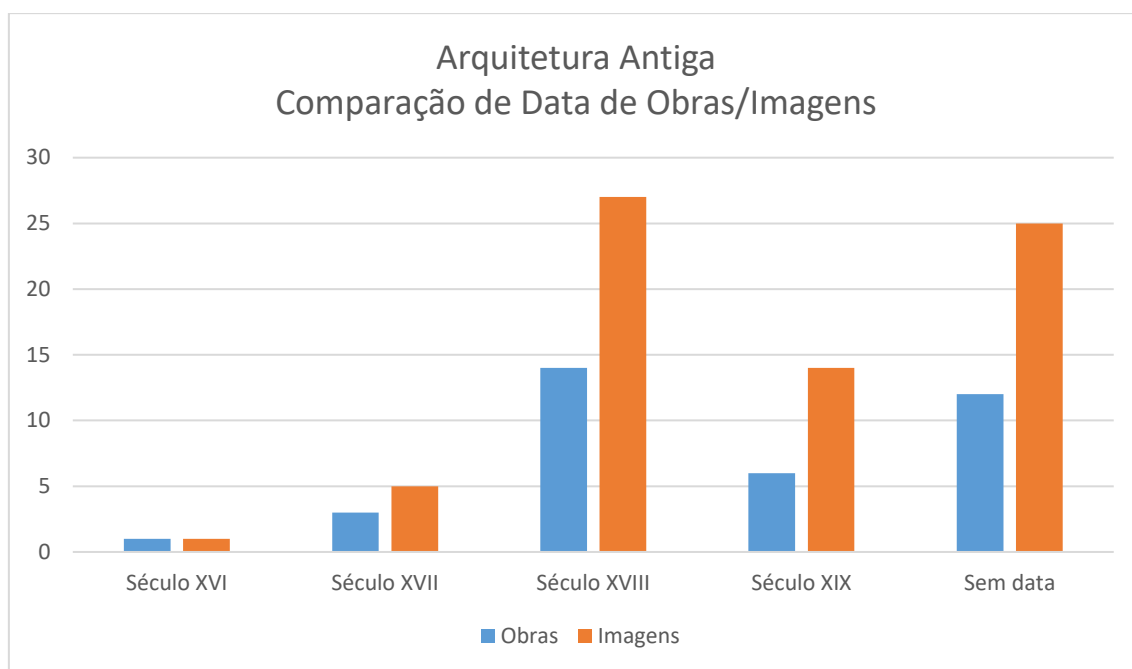


Ilustração 108 - Arquitetura Antiga: Comparação de Data de Obras/Imagens

As obras estão presentes em várias cidades, com uma concentração maior em Ouro Preto e Salvador, seguida do Rio de Janeiro<sup>336</sup> e Recife (Ilustração 109). Em número de imagens Ouro Preto é a mais registrada, seguida pelo Estado do Rio de Janeiro, e sua capital (Tabelas 9, 10 e 11).

<sup>336</sup> Há que se notar que algumas obras são apenas apresentadas como pertencentes ao estado do Rio de Janeiro, mas não determinam a cidade.

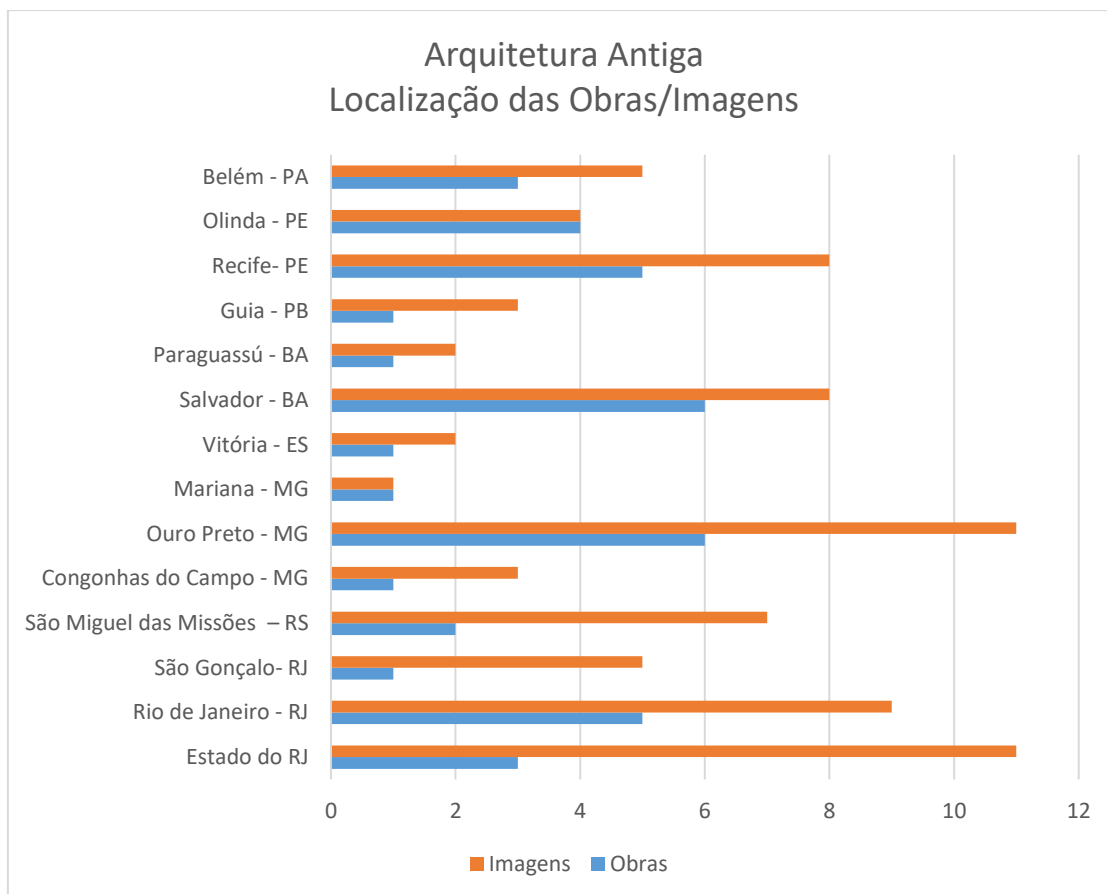
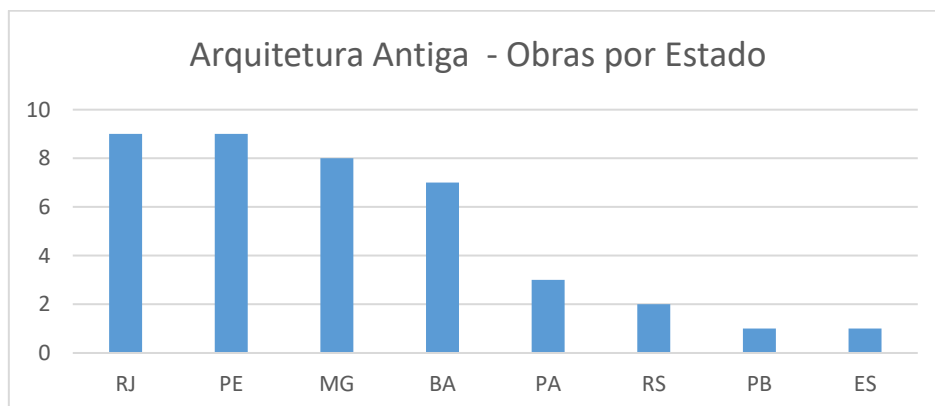


Ilustração 109 - Arquitetura Antiga: Localização das Obras/Imagens

Em relação aos estados (Ilustração 110), Rio de Janeiro e Pernambuco são as áreas com mais edifícios representados, nove obras cada, seguidos por Minas Gerais com oito e Bahia com sete.



A região Sudeste é a área predominante no livro, seguida pela região Nordeste. A região Centro-Oeste não apresenta nenhum exemplar (Ilustração 111).

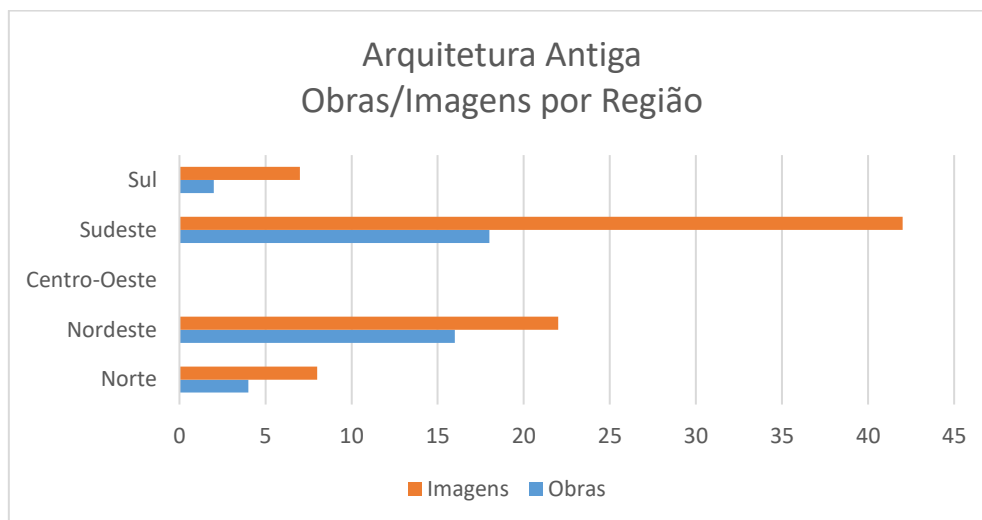


Ilustração 111 - Arquitetura Antiga: Obras/Imagens por Região

A próxima imagem mostra a distribuição de edifícios na divisão atual por regiões no Brasil (Ilustração 112), embora o mapa de Goodwin tivesse outra configuração na época da publicação.



Ilustração 112 - Arquitetura Antiga: Obras por Região

## 2.2. Arquitetura Moderna

Na parte do livro dedicada à Arquitetura Moderna existem 172 imagens no total, sendo que 135 são fotografias e 36 desenhos ou plantas (ver tabela 12). Na parte de *Planchas* são contempladas 41 edificações diferentes (ver tabela 13).

O tipo de fotografias é, na grande maioria, externas (Ilustração 103). São mostradas, no entanto, algumas fotografias internas assim como algumas plantas arquitetônicas e desenhos (Tabela 14).

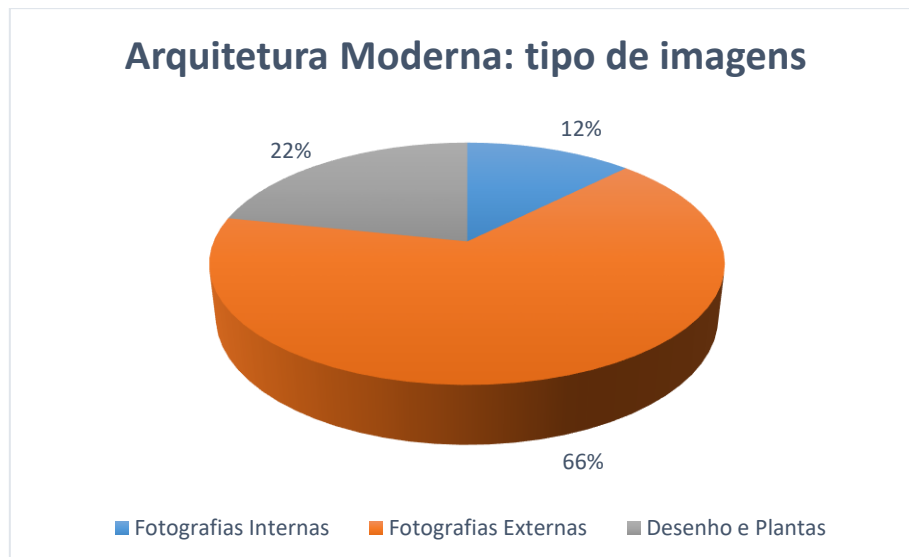


Ilustração 113 - Arquitetura Moderna: Tipos de Imagens

Aparecem o nome de 24 arquitetos responsáveis pelas obras (Ilustração 114). Com duas ressalvas:

- Milton e Marcelo Roberto foram mantidos juntos, como um só, já que todas as suas obras apresentadas no *Brazil Builds* foram feitas em conjunto;
- *Saturnino Nunes de Brito* foi desmembrado em dois nomes: houve alguma confusão com os nomes de Luís Nunes e Fernando Saturnino de Britto. Os dois trabalharam juntos, foram co-autores da Torre d'Água em Olinda. Por isso, de alguma maneira surgiu o nome *Saturnino Nunes de Brito*, que foi utilizado por duas vezes em trabalhos que os arquitetos produziram (ver Tabela 15).



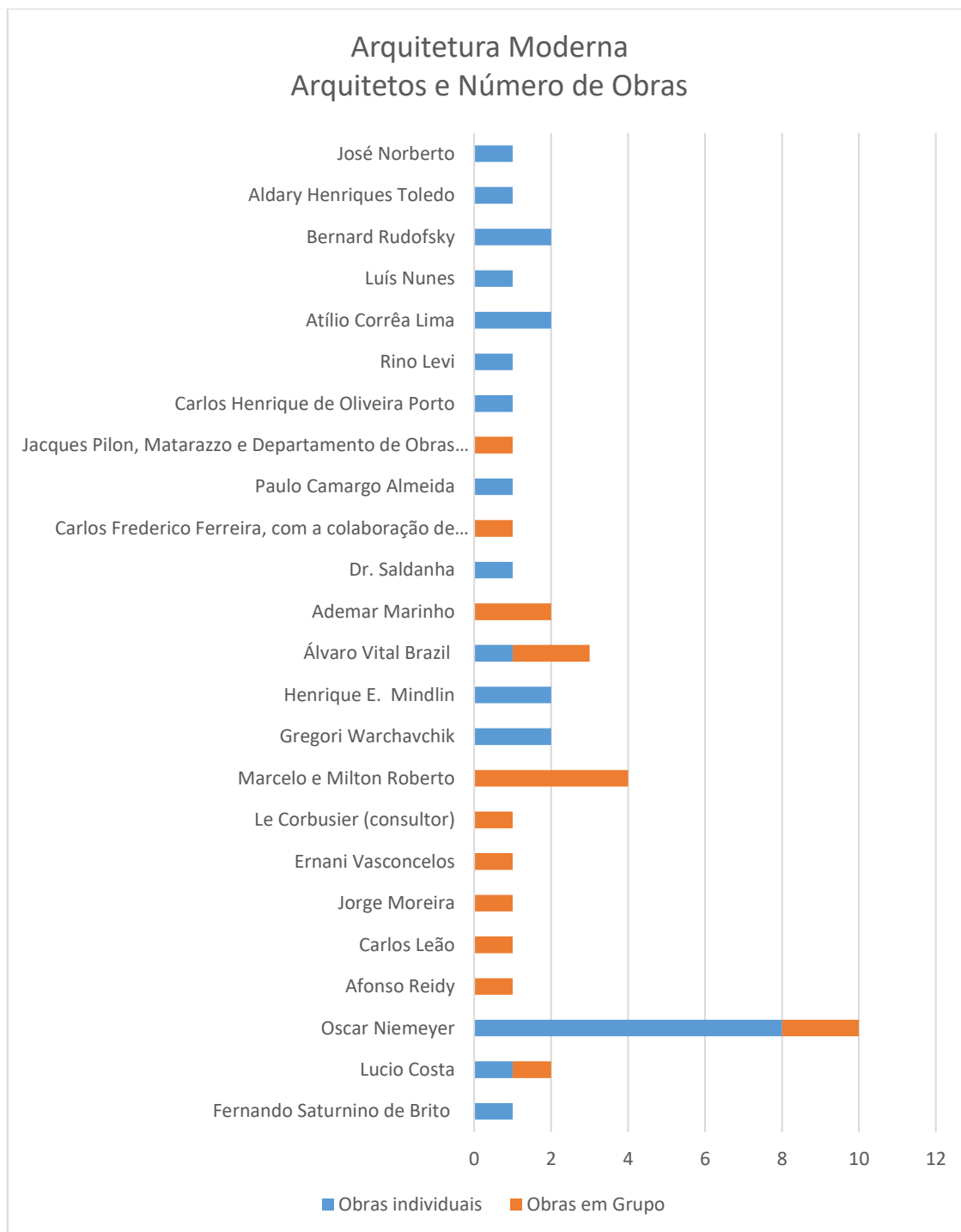


Ilustração 114 - Arquitetura Moderna: Arquitetos e Número de Obras

É marcante a presença de Oscar Niemeyer em relação aos demais arquitetos. Note-se que é único autor em oito obras, e ainda é co-autor em mais duas obras. Ao todo, o número de obras de Oscar Niemeyer representa quase 25% do total de obras modernas. Em seguida aparecem os irmãos Roberto com um número considerável de obras: quatro

ao todo. Álvaro Vital Brazil também recebe algum destaque, tendo três obras mostradas (Ilustração 115).

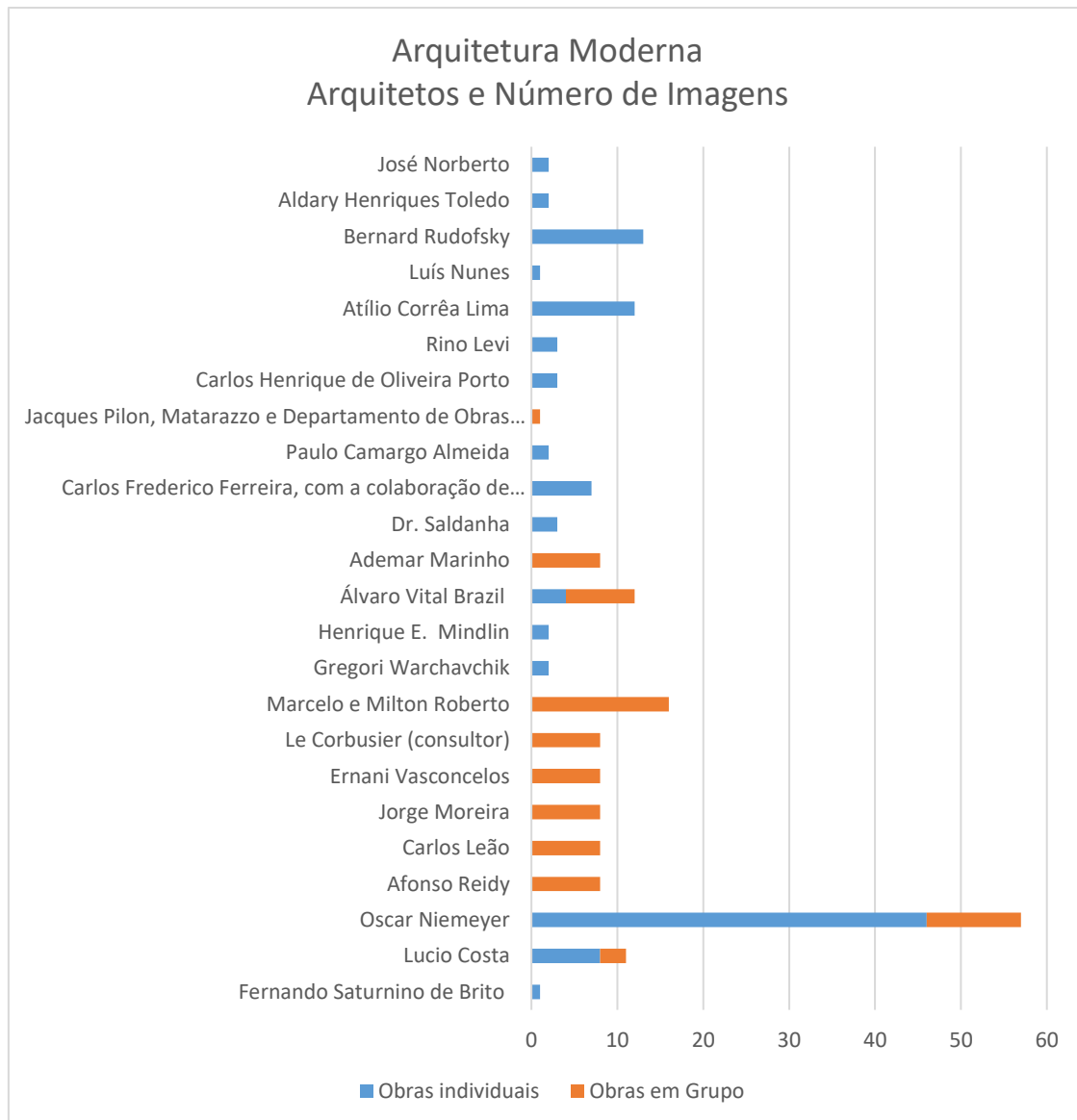


Ilustração 115 - Arquitetura Moderna: Arquitetos e Número de Imagens

A observação do número de imagens também é surpreendente. Em fotografias de edifícios assinados por Oscar Niemeyer são 57 imagens, mais do que um terço do total. Em seguida aparecem os arquitetos Marcelo e Milton Roberto, com 16 fotografias. Lucio Costa não tem nenhuma obra mostrada como único autor, uma vez que seu Museu das Missões aparece em meio aos edifícios antigos. Na parte da Arquitetura Moderna,

aparece apenas como co-autor do Ministério da Educação e do Pavilhão do Brasil em Nova Iorque.

*Brazil Builds* separou as obras modernas em grupos. O gráfico a seguir mostra as classificações do livro (Ilustração 116).

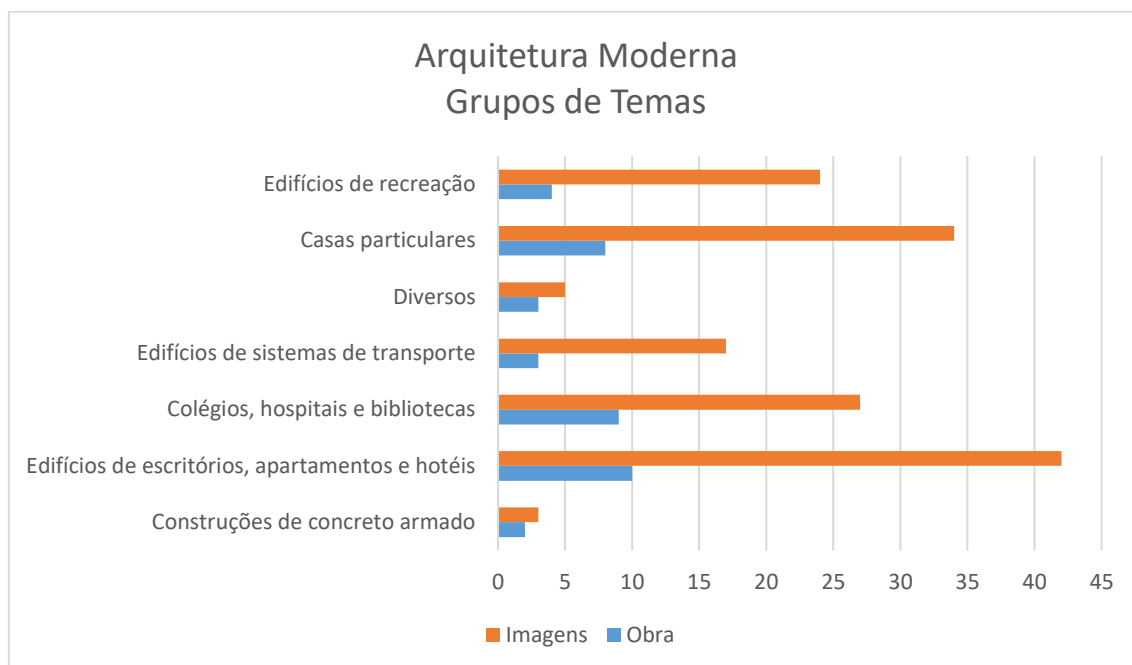


Ilustração 116 - Arquitetura Moderna: Grupos de Temas

Os grupos que mais se destacaram foram os dos edifícios de escritórios, apartamentos e hotéis, seguido das casas particulares (Ver Tabela 16). A miscelânea é bastante variada. Mesmo com o crescimento da procura por apartamentos em edifícios, são as residências particulares unifamiliares o tema mais mostrado por *Brazil Builds*.

Embora muitas edificações não apresentem data, o período mostrado parece começar em 1937 e se estende até a data da viagem de Goodwin. É expressiva a existência de edifícios com a mesma data da viagem (tabela 17). É importante notar, contudo, que o período retratado consiste em um pequeno intervalo de tempo (Ilustração 117).

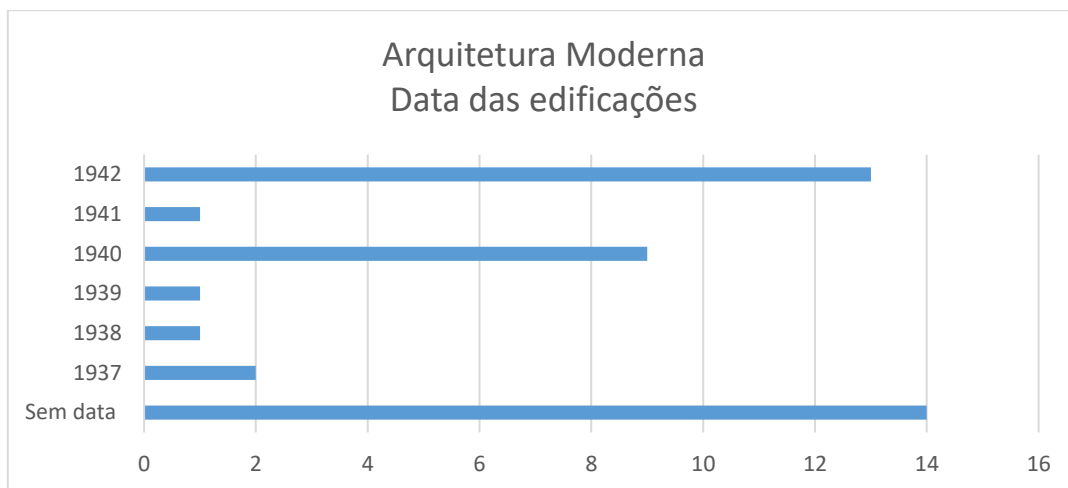


Ilustração 117 - Arquitetura Moderna: Data das edificações

A cidade mais retratada é o Rio de Janeiro (Ilustração 118), com 62 imagens, seguida por São Paulo e Belo Horizonte, respectivamente com 29 e 21 imagens (ver tabela 18).

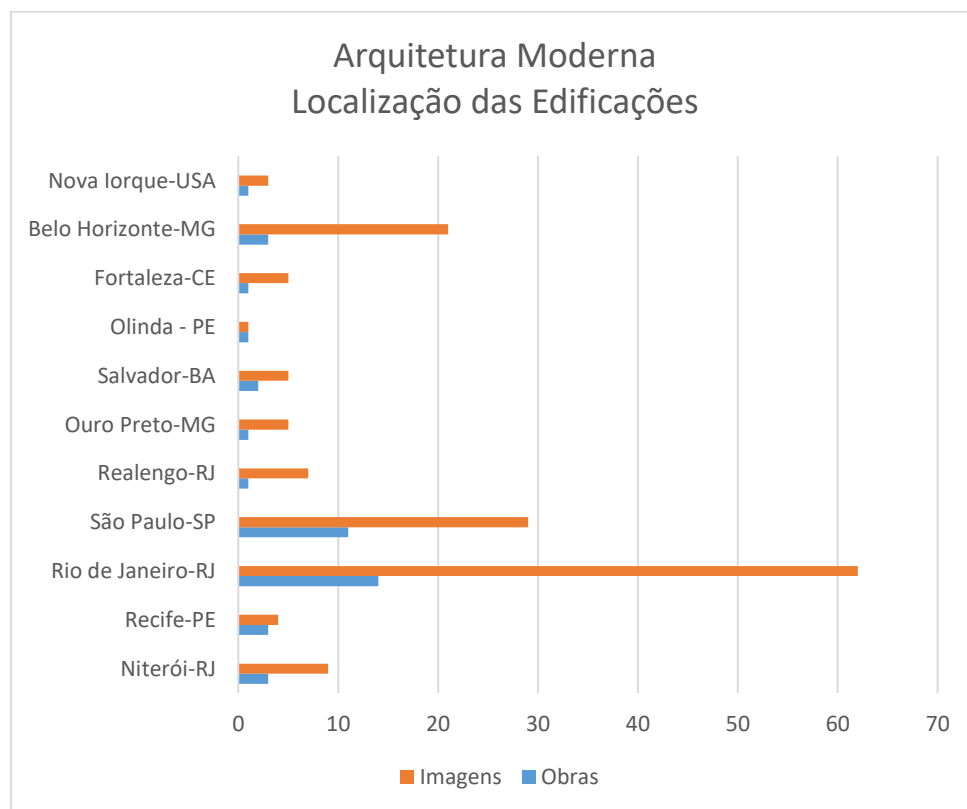


Ilustração 118 - Arquitetura Moderna: Localização das Edificações

Quanto às regiões (Ilustração 119 e 120), somente as edificações do Sudeste e Nordeste são ilustradas com imagens (ver tabela 19). É importante ressaltar que o

Museu das Missões de Lucio Costa, localizado na região Sul, foi apresentado por Goodwin na parte dedicada à Arquitetura Antiga e, por isso, não foi incluído neste gráfico.

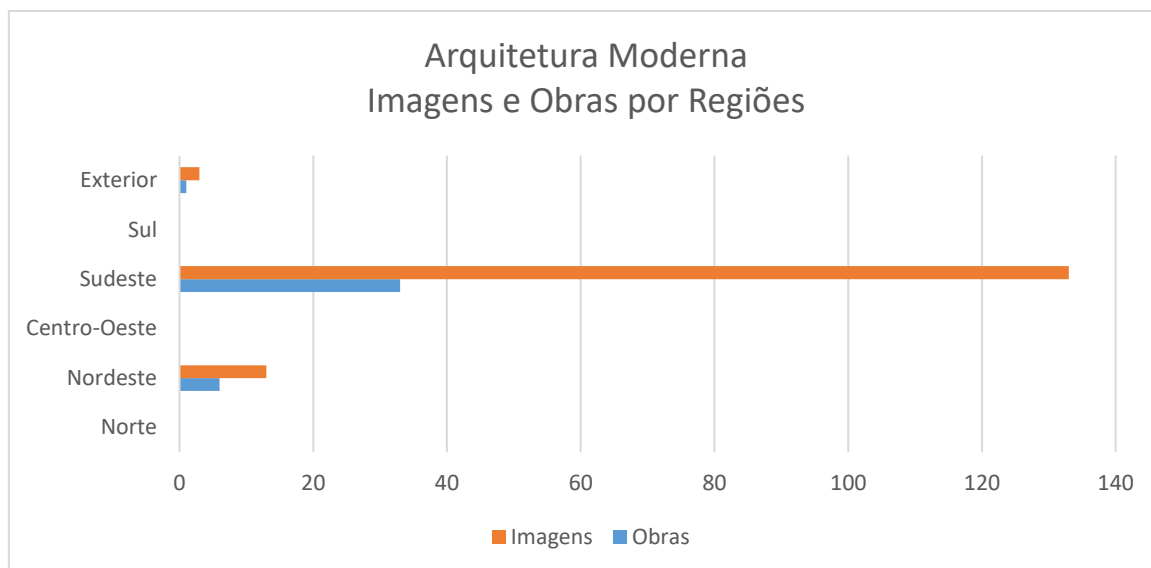
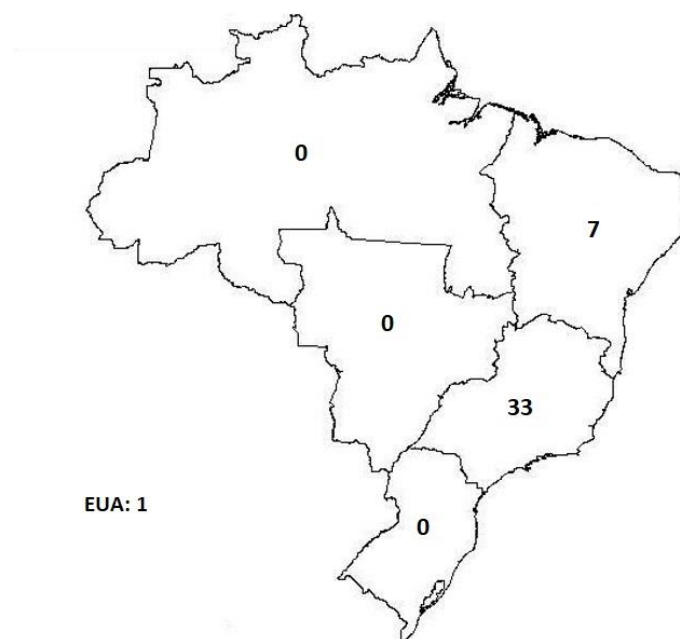


Ilustração 119 - Arquitetura Moderna: Imagens e obras por Regiões<sup>337</sup>



<sup>337</sup> No ano de 1942, o mesmo ano da visita de Goodwin e Kidder Smith, a divisão regional oficial criada pelo IBGE estabeleceu a divisão do país em 5 regiões: Norte, Nordeste, Leste, Sul e Centro Oeste. *Fonte:* Fabio Betioli Contel. *As divisões regionais do IBGE no século XX (1942, 1970 e 1990).* Terra Brasilis (2014) <<http://terrabilis.revues.org/990>>.

O período retratado por Goodwin mostra a arquitetura moderna no Brasil que estava em seu ápice à época da exposição (Ilustração 121). Muitas obras modernas de relevo que foram retratadas ainda estavam em construção (ver Tabela 20).

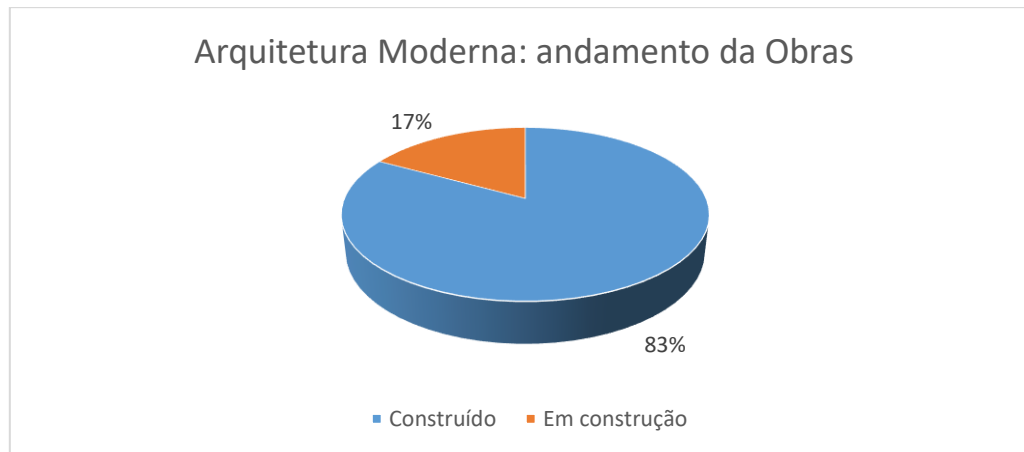


Ilustração 121 - Arquitetura Moderna: Andamento das Obras

**PARTE 3 - Construção de uma moldura cultural a partir da matriz de *Brazil Builds***





### 3.1. Intervalo temporal

O título *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652-1942* estipula datas para o intervalo de amostragem das obras. É curioso que a data do início do registro seja 1652, dado que os portugueses chegaram em terras brasileiras em 1500. São, portanto, 152 anos que não estão registrados. Não há menção à pré-existência de arquitetura indígena nem das primeiras apropriações do lugar pelos colonizadores portugueses. A leitura que se faz é que não há arquitetura ou não há edifícios relevantes a serem mostrados dentro deste intervalo de 152 anos.

No entanto, a obra do Forte de Montserrat, na Bahia, data de 1586 (Ilustração 121). A mesma tem sua data comprovada na tese *Arquitetura Militar em Salvador da Bahia Séculos XVI a XVIII*, de Filipe Moureau<sup>338</sup>. Sendo assim fica evidente que já haviam construções relevantes antes de 1652, e que o intervalo do título não abrange todas as edificações mostradas.



Ilustração 122 - Forte Montserrat, Salvador, BA, 1586.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 59.

De acordo com o título, a proposta era que a Igreja e Mosteiro de São Bento, no Rio de Janeiro, fosse a obra inicial da mostra, com a data de 1652.

---

<sup>338</sup> Filipe E. Moureau. *Arquitetura Militar em Salvador da Bahia – séculos XVI a XVIII*. Tese de Doutorado. FAU-USP. (São Paulo, 2011), 265.

### 3.2. Arquitetos e Arquitetura Antiga

A primeira parte da edição do *Brazil Builds* abrangia o acervo de obras da arquitetura antiga e as características regionais do país. Estava presente o barroco das obras de Minas Gerais, as restantes edificações rurais, a arquitetura religiosa dos séculos XVII e XVIII do Rio de Janeiro, as fortificações, fazendas cafeeiras (Ilustração 123), instalações açucareiras e religiosas da Bahia, arquitetura urbana do Pará, teatro do Amazonas, missões jesuíticas no Rio Grande do Sul entre outras.

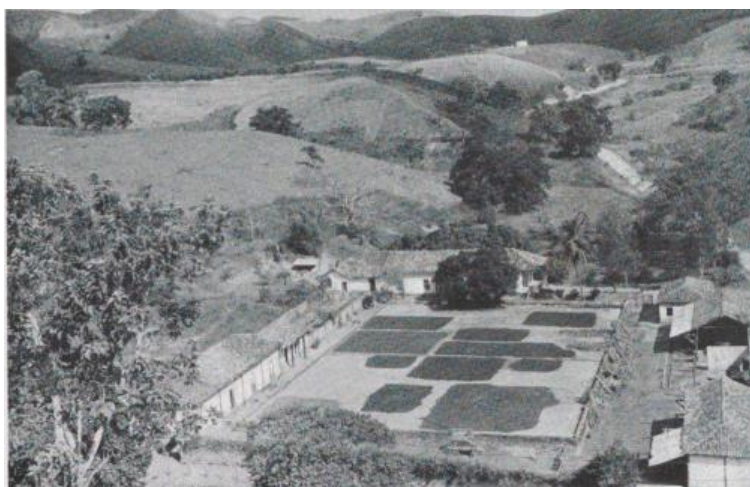


Ilustração 123 - Fazenda Boa União (Plantação de Café), RJ.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 21.

A respeito dos arquitetos responsáveis pelas obras referentes à parte da Arquitetura Antiga, Goodwin não fornece detalhes. Em um primeiro momento afirma que os tais responsáveis foram os colonizadores portugueses, os Jesuítas<sup>339</sup>, a Ordem Beneditina, os Carmelitas, os Franciscanos<sup>340</sup>. Da obra dos Jesuítas pouco restou, visto que as missões que fundaram foram devastadas pelos bandeirantes quando foram expulsos em 1767<sup>341</sup>. Preservou-se parte do conjunto em São Miguel das Missões, no Estado do

---

<sup>339</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 20.

<sup>340</sup> *Ibidem*, 21.

<sup>341</sup> Segundo Goodwin: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943). Mas há a versão que estipula que Marquês de Pombal conseguiu a expulsão dos Jesuítas em 1759: Natália Oliveira *et al.* “Marquês de

Rio Grande do Sul, onde Lucio Costa fez uma importante intervenção no século XX<sup>342</sup>. Da ordem Beneditina fala-se do esplendor da Igreja de São Bento. Os Carmelitas têm obras em Olinda, Recife e Ouro Preto. Por fim, os Franciscanos com seus mosteiros ou conventos de azulejos azuis e brancos típicos. Goodwin também faz menção a fazendas, cafeeiros, canaviais, armazéns, depósitos de café, de docas cercadas de armazéns de açúcar e borracha: “Na Baía, tais edifícios, às vezes de varios [sic] andares, erguem-se como escadas, dando a ideia dos tubos de um órgão”<sup>343</sup>. Sobre as fazendas, com um texto superficial e baseado em algumas imagens de interiores e exteriores é possível apenas ter um vislumbre um tanto desconexo.

Depois da chegada da Corte ao Brasil, em 1808, (fato que não é abordado na obra analisada) Goodwin fala da vinda de um grupo de artistas franceses em 1816, por intermédio de João VI. A “Missão Artística Francesa”<sup>344</sup> foi um marco relevante para a história do Brasil e sua arquitetura. Entre várias personalidades assinala-se a vinda do arquiteto francês Grandjean de Montigny (1776-1850):

Em 1816, d. Joao VI mandou vir um grupo de artistas franceses, chefiados pelo mesmo Lebreton que mais tarde organizou a Escola de Belas Artes. Auxiliado por pintores como Debret, discípulo de Davi, e arquitetos como Granjean de Montigny, autor do risco da primeira escola de belas artes, do edificio [sic] da alfândega e de outras construções do Rio, Lebreton disseminou os ensinamentos de Percier e Fontaine<sup>345</sup>.

Infelizmente os edifícios de Montigny não são mostrados e Goodwin em nenhum momento fala sobre a sua contribuição como professor na Academia Imperial - futura Escola de Belas Artes (EnBA) do Rio de Janeiro.

Em seguida há uma falha de redação que pode gerar confusão. Goodwin diz que: “um último artista que se reuniu ao grupo foi Louis Vauthier”<sup>346</sup>, o que na versão em inglês

---

Pombal e a Expulsão dos Jesuítas: uma leitura do iluminismo português no século XVIII.” *XI Jornada do HISTEDBR*, (Cascavel, 2013).

<sup>342</sup> Mostrada adiante em momento mais oportuno.

<sup>343</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 23.

<sup>344</sup> C. Poncioni. *O Brasil visto por Louis-Léger Vauthier (Pernambuco 1840-1846), diário e cartas*. (Lisboa: Românica, v. 19, p. x, 2011).

<sup>345</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 23.

<sup>346</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 23.

foi traduzido por um “membro tardio”. Na data da Missão Artística Francesa Louis Vauthier<sup>347</sup> era apenas uma criança de um ano de idade. Ele realmente esteve no Brasil, mas em um período posterior, dando continuidade ao movimento

Sua presença no Brasil, entre 1840 e 1846, inscreve-se no vasto movimento de modernização lançado em 1816 pela chegada da Missão artística francesa ao Rio de Janeiro. Quando, em 21 de setembro de 1840, Louis Léger Vauthier desembarcou no Recife, a sociedade brasileira encontrava-se numa fase de profunda mutação que começara com a chegada da família real portuguesa e a abertura dos portos em 1808.<sup>348</sup>

Louis Vauthier (1815-1901) foi “autor do projeto do Teatro Santa Isabel de Recife (Ilustração 124), com influencia [sic] do ‘Palais Royal’, de Paris”<sup>349</sup>. A sua influência é apontada em outra obra do livro: a *Casa da Sra. D. Elvira Gonçalves de Moraes*, em Recife, mais tarde conhecida como Casa da Av. Rui Barbosa – Sede da Academia Pernambucana de Letras<sup>350</sup>.



Ilustração 124 - Teatro Santa Izabel, Recife, PE.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 23.

Sobre o Teatro do Amazonas (Ilustrações 125 e 126), o comentário de Goodwin é confuso, mas pode indicar sua posição em direção ao ecletismo:

---

<sup>347</sup> Louis Léger Vauthier (1815 – 1901) foi um engenheiro francês formado na Politécnica de Paris que permaneceu no Brasil durante 1840 a 1846, e depois retornou à França.

<sup>348</sup> C. Poncioni. *O Brasil visto por Louis-Léger Vauthier (Pernambuco 1840-1846), diário e cartas*. (Lisboa: Românica, v. 19, p. x, 2011).

<sup>349</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 24.

<sup>350</sup> Augusto C. S. Telles. *Atlas dos monumentos históricos e artísticos do Brasil*. (MEC/SEAC/FENAME. 1980), 58.

A moda era instável naqueles frenéticos derradeiros anos do século XIX. Manaus, a um percurso de cerca de mil e duzentos quilômetros subindo o Amazonas, possui [sic] um imponente teatro do tempo da alta borracha. No interior manifesta-se o mais puro *art-nouveau* como Bruxelas e Nancy, na última década do século passado<sup>351</sup>.



Ilustração 125 - Teatro de Manaus, Manaus, AM

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 24.



Ilustração 126 - Teatro de Manaus, Manaus, AM

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 24.

No Brasil, como afirma Ana Milheiro, durante no século XIX

coabitam três presenças arquitetônicas [sic] que caracterizam e que correspondem, não só a sensibilidades autônomas [sic],

---

<sup>351</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 24.

como a culturas hereditárias aparentemente distintas. O neoclássico, que é retorno nostálgico a uma fonte clássica revigorada pela leitura arqueológica; o eclético, que os imigrantes europeus trarão depois de 1870 e que é um desdobramento menor do historicismo revivalista (que, aliás, pouco sentido faria no Brasil dada a ausência de um passado apropriado – o medieval); e o colonial, que é a manutenção de um *barroco* – dir-se-ia *vernáculo* – amenizado e alimentado pela distância da metrópole<sup>352</sup>.

Depois de citar *O Aleijadinho* como o realizador das “magníficas [*sic*] esculturas da Igreja Nosso Senhor do Bom Jesus de Matosinhos”<sup>353</sup>, o autor menciona que

apesar das igrejas de Ouro Preto não serem tão ricas e trabalhadas como as de Portugal, constituem, depois das da Baía [*sic*], as mais belas do Brasil. Muito influenciadas pelo estilo barroco [*sic*] do norte de Portugal, estas igrejas apresentam ainda um cunho forte que lhes é próprio<sup>354</sup>.

E embora não cite nenhuma igreja específica durante o livro, afirma: “O autor de muitos desses belos monumentos é o famoso Antonio Francisco Lisbôa, ‘O Aleijadinho’ que nasceu em Ouro Preto, em 1730 e viveu cerca de 84 anos”<sup>355</sup>. Os outros arquitetos que aparecem relacionados às obras não são apresentados por Goodwin. Apenas aparecem nas referências das obras. Além da informação fornecida pelo autor, pode-se acrescentar alguns dados a respeito destes personagens:

- José Maria Jacinto Rebelo foi arquiteto e engenheiro militar, tendo sido aluno de Grandjean de Montigny. Foi uma grande personalidade em sua época. Goodwin lhe atribui o projeto do Palácio do Itamaraty, mas também foi um dos construtores do Palácio Imperial de Petrópolis<sup>356</sup>.
- Julio Frederico Koeller nasceu na Alemanha e emigrou para o Brasil em 1828. Foi contratado como Engenheiro Civil na Província do Rio de Janeiro e tornou-

---

<sup>352</sup> Ana Vaz Milheiro. *A construção do Brasil: Relações com a cultura Arquitectónica Portuguesa*. (Porto: FAUP Publicações, 2005), 49-51.

<sup>353</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 48.

<sup>354</sup> *Ibidem*.

<sup>355</sup> *Ibidem*.

<sup>356</sup> MINISTÉRIO DA CULTURA. *História do Museu Imperial*. 09 de Agosto, 2011. [http://www.museuimperial.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2051:historico-o-a-personagens&catid=9:historico-e-personagens-pt&Itemid=58](http://www.museuimperial.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2051:historico-o-a-personagens&catid=9:historico-e-personagens-pt&Itemid=58)

se responsável pela planta urbana da cidade de Petrópolis<sup>357</sup>. Identificado como co-autor da Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, no Rio de Janeiro, em 1942.

- (Charles) Philippe Garçon Rivière<sup>358</sup> era um engenheiro francês que acompanhava os trabalhos de Koeller. Identificado como co-autor da Igreja da Nossa Senhora da Glória do Outeiro.

É importante mencionar que na obra Nossa Senhora da Glória do Outeiro há um equívoco no livro. Embora os dois últimos mencionados apareçam no *Brazil Builds* como construtores desta obra, nos arquivos do IPHAN não são seus nomes que constam. Segundo o IPHAN o projeto é atribuído ao tenente-coronel português José Cardoso Ramalho.<sup>359</sup> A confusão se deve ao conflito entre o nome de duas igrejas diferentes: havia a Igreja Nossa Senhora da Glória do Outeiro do arquiteto Ramalho, e a Igreja Matriz Nossa Senhora da Glória no Largo do Machado (Ilustração 127), esta sim projetada por Julio Frederico Koeller e Phillipe Garçon Rivière<sup>360</sup>.

---

<sup>357</sup> Fundação de Cultura e Turismo de Petrópolis. *Personalidades Históricas: Julio Frederico Koeller*. <<http://www.petropolis.rj.gov.br/fct/index.php/cultura/artigos-historicos/personalidades-historicos/129-julio-frederico-koeller.html>>

<sup>358</sup> FERREIRA, Orlando da Costa. *Imagem e Letra*. (São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994), 247.

<sup>359</sup> IPHAN. *Concluída Restauração da Igreja de Nossa Senhora da Glória*. Publicada em 13 de janeiro de 2008. (Acervo IPHAN) <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/1981>

<sup>360</sup> Jorge Czaikowsky. *Guia da Arquitetura Colonial, neoclássica e romântica no Rio de Janeiro*. (Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2000), 199.



Ilustração 127 - Igreja Matriz Nossa Senhora da Glória, RJ

Fonte: Acervo Matriz Nossa Senhora da Glória. *Igreja Matriz Nossa Senhora da Glória*.  
<<http://www.nsdagloria.com.br/>>.

- Joao Batista Primoli é, segundo documentos do Iphan<sup>361</sup>, Gian Batista Primoli (1673-1747), um arquiteto italiano que começou a construir a Igreja de São Miguel no Rio Grande do Sul, em 1735.
- Manuel Francisco Lisbôa era carpinteiro, mestre-de-obras e arquiteto. Construiu a Igreja Nossa Senhora do Carmo, em Ouro Preto, MG. Era pai de Antônio Francisco Lisboa que, em 1770, fez alterações na Igreja<sup>362</sup>.
- Domingos Moreira de Oliveira era mestre pedreiro e trabalhou durante 10 anos na construção da Igreja Nossa Senhora do Carmo em Mariana, MG<sup>363</sup>.

Sobre João Domingos Veiga, José Pereira Arouca e Manuel Ferreira Jacomé e Nazzoni não foram encontradas maiores informações.

Uma grande ausência no livro é Giuseppe Antonio Landi, importante arquiteto vindo de Bolonha, na Itália, onde era professor de arquitetura e de perspectiva<sup>364</sup>. A viagem ao

<sup>361</sup> IPHAN. *São Miguel das Missões (RS)*. (Acervo IPHAN) <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/292>.

<sup>362</sup> Augusto C. S. Telles. *Atlas dos monumentos históricos e artísticos do Brasil*. (MEC/SEAC/FENAME. 1980), 259.

<sup>363</sup> Benedito L. Toledo, *Esplendor do Barroco Luso-brasileiro*. (Cotia: Ateliê Editorial, 2012), 211.

<sup>364</sup> Chegou a ser Diretor da Escola de Arquitetura na Academia Clementina.



Brasil foi no âmbito do Tratado de Madrid de 1750<sup>365</sup>. Nesta ocasião, Marquês de Pombal convoca diversos especialistas, sendo que Antonio Landi vem com a função de “desenhador de cartas geográficas”<sup>366</sup> para a Expedição Demarcadora dos Territórios Portugueses no Norte do Brasil.

Depois dessa missão, Landi permaneceu no Brasil e projetou várias obras em Belém, capital do estado do Pará. Neste estado foi um dos estrangeiros mais reconhecidos do século XVIII e, segundo Jussara Derenji: “deve-se a ele a introdução de um estilo com ideias classicizantes e que mantém traços do barroco italiano, característico dos prédios oficiais e igrejas de Belém Colonial<sup>367</sup>”. Foi inclusive um dos interesses do historiador Robert Smith embora não se saiba se antes ou pós-*Brazil Builds*<sup>368</sup>. No entanto, seu nome não aparece em *Brazil Builds*. Através de comparação entre fotografias, documentos e obras sem autor identificado, foi possível concluir que a Igreja de Santo Alexandre (Ilustração 128) e Teatro da Paz apresentam o traço do arquiteto.

Landi teve grande relevância no panorama arquitetônico do Norte do Brasil. No *Atlas dos Monumentos Históricos e Artísticos do Brasil*, Augusto Carlos da Silva afirma que:

Landi estava a par do que de mais recente havia em arte, por essa época, na Europa, onde já começavam a despontar o neoclassicismo, após a fase final do barroco, e o rococó. Suas obras podem situar-se com propriedade numa fase intermediária entre o rococó e o neoclássico<sup>369</sup>.

Supõe-se que Goodwin não teve acesso às informações sobre a obra ou preferiu não publicar o nome do arquiteto, em virtude do teor do seu comentário

A igreja e o convento formam um conjunto agradável [sic] decorando uma interessante praça de Belém. As torres acachapadas e grandes volutas completam uma fachada que se destaca pelos ingenuos [sic] ornamentos de grandes proporções. O efeito não é desagradável e faz pensar num

---

<sup>365</sup> W.O.O. KETTLE. *O Inventário de Antonio Landi e a invenção do “arquiteto genial”: história, biografia e a valorização do passado amazônico*. v.1, 1. (Cantareira, UFF, 2011).

<sup>366</sup> *Ibidem*.

<sup>367</sup> DERENJI, Jussara da S. “Arquitetura Eclética no Pará: no período correspondente ao ciclo econômico da borracha: 1870-1912”. In: FABRIS, Annateresa. *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel, Editora da Universidade de São Paulo, 1987, 148.

<sup>368</sup> Edilson N. Motta. “Landi em Belém no século XVIII: a obra do Arquiteto D’el Rey”. In: *Anais do Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*. v. 4, n. 2, (1996), 271.

<sup>369</sup> Augusto C. S. Telles. *Atlas dos monumentos históricos e artísticos do Brasil*. (MEC/SEAC/FENAME. 1980), 197.

desenhista pouco prático, com influencia [sic] agradável [sic] portuguesa<sup>370</sup>.



Ilustração 128 - Igreja de Santo Alexandre, Belém, PA

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 77.

### 3.3. Arquitetos e Arquitetura Moderna

Os arquitetos, como mostraram os gráficos na leitura quantitativa (Seção 1.2), serão agrupados em categorias para uma melhor compreensão: a primeira categoria com os arquitetos de maior relevo – ou que se destacam dos demais; a segunda categoria com personagens intermediárias que aparecem recorrentes ao longo do livro; e por fim, a terceira categoria com as demais personagens, consistindo em apenas uma menção.

A figura de Oscar Niemeyer possui um papel preponderante no livro, o que é perceptível através do número de suas obras. Por isso, nota-se claramente que o arquiteto ocupa a primeira categoria supracitada.

---

<sup>370</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 76.

O arquiteto Oscar Niemeyer (1907-2012) gradua-se como engenheiro arquiteto em 1934 e inicia sua vida profissional no ano seguinte, no escritório de Lucio Costa. Em 1936 integra-se à equipe do projeto do Ministério da Educação e Saúde. Em 1937 desenha seu primeiro projeto: a *Obra do Berço*. Nesse edifício Oscar Niemeyer já faz uso de brises móveis. Vai aos Estados Unidos, juntamente com Lucio Costa, onde constroem o Pavilhão do Brasil na Feira Mundial de Nova Iorque<sup>371</sup>. Além disso, teve também o desafio de projetar o *Hotel de Ouro Preto*, uma edificação inserida em sítio histórico.

Existe, desde o início do livro, a percepção de uma excepcionalidade na obra de Oscar Niemeyer, com um diferencial em relação aos demais. Incluído em um meio de arquitetos de obras com muitos méritos, capazes de exercitar essa arquitetura moderna, Oscar Niemeyer é apontado já nesse momento como promessa e é com as obras da Pampulha, em Minas Gerais, que ele alcança um nível superior.

Na segunda categoria incluem-se os arquitetos Luiz Nunes, Bernard Rudofsky, Attilio Corrêa Lima, Adhemar Marinho, Álvaro Vital Brazil, Henrique Mindlin, Gregori Warchavchik, Marcelo e Milton Roberto e Lucio Costa. Dentro dessa categoria pode-se destacar algumas figuras que tiveram um desenvolvimento interessante a partir do *Brazil Builds*.

O arquiteto Luiz Nunes (1908-1937), segundo Guilah Naslavsky,

estudou na Escola Nacional de Belas Artes e teve contato direto com a fonte primeira da vanguarda, no Rio de Janeiro, vendo Le Corbusier; esteve próximo do que havia de mais à frente à sua época<sup>372</sup>.

Foi contratado em 1934 para chefiar o Setor de Obras Públicas do Estado de Pernambuco, onde criou a Diretoria de Arquitetura e Urbanismo. No mesmo local também trabalhavam José Norberto, e posteriormente Fernando Saturnino de Britto (que aparecem na terceira categoria)<sup>373</sup>.

---

<sup>371</sup> FUNDAÇÃO OSCAR NIEMEYER. *Oscar Niemeyer – Vida (1940-1950)*. Disponível em <<http://www.niemeyer.org.br/biografia/1940-1950>>

<sup>372</sup> Guilah Naslavsky. “Escola Pernambucana ou Tradição Inventada? A construção da história da Arquitetura Moderna em Pernambuco, 1945-1970”. *Anais 6º Seminário DOCOMOMO - Brasil: Moderno e Nacional- Arquitetura e Urbanismo*. (Niterói-RJ: Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, UFF, 2005), 9.

<sup>373</sup> Sonia Marques e Guilah Naslavsky. “Eu vi o modernismo nascer... foi no Recife”. *Arquitextos*, (São Paulo, ano 11, n. 131.02, Vitruvius, abr. 2011). <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.131/3826>>

É importante destacar o pioneirismo das obras nesta região do país, aliando os princípios de Le Corbusier ao mesmo tempo que utilizavam materiais regionais<sup>374</sup>. Luís Nunes faleceu em 1937, com tuberculose, interrompendo um futuro promissor<sup>375</sup>. Sobre a arquitetura moderna nesta região, Luiz Amorim afirma que a

(...) tese mais consagrada é a que toma a continuidade do legado histórico e cultural luso-brasileiro como seu principal paradigma, como alternativa ao caminho da ruptura com as precedências arquitetônicas<sup>376</sup>.

Os dois projetos apresentados são: 1) a *Torre d'Água em Olinda*, cujo arquiteto não é nomeado no livro; 2) o *Pavilhão de Anatomia Patológica*, atribuído à *Saturnino Nunes de Brito*. Na verdade trata-se de uma confusão com o nome de Luiz Nunes e Fernando Saturnino de Britto<sup>377</sup>, que foram os co-autores do projeto.

Bernard Rudofsky (1905-1988) era austríaco, formado na Universidade Tecnológica de Viena. Trabalhou no Brasil por três anos<sup>378</sup>, mudando-se depois para Nova Iorque em fins de 1941 por ter ganhado um prêmio em uma competição de *design* para jovens arquitetos no MoMA<sup>379</sup>. Cedeu uma maquete e auxiliou na instalação da exposição de *Brazil Builds*<sup>380</sup>. Sobre as obras em *Brazil Builds*, Jorge Liernur comenta que não se coadunavam com as vertentes brasileiras:

---

<sup>374</sup> Sonia Marques e Guilah Naslavsky. "Eu vi o modernismo nascer... foi no Recife". *Arquitextos*, (São Paulo, ano 11, n. 131.02, Vitruvius, abr. 2011). <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.131/3826>>.

<sup>375</sup> Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 77.

<sup>376</sup> Luiz Amorim. "Um Recife sobre a Emergência de uma Escola de Arquitetura". In: Tânia Beisl Ramos (coord). *Entre Brasil e Portugal: desafios, discursos, e práticas da Arquitetura Moderna e Contemporânea*. (Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2016), 155.

<sup>377</sup> Guilah Naslavsky e Aline de Figueirôa Silva. "Da capital ao interior de Pernambuco: critérios para documentação da arquitetura moderna no Nordeste, 1930-1980". In: 9º *Seminário DOCOMOMO Brasil, 2011, Brasília-DF. Interdisciplinaridade e experiências em documentação e preservação do patrimônio recente*. (Brasília-DF: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/Universidade de Brasília, 2011), 1-14.

<sup>378</sup> Jean-Francois Lejeune; Michelangelo Sabatino. *Modern Architecture and the Mediterranean: Vernacular Dialogues and Contested Identities*. New York: Routledge, 2010, 244.

<sup>379</sup> Lauro Cavalcanti (org.). *Quando o Brasil era Moderno – Guia de Arquitetura 1928-1960*. (Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001), 73.

<sup>380</sup> Marcos Carrilho. *Brazil Builds – 55 anos da exposição*. PiniWEB Notícias. (01 de Abril de 1998), <<http://www.piniweb.com.br/construcao/noticias/brazil-builds---55-anos-da-exposicao-84648-1.asp>>

As duas casas que publica estavam no Brasil, mas distavam de ser “brasileiras”. Se alguma filiação local podiam reconhecer, seria da Itália, onde Rudofsky transcorreu a década de 1930 até que as políticas antissemitas acentuadas a partir de 1936 e 1937 o expulsassem. Seu interesse pelas estruturas tradicionais de pátio, pelas formas simples e pelos dispositivos de adequação ao clima não era de cunho tropical e sim mediterrâneo, e constituía uma das linhas de busca da “italianidade” promovidas pelo próprio regime “mussoliniano”<sup>381</sup>.

E segundo Marcos Carrilho “a presença de Rudovsky, apesar da qualidade de sua obra, é, por assim dizer, acidental. Deve-se ao fato de ele se encontrar em Nova York e ter colaborado na organização da mostra”<sup>382</sup>.

Attilio Corrêa Lima (1901- 1943) era italiano nascido e formado na ENBA em 1925. Nesta mesma instituição foi, mais tarde, o primeiro professor da disciplina de urbanismo<sup>383</sup>. Corrêa Lima é responsável pela obra moderna que ilustra a capa de *Brazil Builds: a Estação para hidro-aviões* no Aeroporto Santos Dumont, de 1940, e a Estação de Barcas, no Rio de Janeiro. Também tem no seu currículo o plano da capital de Goiás – Goiânia.

Adhemar Marinho (1909-?) e Álvaro Vital Brazil (1909-1997) graduaram-se no mesmo ano – 1933 – e participaram das reformas de ensino de Lucio Costa na ENBA<sup>384</sup>. Foram sócios e projetaram o Edifício Esther.

Henrique Ephim Mindlin (1911-1971) formou-se engenheiro-arquiteto pela Escola de Engenharia da Universidade de Mackenzie, em 1932. Teve escritório particular em São Paulo e mudou-se para o Rio de Janeiro em 1942<sup>385</sup>.

Gregori Warchavchik (1896-1972) foi um arquiteto russo naturalizado brasileiro. Fez seus estudos no Instituto Superior de Belas-Artes de Roma e trabalhou como assistente de Marcelo Piacentini. Chegou ao Brasil em 1923. O arquiteto publicou um dos textos

---

<sup>381</sup> Jorge F. Liernur. “The South American Way. O milagre brasileiro, os Estados Unidos e a Segunda Guerra Mundial – 1939-1943”. In: Abilio Guerra (org.). *Textos fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira*. v. 2. (São Paulo: Romano Guerra, 2010 [1999].), 202.

<sup>382</sup> Marcos Carrilho. *Brazil Builds – 55 anos da exposição*. PiniWEB Notícias. (01 de Abril de 1998), <<http://www.piniweb.com.br/construcao/noticias/brazil-builds---55-anos-da-exposicao-84648-1.asp>>.

<sup>383</sup> Lauro Cavalcanti (org.). *Quando o Brasil era Moderno – Guia de Arquitetura 1928-1960*. (Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001), 69.

<sup>384</sup> *Ibidem*, 64.

<sup>385</sup> *Ibidem*, 126.

pioneiros do modernismo arquitetônico brasileiro: *Acerca da Arquitetura Moderna* no *Correio da Manhã*, no Rio de Janeiro<sup>386</sup>.

Os irmãos Marcelo (1908-1964) e Milton Roberto (1914-1953) graduaram-se na ENBA. Marcelo em 1930, e Milton em 1934. Foram responsáveis pela obra da ABI e do Aeroporto Santos Dumont<sup>387</sup>.

Lucio Costa (1902-1998) ingressou na Escola Nacional de Belas-Artes (ENBA) inicialmente dedicando-se a pintura, mas por fim escolheu a arquitetura. Formou-se arquiteto em 1924. Embora praticasse em alguns momentos a arquitetura neocolonial, rompeu com a formação historicista e começou a receber influências do modernismo através da obra de Le Corbusier. Em 1930, com o intuito de renovar o ensino das artes plásticas e implantar um curso de arquitetura moderna foi nomeado Diretor da Escola Nacional de Belas Artes. Entre seus alunos estava Oscar Niemeyer. Foi também um grande colaborador do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Na terceira categoria estão os demais arquitetos com apenas um trabalho citado: José Norberto, Aldary Henriques Toledo, Rino Levi, Carlos Henrique de Oliveira Porto, Jacques Pilon, Paulo Camargo Almeida, Carlos Frederico Ferreira, Dr. Saldanha, Ernani Vasconcelos, Jorge Moreira, Carlos Leão, Afonso Reidy, Fernando Saturnino de Britto.

Aldary Henriques Toledo (1915-2000) também era proveniente da ENBA<sup>388</sup>, construiu algumas obras em Cataguases, Minas Gerais<sup>389</sup>. Foi funcionário do IAPB<sup>390</sup> projetando

---

<sup>386</sup> Gregori Warchavchik. "Acerca da arquitetura moderna". (Correio da Manhã, Rio de Janeiro.) In: Alberto Xavier (org.). *Depoimento de uma geração – arquitetura moderna brasileira*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003 [1925].

<sup>387</sup> Lauro Cavalcanti (org.). *Quando o Brasil era Moderno – Guia de Arquitetura 1928-1960*. (Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001), 204.

<sup>388</sup> Abilio Guerra e André Marques. "João Filgueiras Lima, ecologia e racionalização". *Arquitextos*, (São Paulo, ano 16, n. 181.03, Vitruvius, jun. 2015) <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.181/5592>>

<sup>389</sup> Paulo Henrique Alonso e L. B. Castriota. "Conhecer para preservar: documentação e preservação do patrimônio modernista em Cataguases, Minas Gerais." In: *8º SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL. Cidade Moderna e Contemporânea: Síntese e Paradoxo das Artes, 2009*. v. 1. (Rio de Janeiro. 2009).

<sup>390</sup> "Foi arquiteto no Escritório Técnico da antiga Universidade do Brasil (ETUB), onde participou do projeto do Hospital do Fundão e do Instituto de Puericultura, foi funcionário do IAPB - Instituto Aposentadoria e Pensão dos Bancários e, com sua extinção, do INPS - Instituto Nacional de Previdência Social, instituições onde projetou e fiscalizou a construção de inúmeros hospitais". In: Luiz Carlos Toledo. *Feitos para cuidar: A arquitetura como um gesto médico e a humanização do edifício hospitalar*. Tese de doutoramento. UFRJ. (Rio de Janeiro, 2008), 25.

uma série de hospitais, tendo sido uma influência importante para o trabalho de João Filgueiras Lima, o Lelé, que afirmou em depoimento que

Quando estudava, quem me influenciou bastante não foi um professor, mas o arquiteto e pintor Aldary Toledo [...]. Passei a frequentar sistematicamente sua casa em Copacabana, uma vez por semana. Aldary me mostrava a arquitetura nos livros, ficávamos noites inteiras conversando. Foi uma pessoa que me ajudou muito, durante o período da escola, a descobrir a arquitetura como arte<sup>391</sup>.

Rino Levi (1901-1965) formou-se na Itália, onde estudou na Escola Politécnica e Academia de Belas Artes de Milão e na Escola Superior de Arquitetura de Roma. Em 1925 publicou um manifesto sobre arquitetura chamado *A arquitetura e a estética das cidades* no jornal *O Estado de São Paulo*<sup>392</sup>, enquanto ainda era estudante.

Carlos Henrique de Oliveira Porto projetou, após a publicação de *Brazil Builds*, o Edifício Sede do INPS (Instituto Nacional de Previdência Social) em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, nos anos 70<sup>393</sup>.

Jacques Pilon (1905-1962) graduou-se em Paris, em 1932, pela *École Nationale de Beaux Arts*, mudou-se para o Brasil e “foi gradativamente se familiarizando com o repertório moderno e incorporando aos seus projetos elementos dessa nova corrente, iniciando com sutis simplificações ornamentais até chegar à verdade construtiva”<sup>394</sup>. Com a fundação da empresa Pilmat Pilon-Matarazzo Ltda. construiu muitos edifícios em São Paulo.

Paulo<sup>395</sup> de Camargo e Almeida (1906-1973) formou-se na ENBA, atuou no Rio de Janeiro como arquiteto e docente. Participou de vários concursos: seu projeto para o Aeroporto Santos Dumont ficou em 2º lugar (projeto em conjunto com Atilio Corrêa Lima e Renato Mesquita) e ficou em 3º lugar com um projeto para o Pavilhão Brasileiro na

---

<sup>391</sup> Lima *apud*, Luiz Carlos Toledo. *Feitos para cuidar: A arquitetura como um gesto médico e a humanização do edifício hospitalar*. Tese de doutoramento. UFRJ. (Rio de Janeiro, 2008), 26.

<sup>392</sup> Rino Levi. “A arquitetura e a estética das cidades”. (O Estado de São Paulo, 15 out. 1925). In: Alberto Xavier (org.). *Depoimento de uma geração – arquitetura moderna brasileira*. (São Paulo: Cosac & Naify, 2003), 38.

<sup>393</sup> Ângelo Marcos Vieira de Arruda. “A difusão da arquitetura moderna em Campo Grande”. *Ensaio e Ciência*, v. 4. (Campo Grande, 2000).

<sup>394</sup> Renata Davi. “Jacques Pilon, arquiteto empreendedor”. *Revista AU - Arquitetura e Urbanismo*. Edição 176 - Novembro/2008. <<http://au.pini.com.br/au/solucoes/galeria.aspx?gid=2112>>

<sup>395</sup> No livro-catálogo está equivocadamente escrito Pavalo.

Feira Internacional de Nova Iorque. Depois de formado permaneceu um ano e meio viajando pela Europa, estudando e conhecendo arquitetos. Em 1933 começou a dar aulas como assistente de Atílio Corrêa Lima na disciplina de *Grandes Composições*<sup>396</sup>.

Carlos Frederico Ferreira (1906-1996) já era engenheiro, mas também se graduou arquiteto na Escola Nacional de Belas Artes em 1935. Foi contratado pelo IAPI<sup>397</sup> como engenheiro-arquiteto para realizar o primeiro grande núcleo habitacional: o Conjunto Residencial Operário em Realengo, que ilustra o *Brazil Builds*, mais tarde reaplicando os mesmos princípios em outros empreendimentos<sup>398</sup>.

Dr. Saldanha (1905-1985) ou Firmino Fernandes Saldanha formou-se em Arquitetura pela Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) no Rio de Janeiro em 1931. A obra que aparece no *Brazil Builds* é o edifício Jarau, de 1936, o qual “constituiu um marco na carreira de Saldanha. Foi o primeiro edifício exclusivamente residencial em altura de uma série para as classes média e alta, que o arquiteto projetou para Copacabana”<sup>399</sup>.

Ernani Vasconcelos (1912-1988), Jorge Moreira (1904-1992), Carlos Leão (1906-1983), Afonso Reidy (1909-1964) participaram todos do projeto para o Ministério da Educação e Saúde, e formaram-se pela Escola Nacional de Belas Artes (ENBA)<sup>400</sup>. José Norberto e Fernando Saturnino de Britto trabalhavam no Setor de Obras Públicas do Estado de Pernambuco, onde Luiz Nunes era Diretor de Arquitetura e Urbanismo.

---

<sup>396</sup> Ana Lúcia Cerávolo. “Projeto para o Morro Santo Antônio - 1938: as concepções urbanísticas de Paulo de Camargo e Almeida”. In: *V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 1998, Campinas. Temporalidades em Confronto*. (Campinas: FAU Puccamp, 1998).

<sup>397</sup> Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários.

<sup>398</sup> “Os projetos de Vila Guimar em Santo André e Piratininga em Osasco, bem como o edifício de apartamentos e Sede da Delegacia do IAPI em Recife, todos de sua autoria mostram como, por meio do cargo que assumiu, ele quis direcionar a linha de empreendimentos que o Instituto deveria seguir”. In: Nilce Aravecchia-Botas. “Concreto, muxarabis e cumeeiras para os industriários: a arquitetura e o urbanismo de Carlos Frederico Ferreira na produção do IAPI”. In: *I Encontro Nacional de Pesquisa em Arquitetura, 2010, Anais do I ENANPARQ*, (Rio de Janeiro, 2010).

<sup>399</sup> Denise. V. NUNES. “Morar Moderno - Dois projetos de Firmino Saldanha”. In: *8º Seminário Docomomo Brasil, 2009, Rio de Janeiro. Cidade Moderna e Contemporânea: Síntese e Paradoxo das Artes v. I*, (Rio de Janeiro, 2009), 85.

<sup>400</sup> Maurício Lissovsky e Paulo Sérgio Moraes de Sá (org.). *Colunas da educação: a construção do Ministério da Educação e Saúde (1935-1945)*. (Rio de Janeiro: MINC/IPHAN; Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1996), 323.



### 3.4. O hiato entre Arquitetura Antiga e Moderna

Em *Brazil Builds* há um hiato entre as duas partes do livro. A abordagem da arquitetura antiga termina em meados do período do Brasil Império e a narrativa só é retomada a partir da arquitetura da década de 1930, quando ela começa a ser visivelmente moderna. Aparentemente tudo o que foi produzido nesse período de aproximadamente seis décadas é esquecido. Estão omitidos períodos relacionados com o historicismo revivalista, casos dos ecletismos que chegam ao Brasil com os grupos imigrantes no século XIX, ou os neocolonialismos mais recentes. As menções são muito breves ou até mesmo inexistentes. A arquitetura eclética chega ao Brasil a partir da década de 1870, com a imigração italiana em São Paulo, com a imigração alemã no sul do Brasil e com a imigração portuguesa no Rio de Janeiro<sup>401</sup>.

Personagens importantes não são mencionadas: os arquitetos de São Paulo, como Victor Dubugras, não aparecem; Ricardo Severo, que fala do retorno ao colonial, também não é mencionado. Do Rio de Janeiro, os arquitetos Arquimedes Memória, Lopes Rodrigues e outras personagens intermediárias não aparecem e sequer têm suas obras mencionadas no *Brazil Builds*. Personagens que mais tarde a historiografia reabilitou, como os arquitetos Victor Dubugras, Ricardo Severo, Fernando de Azevedo<sup>402</sup> por Hugo Segawa; e Heitor de Mello, Arquimedes Memória e Francisco Cuchet citados por Yves Bruand<sup>403</sup> não figuravam entre as escolhas de Goodwin. Segundo Carlos Eduardo Comas, em *Brazil Builds* “não há preconceito contra o século XIX mas contra o ecletismo, cuja omissão é programática e relativa, porque é citada e tem mesmo uma obra ilustrada”<sup>404</sup>. A obra em questão - “única obra eclética”<sup>405</sup> - era a Ópera de Manaus.

Goodwin escreve em *Brazil Builds* que

A Avenida Rio Branco, na capital federal, ostenta a sua grande biblioteca, um museu, um majestoso [sic] teatro e o Palacio [sic]

---

<sup>401</sup> FABRIS, Annateresa F. *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. (São Paulo: Nobel, Editora da Universidade de São Paulo, 1987).

<sup>402</sup> Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 36.

<sup>403</sup> Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 37.

<sup>404</sup> Carlos E. Comas. “Brazil Builds e a Bossa Barroca”. *Anais do VI Seminário Docomomo Brasil*. (Niterói: UFF, 2005. v. 1).

<sup>405</sup> *Ibidem*.

Monroe, antiga sede do Senado. Talvez seja melhor não falar deles [...] foram vítimas da mania internacional do carregado à Palladio<sup>406</sup>.

O Teatro Municipal do Rio de Janeiro e seu entorno foram omitidos (Ilustrações 129 e 130).



Ilustração 129 - Teatro Municipal do Rio de Janeiro

Fonte: Fotografia da Autora (2009)

---

<sup>406</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 25.

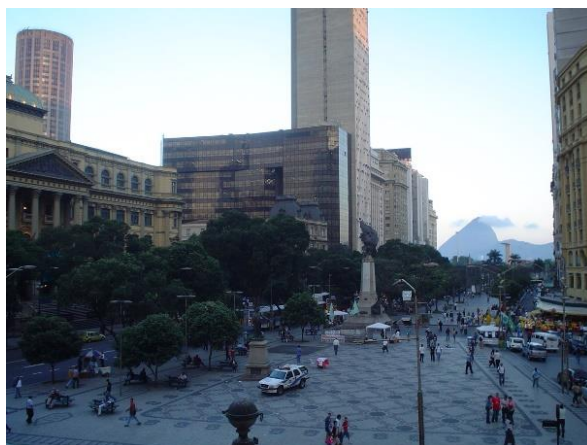


Ilustração 130 – Vista a partir do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, com a Biblioteca Nacional à esquerda

Fonte: Fotografia da autora (2009).

Para deixar bem clara sua posição em relação ao ecletismo, Goodwin continua dizendo que

A correção acadêmica se preferiu a uma arquitetura viva e adequada à terra e o efeito pretensioso e pesado só encontrava igual na sua esterilidade<sup>407</sup>.

O capítulo termina com a afirmação de que mais tarde a cidade se “curou dessa doença”<sup>408</sup>.

Desse modo, o ecletismo não foi um esquecimento ou uma espécie de seleção onde não se encontraram edifícios de importância. Era um período claramente repudiado pelo autor, embora sua biografia mostrasse afinidades com a arquitetura eclética no seu passado – inclusive nas próprias obras – e possivelmente também repudiado pela equipe responsável pelo livro-catálogo. Definitivamente não era um livro sobre a evolução da arquitetura no Brasil ao longo do tempo. Foi uma escolha muito bem discutida sobre períodos de grande sucesso, reconhecidos por Robert Smith, no caso do Barroco, e por Paul Lester Wiener<sup>409</sup> nas indicações para a arquitetura moderna. Além disso, também pode-se salientar a repercussão do Pavilhão do Brasil na Feira de Nova Iorque, de 1939.

---

<sup>407</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 25.

<sup>408</sup> *Ibidem*.

<sup>409</sup> Zilah Quezado Deckker. *Brazil Built: the architecture of the modern movement in Brazil*. (London and New York: Spon Press – Taylor & Francis Group. 2001), 11.

Segundo Sylvia Ficher, John Summerson “nos dá uma pista para começarmos a entender as causas da aura negativa que acompanha até hoje a avaliação da produção arquitetônica dita eclética”<sup>410</sup> quando fala da Arquitetura Vitoriana:

Nós estamos acostumados a avaliar edifícios, grupos de edifícios, episódios, escolas de arquitetura na suposição de que se eles têm ou não têm para nós uma relevância imediata ou apelo emocional que foram pelo menos em seu tempo aceitados como corretos. [No entanto] A arquitetura do princípio e meados da Era Vitoriana, em seu próprio tempo e nos olhos dos seus mais bem informados críticos era horivelmente mal sucedido<sup>411</sup>.

A arquiteta comenta ainda passagens de Carl Schorske<sup>412</sup>:

Conforme [Schorske] nos propõe, o historicismo característico da produção intelectual pós Revolução Industrial representaria naquela época, uma âncora cultural/intelectual num quadro de rápidas transformações. E pelo oposto, a repulsa ao historicismo seria fruto igualmente dessas mesmas condições de transformação, tendo como lógica a insatisfação diante da incapacidade de uma sociedade tão sofisticada como essa do século XIX criar uma arquitetura com estilo próprio<sup>413</sup>.

A arquitetura moderna obviamente vai negligenciar a presença dos vestígios dessa arquitetura eclética – o patrimônio eclético – porque exige que o ecletismo seja descartado da equação da cultura arquitetônica. O moderno, nos circuitos internacionais, propõe uma espécie de ruptura, considerando vários estilos como “inimigos a serem derrotados”<sup>414</sup>. O que se queria era uma tábula rasa em relação ao passado. Como o eclético representava o passado mais imediato, que vai ser substituído pela arquitetura moderna, foi renegado. O caso do Brasil é ligeiramente diferente, porque o *Brazil Builds* mostra a arquitetura antiga – o que é um historicismo. No entanto, omite a arquitetura eclética.

---

<sup>410</sup> Sylvia Ficher. *Ecletismo vs Modernismo*. Palestra realizada na FAU Maranhão com a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sylvia Ficher - Universidade de Brasília –UNB. Intermeios-USP. Disponível em <<http://www.intermeios.fau.usp.br/midia/201850507>> Acesso em 01 de fevereiro de 2017.

<sup>411</sup> John Summerson. *Victorian architecture in England: four studies in evaluation* (1970).

<sup>412</sup> Carl Schorske. *Thinking with history: Explorations in the passage to Modernism* (1998).

<sup>413</sup> Sylvia Ficher. *Ecletismo vs Modernismo*. Palestra realizada na FAU Maranhão com a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sylvia Ficher - Universidade de Brasília –UNB. Intermeios-USP. Disponível em <<http://www.intermeios.fau.usp.br/midia/201850507>> Acesso em 01 de fevereiro de 2017.

<sup>414</sup> Lucio Patetta. “Considerações sobre o Ecletismo na Europa”. In: Annateresa Fabris. *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel, Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

Goodwin discorre sobre o barroco e toda a sua importância, revelando-o em fotografias e plantas. Faz um sucinto parecer acerca do colonial e do neoclássico. Há, entretanto, um hiato até a arquitetura moderna.

Só mais tarde, as historiografias do século XX começaram a incluir o ecletismo normalmente. Em *Arquitetura Contemporânea no Brasil*, de 1981, Yves Bruand<sup>415</sup> insere o neocolonial. Já Hugo Segawa, em *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*<sup>416</sup>, publicado em 1998, discorre sobre essa arquitetura com naturalidade.

Os estudos sobre essa obscura parte da arquitetura começaram nos anos 80. Por ocasião do *Congresso Nacional de História da Arte* dedicado ao Neoclassicismo e ao Ecletismo, organizado no Rio de Janeiro, surgiu a idéia de se organizar um livro sobre o segundo tema, porque a “*questão eclética*, por longo tempo esquecida pela historiografia artística, voltava a merecer o interesse dos estudiosos, que sobre ela se debruçavam alheios aos preconceitos oriundos da ortodoxia da ideologia modernista”<sup>417</sup>. Vários estudiosos se dedicaram ao assunto buscando formar um panorama geral. Carlos Lemos diz que:

Devemos entender Ecletismo como a somatória de produções arquitetônicas aparecidas a partir do final do primeiro quartel do século passado, que veio juntar-se ao Neoclássico surgido por sua vez como reação ao Barroco<sup>418</sup>.

Carlos Lemos é uma figura importante, porque escreve *Alvenaria Burguesa*<sup>419</sup>, em 1985, que recupera essa arquitetura eclética, mas sempre numa perspectiva regional. A análise, portanto, é dividida por regiões do Brasil, não sendo tratada como uma cultura ampla. Vai ser percebida como diferentes expressões dessa cultura de acordo com o local onde foram surgindo. *Alvenaria Burguesa* registra majoritariamente a arquitetura trazida pelos imigrantes, uma arquitetura anônima, diferente da tradição portuguesa de construir.

---

<sup>415</sup> Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. (5ª edição da 1ª reimpressão) São Paulo: Perspectiva, 2012.

<sup>416</sup>Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010).

<sup>417</sup> Annateresa Fabris. *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. (São Paulo: Nobel, Editora da Universidade de São Paulo, 1987).

<sup>418</sup> Carlos Lemos. “Ecletismo em São Paulo”. In: Annateresa Fabris. *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. (São Paulo: Nobel, Editora da Universidade de São Paulo, 1987).

<sup>419</sup> Carlos Lemos. *Alvenaria Burguesa*. (São Paulo: Livraria Nobel, 1985).

Outro livro importante é de Geraldo Gomes da Silva, cujo título é *Arquitetura do ferro no Brasil*<sup>420</sup>, outro tema transversal, que tem como apresentação um texto de Carlos Lemos:

O século XIX ainda está para ser decifrado, desvendado e compreendido, para então conquistar o direito de figurar com seus bens culturais em nosso Patrimônio Histórico e Artístico oficial, até hoje reconhecidamente desfalcado de produção significativa daquele tempo [...]. As coisas do Ecletismo, então, sempre foram muito desprestigiadas e vistas com maus olhos, porque talvez não expressasse uma desejável “identidade cultural”<sup>421</sup>.

Lemos também diz que o desejado era que tudo viesse do mundo lusitano, enquanto outras contribuições seriam “intrusas”<sup>422</sup>. O autor ainda acrescenta uma nota:

É bom que fique claro que sempre participamos da mais sadia modernidade racionalista alternativa e que julgamos a maioria da produção eclética de profundo mau gosto, mas sabemos igualmente que nosso Patrimônio Cultural não deve ser organizado só com exemplares bonitos, ele também é composto de feiúras e de tristezas mil. Nisso devemos ser imparciais e encarar o Ecletismo de frente<sup>423</sup>.

Outra referência digna de nota é o livro *O palacete paulistano*<sup>424</sup> de Maria Cecília Naclério Homem, que consiste em uma tentativa de construção de uma cultura paulistana dentro da família brasileira. Esta obra, juntamente com outras publicações que foram surgindo, inicia a pesquisa acerca deste período. Esta literatura, de grande envergadura, se torna interessante por juntar a sociologia, a antropologia, a história dos costumes e da vida privada, com a tipologia do edifício residencial da elite já sem qualquer receio.

---

<sup>420</sup> Geraldo Gomes da Silva. *Arquitetura do Ferro no Brasil*. (São Paulo: Nobel, 1986).

<sup>421</sup> Carlos Lemos. “Apresentação”. In: Geraldo Gomes da Silva. *Arquitetura do Ferro no Brasil*. (São Paulo: Nobel, 1986), 9.

<sup>422</sup> *Ibidem*.

<sup>423</sup> Carlos Lemos. “Apresentação”. In: Geraldo Gomes da Silva. *Arquitetura do Ferro no Brasil*. (São Paulo: Nobel, 1986), 9.

<sup>424</sup> Maria Cecília Naclério Homem. *O Palacete Paulistano e Outras Formas Urbanas de Morar da elite Cafeeira, 1867-1918*. (São Paulo. Martins Fontes, 1996).

### 3.5. A desvalorização de Gregori Warchavchik

Gregori Warchavchik parece ser uma figura “maltratada” pelo livro, como será explicado mais adiante. Este fato parece igualmente indiciar o isolamento a que o arquiteto terá na historiografia posterior – sendo muito recentemente recuperado por investigadores como José Lira, por exemplo – embora tenha tido um grande papel no início da difusão da arquitetura moderna no Brasil, inclusive sendo representante do CIAM, indicado diretamente por Le Corbusier.

Em 1943, à época da publicação de *Brazil Builds*, o arquiteto russo já tinha um trabalho considerável. Desde a publicação do seu texto *Acerca da arquitetura moderna*, como mencionado no primeiro capítulo, havia construído várias edificações como, por exemplo, a sua própria residência. Segundo José Lira, em 1927 o arquiteto estabeleceu escritório próprio em São Paulo e começou o seu primeiro projeto: a residência à rua Santa Cruz, que logo foi considerada a primeira obra brasileira de arquitetura moderna, e eleita “espaço de sociabilidade modernista na cidade”<sup>425</sup>. Embora muitas críticas tenham surgido sobre esta obra, também se enfatizava:

as dimensões de ruptura que a edificação trazia consigo: as superfícies completamente lisas e a ausência total de modinatura, os efeitos de transparência e continuidade espacial graças ao uso generoso do vidro, o controle cuidadoso da execução, a unificação do design aos menores detalhes de acabamentos, mobiliário, instalações, em uma atitude de ascetismo e coordenação ao mesmo tempo agressiva e autoconsciente [...]. Impuro ou incoerente para uns, absolutamente revolucionário para outros, o que se reafirmava em toda parte era o caráter excepcional do projeto<sup>426</sup>.

Um dos marcos principais na obra de Warchavchik foi a *Exposição de uma Casa Modernista*, realizada em São Paulo, onde abriu ao público sua residência construída na rua Itápolis. Esta obra “encenava o ideal de habitação mínima e de reunificação da arquitetura com as artes, os ofícios e o design”<sup>427</sup>.

Em *Brazil Builds*, na página 118, aparece o Edifício de Apartamentos da Alameda Barão de Limeira, mas a fotografia é pequena, mal enquadrada e quase não chama a atenção. O elemento de interesse – os balcões curvos – mal se percebe devido ao ângulo da

---

<sup>425</sup> José Lira. *Warchavchik: Fraturas da vanguarda*. (São Paulo: Cosac & Naify, 2011), 148.

<sup>426</sup> *Ibidem*, 152-153.

<sup>427</sup> *Ibidem*, 196.

fotografia. Também não há qualquer comentário além de sua identificação (Ilustração 131).

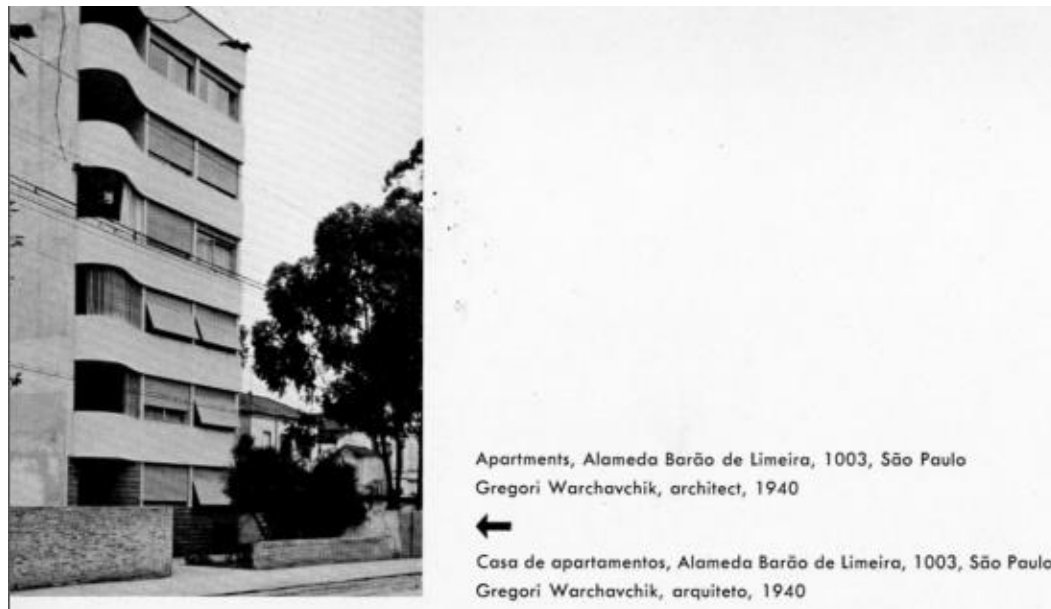


Ilustração 131 - Casa de Apartamentos, Gregori Warchavchik, São Paulo, 1940

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 99.

Gregori Warchavchik foi prejudicado não só na ausência de alguns trabalhos importantes, e menções ao seu pioneirismo, mas também no aspecto visual do modo como sua obra foi apresentada. A má qualidade da fotografia que compromete a apreensão da arquitetura, justamente em um livro que primava pela sua qualidade, é frisada por Invamoto:

Do edifício à Alameda Barão de Limeira, há uma foto em tamanho pequeno em uma vista semilateral do edifício em um ângulo que atenua a curva do balcão frontal diminuindo o seu impacto, tão valorizado nas fotografias de Zanella publicadas na *Acrópole* em 1941<sup>428</sup>.

A diferença é tamanha, ao comparar as fotografias, que parecem se tratar de edifícios completamente diferentes (Ilustrações 132 a 134).

---

<sup>428</sup> Denise Invamoto. *Futuro Pretérito: historiografia e preservação na obra de Gregori Warchavchik*. Dissertação de Mestrado. FAUUSP, (São Paulo, 2012), 41.





Ilustração 132 - Edifício de Apartamentos na Rua Barão de Limeira

Fonte: Fotografia de Zanella. *Acrópole*, nº 35, 1941.



Ilustração 133 – Edifício de Apartamentos na Rua Barão de Limeira, Gregori Warchavchik, São Paulo  
 Fonte: Fotografia de Ana Vaz Milheiro (2016).



Ilustração 134 - Edifício de Apartamentos na Rua Barão de Limeira, Gregori Warchavchik, São Paulo  
 Fonte: Fotografia de Ana Vaz Milheiro em 2016.

O ano de 1938 é a data aproximada dos primeiros estudos para a construção do edifício Mina Klabin Warchavchik, à Avenida Barão de Limeira, que consta no *Brazil Builds*. No seu livro *Warchavchik: fraturas da vanguarda*, José Lira descreve o edifício como:

geometria branca e detalhamento abstrato dos projetos anteriores a 1933, no edifício da Barão de Limeira despontam com maior nitidez elementos de humanização, entrosados com a escala da cidade, como nas propostas urbanísticas anteriores. São lonas de proteção das varandas que movimentam a fachada em jogos de luz e cor nos pavimentos ao longo do dia, além do recurso à textura rústica no andar térreo e a muros rebaixados e alvenaria aparente<sup>429</sup>.

E em seguida relembra um dos trechos escritos por Goodwin, na introdução da parte moderna de *Brazil Builds*, que é possível que se aplicasse a este edifício em particular:

O exterior dos novos prédios de apartamento é em geral revestido de reboque cinzento ou amarelado, completamente despido de ornamentos. As entradas guarnecidas de mármore liso e plantas em vasos ou caixas. Em geral, as cores fortes acham-se associadas ao ambiente dos países tropicais, mas com exceção de um único prédio em São Paulo onde lonas de pelo menos cinco cores vivas diferentes são usadas para toldos que se salientam do fundo cinza das paredes, o que se observa com mais frequência são cores neutras, cortinas brancas e o uso frequente do azul<sup>430</sup>.

Após esse período, Warchavchik construiu uma série de residências unifamiliares: Residência Max Graf (1929 – SP); Residência Cândido da Silva (1929 – SP); Residência à rua Avanhandava (1929 – SP); Residência Luiz da Silva Prado (1930 – SP) da rua Bahia que consta no *Brazil Builds*; Residência Antônio da Silva Prado (1931 – SP); Casas econômicas (1929- SP)<sup>431</sup>.

A ida para o Rio de Janeiro e o ingresso de Warchavchik como professor na Escola Nacional de Belas Artes está associado à criação do Ministério da Educação e Saúde, no governo de Getúlio Vargas<sup>432</sup>. Com o convite de Lucio Costa, então diretor do curso, passou a integrar a equipe de professores de arquitetura de disciplinas da área de Composição, onde permaneceu até o início de 1932<sup>433</sup>. Neste período, o arquiteto se dividia entre São Paulo e Rio de Janeiro. No Rio de Janeiro inaugurou, em outubro de

---

<sup>429</sup> José Lira. *Warchavchik: Fraturas da vanguarda*. (São Paulo: Cosac & Naify, 2011), 385-86.

<sup>430</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 98.

<sup>431</sup> José Lira. *Warchavchik: Fraturas da vanguarda*. (São Paulo: Cosac & Naify, 2011).

<sup>432</sup> *Ibidem*, 275.

<sup>433</sup> *Ibidem*, 282.

1931, a casa da rua Toneleros com a *Exposição de uma Casa Modernista*, que coincidiu com a visita de Frank Lloyd Wright no Brasil<sup>434</sup>. Em janeiro do ano seguinte inaugurou um apartamento de cobertura na Avenida Atlântica com a *Exposição de um Apartamento Moderno*. Estes eventos foram apreciados, segundo Lira, por intelectuais e artistas com ligações ao grupo modernista do Rio de Janeiro.

Em junho de 1932, Warchavchik e Lucio Costa iniciaram uma parceria profissional. Carlos Leão era arquiteto recém-formado e se tornou colaborador do escritório, assim como Afonso Eduardo Reidy, e como estagiários, entraram na equipe os arquitetos Alcides da Rocha Miranda e Oscar Niemeyer. Segundo Lira, a sociedade foi “relativamente ativa. Projetaram residências particulares e edifícios de apartamentos, desenvolveram reformas e obras completas, inclusive de um pequeno conjunto de habitação popular”<sup>435</sup>.

Lira apresenta os dois pontos de vista sobre o rompimento da sociedade. Warchavchik teria afirmado que “a duração da firma Warchavchik e Lucio Costa foi de perto de um ano e meio [...] tendo eu me retirado depois da Revolução Constitucionalista, pela impossibilidade de comunicações e por motivos particulares meus”<sup>436</sup>. Já Lucio, além de apontar a escassez de trabalho, pensa que sua adesão incondicional aos “*verdadeiros princípios corbuserianos*”<sup>437</sup> tenha provocado uma “clara divergência conceitual, que os teria conduzido a um engajamento diverso com relação à produção internacional contemporânea”<sup>438</sup>.

Na página 179 Goodwin apresenta a Casa da rua Bahia ou Residência Luiz da Silva Prado de 1930, todavia não fornece nenhuma informação que identifique esta obra. O recorte da fotografia, enquadrando apenas parte da edificação, compromete a leitura da obra como um todo (Ilustração 135). A única legenda é a seguinte: “Esta construção, de Gregori Warchavchik é, geralmente, considerada a primeira casa moderna construída

---

<sup>434</sup> José Lira. *Warchavchik: Fraturas da vanguarda*. (São Paulo: Cosac & Naify, 2011), 283.

<sup>435</sup> *Ibidem*, 302.

<sup>436</sup> WARCHAVCHIK, Gregori *apud*. José Lira. *Warchavchik: Fraturas da vanguarda*. (São Paulo: Cosac & Naify, 2011), 302.

<sup>437</sup> José Lira. *Warchavchik: Fraturas da vanguarda*. (São Paulo: Cosac & Naify, 2011), 302.

<sup>438</sup> *Ibidem*.

em São Paulo”<sup>439</sup>. A casa estava envolvida nos primeiros passos do modernismo em São Paulo, mas não era a primeira. Esta legenda era pertinente à outra casa de Warchavchik: a casa da Rua Santa Cruz (Ilustração 136).

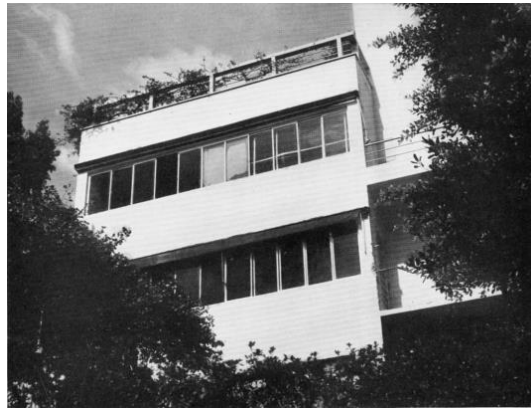


Ilustração 135 - Casa moderna de Warchavchik

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 99.



Ilustração 136 - Casa Modernista da Rua Santa Cruz

Fonte: José Lira. *Warchavchik: Fraturas da vanguarda*. (São Paulo: Cosac & Naify, 2011), 154.

Novamente a obra é desvalorizada pela escolha da fotografia. Nesta obra, segundo Invamoto:

---

<sup>439</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 178.

Ao invés de optar-se por fotos de plano geral da fachada frontal, voltada à Rua Bahia ou mesmo da fachada posterior, orientada para a Rua Itápolis [...] selecionou-se uma fotografia de enquadramento fechado em apenas parte de um dos dois blocos que se voltam ao jardim, recoberto pela vegetação, de modo a tornar a construção ininteligível<sup>440</sup>.

Outras tantas fotografias seriam possíveis como as seguintes (Ilustrações 137 a 139):



Ilustração 137 - Casa da Rua Bahia

Fonte: Igor Fracalossi. *Clássicos da Arquitetura: Casa Modernista da Rua Bahia* / Gregori Warchavchik 04 Abr 2015. ArchDaily Brasil. <<http://www.archdaily.com.br/br/764864/classicos-da-arquitetura-casa-modernista-da-rua-bahia-gregori-warchavchik>>

---

<sup>440</sup> Denise Invamoto. *Futuro Pretérito: historiografia e preservação na obra de Gregori Warchavchik*. Dissertação de Mestrado. FAUUSP, (São Paulo, 2012), 41.



Ilustração 138 - Casa da Rua Bahia

Fonte: Igor Fracalossi. *Clássicos da Arquitetura: Casa Modernista da Rua Bahia* / Gregori Warchavchik 04 Abr 2015. ArchDaily Brasil. <<http://www.archdaily.com.br/br/764864/classicos-da-arquitetura-casa-modernista-da-rua-bahia-gregori-warchavchik>>



Ilustração 139 - Casa da Rua Bahia

Fonte: Igor Fracalossi. *Clássicos da Arquitetura: Casa Modernista da Rua Bahia* / Gregori Warchavchik 04 Abr 2015. ArchDaily Brasil. <<http://www.archdaily.com.br/br/764864/classicos-da-arquitetura-casa-modernista-da-rua-bahia-gregori-warchavchik>>

É notável que os dois edifícios tinham características formais e plásticas interessantes que aproveitadas poderiam gerar ótimas imagens. Não há como identificar o autor de cada fotografia. Acredita-se que a grande maioria das fotografias dos livros foi feita por Kidder Smith, embora no início do livro seja mencionado que algumas fotografias são

de outros fotógrafos, alguns com grande renome<sup>441</sup>. O que realmente não é fácil de compreender é a seleção dessas imagens restritivas, mal enquadradas e mal orientadas, dentre outras que provavelmente o fotógrafo teria feito. Invamoto levanta a questão da escolha das imagens: “não se pode ignorar o papel central da imagem fotográfica na divulgação das obras, entendendo-a como *representação a partir do real*, resultante de uma seleção orientada cultural, técnica e esteticamente pelo fotógrafo”<sup>442</sup>. Obviamente devem ter sido estabelecidos critérios para a seleção das obras, mas ao que parece, eram vários os níveis e a situação era mais complexa do que se supõe. Segundo Invamoto “o caso ao menos revela o pouco investimento em obras que eram consideradas secundárias na produção do catálogo”<sup>443</sup>.

Na verdade, há mais uma obra atribuída ao arquiteto (Ilustração 140) além das mencionadas por Goodwin, mas esta não consta na maioria das citações a Warchavchik em *Brazil Builds*. A imagem de uma residência está ilustrando a Introdução da parte moderna, mas não há quaisquer menções ao arquiteto nem à residência no texto.



Ilustração 140 - Casa simples de Gregori Warchavchik

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 99.

---

<sup>441</sup> Marcel Gautherot, e Eric Hess, Photo Rembrandt e Photo Stille.

<sup>442</sup> Denise Invamoto. *Futuro Pretérito: historiografia e preservação na obra de Gregori Warchavchik*. Dissertação de Mestrado. FAUUSP, (São Paulo, 2012), 41.

<sup>443</sup> *Ibidem*.



A fotografia é bastante intrigante, uma vez que não se identifica a arquitetura de vanguarda dos anos 30 de Gregori Warchavchik. Trata-se da Residência Clinton Edward Croke que já havia sido publicada em 1941 pela Revista *Acrópole* nº 43<sup>444</sup>. Foi projetada e construída entre 1940 e 1941. Segundo Invmamoto, a obra:

já não tinha a radicalidade dos projetos de 1930, apesar de despojada. Como outros projetos residenciais dos anos 1940, Warchavchik jogava com a decomposição de volumes, trabalhando também texturas (pedras, tijolos, cerâmicas, argamassa pintada) e cores para distingui-los. Nestes projetos, o arquiteto abandonava a cobertura em laje e passava a utilizar o entelhamento na composição. Quanto à aleatória inserção no texto introdutório de Goodwin, apenas pode se especular sobre a origem americana do proprietário. Croke residia no Brasil, trabalhando como diretor da Goodyear brasileira e era sócio do Automóvel Clube do Brasil, possivelmente o meio de contato com o arquiteto<sup>445</sup>.

Em relação à arquitetura, nesse período Warchavchik enfrentava mudanças sobretudo sob a pressão do mercado imobiliário de São Paulo e mostrava

Uma ampliação de fontes e referências, maior fragmentação na conduta projetual do arquiteto, novos programas, deslocamentos no eixo de suas preocupações [...] percebem-se de um lado a reconexão local com a moderna arquitetura carioca e, de outro, a oscilação entre primitivismo, regionalismo e organicismo, tendências de retomada da linguagem das vanguardas e o reforço das coordenadas acadêmicas sempre muito requisitadas pelo mercado<sup>446</sup>.

E quanto ao seu aparecimento em *Brazil Builds*, José Lira tece a hipótese de que Warchavchik teria sido tratado como

Figura menor no catálogo de Philip Goodwin para a exposição sobre o Brasil no Moma em 1943, conforme Henrique Mindlin, o arquiteto teria apenas preparado o terreno, ao lado de Rino Levi e Flávio de Carvalho, para a adesão aos ensinamentos de Le Corbusier, base fundamental de florescimento da arquitetura moderna no Brasil da arquitetura moderna do Brasil, sobretudo pelo risco de Oscar Niemeyer, este sim, capaz de transmutar em sua obra personalíssima o estilo internacional moderno em 'um estilo profundo e instintivamente adequado à cena brasileira'<sup>447</sup>.

---

<sup>444</sup> Denise Invmamoto. *Futuro Pretérito: historiografia e preservação na obra de Gregori Warchavchik*. Dissertação de Mestrado. FAUUSP, (São Paulo, 2012), 40.

<sup>445</sup> *Ibidem*, 40-41.

<sup>446</sup> José Lira. *Warchavchik: Fraturas da vanguarda*. (São Paulo: Cosac & Naify, 2011), 403.

<sup>447</sup> *Ibidem*, 492.

Em um depoimento de 1948, Lucio Costa afirma que relatou os fatos da arquitetura brasileira a Goodwin e que colocou em evidência o papel de Warchavchik:

Devo ainda abordar a sua referência à publicação “Brazil Builds” do sr. Goodwin: da única vez que recebi a visita desse benemérito senhor, prestei-lhe as informações que me ocorreram no momento, **tendo dado o devido destaque à obra do Warchavchik** [grifo meu], bem como indicado a casa da Rua Tonelero, havendo até referido a propósito, se não me engano, a visita de Frank Lloyd Wright àquela casa e assinalado a impressão forte que parece lhe haver causado certo balcão em balanço, pois esse pequeno pormenor teria, de algum modo, talvez sugerido a concepção da espetacular casa que construiu a seguir<sup>448</sup>.

Em *Brazil Builds*, no entanto, Gregori Warchavchik não teve qualquer relevo em relação aos outros arquitetos. Era de se esperar que aparecesse no enredo do nascimento da arquitetura moderna em São Paulo, na sua colaboração na Escola Nacional de Belas-Artes e na parceria com Lucio Costa. No entanto o que aparece é uma amostra muito breve, mal apresentada, com informações equivocadas e sem referências suficientes. Conclui-se, portanto, que *Brazil Builds* não faz justiça nem ao seu papel como arquiteto moderno brasileiro, muito menos o introduz como pioneiro.

### 3.6. A abordagem da cidade<sup>449</sup>

*Brazil Builds* permitiria ainda, através da arquitetura, vislumbrar um território bastante complexo – a cidade brasileira e os seus desenvolvimentos mais recentes, em processo de contágio perante a nova produção arquitetônica moderna. O Brasil passava por um período de crescente urbanização, que se refletia na infra-estrutura do território através da implementação de novas redes rodoviárias e ferroviárias. Assistia-se também a uma intensa campanha de modernização e revitalização dos principais núcleos urbanos. Na cidade de São Paulo, em crescimento acelerado, abriam-se rodovias, construíam-se viadutos e alterava-se o *skyline* através da implantação de novos arranha-céus.

---

<sup>448</sup> Lucio Costa. “Depoimento (1948)”. In: Lucio Costa. *Lucio Costa: Registro de uma vivência*. (São Paulo, Empresa das Artes, 1995), 200.

<sup>449</sup> Essa seção é baseada no seguinte texto publicado: Luciane Scottá e Ana Vaz Milheiro. “A cidade em Brazil Builds: Sinalizar uma cultura urbana emergente”. In: *3º Seminário Internacional da Academia de Escolas de Arquitetura e Urbanismo de Língua Portuguesa*, 2014, Lisboa. *Arquiteturas do mar, da terra e do ar*. Lisboa: Academia de Escolas de Arquitetura e Urbanismo de Língua Portuguesa, 2014. v. III.

Simultaneamente, as elites e a classe média continuavam a residir em bairros habitacionais inspirados na Cidade Jardim, onde algumas casas expunham o novo ideal modernista, renovando os tradicionais modelos burgueses historicistas e neocoloniais. Na cidade do Rio de Janeiro, a prefeitura ordenava a remoção de colinas e a construção de novos aterros. Abriam-se ainda grandes e largas avenidas, seguindo os moldes dos *boulevards* parisienses. As novas cidades de Belo Horizonte e de Goiânia surgiam a partir de planos urbanísticos concebidos entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, reforçando a presença de novas abordagens urbanísticas entre os profissionais brasileiros. Quando Goodwin e Kidder Smith se deslocam ao Brasil encontram todo este processo em andamento, e o que reproduzem em *Brazil Builds* é exatamente um território que passava por grandes transformações.

Na introdução, Goodwin descreve a sua chegada ao território brasileiro, vindo de avião, percorrendo sobre a presença dos rios, as paisagens luxuriantes, a morfologia acidentada, as terras inabitadas, referindo-se especificamente a áreas povoadas. O texto inicia da seguinte maneira: “O enorme avião prateado atravessa velozmente o rio Amazonas”<sup>450</sup>. Serve de ponto de partida para um enquadramento historiográfico genérico e panorâmico. Todo o discurso reflete a formação do seu autor e um conhecimento padronizado que a Europa e a América do Norte acumulavam do Brasil desde o século anterior através de fontes não científicas, obras literárias e artísticas<sup>451</sup>. Inicialmente, as referências às cidades são bastante vagas. A primeira a ser mencionada é Belo Horizonte: “De repente, a cidade de Belo Horizonte, ao lado de um lago em forma de polvo. A terra parece povoar-se, de novo”<sup>452</sup>. Mais adiante, surge “Petrópolis como perdida nas elevações rochosas”<sup>453</sup>. A chegada é, segundo o autor, no “melhor porto do mundo, superior mesmo aos de Nova York e de São Francisco”<sup>454</sup>. Fala então da baía de Guanabara e do Rio de Janeiro (Ilustração 141). A paisagem deslumbrante acentua o contraste entre a natureza e a intervenção humana: “Vêm-se as linhas esguias dos edifícios altos em semi-círculo [*sic*] sobre a orla marinha que se

---

<sup>450</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 1.

<sup>451</sup> Ana Vaz Milheiro. *A Construção do Brasil – Relações com a cultura arquitectónica portuguesa*. (FAUP Publicações. Porto, 2005), 85-6.

<sup>452</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 17.

<sup>453</sup> *Ibidem*.

<sup>454</sup> *Ibidem*.

estende, depois de quebrar-se de encontro às montanhas inclinadas”<sup>455</sup>. Neste sentido, as suas descrições corroboram as dos antigos viajantes oitocentistas, cujas narrativas revelam a dificuldade em compor quadros analíticos mais positivistas face à intensidade da paisagem natural do Rio de Janeiro<sup>456</sup>.



Ilustração 141 - Copacabana

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 99.

Goodwin afirma possuir um “desejo agudo de conhecer melhor a arquitetura brasileira, principalmente as soluções dadas ao problema do combate ao calor e aos efeitos da luz sobre as grandes superfícies de vidro na parte externa das construções”<sup>457</sup>. Tratando-se de um dos temas cruciais e inovadores da arquitetura moderna, seria um dos assuntos a que mais se dedicaria. A análise das cidades e do seu urbanismo não estava prevista no roteiro inicial. Contudo, Goodwin elabora comentários sobre os ambientes urbanos com que se confronta na sua estada no Brasil.

O autor não explica como as antigas cidades foram fundadas. Limita-se a escrever que o desenvolvimento do Brasil começou em 1520. Em 1808, o desembarque da família real portuguesa e de D. João VI no Rio de Janeiro, em fuga das invasões napoleônicas, impõe novas dinâmicas urbanas. O Rio de Janeiro passa a ser a capital do Império colonial português.

---

<sup>455</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 17..

<sup>456</sup> Ana Vaz Milheiro. *A Construção do Brasil – Relações com a cultura arquitectónica portuguesa*. (FAUP Publicações. Porto, 2005), 85-6.

<sup>457</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 7.

Na sua análise, Goodwin assinala os fatores que, na sua opinião, determinam a produção que antecede esta fase da independência brasileira:

A vida e a arquitetura do período colonial sofreram três influências principais: a da igreja, quasi [sic] tão poderosa no Brasil como o próprio rei; a do ouro descoberto em Minas Gerais no fim do século XVII; e a da escravidão negra importada da África, destinada aos trabalhos nas cidades e nas grandes fazendas<sup>458</sup>.

A igreja tinha um papel destacado na definição dos centros urbanos, implantando-se em lugares proeminentes. O mesmo acontecia – ainda que com outras características – com as estruturas administrativas oficiais e as residências das famílias importantes. A atividade comercial girava em torno das estruturas produtivas, como grandes fazendas, minas de ouro e zonas portuárias.

Goodwin mantém a convicção da filiação portuguesa da arquitetura brasileira. Esta, com “as paredes grossas, o pé direito elevado, os cômodos espaçosos, o assoalho de lages [sic], e os roda-pés [sic] que caracterizam a arquitetura lusitana foram transplantados para o novo país”<sup>459</sup>. Em paralelo à produção de feição mais popular, chega igualmente a expressão barroca de inspiração erudita e a predileção por materiais de revestimento como o azulejo, que depois o Ministério da Educação e Saúde recuperaria para a obra moderna. No entanto, Goodwin observa que as igrejas construídas em território brasileiro são mais modestas e algumas manifestam uma “certa independência em relação ao modelo português”<sup>460</sup>. Este debate, que o arquiteto norte-americano apenas menciona, será crucial na construção de uma cultura arquitetônica autônoma da produção moderna internacional a partir da década de 1940, precisamente quando *Brazil Builds* está em produção<sup>461</sup>.

Goodwin percebe o fato de como as fazendas de canaviais ou os cafezais atingem áreas de exploração de grandes dimensões, provocando uma intensa artificialização da paisagem. Infra-estruturas produtivas, como armazéns de depósito de café, açúcar ou borracha, começam a constituir modelos para as construções vernáculas. A riqueza econômica pertence à aristocracia que explora as matérias-primas e os recursos

---

<sup>458</sup> *Ibidem*, 18.

<sup>459</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 20.

<sup>460</sup> *Ibidem*.

<sup>461</sup> Ana Vaz Milheiro. *A Construção do Brasil – Relações com a cultura arquitectónica portuguesa*. (FAUP Publicações. Porto, 2005), 267-8.

agrícolas que, além das casas grandes erguidas nas fazendas, constroem residências nas cidades. Estas casas urbanas são frequentemente renovadas, também em função de novos hábitos citadinos que os seus proprietários vão adquirindo no contato com outras regiões e culturas, consequência da transação franca de bens e serviços que o Império independente permite.

Em *Brazil Builds* não são analisadas as cidades brasileiras na perspectiva das novas teorias do urbanismo moderno. O seu autor faz comentários focados no plano da arquitetura, centrando-se nos casos de São Paulo e do Rio de Janeiro, mencionando ainda Belo Horizonte. Segundo Richard Williams em *Brazil (Modern architectures in history)*, persistem omissões no discurso ensaiado por Goodwin:

A visão de Goodwin é notavelmente inclusiva. Mas também exclui claramente muito do que também é compreendido como Modernismo. Ele menospreza a maior parte do tecido contemporâneo das grandes cidades do Brasil. Ele tem pouco a dizer sobre São Paulo, por exemplo, então sobrepõe o Rio como a maior capital comercial e cultural do país [...]. No Rio, Goodwin pode falar apenas sobre o desenvolvimento moderno ao longo da Avenida Rio Branco, por exemplo, o desenvolvimento que transformou uma pequena cidade colonial em uma versão de Paris do Segundo Império, com a infraestrutura tecnológica (estradas pavimentadas, a iluminação pública, os bondes, os elevadores) que fizeram essa visão de modernidade possível. Ele também não diz nada sobre Belo Horizonte, uma nova cidade projetada a partir do zero pelo planejador Aarão Reis entre 1893 e 1897, cuja ambição e grade imensa já lembrou fortemente Chicago<sup>462</sup>.

A crítica de Richard Williams levanta duas questões fundamentais: a primeira reside nos objetivos que conduzem à realização da exposição *Brazil Builds* e que se inscrevem nas políticas de boa vizinhança desenvolvidas pelos Estados Unidos nesta época; a segunda é que o foco é essencialmente descritivo e não analítico, o que uma crítica mais aprofundada às opções urbanísticas tomadas poderia enunciar. No plano em que se inserem os comentários de Goodwin, o Rio de Janeiro destaca-se como lugar de eleição no Brasil, sentimento que se manifesta através do entusiasmo com que a cidade é invariavelmente referida. Apesar dos processos de modificação, Goodwin confirma ter sido a sua beleza natural pouco prejudicada com a atividade transformadora do homem.

---

<sup>462</sup> Richard J. Williams. *Brazil (Modern architectures in history)*. (Londres: Reaktion Books Ltd, 2009), 55.

Segundo escreve, “sempre que o homem erigiu uma cidade, ainda que por acaso ou descuidadamente sob o ponto de vista do urbanismo moderno, tem procurado realçar o esplendor natural da mesma”<sup>463</sup>.

Abrindo a segunda parte do livro está o mapa da cidade do Rio de Janeiro (Ilustração 142) com a marcação dos principais edifícios cariocas citados e abordados no catálogo. A sua inclusão facilita uma melhor compreensão do traçado da cidade e as sucessivas referências dadas pelo autor.

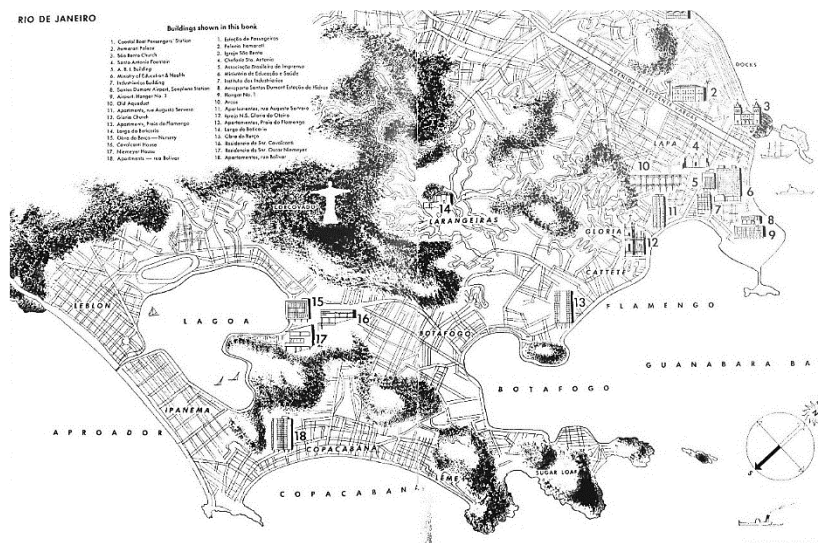


Ilustração 142 – Mapa esquemático do Rio de Janeiro

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 99.

Note-se que se trata da única planta de uma malha urbana publicada em *Brazil Builds*. Dirigindo-se a um público maioritariamente norte-americano, Goodwin compara o Rio de Janeiro a Manhattan e a Chicago:

Manhattan e Rio de Janeiro têm muita coisa de comum. Ambos contam uma área central muito limitada, a primeira uma ilha circundada por três rios, a outra uma faixa sinuosa de terreno apertado, de um lado, por grandes montanhas e pela baía e o Atlântico, do outro. Colinas inteiras foram arrasadas [sic] e o material removido para aterrar uma nesga da baía sobre que se construíram largas avenidas, jardins e um aeroporto que hoje ocupam espaço furtado ao mar. Somente [sic] em Chicago se fez coisa semelhante, ditada pelas mesmas necessidades de mais e mais largas vias de trânsito. A noite, as linhas curvas de iluminação das ruas ao longo da baía e as avenidas e parques

<sup>463</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 26.

bem iluminados estão como a arrebatada de Paris o título de cidade-luz, principalmente nestes tempos de escuridão geral<sup>464</sup>.

A menção a Paris não aparece por acaso, já que foram os planos urbanos de Haussman que inspiraram o prefeito do Rio de Janeiro, o engenheiro Francisco Pereira Passos, a realizar uma reforma urbanística decisiva, entre 1902 e 1906, alargando vias pre-existentes, inserindo jardins e arrasando morros, algo que alteraria profundamente o carácter da cidade preexistente. Um dos problemas que o Rio de Janeiro então enfrentava era a destruição de mocambos, favelas e cortiços. Assiste-se a um esforço para demolir as habitações populares e insalubres que caracterizam este tipo de bairros urbanos. A população, entretanto, resistia às alterações. Como o Rio de Janeiro tem pouca área plana, os novos lugares destinados aos habitantes dos cortiços desmantelados são distantes do centro histórico onde se concentram os empregos. Este fato ocasiona a acumulação de residências precárias nas escarpas dos morros, inapropriados à construção legal. No entanto, o autor diz que “a campanha das construções populares tem sido orientada como por um rígido espírito prussiano. Quando libertada dessa dureza e com propaganda melhor certamente os grupos humanos se disporão a viver nesses novos lugares que lhe são indicados, sem a ojerisa [sic] e a aversão que, hoje, os fazem preferir a morte lenta dos morros ou das várzeas”<sup>465</sup>.

Goodwin relata ainda a grande procura de apartamentos e o crescimento do número de edifícios residenciais pluri-familiares na malha urbana. Confirma, contudo, ser um fenômeno comum a várias partes do mundo “mas é impressionante verem-se cinquenta [sic] grandes edifícios de cimento armado erigidos numa só cidade como aconteceu no Rio de Janeiro, em 1942”<sup>466</sup>.

Paralelamente, São Paulo surge como uma cidade “caótica”, consequência, em parte, da explosão demográfica sentida no início do século XX. Em *Arquitetura contemporânea no Brasil*, Yves Bruand fornece uma breve descrição que permite vislumbrar a cidade visitada por Goodwin em 1942: “A mera enumeração de algumas cifras sobre a população dá uma idéia do crescimento fantástico de São Paulo, que passou de 31.000 habitantes em 1872, a 240.000 por volta de 1900, a mais de 3.300.000 quando foi feito

---

<sup>464</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 95.

<sup>465</sup> *Ibidem*, 97.

<sup>466</sup> *Ibidem*.



o recenseamento em 1960<sup>467</sup>. Consequentemente, a evolução de São Paulo ocorreu de modo desordenado, como uma série de tabuleiros de xadrez dispostos em diferentes direções, dependendo do relevo e da morfologia dos terrenos. O engenheiro Francisco Prestes Maia, antes mesmo de se tornar prefeito em 1938, elabora diversos estudos sobre os problemas urbanísticos de São Paulo, planejando esquemas para a sua melhoria. Em *Brazil Builds*, os seus esforços são comentados em tom elogioso por Goodwin:

São Paulo foi o bandeirante também do urbanismo. Aí surgiram os primeiros grandes planos de origem oficial. Os túneis 9 de Julho começaram a ser abertos em 1935. Estradas com passagem de nível nos cruzamentos, muitas asfaltadas, principiaram a ser construídas em 1920. Desde 1934, abrem-se avenidas novas, alargam-se ruas, constroem-se viadutos dentro do próprio coração da cidade. O seu atual prefeito, sr. Prestes Mais [sic] é engenheiro, uma combinação de Moses e La Guardia<sup>468</sup>.

A implementação de novos Bairros Jardim permite

o desenvolvimento de uma arquitetura atuante, fundada na casa isolada, fenômeno bastante raro numa cidade muito grande [...]. Também funcionaram, graças à sua vegetação, como verdadeiros pulmões e evitaram a asfixia de São Paulo quando o crescimento vertical veio somar-se ao crescimento horizontal e levou, a partir de 1940, à completa transformação do centro, onde os arranha-céus começaram a brotar como cogumelos<sup>469</sup>.

Entretanto, a cidade cresce sem uma clara ordem estabelecida. Promotores privados impõem os seus próprios interesses econômicos e especulativos e parte dos planos de Prestes Maia ficam no papel.

Sobre Belo Horizonte e Goiânia, cujos planos urbanos são correntemente apontados como precursores de Brasília, são somente descritas algumas características físicas do espaço urbano, como a largura das ruas ou a amplitude das zonas públicas. Belo Horizonte possui uma malha quadrilátera, implantada a partir de 1893, cuja erudição parece ser difícil ignorar, como repara mais tarde Bruand. De acordo com este autor, o plano concebido por Aarão Reis

---

<sup>467</sup> Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 326.

<sup>468</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 95.

<sup>469</sup> Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 328.

oferecia uma mistura das tradições americana e europeia do século XIX em matéria de urbanismo; o engenheiro brasileiro tomou emprestado o tabuleiro de xadrez da primeira, mas corrigiu-o por meio de amplas artérias oblíquas, de estrelas, de balões, uma preocupação constante com as perspectivas monumentais que provinha diretamente do Velho Mundo e onde aparecia mais uma vez a influência de Haussman<sup>470</sup>.

A capital de Minas Gerais merece, contudo, algumas anotações por parte de Goodwin na sua correspondência com o curador do MoMA, Alfred Barr próximas das descrições que podem ser lidas em *Brazil Builds*: “Antes de chegar ao Rio [...] voamos sobre Bello [sic] Horizonte (Minas Geraes [sic]) e vi o plano da cidade, arranha-céus e um grande lago artificial com a forma de um polvo”<sup>471</sup>. Já a área da lagoa da Pampulha surge destacada em *Brazil Builds*: “O interventor e o prefeito<sup>472</sup> colaboraram juntos para criar um centro de diversões em Pampulha, com lago, cassino, restaurante, tudo ligado por uma boa estrada que leva ao aeroporto e ao novo teatro com capacidade para três mil e quinhentas pessoas”<sup>473</sup>. Mais à frente menciona que “o desenvolvimento dessa plétórica cidade montanhosa que é Belo Horizonte, levou a municipalidade a abrir o lindo cassino projetado por Oscar Niemeyer, em Pampulha”<sup>474</sup>. A alteração de paradigma que a Pampulha representa na cultura brasileira, com futuras repercussões no plano internacional<sup>475</sup>, acaba por se sobrepor a outras reflexões sobre o urbanismo que suporta esta extraordinária estrutura de quatro (eram inicialmente cinco) edifícios.

De maneira geral, Goodwin refere-se aos edifícios altos como fator de mudança genérica do panorama das principais cidades brasileiras: “E foram justamente os arranha-céus que mudaram a fisionomia do centro do Rio e de São Paulo e ainda das praias cariocas onde se elevou para quatro ou mais vezes a altura dos edifícios que as circundam”<sup>476</sup>. A antevisão que faz do aceleração da expansão destas duas cidades brasileiras é tão forte que o leva a aceitar que “nem Detroit nem Huston poderão apostar

---

<sup>470</sup> Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 348.

<sup>471</sup> Philip Goodwin in Zilah Quezado Deckker. *Brazil Built: the architecture of the modern movement in Brazil*. (London and New York: Spon Press – Taylor & Francis Group. 2001), 112.

<sup>472</sup> Trata-se de Juscelino Kubitschek, futuro governador de Minas Gerais e presidente do Brasil, a quem se deve a decisão de construir Brasília.

<sup>473</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 91.

<sup>474</sup> *Ibidem*, 93.

<sup>475</sup> Ana Vaz Milheiro. *A Construção do Brasil – Relações com a cultura arquitectónica portuguesa*. (FAUP Publicações. Porto, 2005), 51-2.

<sup>476</sup> Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 83-4.

carreira de crescimento com São Paulo e Rio de 1940-41”<sup>477</sup>. Apesar das expectativas de desenvolvimento, o país que se oferece em 1942 aos comentários de Goodwin e ao registo fotográfico de Kidder Smith é ainda muito deficitário em termos de infra-estruturas viárias. As ligações entre os principais centros urbanos são precárias. Num dado momento, o arquiteto ressalta que uma das poucas rodovias modernas é a ligação do Rio de Janeiro a Petrópolis, construída em 1927.

A alteração de paisagem urbana, que Goodwin assinala, é menos perceptível nas fotos de Kidder Smith. No entanto, imagens iniciais, como o tríptico sobre o Rio de Janeiro, que ilustra o plano das páginas 26-27, reforçam a verticalização não apenas nas regiões centrais das cidades, mas também das suas orlas costeiras. Se Goodwin vai fornecendo indícios através de comentários imprecisos, Kidder Smith é mais sutil na inventariação que elabora dessa mudança. Na maioria dos casos, Kidder Smith prefere concentrar-se em registrar fragmentos das cidades históricas, onde a arquitetura moderna vai pontualmente despontando e transformando a paisagem construída, como acontece em Ouro Preto com a construção do Hotel de Niemeyer<sup>478</sup>, ou no centro do Rio de Janeiro, com o Ministério da Educação e Saúde<sup>479</sup>. É essa alteração – que coloca o edifício moderno enquanto protagonista da transformação da paisagem – que é verdadeiramente o foco de *Brazil Builds*.

A viagem de Goodwin e de Kidder-Smith apanham o Brasil num período de grande mudança.. O país começa então a urbanizar-se seguindo um processo evolutivo que brevemente se revelará irreversível. Nas palavras de Goodwin, São Paulo aumenta exponencialmente sem a aplicação efectiva de planos urbanos que enquadrem esse mesmo crescimento. O Rio de Janeiro parece ter encontrado um maior equilíbrio, dado o impacto da paisagem natural na imagem da cidade. No contexto descrito parece existir um desequilíbrio entre a qualidade da arquitectura moderna – campo em que a cultura brasileira se prepara, a partir de *Brazil Builds*, para deixar de ser uma potência regional, passando a ter uma posição dominante em meios internacionais –, e o traçado urbano que se limita a receber os novos edifícios, sem se regenerar através de um desenho novo e verdadeiramente moderno.

---

<sup>477</sup> *Ibidem*, 95.

<sup>478</sup> *Ibidem*, 49.

<sup>479</sup> *Ibidem*, 107.

Este entendimento leva Goodwin e Kidder-Smith a optar por apresentar a arquitectura de forma isolada, tal como o objecto moderno pretende então ser representado: como um acto heróico, higiénico e provocador face à cidade histórica, complexa e insalubre. Nesse sentido, as fotografias respeitam o modo tradicional de representação do moderno. Kidder-Smith raramente enquadra o entorno.

É portanto este momento de charneira que *Brazil Builds* retrata: um fim e simultaneamente um começo. Este aspecto não tem tido a atenção que lhe é devida, provavelmente na sequência da grandiosidade da arquitectura moderna representada. É também por essa razão – e não somente pela elementaridade dos comentários de Goodwin – que raramente se encontram análises à cidade brasileira a partir das descrições de *Brazil Builds*.

### 3.7. Arquitectura Antiga – o trabalho e influência do SPHAN

No prefácio de *Brazil Builds*, Goodwin agradece o apoio do SPHAN durante a viagem e no acesso às obras. Segundo a linha do tempo comemorativa dos 80 anos<sup>480</sup> do IPHAN<sup>481</sup> (Nome atual do SPHAN), a partir de 1916 aconteceram alguns fatos que evoluíram e tornaram possível a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) em janeiro de 1937:

- Em 1916, Alceu Amoroso Lima e Rodrigo Melo Franco de Andrade viajam a Minas Gerais. Nesta ocasião, “anunciam a *descoberta* do barroco e proclamam a necessidade de sua preservação”<sup>482</sup>;
- Em 1924, Mário de Andrade visita as cidades mineiras e Lucio Costa faz a viagem a Diamantina, Sabará, Ouro Preto e Mariana, para estudar e registrar a arquitetura colonial brasileira;
- Em 1927 Mário de Andrade vai à Amazônia e traz relatos escritos e fotográficos de cidades como Belém, Manaus, Santarém, entre outras;
- Em 1929 Mário de Andrade registra o acervo arquitetônico do Nordeste;
- Em 1934 criou-se a Inspetoria de Monumentos Nacionais, primeiro órgão de preservação para todo o território brasileiro. Três anos depois, o Ministro

---

<sup>480</sup> Iphan. *Linha do Tempo - Iphan 80 Anos*. (Acervo Iphan). <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1211>>.

<sup>481</sup> *Ibidem*.

<sup>482</sup> *Ibidem*.

Gustavo Capanema encarrega Mário de Andrade de elaborar um anteprojeto para a criação de um serviço de patrimônio no Brasil;

- Em 18 de abril de 1936 é criado, com caráter provisório, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), sob a direção de Rodrigo Melo Franco de Andrade;
- No ano seguinte, a reorganização do Ministério da Educação e Saúde Pública cria em definitivo o SPHAN;
- Já em 1938, o SPHAN realiza o tombamento de 234 bens, em dez estados. Incluindo os conjuntos arquitetônicos e urbanísticos das cidades mineiras de Ouro Preto, Diamantina, Mariana, São João Del Rei, Serro e Tiradentes;
- Em 1940 dá-se a criação do Museu das Missões em São Miguel das Missões.

As principais personagens são Rodrigo Melo Franco de Andrade e Lucio Costa. O primeiro foi diretor do SPHAN de 1936 a 1967, e o arquiteto Lucio Costa foi diretor da Divisão de Estudos e Tombamento entre 1937 e 1972. Juntos tiveram que estabelecer as diretrizes que o órgão iria seguir, bem como os critérios iriam selecionar os bens culturais para o tombamento e/ou outro tipo de proteção<sup>483</sup>.

A equipe de trabalho era grande, pois abrangia várias áreas e

Entre os inúmeros colaboradores diretos e indiretos de Rodrigo, na primeira fase da instituição, estão importantes nomes brasileiros, como Oscar Niemeyer, Luiz de Castro Faria, Sérgio Buarque de Holanda, Heloísa Alberto Torres, Vinícius de Moraes, Gilberto Freyre, Carlos Drummond de Andrade, Renato Soeiro e Lúcio [sic] Costa. Da equipe de profissionais - fiéis companheiros - destacam-se Lúcio [sic] Costa, Renato Soeiro, Carlos Drummond de Andrade, Lúcia Martins Costa, Sílvio Vasconcelos, Augusto Carlos da Silva Teles, Alcides da Rocha Miranda, José de Sousa Reis, Edson Motta, Judith Martins, Paulo Thedim Barreto, Miran de Barros Latif, Luís Saia, Ailton Carvalho, Edgar Jacinto da Silva e outros<sup>484</sup>.

O SPHAN e a evolução da arquitetura moderna se comunicavam, principalmente tendo a figura de Lucio Costa como mediador. Com o trabalho do SPHAN

No campo da produção da arquitetura moderna, a arquitetura do período colonial passou a ser muito valorada como repositório de bons exemplos de arquitetura e como lastro histórico do

---

<sup>483</sup> Janice Gonçalves. "O SPHAN e seus colaboradores: construindo uma ética de tombamento (1938-1972)" *ANPUH. XXV Simpósio Nacional de História*. (Fortaleza, 2009), 4.

<sup>484</sup> IPHAN. *Vida e Obra: Rodrigo Melo Franco de Andrade (1898 – 1969)*. 12 de agosto 2013. (Acervo Iphan). <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/481/vida-e-obra-rodrigo-melo-franco-de-andrade-1898—1969>>.

tempo presente. O conhecimento da arquitetura barroca seria então amalgamado no projeto de arquitetura moderna levado a termo pelos seus protagonistas no Brasil. A relação entre tradição e modernidade permeou as realizações e os discursos da arquitetura moderna brasileira e são fundantes de uma identidade afirmada como genuína<sup>485</sup>.

## Segundo José Pessôa, a importância do trabalho de Lucio Costa no SPHAN

extrapolou o campo dos processos de tombamento, tendo também opinado em obras de restauração, construções novas, normas urbanísticas, enfim, em quase todas as questões do dia-a-dia de trabalho da repartição, de 1937 até sua aposentadoria em 1972, sendo eventualmente solicitado, praticamente até a sua morte em 1998, sempre que as nossas dúvidas precisavam do amparo do seu conselho<sup>486</sup>.

Analisando a arquitetura antiga se percebe o grande trabalho que o SPHAN veio fazendo desde o início de suas atividades. Além disso, percebe-se também, que foi peça importantíssima no sentido de conseguir a preservação da arquitetura antiga como patrimônio.

O próprio Lucio Costa, em seu livro *Registro de uma vivência*, diz que só no trabalho com o patrimônio e com Rodrigo Mello Franco de Andrade pôde entender a importância dessa arquitetura:

Só então, aos poucos, conheci e compreendi, com ele e D. Lygia, em toda a sua monumental grandeza, a obra de Antonio Francisco Lisboa que, como estudante, por ignorância, de certo modo menosprezara<sup>487</sup>.

A primeira viagem de Lucio Costa ao interior de Minas Gerais, a serviço da Sociedade Brasileira de Belas Artes, foi para Diamantina em 1922. Lucio diz que “caiu em cheio no passado mais despojado, mais puro”<sup>488</sup>.

Fazendo-se uma comparação com as obras apresentadas na parte antiga do livro, chega-se à conclusão de que praticamente todos os objetos mostrados já haviam sido alvos de estudos, levantamentos e tombamentos realizados pelo SPHAN. Na confrontação entre *Brazil Builds* e a tabela atualizada dos bens tombados e em

---

<sup>485</sup> Flavia Brito do Nascimento. “Arquitetos Modernistas”. Maria Beatriz Rezende *et al* (Orgs.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. 1ª ed. (Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015).

<sup>486</sup> José Pessôa (org). *Lucio Costa; Documentos de trabalho*. (Rio de Janeiro; Iphan, 2004), 11.

<sup>487</sup> Lucio Costa. *Lucio Costa: Registro de uma vivência*. (São Paulo, Empresa das Artes, 1995), 18.

<sup>488</sup> *Ibidem*, 27.

processos de tombamento pelo IPHAN até o dia 11 de maio de 2016<sup>489</sup> foram encontradas praticamente todas as obras que aparecem no livro-catálogo com algum parecer.

As únicas obras não encontradas foram: Fazenda Boa União, Velho Armazém, Casa caiada de rosa, Prédio Ribeiro, Fazenda Vassouras e Engenho de açúcar. Os motivos podem ter sido mudança de nome, demolições, ou dados insuficientes.

As demais estão descritas na tabela incluída a seguir, totalizando 38 edifícios e conjuntos urbanos que passaram pelo SPHAN, sendo que 28 já estavam tombadas no momento da publicação de *Brazil Builds*, nove viriam a ser tombadas depois e, apenas uma obra teria seu tombamento indeferido.

Ou seja, a parte antiga de *Brazil Builds* apresentava o que, à época, já era considerado e reconhecido como obras de maior importância pelo principal órgão de tombamento – o SPHAN. Provavelmente a seleção de obras que integram o capítulo da arquitetura antiga do livro-catálogo teve muito mais influência deste órgão do que se supunha. Enquanto a parte moderna mostrava o nascer de uma arquitetura nova, a parte antiga expunha um sólido e eficaz mecanismo de conservação, preservação e celebração das boas obras do passado (Ilustração 143).

Sendo assim, a parte antiga de *Brazil Builds* faz mais do que simplesmente apresentar exemplares da arquitetura colonial e barroca da antiguidade. Foi uma espécie de afirmação e legitimação do trabalho do SPHAN naquela época.

#### TABELA DE ITENS PRESENTES NO BRAZIL BUILDS E TOMBADOS PELO IPHAN<sup>490</sup>

ESTADO	CIDADE	CLASSIFICAÇÃO	NOME DO BEM	TOMBAMENTO	LIVRO DO TOMBO
--------	--------	---------------	-------------	------------	----------------

<sup>489</sup> IPHAN. *Bens tombados e em processo de tombamento pelo IPHAN*. (Acervo IPHAN) Atualizada em 11 de maio de 2016, disponível em <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Lista\\_bens\\_tombados\\_atualizada\\_11\\_05\\_2016.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Lista_bens_tombados_atualizada_11_05_2016.pdf)>.

<sup>490</sup> Tabela elaborada a partir de IPHAN. *Bens tombados e em processo de tombamento pelo IPHAN*. (Acervo IPHAN) Atualizada em 11 de maio de 2016, disponível em <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Lista\\_bens\\_tombados\\_atualizada\\_11\\_05\\_2016.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Lista_bens_tombados_atualizada_11_05_2016.pdf)>.

RS	São Miguel das Missões	Ruína	Povo de São Miguel: Remanescentes e ruínas da Igreja de São Miguel	1938	Belas artes
PE	Recife	Edificação	Teatro Santa Isabel (em Brazil Builds: Teatro Santa Izabel)	1949	Histórico
AM	Amazonas	Edificação	Teatro Amazonas (em Brazil Builds: Teatro de Manaus)	1966	Histórico
RJ	Petrópolis	Conjunto arquitetônico	Palácio Imperial, parque e quartel dos semanários (em Brazil Builds: Houve equívoco com Palácio Rio Negro)	1938	Belas Artes (Histórico 1954)
RJ	Rio de Janeiro	Edificação	Palácio do Itamaraty	1938	Histórico / Belas-Artes
RJ	Rio de Janeiro	Edificação e Acervo	Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro	1938	Histórico / Belas-Artes
RJ	Rio de Janeiro	Edificação e Acervo	Igreja e Mosteiro de São Bento	1938	Histórico / Belas-Artes
RJ	Rio de Janeiro	Edificação e Acervo	Igreja e Mosteiro de Santo Antônio	1938	Histórico / Belas-Artes
RJ	São Gonçalo	Conjunto Rural	Fazenda do Colubandê: casa e Capela de Santana	1940	Belas-Artes
RJ	Petrópolis	Edificação	Fazenda Samambaia (casa) (em Brazil Builds: Fazenda Garcia)	1951	Belas Artes
ES	Vitória	Conjunto Rural	Casa e Chácara do Barão de Monjardim	1940	Belas Artes
MG	Congonhas do Campo	Conjunto Urbano	Congonhas, Mg: Conjunto Arquitetônico e urbanístico	1941	Arqueológico, etnográfico e paisagístico
MG	Congonhas do Campo	Conjunto arquitetônico	Santuário do Bom Jesus de Matozinhos: conjunto arquitetônico, paisagístico e escultórico	1939	Belas- Artes



MG	Ouro Preto	Conjunto Urbano	Ouro Preto, MG: conjunto arquitetônico e urbanístico	1938	Belas-artes/ Arqueológico, etnográfico e paisagístico e Histórico – set 86
MG	Ouro Preto	Edificação e Acervo	Igreja de Nossa Senhora do Carmo	1938	Belas Artes
MG	Mariana	Edificação e Acervo	Igreja de Nossa Senhora do Carmo	1939	Belas Artes
MG	Ouro Preto	Edificação e Acervo	Capela de São José	1939	Belas Artes
MG	Ouro Preto	Edificação e Acervo	Igreja de São Francisco de Assis	1938	Belas Artes
MG	Ouro Preto	Infraestrutura ou equipamento urbano	Chafariz de São José ou dos Contos	1950	Belas Artes
MG	Ouro Preto	Edificação e Acervo	Igreja de Nossa Senhora do Rosário (em Brazil Builds: Nossa Senhora do Rosário dos pretos)	1939	Belas Artes
MG	Ouro Preto	Edificação e Acervo	Igreja de Santa Efigênia (Em Brazil Builds: Santa Ifigênia)	1939	Belas Artes
ES	Vila Velha	Edificação e Acervo	Convento e Igreja de Nossa Senhora da Penha	1943	Histórico / Belas Artes
BA	Salvador	Edificação	Forte de Santa Maria	1938	Histórico / Belas Artes
BA	Salvador	Edificação	Fortaleza do Mont Serrat (Em Brazil Builds: Forte de Montserrat)	1957	Histórico
BA	Salvador	Edificação e acervo	Igreja da Ordem Terceira de São Francisco	1938	Belas Artes
BA	Salvador	Edificação e acervo	Convento e Igreja de São Francisco	1938	Belas Artes
BA	Salvador	Edificação e acervo	Igreja do Pilar (Em Brazil Builds: Matriz Nossa Senhora do Pilar)	1938	Belas Artes

BA	Cachoeira	Ruína	Convento de Santo Antônio de Paraguassú: Igreja e ruínas (Em Brazil Builds: Igreja e convento, Paraguassú, BA)	1941	Histórico / Belas Artes
PB	Lucena	Edificação e acervo	Capela de Nossa Senhora da Guia (Em Brazil Builds: Igreja Colonial, Guia, Estado da Paraíba)	1949	Belas Artes
PE	Recife	Edificação e acervo	Capela de Nossa Senhora da Conceição da Jaqueira	1938	Belas Artes
PE	Recife	Edificação e acervo	Convento e Igreja de São Francisco (Em Brazil Builds: Igreja de São Francisco)	1938	Belas Artes
PE	Recife	Conjunto Arquitetônico	Igreja de São Pedro dos Clérigos e Pátio de São Pedro: conjunto arquitetônico. (Em Brazil Builds: Igreja de São Pedro dos Clérigos)	1938	Histórico / Belas Artes
PE	Recife	Edificação	Casa da Av. Rui Barbosa – Sede da Academia Pernambucana de Letras (Em Brazil Builds: Casa da sra. D. Elvira Gonçalves de Moraes)	1968	Histórico
PE	Olinda	Edificação e acervo	Convento e Igreja de São Bento	1938	Histórico / Belas Artes
PE	Olinda	Edificação e acervo	Convento e Igreja de São Francisco: capela, casa de oração e claustro dos Terceiros Franciscanos	1938	Belas Artes

PA	Belém	Conjunto Arquitetônico	Igreja de Santo Alexandre e antigo Colégio dos Jesuítas	1941	Histórico
PA	Belém	Edificacao	Solar do Barão do Japurá (antigo); Rocinha (antiga) do Barão de Japurá, à Avenida Nazaré, s/n, pertencendo aos Irmãos Maristas (Em Brazil Builds: Colégio Nazaré) <sup>491</sup>	INDEFERIDO	
PA	Belém	Edificação	Teatro da Paz	1963	Histórico

Ilustração 143 - Tabela de itens presentes no Brazil Builds e tombados pelo IPHAN

A colaboração entre SPHAN, Goodwin e Kidder Smith pode ter sido muito íntima do que indica o livro-catálogo. O SPHAN possuía quase todas as fotografias e informações sobre as obras de importância para o passado arquitetônico brasileiro. Como os autores do *Brazil Builds* não afirmam exatamente onde estiveram, pode-se questionar o itinerário sugerido pelo livro-catálogo. A precariedade das estradas do interior do Brasil, somada às longas distâncias, o escasso tempo que tinham para fazer o trabalho, bem como a influência de pessoas ligadas ao SPHAN – Lucio Costa teria dito que se encontrou com Goodwin uma vez, dando todas as informações que lhe ocorreram na ocasião referente à arquitetura brasileira<sup>492</sup> - induzem à presunção de que os autores de *Brazil Builds* teriam utilizado materiais do SPHAN, sem ter realmente visitado todas as cidades citadas. Desse modo, não é possível estabelecer com precisão o que era proveniente de um material pronto, registrado e oferecido pelo SPHAN e o que teria sido visitado e fotografado *in loco* por Goodwin e Kidder Smith.

<sup>491</sup> Túlio A. P. V. Chaves. “O solar do Barão de Japurá: entre práticas e representações”. In: *ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História*. (Fortaleza, 2009), 6.

<sup>492</sup> Lucio Costa. “Depoimento (1948)”. In: Lucio Costa. *Lucio Costa: Registro de uma vivência*. (São Paulo, Empresa das Artes, 1995), 200.

### 3.8. O novo no antigo

Mesmo que exista um hiato entre as duas partes do livro-catálogo, estas poderiam ter sido interessantemente alinhavadas pela referência e análise das duas intervenções modernas em edifícios antigos apresentados na publicação. De um modo desconcertante o arquiteto Lucio Costa e o paisagista Roberto Burle Marx são nomeados em meio à arquitetura antiga, sem maiores explicações.

Em 1937, Lucio Costa fez o relatório da visita a seis dos *Sete Povos das Missões*.

A planta de todos eles (as *missões*) obedecia a um padrão uniforme preestabelecido. Os quarteirões, com as colunas dos alpendres em fila e bem alinhadas, se arrumavam como regimentos em volta da praça. Tudo se distribuía e ordenava com uma disciplina quase militar. Os jesuítas revelaram-se, nestas Missões, urbanistas notáveis e a obra deles, tanto pelo espírito de organização como pela força e pelo fôlego, me faz lembrar a dos romanos nos confins do império <sup>493</sup>.

Simultaneamente, Lucio estava projetando o Ministério da Educação e Saúde Pública, além de estar conduzindo os primeiros trabalhos do SPHAN, ou seja, concomitantemente aos avanços modernos, resgatava o antigo. Segundo Ricardo Rocha:

Ao mesmo tempo em que se edificava a mais contundente manifestação do domínio nativo sobre a técnica e a linguagem da moderna arquitetura internacional, o passado nacional era "reconstruído", a partir de seus próprios elementos, de uma forma e sob um olhar absolutamente novos <sup>494</sup>.

O incrível é que *Brazil Builds* apresenta um excelente exemplo de convívio entre o novo e o velho, mas o livro não explora essa potencialidade. As fotografias que aparecem no livro mostram as ruínas da igreja, elementos escultóricos, e pequenos detalhes do museu –do qual não se tem uma visão completa. A apresentação fotográfica é pobre, como é possível visualizar nas páginas do livro-catálogo (Ilustrações 144 e 145).

---

<sup>493</sup> Lucio Costa. *Lucio Costa: Registro de uma vivência*. (São Paulo, Empresa das Artes, 1995), 95.

<sup>494</sup> Ricardo Rocha. "De museus e ruínas. Os liames entre o novo e o antigo". *Arquitextos*, ano 01, n. 008.02, Vitruvius. (São Paulo, jan. 2001). <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.008/927>>.

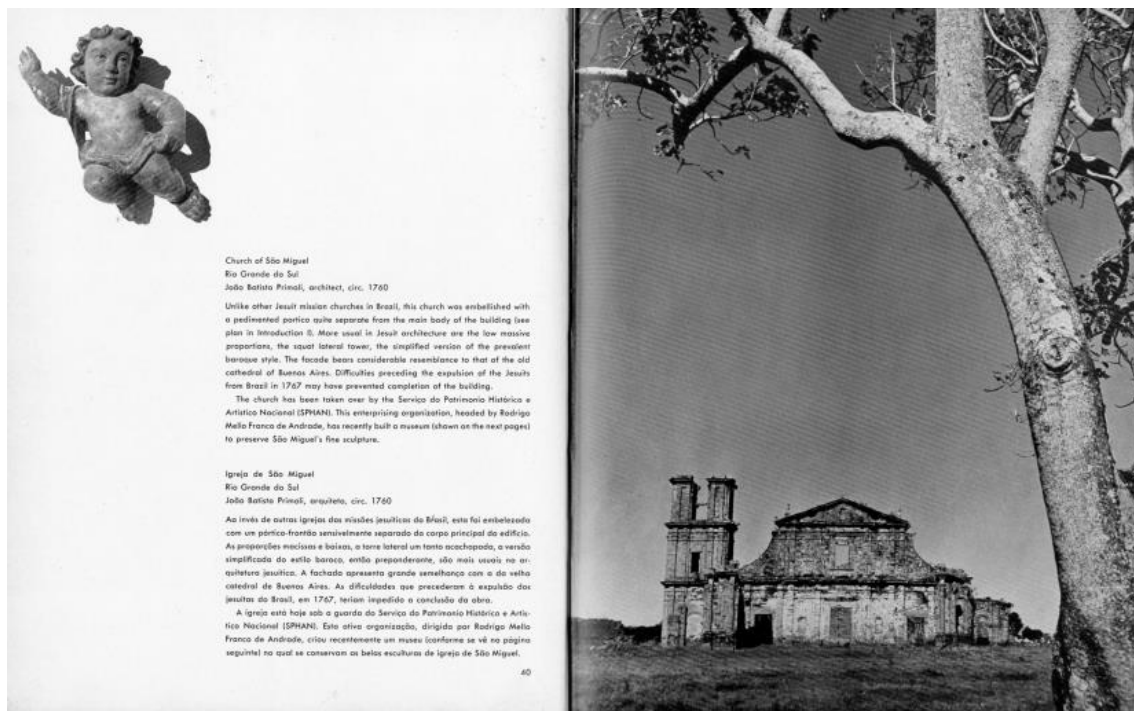


Ilustração 144. Páginas 60 e 61 de *Brazil Builds*.

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943).



Ilustração 145. Páginas 62 e 63 de *Brazil Builds*

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943).

Quando vemos uma fotografia do lugar em questão, em sua totalidade (Ilustração 149), percebe-se o potencial não explorado por Goodwin e Kidder Smith.

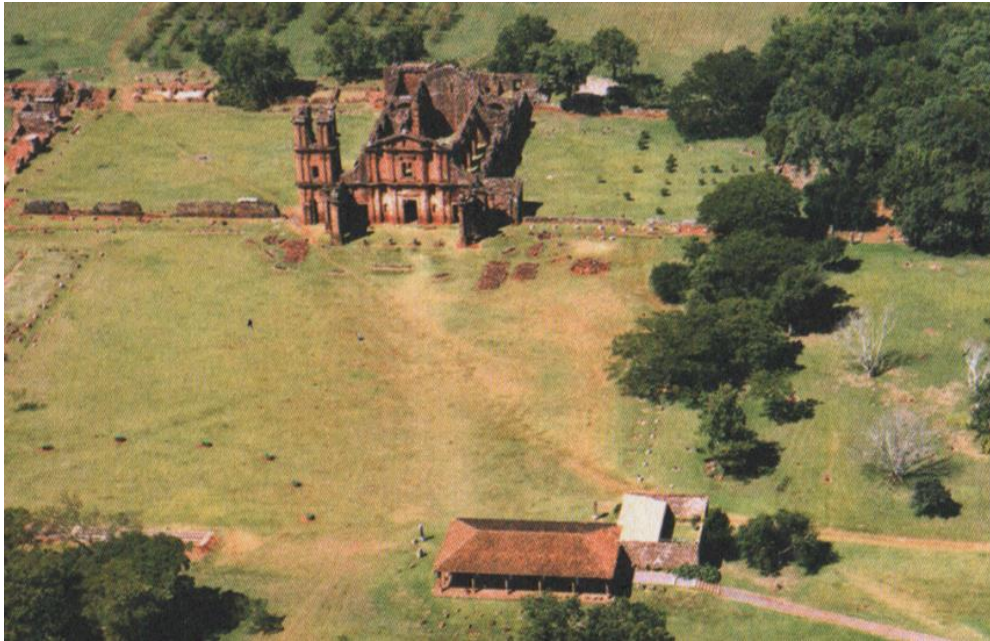


Ilustração 146 - Museu de Lucio Costa para as Ruínas de São Miguel das Missões

Fonte: Igor Fracalossi. *Clássicos da Arquitetura: Museu das Missões / Lucio Costa*. 31 Dez 2011. ArchDaily Brasil. <<http://www.archdaily.com.br/16239/classicos-da-arquitetura-museu-das-missoes-lucio-costa>>.

O museu de Lucio Costa (na parte inferior da Ilustração 143) é um pavilhão de vidro e material encontrado no lugar, proveniente das ruínas, com o anexo da casa do zelador. É um contraste entre o novo e o velho, mas que respeita a permanência da ruína (Ilustrações 147 a 149).

O museu, segundo Ricardo Rocha é uma “solução exemplar de inserção de nova construção em sítio do século XVII, o edifício realiza uma perfeita integração entre o antigo e o moderno, aproveitando materiais provenientes das ruínas”<sup>495</sup>.

---

<sup>495</sup> Ricardo Rocha. “O pavilhão Lucio Costa. Uma proposta”. *Minha Cidade*, ano 1, n. 006.01, Vitruvius, (São Paulo, jan. 2001) <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/01.006/2099>>.





Ilustração 147 - Museu de Lucio Costa para as Ruínas de São Miguel das Missões.

Fonte: Igor Fracalossi. *Clássicos da Arquitetura: Museu das Missões / Lucio Costa*. 31 Dez 2011. ArchDaily Brasil.  
<<http://www.archdaily.com.br/16239/classicos-da-arquitetura-museu-das-missoes-lucio-costa>>.



Ilustração 148 - Museu de Lucio Costa para as Ruínas de São Miguel das Missões.

Fonte: Igor Fracalossi. *Clássicos da Arquitetura: Museu das Missões / Lucio Costa*. 31 Dez 2011. ArchDaily Brasil.  
<<http://www.archdaily.com.br/16239/classicos-da-arquitetura-museu-das-missoes-lucio-costa>>.

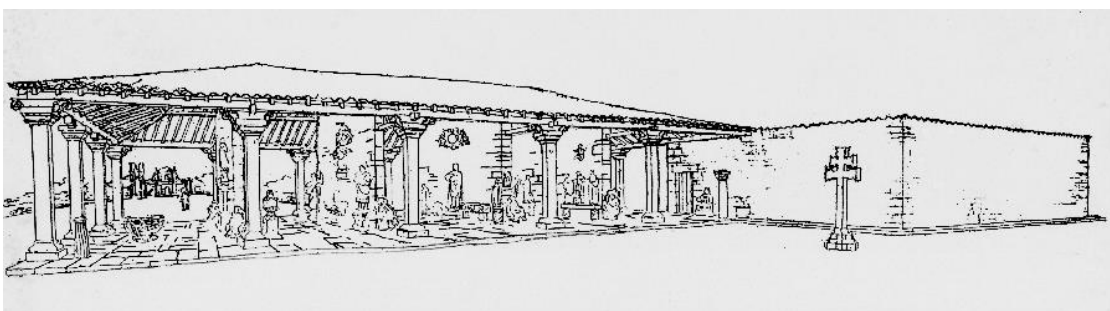


Ilustração 149 - Museu de Lucio Costa para as Ruínas de São Miguel das Missões.

Fonte: Igor Fracalossi. *Clássicos da Arquitetura: Museu das Missões / Lucio Costa*. 31 Dez 2011. ArchDaily Brasil.  
<<http://www.archdaily.com.br/16239/classicos-da-arquitetura-museu-das-missoes-lucio-costa>>.

Segundo Segawa:

Esta realização – uma referência do papel de Lucio Costa na formulação de uma prática arquitetônica que integra o antigo com o moderno – caracterizou o arquiteto como um dos principais responsáveis pelo pensamento oficial do patrimônio histórico doravante<sup>496</sup>.

Em relação a Roberto Burle Marx, ressalta-se que o paisagista é mencionado na primeira parte do livro com desenhos contemporâneos para a Fazenda Garcia, como mostrado abaixo (não há fotografias que permitam saber se os desenhos do paisagista foram executadas ou não) (Ilustração 150), tombada pelo IPHAN.

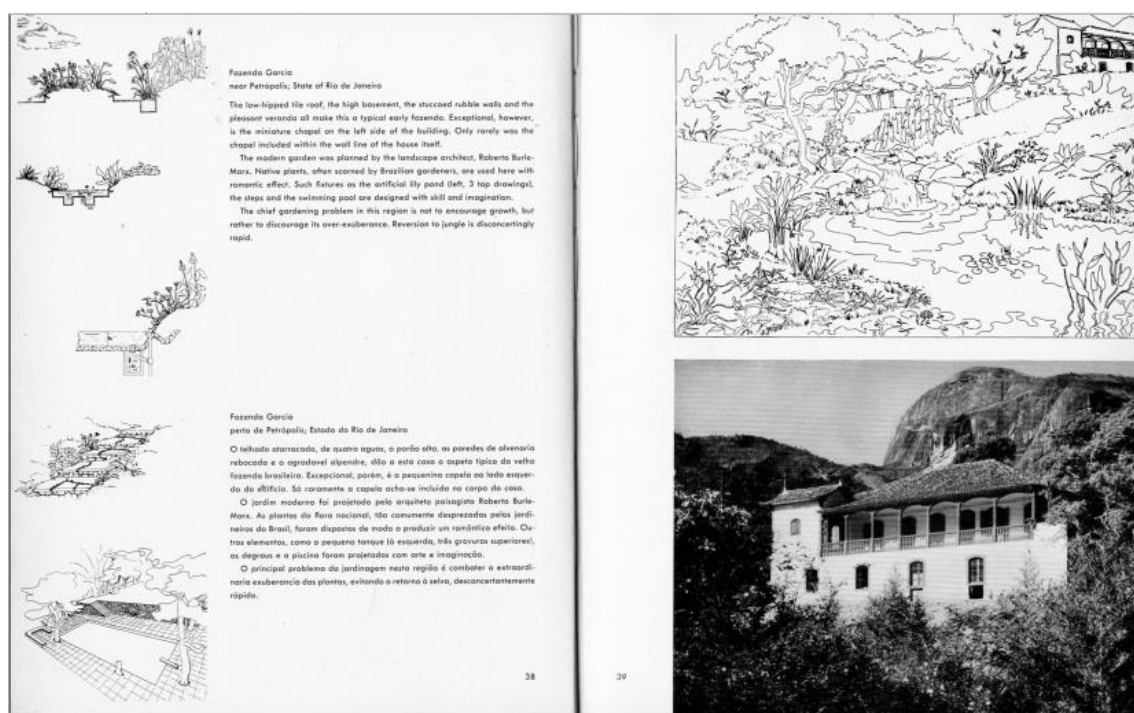


Ilustração 150. Página 38 e 39 de Brazil Builds, com os desenhos de Roberto Burle Marx para a Fazenda Garcia  
Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943).

Em seguida, na parte moderna do livro, contribui com os jardins das obras da Pampulha. Nada foi feito em relação à convivência passado-novo. Seria uma grande oportunidade para Goodwin fazer essa transição de uma maneira interessante utilizando estes dois exemplos de integração. Infelizmente o museu e as intervenções de Burle-Marx não receberam a devida atenção, ficando perdidos no meio do livro.

<sup>496</sup> Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 80.



### 3.9. Repercussão nacional e internacional (catálogo e exposição)

O pavilhão brasileiro de 1939, construído em Nova Iorque, já tinha atraído a atenção para o Brasil e para a sua arquitetura. O Ministério da Educação e Saúde Pública estava sendo construído e prometia ser uma grande obra. A exposição veio consolidar um momento de um célebre avanço na arquitetura brasileira.

A revista *Life*<sup>497</sup> antecipou o assunto da exposição ao publicar fotografias dos edifícios modernos brasileiros em outubro de 1942 (Ilustração 151). Citavam Kidder Smith e Goodwin em sua expedição ao Brasil, da qual teriam retornado com “500 fotos e a convicção de que o Brasil tem a arquitetura moderna mais excitante do mundo”<sup>498</sup>. Entre os edifícios mostrados estava o Edifício Esther, o prédio da ABI (chamado de Press Building), o Ministério da Educação e Saúde Pública e a própria residência de Oscar Niemeyer.



Ilustração 151 – Arquitetura Brasileira na Life Magazine  
Fonte: Life Magazine. *Modern Brazil*. 26 de outubro de 1942.

Com o título *Modern Brazil - New streamlined buildings make it a bright paradise for young architects*, o texto exaltava o incentivo do governo e dos construtores e consagrava Oscar Niemeyer:

<sup>497</sup> Life Magazine. *Modern Brazil - New streamlined buildings make it a bright paradise for young architects*. *Life Magazine*, 26 de outubro de 1942, 132-4.

<sup>498</sup> *Ibidem*, 132.

Os edifícios estranhos mostrados nestas páginas são os novos edifícios *ultrastreamlined*<sup>499</sup> de escritório e de apartamentos no Brasil. Com o incentivo dos construtores e do governo em suas novas ideias, o Brasil é um paraíso para os jovens arquitetos, cujas mentes transbordam de planos estritamente funcionais. Seu arquiteto mais famoso, Oscar Niemeyer, cuja casa é mostrado na página 134 e que ajudou a construir o espetacular Ministério da Educação e Saúde, tem apenas 34 anos. Uma vez que nunca fica muito frio, os arquitetos não têm nenhum problema de aquecimento. A grande dor de cabeça é o brilho quente do sol brasileiro e chuvas tropicais repentinas<sup>500</sup>.

Também explicava os artifícios usados contra a incidência solar e o calor

O sol do norte, que é o mais forte é contrabalançado em Press Building, [A.B.I] colocando janelas do escritório distante das longas persianas mostradas do lado de fora. Assim os escritórios obtêm uma luz suave e difusa. Pilares de concreto formam um hall ao ar livre que oferece abrigo contra chuvas rápidas. Em virtude dos sul-americanos adorarem cor, os novos edifícios [...] têm persianas pintadas de azul. Como estas são ajustados contra o brilho, a fachada do edifício cria um ritmo de dança com as mudanças dos padrões ao longo do dia<sup>501</sup>.

O *The New York Times*, em 17 de janeiro de 1943, trazia o artigo *Brazil Builds Anew – Other Shows* e dizia que a tarefa de mostrar o desenvolvimento desse país sul-americano foi feita com perfeição e que mostrava não só a recente construção, mas também a arquitetura antiga, desde o século XVII<sup>502</sup>. Contudo, o texto é bastante inconsistente. O autor tece comentários a respeito do conflito entre o antigo e o novo:

A ‘velha’ arquitetura parece muito apropriada, encaixando-se deliciosamente em seu ambiente natural. O que dizer da arquitetura ‘nova’, que apresenta um contraste tão agudo com o que o precedeu?

Claro que estamos confrontados – não poderia ser de outra maneira – com esse aglomerado de mistura. Ideias tradicionais e modernas como expressas nos edifícios não se harmonizam. Com efeito, a nota de contraste é mais forte do que a que estamos acostumados, na mistura de estilos local (aqui em casa), por mais desconcertante que possa ser. Barroco

---

<sup>499</sup> Não há uma tradução equivalente em português que abranja todo o significado, que se relaciona com eficiência, modernidade, racionalização, embora também possa ter relação com suavidade, elegância e aerodinamismo.

<sup>500</sup> Life Magazine. Modern Brazil - New streamlined buildings make it a bright paradise for young architects. *Life Magazine*, 26 de outubro de 1942, 132.

<sup>501</sup> *Ibidem*.

<sup>502</sup> Edward A Jewell. “Brazil Builds Anew – Other Shows”. *The New York Times*. (New York, 17 jan. 1943).

Português e moderno ‘funcional’ não se misturam. Há uma nítida linha de demarcação<sup>503</sup>.

A “mistura” é recebida com receios, que parecem acolher a arquitetura ‘velha’, mas olham a arquitetura ‘nova’ com certa apreensão:

Isto torna-se evidente quando estudamos o elegante edifício da Associação Brasileira de Imprensa no Rio; como estudamo-lo em relação a arquitetura que o rodeia. Mais surpreendente de tudo é uma fotografia em que a torre de água severamente projetada em Olinda, Pernambuco, se eleva ao lado de uma igreja barroca portuguesa. A justaposição é a mais infeliz<sup>504</sup>.

Embora o texto aparentar descontentamento com a arquitetura moderna, o autor sustenta que apesar disso a nova arquitetura funcional do Brasil é brilhante na sua resolução de problemas relacionados com a luz e o ar, e é pertinente ao lugar<sup>505</sup>. A matéria terminava afirmando que a Exposição no MoMA era muito importante no período de reconstrução do pós-guerra, e o que o Brasil vinha mostrar tinha atingido um patamar que fazia com que merecesse ser estudado com muita atenção<sup>506</sup>.

O *Correio Paulistano*<sup>507</sup> comenta um artigo da revista americana *Life* onde foram publicadas fotografias de edifícios modernos de São Paulo e Rio de Janeiro. A revista menciona que o Ministério da Educação e Saúde é “considerado a melhor estrutura do mundo em edifícios não residenciais”<sup>508</sup>. O *Correio Paulistano* ainda ressalta que a revista elogia o arquiteto Oscar Niemeyer e afirma que o apoio do governo e dos construtores aos jovens arquitetos é o que permite a evolução da arquitetura brasileira.

O texto do *Press-release*<sup>509</sup> do MoMA inicia afirmando que Goodwin, após ter passado algum tempo no Brasil estudando a sua arquitetura chegou à conclusão que “o governo

---

<sup>503</sup> Edward A Jewell. “Brazil Builds Anew – Other Shows”. *The New York Times*. (New York, 17 jan. 1943).

<sup>504</sup> *Ibidem*.

<sup>505</sup> *Ibidem*.

<sup>506</sup> *Ibidem*.

<sup>507</sup> CORREIO PAULISTANO. “A arquitetura brasileira”. São Paulo, 29 novembro 1942. In: Maurício Lissovsky e Paulo Sérgio Moraes de Sá (org.). *Colunas da educação: a construção do Ministério da Educação e Saúde (1935-1945)*. (Rio de Janeiro: MINC/IPHAN; Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1996), 170.

<sup>508</sup> *Ibidem*.

<sup>509</sup> Original em português, enviado a Gustavo Capanema por Sarah Newmeyer (diretora de publicidade do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque) e transcrito em Maurício Lissovsky e

brasileiro está na vanguarda de todos os outros governos do hemisfério ocidental no seu ativo encorajamento da arquitetura moderna”<sup>510</sup>. O arquiteto ainda menciona que a arquitetura moderna brasileira iniciou suas experiências ainda antes de 1930 e que ganhou importância no cenário mundial, se tornando destaque em meio à guerra. Diz ainda que o

Rio de Janeiro possui o mais belo edifício governamental no hemisfério ocidental. É o Ministério da Educação e Saúde. O dr. Gustavo Capanema, titular desta pasta, deu a mais completa adesão e apoio à arquitetura moderna. Reconheceu também a importante contribuição que a pintura e a escultura podem dar à arquitetura<sup>511</sup>.

Goodwin acredita que a arquitetura que está sendo feita no Brasil no momento é única e a indica como o caminho ideal para os países saídos da guerra.

Outras cidades capitais do mundo estão muito aquém do Rio de Janeiro em arquitetura. Enquanto o estilo clássico impera em Washington; a arqueologia da Academia Real, em Londres; o classicismo nazista em Munique; e o neo-imperial, em Moscou; o Brasil teve a coragem de sair do campo de fácil conservadorismo. A sua corajosa libertação do tradicionalismo eliminou a antiquada rotina do pensamento governamental e estabeleceu o espírito livre de construção criadora. As capitais do mundo que necessitarão de ser reedificadas após a guerra não podem encontrar melhores modelos do que nos moderníssimos edifícios da capital do Brasil<sup>512</sup>.

Carlos Martins envia a Gustavo Capanema uma carta em 23/01/1943 com recortes dos três dos mais importantes jornais de Nova Iorque: *The New York Times*, *The New York*

---

Paulo Sérgio Moraes de Sá (org.). *Colunas da educação: a construção do Ministério da Educação e Saúde (1935-1945)*. (Rio de Janeiro: MINC/IPHAN; Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1996), 170.

<sup>510</sup> *Press Release* da aplicação de arquitetura brasileira no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque. Jan. 1943. In: Maurício Lissovsky e Paulo Sérgio Moraes de Sá (org.). *Colunas da educação: a construção do Ministério da Educação e Saúde (1935-1945)*. (Rio de Janeiro: MINC/IPHAN; Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1996), 170.

<sup>511</sup> *Press Release* da aplicação de arquitetura brasileira no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque. Jan. 1943. Maurício Lissovsky e Paulo Sérgio Moraes de Sá (org.). *Colunas da educação: a construção do Ministério da Educação e Saúde (1935-1945)*. (Rio de Janeiro: MINC/IPHAN; Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1996), 170.

<sup>512</sup> *Ibidem*, 171.

*Sun* e *The New York Herald Tribune* com menções sobre a arquitetura brasileira e particularmente sobre o Ministério da Educação e Saúde<sup>513</sup>.

A *Gazeta* <sup>514</sup> de São Paulo de 10/02/1943 menciona que “cuidadosamente preparado e habilmente exposto o material daqui enviado, chegou a exposição a causar ali verdadeira surpresa e êxitos singular [*sic*]. Os técnicos e artistas norte-americanos foram concordes em deferir ao Brasil o honroso título de ‘pioneiro da arquitetura tropical no mundo’” <sup>515</sup>.

O panorama mostrado por *Brazil Builds* era por muitos desconhecido. No entanto conforme a exposição foi se deslocando pelas cidades, o livro foi sendo vendido, levado a outros países e a repercussão foi grande. A exposição passou por algumas cidades do país e o MoMA foi elogiado por estar “mostrando o Brasil Arquetônico aos olhos do próprio Brasil”<sup>516</sup>.

No interior do Brasil, a exposição e o livro foram recebidos com grande surpresa e até com certo constrangimento, já que admitem que foi preciso um olhar de fora para os brasileiros se darem conta da qualidade do patrimônio existente e das capacidades que possuem.

Dessa peregrinação surgiu esse admirável livro e esta exposição móvel; com o fim de apresentar um fato novo nos centros culturais, é que foi preciso o estrangeiro inteligente, para revelar ao mundo o nosso potencial de tradição do passado e as revelações do presente, no campo das construções arquetônicas. E então, dentro do Brasil, também começaram a ver melhor as suas próprias realizações<sup>517</sup>.

---

<sup>513</sup> Maurício Lisovsky e Paulo Sérgio Moraes de Sá (org.). *Colunas da educação: a construção do Ministério da Educação e Saúde (1935-1945)*. (Rio de Janeiro: MINC/IPHAN; Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1996), 171.

<sup>514</sup> A *Gazeta*. “Porque me ufano...” (São Paulo, 10 fev 1943). In: Maurício Lisovsky e Paulo Sérgio Moraes de Sá (org.). *Colunas da educação: a construção do Ministério da Educação e Saúde (1935-1945)*. (Rio de Janeiro: MINC/IPHAN; Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1996), 173.

<sup>515</sup> *Ibidem*.

<sup>516</sup> Carlos A. Gomes Cardim Filho. “A exposição “Brasil [*sic*] Builds” em Jundiaí.” *Acrópole* Nov. 1945, ano 8, nº 92, (São Paulo: Max Gruenwald & Cia, 1945) 209. <<http://www.acropole.fau.usp.br/>>.

<sup>517</sup> *Ibidem*.

Sobre a repercussão nacional, Mário de Andrade fala que presenciou muitos conterrâneos entusiasmados ao terem contato com a publicação:

Admirável também é a coleção de fotografias *Brazil Builds*, que o Museu de Arte Moderna de Nova York, acaba de publicar com, em geral, excelentes comentários do arquiteto Philip L. Goodwin. Eu creio que este é um dos gestos de humanidade mais fecundos que os Estados Unidos já praticaram em relação a nós, os brasileiros. Porque ele virá, já veio, regenerar a nossa confiança em nós e diminuir o desastroso complexo de inferioridade de mestiços, que nos prejudica tanto. Já escutei muito brasileiro, não apenas assombrado, mas até mesmo estomagado [*sic*] diante desse livro que prova possuímos uma arquitetura moderna tão boa como os mais avançados países do mundo. Essa consciência de nossa normalidade humana só mesmo os estrangeiros é que nos podem dar. Porque nós, pelo mesmo complexo de inferioridade, ou reagimos caindo num porque-me-ufano idiota, ou num jeca-tatuismo conformista e apodrecente. Ninguém está esquecido que foi um artigo de Henry Prundières que deu valor a Villa-Lobos e abriu as portas dum dos maiores jornais do país à música moderna. Ninguém está esquecido de que foi um prêmio nos Estados Unidos que deu genialidade a Portinari, apesar dos poucos brasileiros que muito antes disso já afirmavam essa genialidade.

Nós temos que nos conformar com a nossa mestiçagem, tanto de sangue como intelectual. Nós nunca seremos uns arianos, e talvez graças a Deus! *Brazil Builds* é um livro que nos regenera em nosso valor normal. Nós não somos nem melhores nem piores que as outras nações [...]. O gesto dos Estados Unidos, descobrindo para nós *Brazil Builds*, deve nos regenerar. A nossa arquitetura moderna é tão boa como a arquitetura moderna dos Estados Unidos ou da França<sup>518</sup>.

E segue, exaltando a legitimidade da consagração de uma instituição como o MoMA:

A arquitetura moderna brasileira constitui [*sic*] hoje, sem dúvida, objeto de admiração em todo o mundo. O fato de o Museu de Arte Moderno de Nova York ter enviado ao Brasil uma missão com o fim especial de conhecer de perto o que os arquitetos [*sic*] brasileiros fizeram e estão fazendo nesse sentido, prova à saciedade [*sic*], o interesse que conseguimos despertar entre os norte-americanos pela maneira inteligente, imaginosa e livre de preconceitos que foram resolvidos muitos problemas de arquitetura no Brasil. Não se trata, como póde [*sic*] parecer, simples amabilidade de bons vizinhos; o Museu de Arte Moderna é uma instituição privada que tem procurado reunir tudo o que de melhor se tem feito no mundo no domínio da arte moderna<sup>519</sup>.

---

<sup>518</sup> Mário de Andrade. “Brazil Builds”. (Folha da Manhã, São Paulo, 23 mar. 1944)., Alberto Xavier (org.). *Depoimento de uma geração – arquitetura moderna brasileira*. (São Paulo: Cosac & Naify, 2003), 180.

<sup>519</sup> Léo Ribeiro de Moraes. ““Brazil Builds” e os edifícios públicos paulistas”. *Revista Acrópole*, nº 73, ano 7, (São Paulo, maio de 1944).

No exterior, a repercussão não é menor. Até a construção do Pavilhão Brasileiro e do Ministério da Educação e Saúde não eram frequentes as referências sobre arquitetura brasileira nas publicações internacionais. Segundo um levantamento feito pela pesquisadora Juliana Braga Costa no *Avery Index to architectural periodical* da Columbia University, a partir de 1900 foram encontradas 12 publicações sobre assuntos gerais da arquitetura brasileira nos periódicos internacionais. Já no período de 1936 a 1942, em que o projeto do Ministério da Educação e Saúde estava em andamento foram encontrados 16 artigos<sup>520</sup>.

A vinda de Le Corbusier havia lançado luz sobre o assunto, todavia a arquitetura moderna brasileira só seria observada como um movimento real e organizado após a Exposição e o lançamento do livro-catálogo *Brazil Builds* em 1943. Nos anos seguintes, motivada por este episódio, a imprensa internacional publicou vários artigos e até mesmo revistas inteiras dedicadas à arquitetura brasileira (Ilustração 152). Ainda em janeiro de 1943 foram publicadas as revistas americanas *New Pencil Points* (janeiro de 1943) e *Architectural Record* nº1 (janeiro 1943) e em outubro houve uma publicação na revista inglesa *The Studio* (nº607, v.126, outubro, 1943).



Ilustração 152 – Três revistas: *New Pencil Points*, janeiro 1943, *Architectural Record*, n.1, v. 93, janeiro 1943 e *The Studio* nº607, v.126, outubro, 1943

Fonte: Juliana Braga Costa. *Ver não é só ver: dois estudos a partir de Flávio Motta*. Dissertação de Mestrado, FAUUSP, (São Paulo, 2010).

---

<sup>520</sup> Juliana Braga Costa. *Ver não é só ver: dois estudos a partir de Flávio Motta*. Dissertação de Mestrado, FAUUSP, (São Paulo, 2010).

Como comenta Ricardo Rocha, a revista *The Studio* dividiu as seções da sua edição entre vários temas: pintura, arquitetura colonial, arqueologia, arquitetura moderna, dança, bonecos, escultura, rendas e cidades. E, segundo o arquiteto:

o esquema antigo/novo ficou diluído em meio a uma visão mais abrangente, embora sintética (quarenta páginas no total versus as quase duzentas páginas de BB), da cultura brasileira [...]. Entretanto, o que parece significativo é que o Brasil, enquanto tema da revista, visto através de sua produção artística e de seu artesanato, é apresentado de maneira mais *abrangente*<sup>521</sup>.

Ao analisar outras vertentes pode-se configurar uma melhor contextualização da arquitetura no cotidiano e na interação com o público e a cidade.

Em dezembro de 1943, Henry-Russel Hitchcock escreveu em *The Art Bulletin*<sup>522</sup> elogiando o pavilhão brasileiro da Feira de Nova Iorque de 1939 e afirmando que *Brazil Builds* confirmava o potencial da arquitetura brasileira que já tinha sido vislumbrado no pavilhão.

Em 1945, no *College Art Journal*, mais um *Review* é publicado por Walter Curt Behrendt que escrevia que o livro era essencial para “estimular o instinto criativo de arquitetos através das incríveis e admiráveis realizações de seus colegas brasileiros”<sup>523</sup> e que o mesmo será de grande utilidade em toda faculdade de arquitetura moderna.

A discussão sobre a arquitetura moderna brasileira não ficou restrita aos Estados Unidos e ao centro da Europa, também houve edições especiais em países como o México, a África do Sul e a Colômbia. De acordo com Braga Costa:

Somente no ano de lançamento do livro foram publicados 15 artigos focados na arquitetura brasileira e 3 números especiais. Entre sua edição, em 1943, até 1960 as revistas estrangeiras publicaram nada menos do que 224 artigos sobre arquitetura brasileira, e neste conjunto, um total de 19 números especiais sobre o Brasil em todo o mundo<sup>524</sup>.

---

<sup>521</sup> Ricardo Rocha. “Resenhar Brazil Builds”. *Resenhas Online*, ano 12, n. 142.05, Vitruvius. (São Paulo, out. 2013). <<http://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/12.142/4923>>.

<sup>522</sup> Henry Russel Hitchcock. “Book Review: Brazil Builds (Construção Brasileira), Architecture New and Old, 1652-1942 by Philip L. Goodwin; G. E. Kidder Smith”. *The Art Bulletin*, Vol. 25, No. 4 (Dec., 1943), 383-385.

<sup>523</sup> Walter Curt Behrendt. “Review Brazil Builds. Architecture New and Old, 1652-1942 by Philip L. Goodwin.” *College Art Journal*, Vol. 4, No. 3 (Mar., 1945) 174. Tradução da autora.

<sup>524</sup> Juliana Braga Costa. *Ver não é só ver: dois estudos a partir de Flávio Motta*. Dissertação de Mestrado, FAUUSP, (São Paulo, 2010), 96.



Os exemplares mais conhecidos foram as publicações especiais sobre o Brasil das revistas *The Architectural Review*<sup>525</sup> e *L'Architecture d'Aujourd'Hui*<sup>526</sup>. No entanto, ainda foram publicados os seguintes documentos<sup>527</sup>:

- *Architectural Record*, Jan. 1943;
- *The studio*, Out. 1943;
- *Byggmastaren*, nº 19, 1946;
- *Progressive Architecture*, Abr. 1947;
- *Architectural Forum*, nº 11 Nov. 1947. (Special Brazil);
- *Proa*, Abr. 1948;
- *Domus*, nº 229, 1948;
- *Architectural review*, nº 646, Out. 1950;
- *L'Architecture d'Aujourd'Hui* nº 42-43, Ago. 1952 (Spécial Brésil);
- *Architectural review*, Jul. 1953;
- *Werk* nº 8, 1953;
- *Architectural review*, nº 694, Out. 1954;
- *L'Architecture d'Aujourd'Hui* nº 67-68, 1956;
- *Architectural Record*, Abr. 1956;
- *Arquitectura Mexico*, nº 21, 1958;
- *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, Jun-Jul. 1960;
- *Zodiac*, n.6, 1960;
- *Casabella*, nº 200 Fev/Mar. 1954

A repercussão de *Brazil Builds* não era gratuita ou desmedida, o Brasil realmente vivia um momento único. O historiador Richard J. Williams afirma que

para a primeira metade do século XX [...] o Brasil foi um exemplo de desenvolvimento moderno. Durante este período, não seria exagero dizer que o Brasil foi o país mais moderno do mundo. Isso não quer dizer que fosse o mais desenvolvido (não era) ou o mais socialmente avançado (em muitos aspectos pouco havia mudado desde o período colonial), mas era o país que tinha comprado a idéia de modernidade de forma mais abrangente, e

---

<sup>525</sup> *The Architectural Review*, v. 95, n. 567, bmar. 1944. Especial Brasil.

<sup>526</sup> *L'architecture D'Aujourd'hui*. N. 13/14, set. 1947. Especial Brasil.

<sup>527</sup> De acordo com a pesquisa em "Avery index to architectural periodical" da Columbia University feita pela pesquisadora Juliana Braga Costa anteriormente mencionada.

pretendia refazer-se com esta imagem. A arquitetura neste plano foi crucial. Para muitos países de fora, o Brasil representou o auge do que se poderia alcançar com entusiasmo e com a ausência de restrições do Velho Mundo<sup>528</sup>.

Hugo Segawa descreve a exposição e o catálogo em seu livro *Arquiteturas no Brasil – 1900-1990*, salientando que o sucesso do Pavilhão Brasileiro de 1939 parecia ter sido o motivo do MoMA se dedicar à arquitetura brasileira e que também era um item importante na política de boa vizinhança desenvolvido pelo presidente Franklin Roosevelt. Segawa discorre sobre o livro:

*Brazil Builds* resgatava algumas imagens esquecidas e muitas inéditas. Dividida em duas partes – “obras antigas”, com fotografias da arquitetura colonial e do Império, e “obras modernas”, Goodwin organizou uma publicação de arquitetura brasileira que os próprios brasileiros desconheciam [...]. A ordenação “antigo/moderno” revigorava a relação tradição/modernidade no discurso que se instaurava entre os arquitetos modernos do Rio de Janeiro [...]. *Brazil Builds*, publicado em pleno conflito mundial, foi o principal passaporte da arquitetura brasileira para o mundo pós-segunda guerra<sup>529</sup>.

E Yves Bruand, em *Arquitetura Contemporânea do Brasil*, atribui o êxito no exterior principalmente às figuras de alguns arquitetos, que figuraram na exposição e no livro com concepções expressivas:

O sucesso internacional da nova arquitetura brasileira deve-se a essas concepções [sic] expressivas<sup>530</sup>, marcadas por um cunho todo particular, e divulgados em 1943 pela exposição das fotografias de R. Kidder-Smith [sic] no Museu de Arte Moderna de New York e pelo livro que se seguiu<sup>531</sup>.

A edição é especialmente bem recebida em Portugal. Segundo Ana Vaz Milheiro “o catálogo chega a Portugal muito provavelmente via Nuno Teotónio Pereira, cerca de 1945, transformando-se numa espécie de livro de referência para o ideário moderno”<sup>532</sup>.

---

<sup>528</sup> Richard J. Williams. *Brazil (Modern architectures in history)*. (Londres: Reaktion Books Ltd, 2009), 7. Tradução da autora.

<sup>529</sup> Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 100-2.

<sup>530</sup> O autor destaca as personagens de Lucio Costa, Irmãos Roberto, Atílio Correa Lima [sic] e Oscar Niemeyer.

<sup>531</sup> Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 81.

<sup>532</sup> Ana Vaz Milheiro. *A construção do Brasil: Relações com a cultura Arquitectónica Portuguesa*. (Porto: FAUP Publicações, 2005), 268.

Citando Sergio Fernandez<sup>533</sup> afirma que “Fernando Távora evoca o seu sentido instrumental ao sugerir que é usado como “cartilha””<sup>534</sup> e Maurício de Vasconcellos “o evoca como “o nosso segundo Vignola”<sup>535</sup>.

Ana Vaz Milheiro narra a história do *Brazil Builds* no seu livro *A construção do Brasil: Relações com a cultura arquitectónica portuguesa*, onde faz uma análise entre a história arquitetónica comum com Portugal e o momento em que o Brasil afirma sua nacionalidade. Elemento envolvido nessa narrativa, o *Brazil Builds* é considerado uma realização “que consagrará *avant-la-lettre* a arquitetura do país”<sup>536</sup>. A autora faz uma análise de como foi a recepção entre os portugueses:

*Brazil Builds* é assim um pressentimento, não uma retrospectiva [sic], o que faz desta exposição um acontecimento *avant-garde*, prenúncio do que entusiasmará os próprios portugueses e também a prova de que a arquitectura [sic] moderna toca todos os territórios, tornando-se uma realidade intercontinental<sup>537</sup>.

Ana Tostões, fala sobre a arquitetura moderna portuguesa dos anos 50, ressaltando a repercussão determinante em um momento de renovação na arquitetura portuguesa:

Na divulgação desta nova arquitectura [sic] de liberdade terá sido determinante a edição em 1943, pelo MoMA de Nova Iorque do álbum ‘Brazil Builds, Architecture New and Old: 1652-1942’, cuja repercussão atingiu o meio português<sup>538</sup>.

Milheiro afirma que a igualdade com que foram tratadas as obras modernas e a arquitetura do passado agradou os portugueses, citando Pereira:

Normalmente, os livros e revistas que nós recebíamos com arquitectura moderna não ligavam nenhuma às arquitecturas do passado. Eram realidades opostas. *Brazil Builds* desmente isso: na mesma publicação, na mesma exposição do MoMA, aparecem essas duas realidades. Isso foi de facto uma surpresa

---

<sup>533</sup> Sergio Fernandez. *Percurso – Arquitectura Portuguesa 1930/1974*. (Porto: Serviço Editorial da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1988) [1ª edição (do autor) 1985].

<sup>534</sup> Ana Vaz Milheiro. *Nos trópicos sem Le Corbusier, Arquitectura luso-africana no Estado-Novo*. (Lisboa: Relógio d’Água, 2012), 18.

<sup>535</sup> *Ibidem*.

<sup>536</sup> Ana Vaz Milheiro. *A construção do Brasil: Relações com a cultura Arquitectónica Portuguesa*. (Porto: FAUP Publicações, 2005), 268.

<sup>537</sup> *Ibidem*, 269-270.

<sup>538</sup> Ana Tostões. *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*. (Porto: FAUP, 1997) 42.

e mostrou que o que é importante em arquitectura é a autenticidade, a consonância com o tempo<sup>539</sup>.

Para os portugueses o livro se torna tão importante pela arquitectura antiga quanto pela nova. É relevante destacar a descrição do livro feita pelo arquiteto português Nuno Teotónio Pereira: “Edição bilingue, esta publicação, excelentemente documentada, teve enorme repercussão entre os arquitectos [sic] portugueses e era considerada um tesouro por aqueles que a possuíam”<sup>540</sup>. Se refere ao exemplar como “duplamente inédito”<sup>541</sup> por abordar arquitetura nova e antiga, e ainda ressalta o fato de ser “a primeira vez que os arquitectos [sic] portugueses tomavam conhecimento do riquíssimo acervo do Brasil colonial e imperial e ao mesmo tempo do surto extraordinário que conhecera o Movimento Moderno neste país”<sup>542</sup>.

Pereira também menciona os edifícios e arquitetos que mais trouxeram surpresa através do catálogo do *Brazil Builds*:

Edifícios como os do Ministério da Educação e da Associação Brasileira de Imprensa no Rio, do Hotel de Ouro Preto e do complexo da Pampulha em Belo Horizonte produziram enorme sensação. Foi através dessa publicação que nomes como Oscar Niemeyer, Afonso Reidy, os irmãos Roberto, Lúcio [sic] Costa, Rino Levi, Burle-Marx e Henrique Mindlin passaram a ser conhecidos<sup>543</sup>.

No meio acadêmico, o arquiteto Álvaro Siza tem lembranças de que *Brazil Builds* foi introduzido por Fernando Távora, que inclusive teria dado uma palestra sobre o tema:

Entrei na Escola um ano antes de ele apresentar a sua tese, intitulada *A Casa sobre o mar*, um projecto não realizado, situado na Foz, entre o rio e o mar, no Porto. Tratava-se de uma pequena casa muito ‘corbu’ mas já com elementos que revelavam o impacto da Arquitectura Brasileira. A fachada era em azulejo, o terreno não era plano... Lembro-me que Távora tinha comprado – não sei onde, mas não em Portugal – um livro, *Brasil [sic] Builds*, que apresentava as construções recentes de Oscar Niemeyer, de Lucio Costa e de outros da vanguarda brasileira. A comunicação que ele tinha feito sobre isso na Escola, marcou

---

<sup>539</sup> Pereira *apud* Ana Vaz Milheiro. *Nos trópicos sem Le Corbusier, Arquitectura luso-africana no Estado-Novo*. (Lisboa: Relógio d’Água, 2012), 21.

<sup>540</sup> Nuno Teotónio Pereira. “Escritos”. *A influência em Portugal da Arquitectura Moderna brasileira*. (Porto: FAUP publicações, 1996), 303-4.

<sup>541</sup> *Ibidem*.

<sup>542</sup> *Ibidem*, 304.

<sup>543</sup> *Ibidem*.

profundamente os espíritos, porque ele evocava Le Corbusier, que nós imaginávamos sozinho, a lutar pela modernidade<sup>544</sup>.

Fernando Távora, em entrevista a Mário Cardoso conta que

surgiu também a Arquitectura brasileira, com Lucio Costa, Niemeyer, etc. Apareceu um livro célebre, “Brasil [sic] Builds”, com o que de mais representativo fora feito naquele país por influência de Le Corbusier<sup>545</sup>.

Álvaro Siza comenta que a chegada do livro foi impactante para os académicos:

Foi uma excitação tremenda [...]. A um ponto tal que a representação gráfica mudou radicalmente. [...] Depois foi aprofundado, mas a ação imediata foi que se passou a representar os projetos como na arquitetura brasileira dessa época, as paredes eram linhas e os pilares eram pontos<sup>546</sup>.

E fala especificamente de Oscar Niemeyer, que foi o que mais o impressionou:

Todos ficaram impressionados com aqueles desenhos levíssimos, as curvas, os pilares que eram como pontes. Teve uma influência muito grande em termos de linguagem e de géneros. Foi realmente muito influente<sup>547</sup>.

Segundo Manuel Graça Dias:

O Brazil Builds, foi um livro “o Brasil constrói” não é? Foi para uma exposição que o MoMA fez em Nova York, em 48, salvo erro, e que influenciou imenso a Europa<sup>548</sup>.

O livro é considerado pela crítica como o episódio mais representativo de prestígio e difusão da arquitetura brasileira. Williams afirma que: “Em termos de impacto, o *Brazil Builds* foi um evento crítico da mesma ordem que a realização de Brasília”<sup>549</sup>. A partir dos relatos e afirmações da bibliografia comentada pode-se concluir que a publicação

---

<sup>544</sup> Machabert, Dominique e Beaudouin Laurent. *Álvaro Siza - Uma questão de medida. Uma maneira de fazer portuguesa – a propósito de Fernando Távora*. (Sintra: Caleidoscópio, 2009), 263.

<sup>545</sup> Mário Cardoso. “Entrevista”. *Revista Arquitectura* nº 123. (Lisboa: Setembro/Outubro 1971), 152.

<sup>546</sup> Álvaro Siza Vieira. Relato do arquiteto sobre *Brazil Builds* a Luciane Scottá durante aula. Programa de Doutoramento em Arquitectura da FAUP. (Porto, 27 de abril de 2013).

<sup>547</sup> Álvaro Siza Vieira. “Glória ao Oscar Niemeyer”. *Entrevista*. (Agência Lusa: 06 dez 2012). <[http://www.rtp.pt/noticias/cultura/gloria-ao-oscar-niemeyer-siza-vieira\\_n609558](http://www.rtp.pt/noticias/cultura/gloria-ao-oscar-niemeyer-siza-vieira_n609558)>.

<sup>548</sup> RTP. “Visita Guiada II”, *Casa de Chá da Boa Nova*. <<http://www.rtp.pt/play/p1623/e172893/visita-guiada>>.

<sup>549</sup> Richard J. Williams. *Brazil (Modern architectures in history)*. (Londres: Reaktion Books Ltd, 2009), Tradução da autora.

de *Brazil Builds* marca o início de uma nova era para a história da arquitetura brasileira, abrindo caminho e servindo de referência bibliográfica para outros trabalhos que se proliferaram desde então. Para a historiografia da arquitetura brasileira este foi um evento inédito, obtendo grande reconhecimento dos trabalhos nacionais a nível local e internacional. Um dos seus frutos diretos é o livro *Arquitetura Moderna no Brasil* escrito por Mindlin em 1956, onde o próprio autor afirma que o idealizou como um complemento do *Brazil Builds*.

Outro possível fruto é a exposição “Aspectos da Arquitectura portuguesa 1550-1950” (Ilustração 153) no Palácio da Cultura (MES), nas comemorações do 4º Centenário do Rio de Janeiro 1965-1966. O período abrangido era muito similar ao de *Brazil Builds*, no entanto contemplava arquitetura portuguesa.

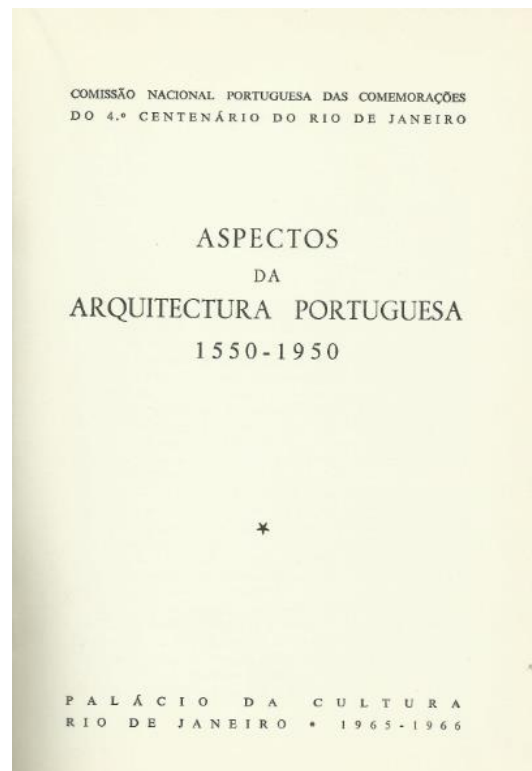


Ilustração 153 - Aspectos da Arquitectura Portuguesa 1550-1950. Capa e Folha de Rosto

Fonte: CHICÓ, Mario T. (org) et al. *Aspectos da Arquitectura Portuguesa 1550 – 1950*. Palácio da Cultura, Rio de Janeiro, 1965-1966.

Segundo Ricardo Rocha, a exposição

Organizada pelo prof. Mário Tavares Chicó, contou com o apoio do arquiteto Viana de Lima, “que estudou a circulação e a montagem” – e também executou o Hotel-Cassino do Funchal, projeto de Oscar Niemeyer, na ilha da Madeira – e teve como fotógrafos José Pereira e José de Macedo Nunes Claro.

O contraste da apresentação da Calçada Marquês de Abrantes em Lisboa (século XIX) ao lado do elegante purismo da Residência da Rua Honório Lima, de Viana de Lima (1939); ou da Pousada de Sidroz (1948), que lembra a obra de Lucio Costa – ou de Oswaldo Bratke – ladeando a planta da Catedral de Portalegre, talvez possa suscitar interpretações sobre as razões de tais escolhas tão interessantes quanto os debates sobre BB<sup>550</sup>.

É interessante que se organize da mesma maneira que *Brazil Builds*: presente e passado. E foi realizado por importantes nomes da arquitetura como Mário Tavares Chicó e Alfredo Evangelista Viana de Lima.

---

<sup>550</sup> Ricardo Rocha. “Resenhar Brazil Builds”. *Resenhas Online*, ano 12, n. 142.05, *Vitruvius*. (São Paulo, out. 2013). <<http://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/12.142/4923>>.





**PARTE 4 – Arquitetura Moderna: permanência das obras modernas na  
literatura posterior**



Abilio Guerra afirma que apesar de a arquitetura moderna no Brasil ter se desenvolvido a partir do final da década de 1920, sua historiografia é recente:

Durante décadas imperou a visão presente nos mitológicos *Brazil Builds* (Philip Goodwin, 1943) e *Modern Architecture in Brazil* (Henrique Mindlin, prefácio de Sigfried Giedion, 1956), que foi repetida de forma tão sistemática que se transformou em quase axioma<sup>551</sup>.

Desta parte em diante serão analisados quatro dos livros mais relevantes dentro da historiografia sobre a arquitetura moderna brasileira de modo a se ter uma amostra da permanência das obras ao longo do tempo. Os seguintes livros trataram do período em questão e foram selecionados para este trabalho:

- Arquitetura Moderna no Brasil - Henrique E. Mindlin – 1956.
- Arquitetura Contemporânea no Brasil – Yves Bruand – 1981.
- Arquitetura Moderna Brasileira – Sylvia Ficher e Marlene Milan Acayaba – 1982.
- Arquiteturas no Brasil 1900-1990 – Hugo Segawa – 1998.

#### **4.1. Arquitetura Moderna no Brasil - Henrique E. Mindlin – 1956<sup>552</sup>**

Esse foi o primeiro trabalho de historiografia da arquitetura moderna brasileira após *Brazil Builds*. O próprio autor começa seu livro informando que a princípio o imaginara como uma espécie de continuação do *Brazil Builds*:

Este trabalho foi concebido inicialmente como um suplemento ao livro *Brazil Builds*, de Philip E. Goodwin, uma magnífica apresentação da antiga e da nova arquitetura no Brasil, publicado pelo Museu de Arte Moderna de Nova York, e ilustrado com esplêndidas fotografias de G. E. Kidder Smith. No entanto, como *Brazil Builds* está esgotado há vários anos, decidiu-se mais tarde incluir aqui alguns dos exemplos mais importantes ali mostrados anteriormente. Assim, será possível dar uma imagem mais completa do desenvolvimento da arquitetura moderna no Brasil, dos seus primórdios no final dos anos 20 até os dias de

---

<sup>551</sup> Abilio Guerra. “A construção de um campo historiográfico”. *ANAIS - I ENANPARQ - Arquitetura, Cidade, Paisagem e Territórios: percursos e perspectivas*. v. 1. (Rio de Janeiro: Anparq, 2010), 1-10.

<sup>552</sup> A edição tomada para análise foi: Henrique E Mindlin. *Arquitetura Moderna no Brasil*. (Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999).

hoje. Mas este livro não substitui o belo trabalho de Goodwin, nem isso jamais esteve nas minhas intenções<sup>553</sup>.

É importante salientar que no início o livro foi publicado apenas em alemão, inglês e francês. Diferentemente do *Brazil Builds*, que é dividido em duas partes, Mindlin optou por um texto inicial seguido de imagens (Ilustrações 154 e 155).

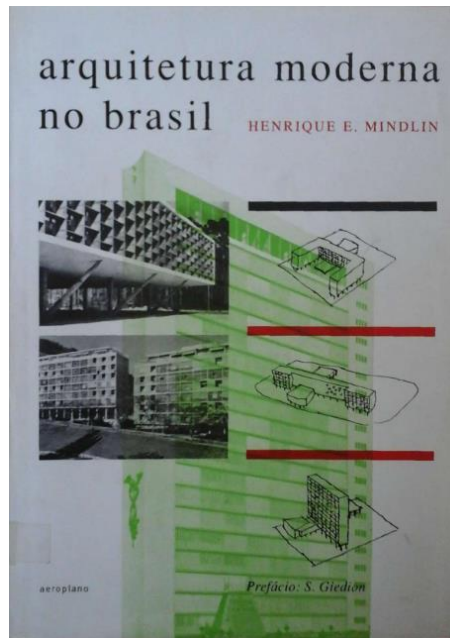


Ilustração 154 - Capa do livro *Arquitetura Moderna no Brasil*, versão 1999

Fonte: Henrique Mindlin. *Arquitetura Moderna no Brasil* (Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999).

---

<sup>553</sup> Henrique E. Mindlin. *Arquitetura Moderna no Brasil*. (Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999), 17. (Original em inglês: *Modern Architecture in Brazil*, New York, Reinhold Publishing Corporation, 1956), 21.

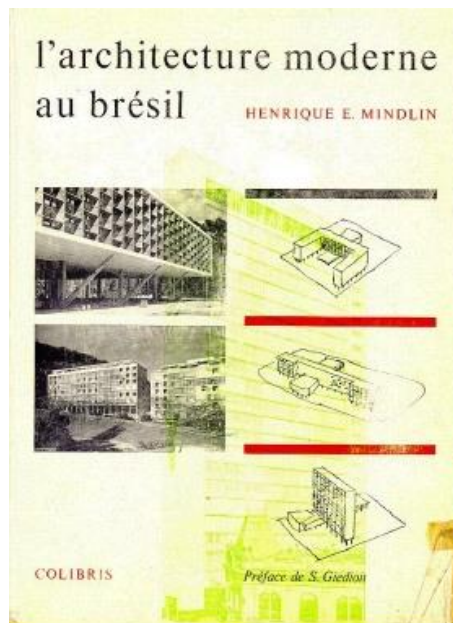


Ilustração 155 - *L'architecture moderne au Brésil*

Fonte: FICHER, Sylvia. "Antonio Garcia Moya, um arquiteto da Semana de 22, parte 2". *MDC*, 25 fev. 2015, <http://mdc.arq.br/2015/02/25/antonio-garcia-moya-um-arquiteto-da-semana-de-22-parte-2/#fnref>.

Mindlin elogia o livro-catálogo de Goodwin e inicialmente dá a entender que o seu livro preencheria a lacuna entre o período final abordado por *Brazil Builds (1652 - 1942)* até 1956. Logo em seguida pode-se constatar que o autor decide selecionar e repetir os exemplos que considera importantes para melhor compreensão de todo o movimento e “da imagem que o Brasil alcançou no campo da arquitetura moderna”<sup>554</sup> desde a década de 1920.

No texto inicial, segundo Carlos Martins, Mindlin faz uma espécie de resumo do *Brazil Builds*:

Mindlin traça em linhas rápidas os eixos do desenvolvimento construtivo e estético da arquitetura do Brasil durante a Colônia e o Império, explicitando textualmente o que estava indicado pela seleção fotográfica de Kidder-Smith [sic] e Goodwin<sup>555</sup>.

<sup>554</sup> Henrique E Mindlin. *Arquitetura Moderna no Brasil*. (Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999). 17. (Original em inglês: *Modern Architecture in Brazil*, New York, Reinhold Publishing Corporation, 1956), 21.

<sup>555</sup> Carlos Alberto Ferreira Martins. ““Há algo de irracional...”. Notas sobre a Historiografia da Arquitetura Brasileira.” In: “. In: Abilio Guerra (org.). *Textos fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira*. v. 2. (São Paulo: Romano Guerra, 2010[1999]), 140.

O autor ainda mostra alguns dos mesmos projetos que estavam na parte antiga de *Brazil Builds*, como o Forte Santa Maria, em Salvador, todavia com uma imagem diferente da utilizada por Goodwin (Ilustrações 156 e 157).



Ilustração 156 - Forte de Santa Maria, Salvador, BA

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 59.



Ilustração 157 - Forte de Santa Maria, Salvador, BA

Fonte: Henrique E. Mindlin. *Arquitetura Moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999, 23.

Em seguida mostra a Igreja de São Francisco, em Salvador; a Igreja de Santo Alexandre em Belém, no Pará; a Igreja São Francisco de Assis, em Ouro Preto, e seu altar feito por Antonio Francisco Lisboa, além de uma escultura do mesmo artista de um profeta em Congonhas do Campo. Mostra uma fotografia do Teatro Santa Isabel de Vauthier, porém em outro ângulo (Ilustração 158). Comparada com a de Goodwin (Ilustração 159) parece se tratar de outro edifício, mas é o mesmo.



Ilustração 158 - Teatro Santa Isabel, Recife, PE

Fonte: Henrique E. Mindlin. *Arquitetura Moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999, 28.



Ilustração 159 - Teatro Santa Isabel, Recife, PE

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 23.

É notável também o aparecimento de uma fotografia da Academia Imperial de Belas Artes (Ilustração 160), de Grandjean de Montigny, de 1826, arquiteto que Goodwin menciona rapidamente mas não mostra obras.



Ilustração 160 - Academia Imperial de Belas Artes, Rio de Janeiro, 1826.

Fonte: Henrique E. Mindlin. *Arquitetura Moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999, 28.

Mindlin dá atenção ao neocolonialismo, na presença da imagem do Solar de Monjope (Ilustração 161), projetado por José Mariano Filho, arquiteto que Goodwin sequer menciona.



Ilustração 161 - Solar de Monjope, Rio de Janeiro, 1926

Fonte: Henrique E. Mindlin. *Arquitetura Moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999, 29.



Mindlin escreve em seu texto que é importante lembrar que a história do Brasil tem apenas “quatro séculos e meio”<sup>556</sup> e que a arquitetura moderna brasileira evoluiu muito rapidamente desde seus primeiros passos e que, em uma década, se tornou um grande movimento. A leitura que faz da história da arquitetura do Brasil é muito mais pormenorizada que a de Goodwin. Cita o *Art Nouveau*, Dubugras e aborda a fase em que os olhos se voltaram para a arquitetura colonial, incluindo Lucio Costa<sup>557</sup>.

Mostra duas casas de Warchavchik – que não estão no *Brazil Builds* – a Casa da rua Itápolis (Ilustração 162), e casa na rua Thomé de Souza (Ilustração 163).



Ilustração 162 - Casa na Rua Itápolis, Gregori Warchavchik, 1928, São Paulo.

Fonte: Henrique E. Mindlin. *Arquitetura Moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999, 30.



Ilustração 163 - Casa na rua Thomé de Souza, Gregori Warchavchik, 1929, São Paulo

Fonte: Henrique E. Mindlin. *Arquitetura Moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999, 30.

---

<sup>556</sup> Henrique E Mindlin. *Arquitetura Moderna no Brasil*. (Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999). 17. (Original em inglês: *Modern Architecture in Brazil*, New York, Reinhold Publishing Corporation, 1956), 23.

<sup>557</sup> Henrique E Mindlin. *Arquitetura Moderna no Brasil*. (Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999). 17. (Original em inglês: *Modern Architecture in Brazil*, New York, Reinhold Publishing Corporation, 1956), 25.

Na página 31 de seu livro (Ilustração 164), Mindlin mostra os estudos de volumes para o Ministério da Educação e Saúde, com o croqui geral do edifício assinado por Le Corbusier e com a Torre d'água em Olinda, obra de Luiz Nunes e Fernando Saturnino de Brito, aqui com o nome de Castelo d'água.

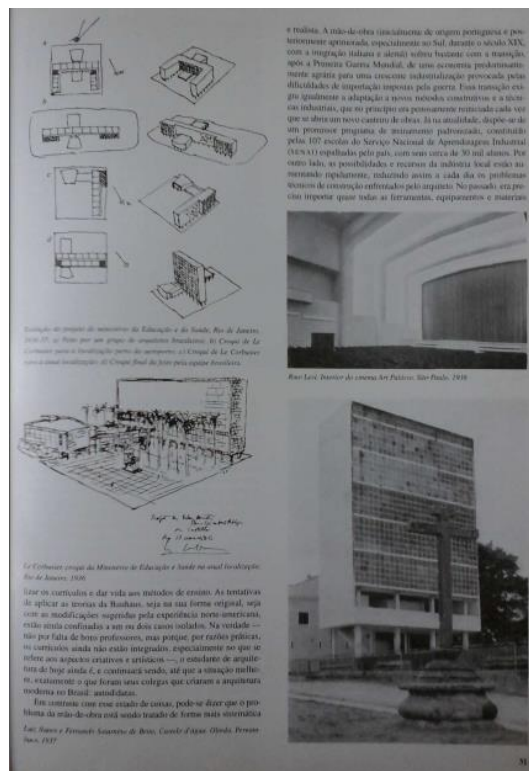


Ilustração 164 - Página 31 de Arquitetura Moderna no Brasil.

Fonte: Henrique E. Mindlin. *Arquitetura Moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999, 31.

A maior parte das obras analisadas são edifícios mais recentes com datas pós-*Brazil-Builds*. Mas dentre os que constam na publicação anterior e foram repetidos por Mindlin, está o Edifício Esther, 1938, de Álvaro Vital Brazil e Adhemar Marinho (Ilustração 165). É apresentado como o grande primeiro edifício residencial e comercial a ter estrutura independente no Brasil. Mindlin também diz que além de ter “o mérito da introdução de uma organização funcional, deve-se destacar o tratamento arquitetônico das fachadas, acentuado por faixas de vitrolite negro, que expressam claramente a estrutura e a variedade de planos”<sup>558</sup>.

<sup>558</sup> Henrique E Mindlin. *Arquitetura Moderna no Brasil*. (Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999). 17. (Original em inglês: *Modern Architecture in Brazil*, New York, Reinhold Publishing Corporation, 1956), 106.



Ilustração 165 - Edifício Esther, São Paulo, 1938, SP.

Fonte: Henrique E. Mindlin. *Arquitetura Moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999, 106.

Outro edifício mostrado é o Edifício Residencial (Ilustração 166) ou Casa de Apartamentos (em *Brazil Builds*) de Gregori Warchavchik, contudo desta vez utilizou-se um enquadramento que potencializou as curvas da estrutura. Sobre o edifício, que se encontra em um lote de dimensões modestas, Mindlin afirma que o arquiteto soube elaborar uma planta que diminuísse a “sensação de confinamento dos pequenos apartamentos”<sup>559</sup>.

---

<sup>559</sup> Henrique E Mindlin. *Arquitetura Moderna no Brasil*. (Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999). 17. (Original em inglês: *Modern Architecture in Brazil*, New York, Reinhold Publishing Corporation, 1956),, 108.



Ilustração 166 - Edifício Residencial, Gregori Warchavchik, 1939, São Paulo,  
Fonte: Henrique E. Mindlin. *Arquitetura Moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999, 108.

Segue-se o Grande Hotel ou Hotel de Ouro Preto (Em *Brazil Builds*) de Oscar Niemeyer (Ilustrações 167 e 168). O autor afirma que o hotel “ultramoderno [...] se encaixou de modo surpreendente à paisagem de tempos passados, sem que para isso precisasse depender de cópias de estilos obsoletos”<sup>560</sup>. É interessante observar que em *Brazil Builds* a data atribuída à edificação é 1942 e as fotografias publicadas eram de uma obra em construção. Já em *Arquitetura Moderna no Brasil* a data apresentada é 1940 e a fotografia é de um edifício concluído.

---

<sup>560</sup> Henrique E Mindlin. *Arquitetura Moderna no Brasil*. (Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999). 17. (Original em inglês: *Modern Architecture in Brazil*, New York, Reinhold Publishing Corporation, 1956), 126.



Ilustração 167 - Grande Hotel, Oscar Niemeyer, 1940. Ouro Preto, MG

Fonte: Henrique E. Mindlin. *Arquitetura Moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999, 126.



Ilustração 168 - Hotel em Ouro Preto, Oscar Niemeyer, 1942, Ouro Preto, MG

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 133.

A Obra do Berço, no Rio de Janeiro, de Oscar Niemeyer também é apresentada no livro, com data de 1937, que não tinha sido revelada em *Brazil Builds*. As obras da Pampulha de Oscar Niemeyer traziam as inovações na arquitetura moderna brasileira, das quais fazia parte o Salão de Dança da Casa do Baile ou Ilha-Restaurante (em *Brazil Builds*), de 1942. As fotografias em *Brazil Builds* ainda eram de um edifício em construção. Em *Arquitetura Moderna no Brasil* já se vê fotografias em que o edifício parece estar sendo utilizado (Ilustrações 169 e 170). Mindlin afirma que “construído no período de plena efervescência da arquitetura brasileira, este prédio foi o marco de uma tendência que teve influência decisiva no pensamento dos arquitetos mais jovens”<sup>561</sup>.

<sup>561</sup> Henrique E Mindlin. *Arquitetura Moderna no Brasil*. (Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999). 17. (Original em inglês: *Modern Architecture in Brazil*, New York, Reinhold Publishing Corporation, 1956), 188.

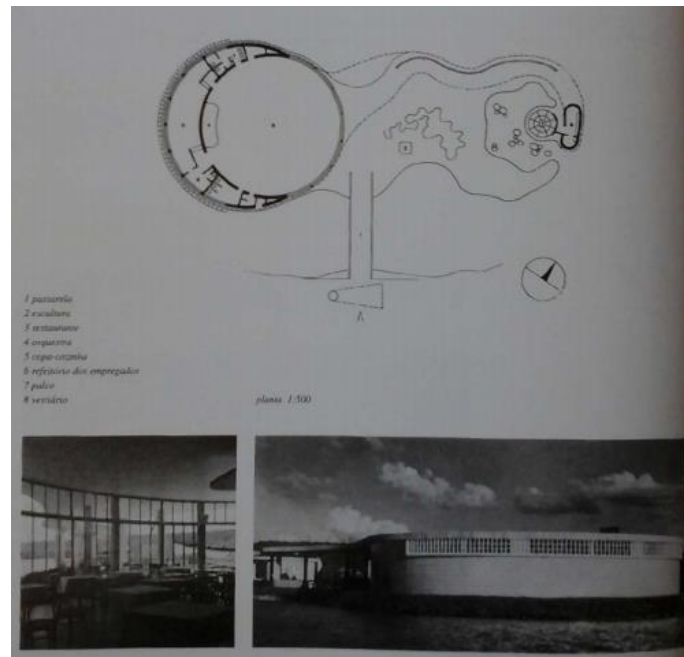


Ilustração 169 - Salão de Dança da Casa do Baile, Oscar Niemeyer, 1942, Pampulha, Belo Horizonte, MG  
 Fonte: Henrique E. Mindlin. *Arquitetura Moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999, 188.

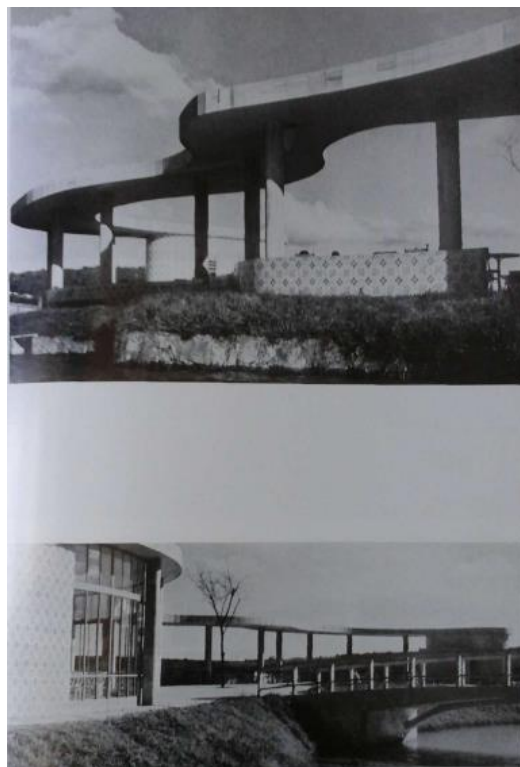


Ilustração 170 - Salão de Dança da Casa do Baile, Oscar Niemeyer, 1942. Pampulha, Belo Horizonte, MG  
 Fonte: Henrique E. Mindlin. *Arquitetura Moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999, 189.

O Cassino, outro dos edifícios do complexo da Pampulha, tem como data de construção 1942. Pelas fotografias da época de *Brazil Builds* nota-se que não há indicações de grandes obras em andamento, mas fica a dúvida se já estava pronto ou ainda sendo finalizado. Por outro lado, em *Arquitetura Moderna no Brasil* a obra está acabada e percebe-se principalmente pelo desenvolvimento da vegetação (Ilustração 171). Mindlin comenta que “a severidade aparente do conjunto é equilibrada pelo jogo de massas em comunicação, pela transparência das fachadas e dos interiores, como também pelos pilotis e *brise-soleil* do bloco arredondado e o contorno gracioso das marquises sobre a entrada, perto de uma escultura de Zamoiski”<sup>562</sup>.



Ilustração 171 - Cassino, Oscar Niemeyer, 1942. Pampulha, Belo Horizonte, MG

Fonte: Henrique E. Mindlin. *Arquitetura Moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999, 191.

Das obras de Niemeyer na Pampulha ainda é mostrado o late Clube, também de 1942. O pavilhão que atraiu atenção mundial para a arquitetura moderna brasileira, segundo

---

<sup>562</sup> Henrique E Mindlin. *Arquitetura Moderna no Brasil*. (Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999). 17. (Original em inglês: *Modern Architecture in Brazil*, New York, Reinhold Publishing Corporation, 1956), 190.



Mindlin<sup>563</sup>, foi a obra de Lucio Costa e Oscar Niemeyer, com auxílio de Paul Lester Wiener: o Pavilhão Brasileiro da Feira de Nova Iorque, de 1939. Segundo Mindlin:

com suas linhas leves e graciosas, unindo o exterior e o interior em volumes interpenetrados e criando uma estonteante riqueza de perspectivas em todos os níveis, este pavilhão se destacou inesperadamente, em meio à confusão indiscriminada de estilos, constituindo-se em um ótimo exemplo de verdadeiro mérito arquitetônico<sup>564</sup>.

Os irmãos Roberto aparecem com vários projetos no livro, entre eles o Edifício da Associação Brasileira de Imprensa - A.B.I., de 1938, que não tinha data apontada em *Brazil Builds*. Segundo Henrique Mindlin, esta “foi a primeira realização de grandes proporções da arquitetura moderna no Brasil. Os arquitetos, escolhidos por concurso em 1936, desenvolveram o projeto original praticamente sem alterações”<sup>565</sup>. Apenas substituíram os brises por concreto e o seu acabamento bem elaborado contrasta com os prédios vizinhos, de “padrão inferior”<sup>566</sup> (Ilustração 172).

---

<sup>563</sup> Henrique E Mindlin. *Arquitetura Moderna no Brasil*. (Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999). 17. (Original em inglês: *Modern Architecture in Brazil*, New York, Reinhold Publishing Corporation, 1956), 202.

<sup>564</sup> *Ibidem*.

<sup>565</sup> *Ibidem*, 216.

<sup>566</sup> Henrique E Mindlin. *Arquitetura Moderna no Brasil*. (Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999). 17. (Original em inglês: *Modern Architecture in Brazil*, New York, Reinhold Publishing Corporation, 1956), 216.





Ilustração 172 - Edifício da Associação Brasileira de Imprensa, A.B.I. 1938, RJ

Fonte: Henrique E. Mindlin. *Arquitetura Moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999, 216.

Presença inquestionável é o Ministério da Educação e Saúde (Ilustração 173), ainda incompleto na publicação de *Brazil Builds*, com a data 1937-43, segundo Mindlin. O edifício é descrito como:

o símbolo mais impactante da arquitetura moderna no Brasil e a primeira aplicação, em escala monumental, das ideias de Le Corbusier [...]. A rigorosa disciplina plástica aplicada a cada componente e a concisão dos meios formais utilizados, em uma subordinação total de cada detalhe à composição, justificam plenamente a importância fundamental desta obra no panorama da arquitetura moderna, no Brasil, assim como o interesse, a emulação e as discussões que ela suscita no exterior<sup>567</sup>.

---

<sup>567</sup> *Ibidem*, 218.

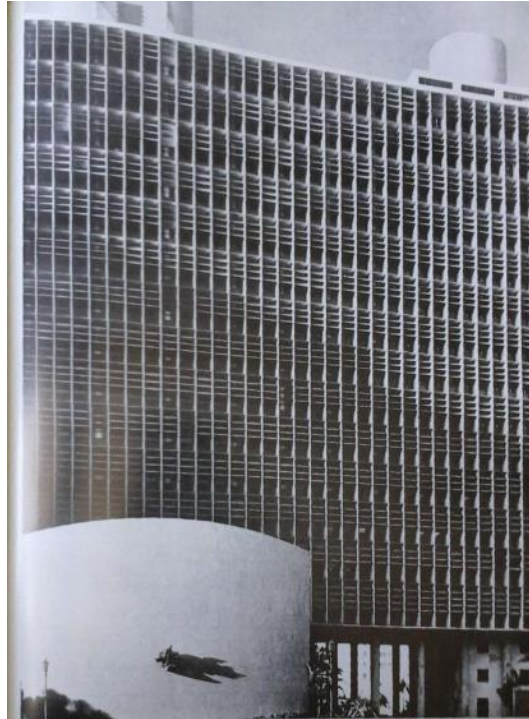


Ilustração 173 - Ministério da Educação e Saúde, 1937-1943, RJ

Fonte: Henrique E. Mindlin. *Arquitetura Moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999, 219.

O Instituto Vital Brazil, com a autoria de Álvaro Vital Brazil e Ademar Marinho, e data de 1942 em *Brazil Builds* (Ilustração 174), apresenta fotografias de uma obra, embora avançada, ainda em construção (Ilustração 175). Em *Arquitetura Moderna no Brasil*, Álvaro Vital é o único arquiteto e a obra é datada de 1941, embora seja mencionado que o projeto ainda não esteja completamente executado.



Ilustração 174 - Instituto Vital Brazil, Niterói, RJ

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 160.



Ilustração 175 - Instituto Vital Brazil, Niterói, RJ

Fonte: Henrique E. Mindlin. *Arquitetura Moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999, 222.

A Estação de Hidros ou Estação para Hidro-aviões (em *Brazil Builds*) é de Attilio<sup>568</sup> Corrêa Lima, a quem Mindlin atribui o título de um dos pioneiros da arquitetura moderna e que infelizmente perdeu a vida em um desastre de avião prematuramente. A sua obra data de 1938 em *Arquitetura Moderna no Brasil*, e 1940 em *Brazil Builds*. Embora fosse um projeto de “primeira categoria que não envelheceu através dos anos”<sup>569</sup> foi desativado com a construção do Aeroporto Santos Dumont e a transferência dos serviços.

Roberto Burle Marx também é lembrado por Mindlin, e, além de outros desenhos contemporâneos, publica o Esboço do jardim da casa de campo de Antonio Leite Garcia - 1942 - Fazenda Samambaia ou Fazenda Garcia (em *Brazil Builds*), prolongando a dúvida se o projeto foi executado ou não.

Mindlin também mostra outras obras da época do *Brazil Builds* que este não mostra, como por exemplo a Casa de Argemiro Hungria Machado – 1942, de Lucio Costa; a Escola de aprendizado Industrial Anchieta – 1934, de Hélio Queiroz Duarte e E. R. de Carvalho Mange; o Edifício do Instituto de Resseguros do Brasil - 1942, de M. M. Roberto; o Plano Diretor do Rio de Janeiro – 1938-48, de José de Oliveira Reis (diretor), Herminio de Andrade e Silva, David Xavier de Azambuja, Aldo Botelho, Nelson Muniz Navares, Armando Stamile Genarino, Edwaldo Moreira de Vasconcellos; e um Esboço do jardim da praça Arthur Oscar – 1936, de Roberto Burle Marx.

---

<sup>568</sup> Em *Brazil Builds* o nome do arquiteto foi grafado com apenas um t: Atílio, mas o correto é Attilio.

<sup>569</sup> Henrique E Mindlin. *Arquitetura Moderna no Brasil*. (Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999), 17. (Original em inglês: *Modern Architecture in Brazil*, New York, Reinhold Publishing Corporation, 1956), 246.

#### 4.2. Arquitetura Contemporânea no Brasil – Yves Bruand – 1981<sup>570</sup>

No catálogo da *Bibliothèque Nationale de France*<sup>571</sup>, está cadastrada a tese *L'Architecture contemporaine au Brésil*, com a seguinte descrição: “Material description: 2 vol., 24 cm, XII-1188 p., carte h.t., multigr. et 1 vol. de pl. Note: Note : Thèse. Lettres. Paris IV. 1971”<sup>572</sup>.

Fato curioso é que a tese de Yves Bruand está acompanhada de um anexo com o texto do Manifesto de Gregori Warchavchik para o jornal *Il Piccolo* de 14 de junho de 1925.

Description : Note : Thèse. Lettres. Paris IV. 1971. \_ Contient en annexe le texte du manifeste de Gregori Warchavchik paru dans «Il Piccolo» du 14 juin 1925. \_ Bibliogr. pp. 1100-1156  
Édition : Lille : Service de reproduction des thèses de l'université, 1973<sup>573</sup>.

A tese de doutoramento de Yves Bruand<sup>574</sup> foi impressa na França em 1973, mas seus escritos chegaram ao Brasil muito antes da sua versão em português, em 1981<sup>575</sup> (Ilustração 176).

---

<sup>570</sup> A edição utilizada para análise Yves Bruand. *Arquitetura contemporânea no Brasil*. (São Paulo: Perspectiva, 2002), (5ª edição da 1ª reimpressão).

<sup>571</sup> Disponível em <[http://data.bnf.fr/12186858/yves\\_bruand/#other-ressources](http://data.bnf.fr/12186858/yves_bruand/#other-ressources)> Acesso em 22 de agosto de 2016.

<sup>572</sup> *Ibidem*.

<sup>573</sup> *Ibidem*.

<sup>574</sup> Yves Bruand. *L'Architecture Contemporaine au Brésil*. (Lille: Services de Reproduction de Theses: Université de Lile, 1973).

<sup>575</sup> Felipe de Araujo Contier. *O edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na cidade universitária: projeto e construção da Escola de Vilanova Artigas*. Tese (Doutorado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) - Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2015. <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/102/102132/tde-23032016-120753/>>.

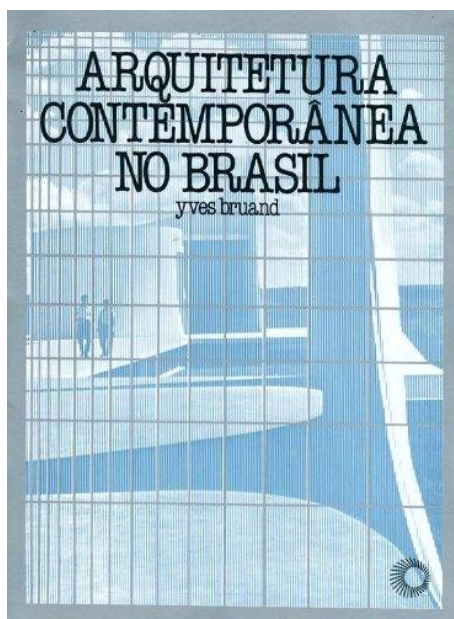


Ilustração 176 - Capa de Arquitetura Contemporânea no Brasil

Fonte: Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012).

Yves Bruand buscava ambientar o leitor, fazendo um panorama do país e suas particularidades, principalmente, porque defendia uma tese para estrangeiros. Isso era necessário para depois demonstrar as influências que teriam sobre a arquitetura. Em seguida divide o seu texto em três partes.

Será analisada, nesta seção, a época que Bruand nomeia de *PRIMEIRA PARTE – De um Ecletismo sem Originalidade à Afirmação Internacional da Nova Arquitetura Brasileira (1900-1945)*<sup>576</sup> que compreende o período de tempo em que *Brazil Builds* se insere. Comas, em sua tese de doutoramento, analisa a relação entre *Brazil Builds* e *Arquitetura Contemporânea no Brasil* e resume esta fase do seguinte modo: “a cristalização de uma arquitetura moderna se dá de 1936 a 1945, inaugurada pela visita de Le Corbusier e concluída com a inauguração do Ministério”<sup>577</sup>.

---

<sup>576</sup> Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 5.

<sup>577</sup> Carlos E. D. Comas. *Precisões brasileiras: sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos: a partir dos projetos e obras de Lucio Costa, Oscar Niemeyer, MAM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia., 1936-45*. (Paris: Tese de Doutorado, Universidade de Paris VIII, 2002), 20.

Bruand tenta em seu texto, narrado e pontilhado com imagens sempre que necessário, incluir o Ecletismo, mesmo que o definisse como “sem originalidade”<sup>578</sup>. Sobre isso Comas escreve:

Como em *Brazil Builds*, Bruand despreza o ecletismo, embora lhe conceda um capítulo próprio introdutório. Como em *Brazil Builds*, o intento de compreensão do fenômeno é realmente sério e faz quase esquecer a predisposição a supervalorizar a contribuição de Le Corbusier. Contudo, escrito a partir da oposição então em voga entre racionalismo e organicismo, *Arquitetura Contemporânea no Brasil* não amplia ou aprofunda a interpretação delimitada por *Brazil Builds*. A caracterização da arquitetura moderna continua impressionista em qualquer dos períodos. A idéia [sic] dum milagre permanece incontestada, duma “floração natural” fecundada por Le Corbusier. A exposição da queda num ecletismo é apenas um modo de exaltar a redenção modernista que *recupera* as glórias passadas que *Brazil Builds* exhibia<sup>579</sup>.

Depois de poucos parágrafos, Yves Bruand introduz a figura de Gregori Warchavchik: “o papel e a obra”<sup>580</sup>. Apresenta o projeto da Casa do Arquiteto (Ilustração 177 a 179) – “a primeira casa moderna em São Paulo (1927-1928)”<sup>581</sup>, e escreve um texto onde conta sua evolução e trajetória, e mostra suas obras em São Paulo.

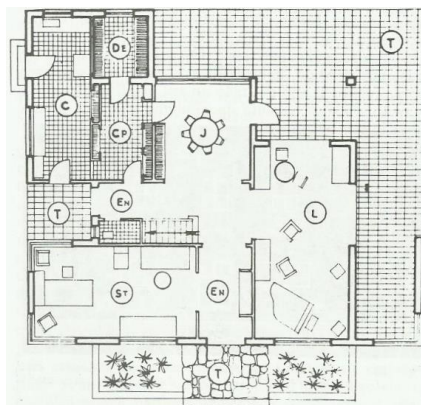


Ilustração 177 - Planta do térreo. Casa do arquiteto. Gregori Warchavchik, 1927-1928, São Paulo, SP  
Fonte: Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 65.

<sup>578</sup> Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 5.

<sup>579</sup> Carlos E. D. Comas. *Precisões brasileiras: sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos: a partir dos projetos e obras de Lucio Costa, Oscar Niemeyer, M.M. Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia., 1936-45*. (Paris: Tese de Doutorado, Universidade de Paris VIII, 2002), 20.

<sup>580</sup> Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 63.

<sup>581</sup> *Ibidem*, 65.



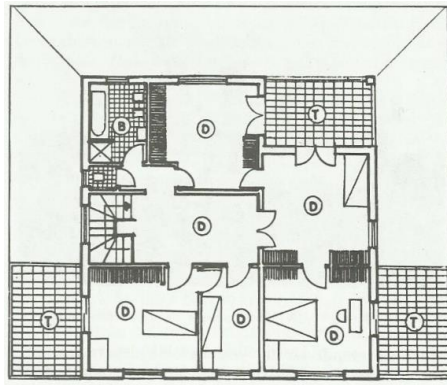


Ilustração 178 - Planta do primeiro andar. Casa do arquiteto. Gregori Warchavchik, 1927-1928, São Paulo, SP

Fonte: Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 65.

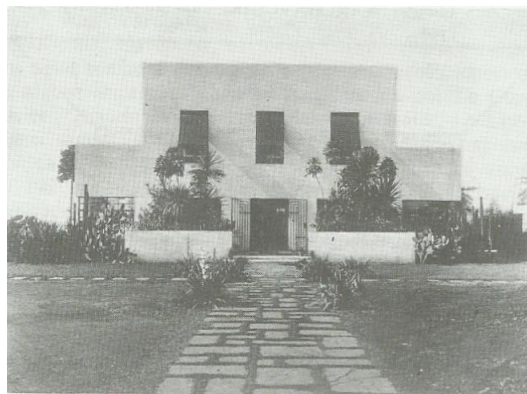


Ilustração 179 - Fachada da casa construída. Casa do arquiteto. Gregori Warchavchik, 1927-1928, São Paulo, SP

Fonte: Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 66.

Warchavchik teve oportunidade de desenhar várias casas no período e ser indicado por Le Corbusier, que conhecia sua obra, para ser o delegado para a América do Sul do CIAM<sup>582</sup>. Se sentiu confiante a ponto de organizar uma exposição em uma de suas casas: a casa da rua Itápolis<sup>583</sup> (Ilustrações 180 e 181), em março de 1930 e, segundo Bruand: “toda a alta sociedade paulista a visitou, podendo admirar um conjunto homogêneo de arquitetura e decoração interior, realizado por Warchavchik”<sup>584</sup>.

<sup>582</sup> Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 68.

<sup>583</sup> A fotografia foi publicada ao contrário em *Arquitetura Moderna no Brasil*, ou seja, espelhada. Neste trabalho está corrigida.

<sup>584</sup> Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 69.



Ilustração 180 - Casa "Modernista" à Rua Itápolis. Gregori Warchavchik, 1929-1930, São Paulo, SP  
 Fonte: Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 69.



Ilustração 181 - Interiores da Casa "Modernista" à Rua Itápolis. Gregori Warchavchik, 1929-1930, São Paulo, SP  
 Fonte: Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 69.

Num segundo momento, Bruand se volta para o Rio de Janeiro e fala da tentativa de reforma da Escola de Belas Artes, que até 1930 era dirigida por José Mariano Filho e “dominada pelo modismo do neocolonial”<sup>585</sup>.

Segundo Bruand, a reforma e as ações de Lucio Costa não foram fruto de uma mudança brusca:

Tímido e modesto por natureza, com uma inteligência e cultura de primeiríssima ordem, não rejeitava nada *a priori*, nem se pronunciava com leviandade; profundamente honesto, estava

---

<sup>585</sup> Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 71.



pronto a reconsiderar suas opiniões, desde que houvesse razão para tal, e a lutar até o fim por seu novo ideal<sup>586</sup>.

Lucio Costa já tinha conhecimento da arquitetura e das ideias de Le Corbusier e havia viajado à Europa recentemente, estabelecendo contato com os “estilos francamente modernos”<sup>587</sup>. Tudo isso, juntamente com o estudo dos escritos do arquiteto, formaram uma nova perspectiva:

A vitalidade de Le Corbusier, seu raciocínio rápido e penetrante baseado sempre num sistema de lógica sedutora, a insistência na preservação da paisagem natural e das construções existentes, provocaram uma decisiva influência em Lucio Costa<sup>588</sup>.

Yves Bruand mostra projetos de Lucio Costa, como a cidade de Monlevade (1934) (Ilustração 182), a Casa de Roberto Marinho (1937), que não aparecem no *Brazil Builds*.

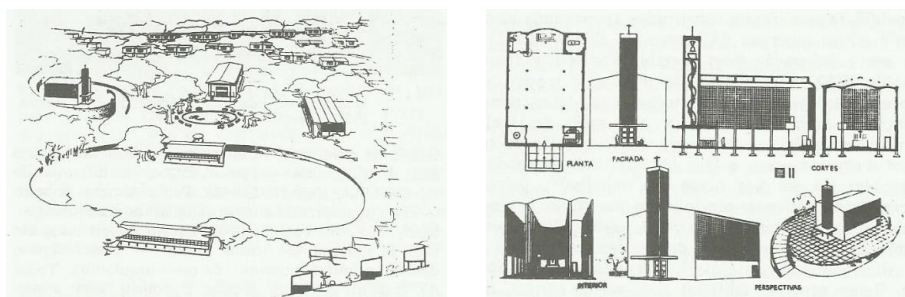


Ilustração 182 - Cidade de Monlevade (projeto de conjunto) e Igreja de Monlevade (Plantas, elevações, cortes). Lucio Costa. 1934

Fonte: Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 75.

Em seguida menciona alguns projetos de concurso de Affonso Eduardo Reidy e a formação de um “grupo ativo”<sup>589</sup> no Rio de Janeiro, mesmo que ainda no campo das ideias. Bruand cita: “Lucio Costa, como líder, Attílio Corrêa Lima, Raphael Galvão, Paulo Antunes Ribeiro – eram desertores da arte neocolonial; os mais jovens - Reidy, Moreira, Vasconcellos, Marcelo Roberto, a quem logo se juntaria seu irmão Milton – eram adeptos, desde o primeiro momento, da nova arquitetura”<sup>590</sup>.

<sup>586</sup> Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 71-2.

<sup>587</sup> *Ibidem*, 71.

<sup>588</sup> *Ibidem*, 72.

<sup>589</sup> *Ibidem*, 76.

<sup>590</sup> *Ibidem*.

Fora dos dois centros, Rio de Janeiro e São Paulo, Bruand mostra que

desenvolveu-se no Recife, de 1934 a 1937, um movimento autônomo, sob vários aspectos até mais avançado. A causa principal dessa situação particular deve-se à personalidade excepcional de Luís Nunes, que de certo modo se teria tornado uma das figuras de proa da arquitetura brasileira, não tivesse falecido tão cedo<sup>591</sup>.

Alguns dos edifícios que são mostrados por Bruand e não foram mostrados em *Brazil Builds*, foram o Hospital da Brigada Militar de 1935-37 (Ilustração 138) e a Escola Rural Alberto Torres (Ilustrações 184 a 186):

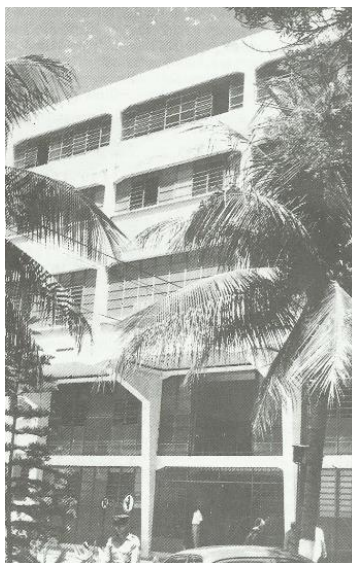


Ilustração 183 – Hospital da Brigada Militar. Luís Nunes. 1935-37. Recife. PE

Fonte: Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 78.

---

<sup>591</sup> Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 77.

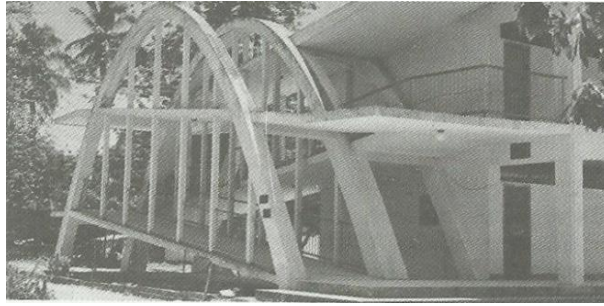


Ilustração 184 - Escola Rural Alberto Torres. Luís Nunes, 1935, Recife, PE  
 Fonte: Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 78.



Ilustração 185 - Escola Rural Alberto Torres  
 Fonte: Fotografia de Ana Vaz Milheiro (2007).



Ilustração 186 - Escola Rural Alberto Torres

Fonte: Fotografia de Ana Vaz Milheiro (2007).

No texto que Yves Bruand chama de *A transformação decisiva (1936-1944)*, elege como ponto inicial a visita de Le Corbusier e a sua tarefa de assessorar a equipe de arquitetos do Ministério da Educação e Saúde. O ano de 1936 é chamado de “marco fundamental na história da arquitetura brasileira”<sup>592</sup>. Da interação de Le Corbusier com os arquitetos brasileiros “resultou o célebre edifício do Ministério da Educação e Saúde, concluído em 1943, marco da transformação decisiva da arquitetura contemporânea no Brasil”<sup>593</sup>.

Bruand, inclusive indica que todas essas mudanças envolveram muitos profissionais e obras:

No entanto, por maior que seja sua importância, não se pode desconsiderar outras realizações desse período: não se tratava de obra isolada, mas da afirmação de um notável movimento, que se desenvolveu desde então em profundidade. É por essa razão que, depois de analisar a importância e o alcance do Ministério da Educação e Saúde, depois de ressaltar o lugar que indubitavelmente lhe cabe, deve-se também destacar a evolução paralela de outras manifestações significativas, cujos autores foram os irmãos Roberto, Atílio Correa Lima e,

---

<sup>592</sup> Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 81.

<sup>593</sup> Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 81.

finalmente, Oscar Niemeyer, que afirmou toda a pujança da sua criatividade no conjunto da Pampulha<sup>594</sup>.

Segundo Bruand, esse esforço conjunto foi reunido, celebrado e mostrado através de *Brazil Builds*:

O sucesso internacional da nova arquitetura brasileira deveu-se a essas concepções expressivas, marcadas por um cunho todo particular, e divulgadas em 1943 pela exposição das fotografias de R. Kidder-Smith no Museu de Arte Moderna de New York e pelo livro que se seguiu<sup>595</sup>.

O autor apresenta o Ministério da Educação e Saúde (Ilustrações 187 a 188) e o seu desenvolvimento de modo pormenorizado, evidenciando a contribuição de Le Corbusier nessa estadia e o profundo impacto da originalidade do projeto a nível nacional e internacional.

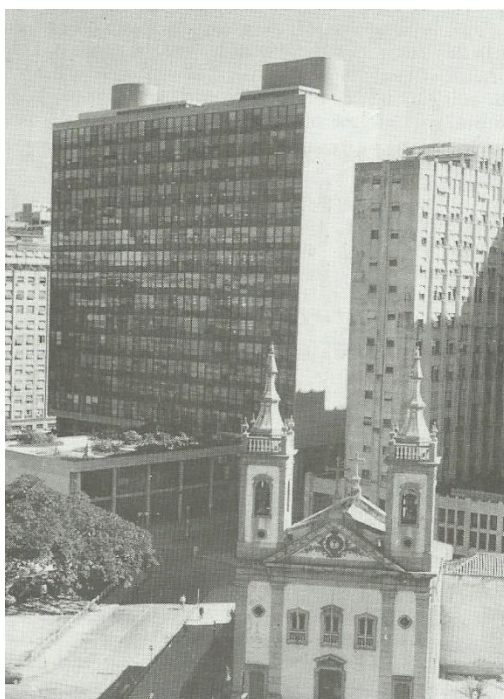


Ilustração 187 - Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro, 1936-43

Fonte: Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 87.

---

<sup>594</sup> *Ibidem*.

<sup>595</sup> *Ibidem*.



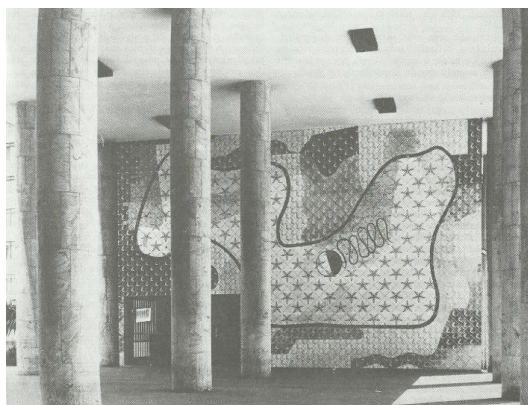


Ilustração 188 - Os pilotis e os azulejos de Portinari. Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro, 1936-43

Fonte: Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 92.

Outros arquitetos, do mesmo período, são os irmãos Marcelo e Milton Roberto, que ganharam o concurso para a sede da Associação Brasileira de Imprensa (A.B.I.)<sup>596</sup> (Ilustração 189). Bruand afirma que

sob o ponto de vista estritamente cronológico cabe a eles o mérito de terem concebido e executado a primeira grande obra de arquitetura nova no Brasil. Com efeito, seu projeto é alguns meses anterior à conclusão do projeto do Ministério da Educação e Saúde e sua construção data de 1938, muito anterior à do Ministério concluído em 1942-1943<sup>597</sup>.

---

<sup>596</sup> Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 93.

<sup>597</sup> Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 93-4.

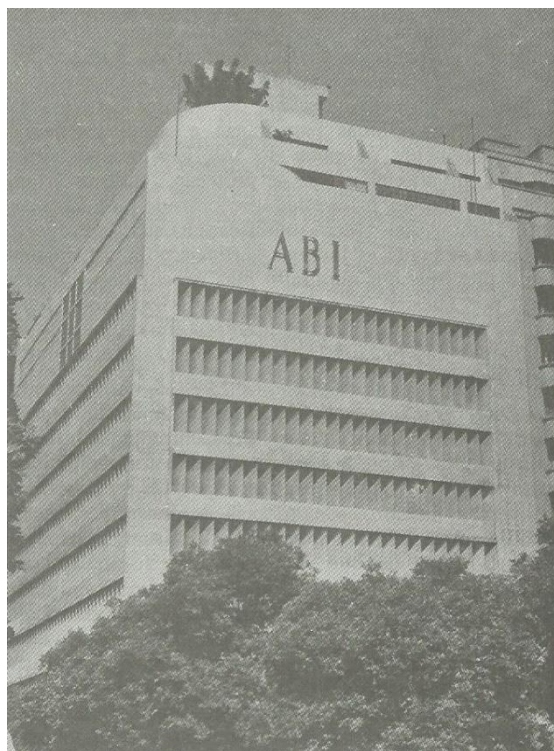


Ilustração 189 - Prédio A.B.I., Marcelo e Milton Roberto, Rio de Janeiro, 1936-1938

Fonte: Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 96.

O Aeroporto Santos Dumont, também de autoria dos irmãos Roberto, é citado em *Brazil Builds*. O concurso foi realizado em 1937 e as obras foram iniciadas em 1938, mas estiveram um grande período paralisadas (foi neste estado que Goodwin as encontrou na viagem ao Brasil, provavelmente decidindo que não estavam em condições apresentáveis para o livro), sendo retomadas somente em 1944.

Bruand afirma que o nome de Atílio Corrêa Lima ficou um pouco “relegado ao 2º plano<sup>598</sup>”, uma vez que morreu em um acidente de avião em 1943<sup>599</sup> e teve poucos projetos construídos. A Estação de Hidraviões (Ilustrações 190 e 191) foi construída como uma estação de apoio, enquanto o aeroporto terrestre não ficasse pronto, mas resultou num belo exemplo de simplicidade e pureza. Com um enquadramento especial

---

<sup>598</sup> Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 77.

<sup>599</sup> Patrick A Zechin. “Atílio Corrêa Lima e o planejamento de Goiânia - Um marco moderno na conquista do sertão brasileiro”. *Urbana - Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos da Cidade*, v. 4, (Campinas, 2012), 52-65.

do fotógrafo Kidder Smith a Estação de Hidraviões foi a escolhida para constar na capa de *Brazil Builds*.

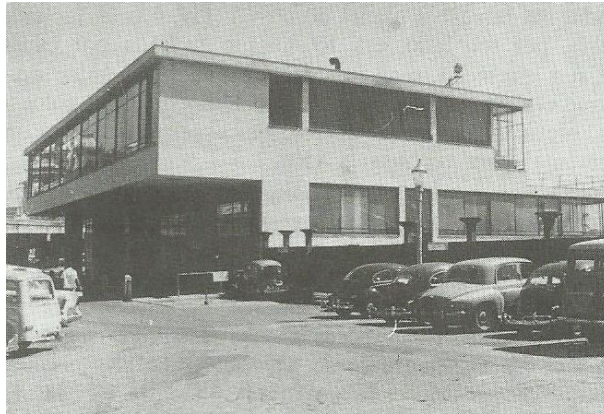


Ilustração 190 - Frente Norte da Estação de Hidraviões. Attilio Corrêa Lima, Rio de Janeiro, 1937-38

Fonte: Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 103.



Ilustração 191 - Frente Leste e Sul da Estação de Hidraviões. Attilio Corrêa Lima. Rio de Janeiro, 1937-38

Fonte: Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 103.

Bruand sustenta que a influência de Le Corbusier se refletiu nos arquitetos que conviveram com ele. E chama a atenção para um dos profissionais, no texto que chama de “A revelação de Oscar Niemeyer”<sup>600</sup>. Segundo Bruand:

A ascensão de Niemeyer foi fulgurante. Apaixonado por sua profissão, não vacilou em enfrentar sacrifícios financeiros para poder trabalhar ao lado de Lúcio [sic] Costa. A seguir mostrou determinação ao praticamente impor sua incorporação à equipe do Ministério e desenvolveu grande atividade, participando de vários projetos publicados com regularidade na revista P.D.F,

---

<sup>600</sup> Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 104.



órgão da prefeitura carioca dedicado à divulgação da nova arquitetura. A primeira oportunidade de afirmação foi a Creche Obra do Berço, construída em 1937, onde empregou o *brise-soleil* de lâminas verticais móveis, aperfeiçoando o sistema fixo, adotado pelos irmãos Roberto na A.B.I. Além disso, a obra distinguia-se por um jogo hábil de volumes simples, uma surpreendentemente pureza nas proporções de todos os elementos e uma certa leveza – que já prenunciavam as qualidades pelas quais Niemeyer iria impor sua profunda originalidade. Porém, a força de sua imaginação plástica só iria aparecer com o Pavilhão do Brasil na Exposição Internacional de New York, em 1939<sup>601</sup>.

Em seguida são mostradas plantas e uma fotografia do Pavilhão do Brasil na Exposição de Nova Iorque de 1939 (Ilustração 192).

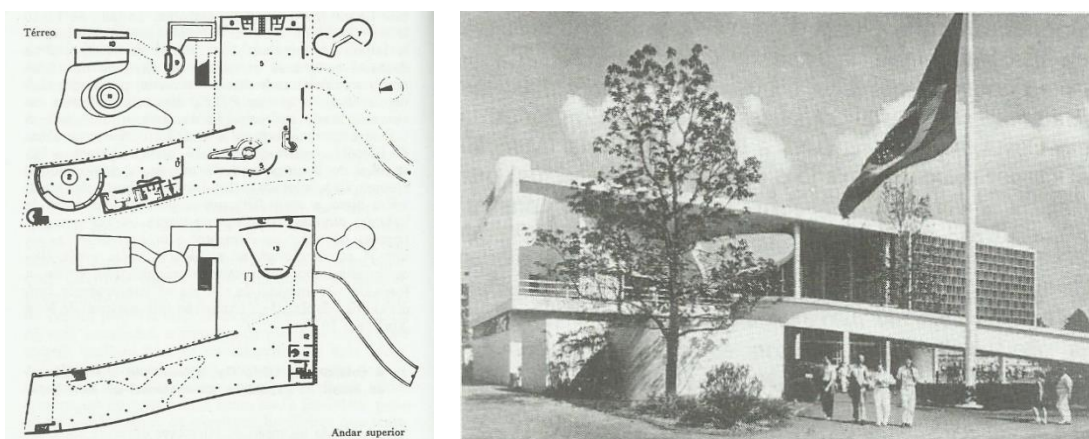


Ilustração 192 - Plantas e fotografia do Pavilhão do Brasil na Exposição Internacional de Nova Iorque, 1939

Fonte: Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 106.

Niemeyer também ficou encarregado do importante edifício, o Grande Hotel, construído na cidade histórica de Ouro Preto, em 1940 (Ilustração 193).

---

<sup>601</sup> *Ibidem*, 105.



Ilustração 193 - Grande Hotel. Oscar Niemeyer. Ouro Preto. 1940. (MG)

Fonte: Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 106.

Yves Bruand também escreve sobre a grande tarefa de construir o Conjunto da Pampulha, cujos edifícios projetados se distribuem ao longo de uma lagoa artificial. A ideia era desenvolver a área e atrair moradores e visitantes. A liberdade de projeto que Oscar Niemeyer encontrou o incitou a uma série de pesquisas, segundo Bruand, onde “todas as soluções propriamente arquitetônicas decorriam de variações de natureza estrutural”<sup>602</sup>. Bruand mostra plantas e fotos do Cassino (Ilustrações 194 e 195), da Casa de Bailes (Ilustrações 196 e 197), e menciona o Iate Clube, mostrando-as conjuntamente com a Casa Kubitschek e a Igreja de São Francisco de Assis, duas obras que não foram apresentadas em *Brazil Builds*.

---

<sup>602</sup> Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 110.

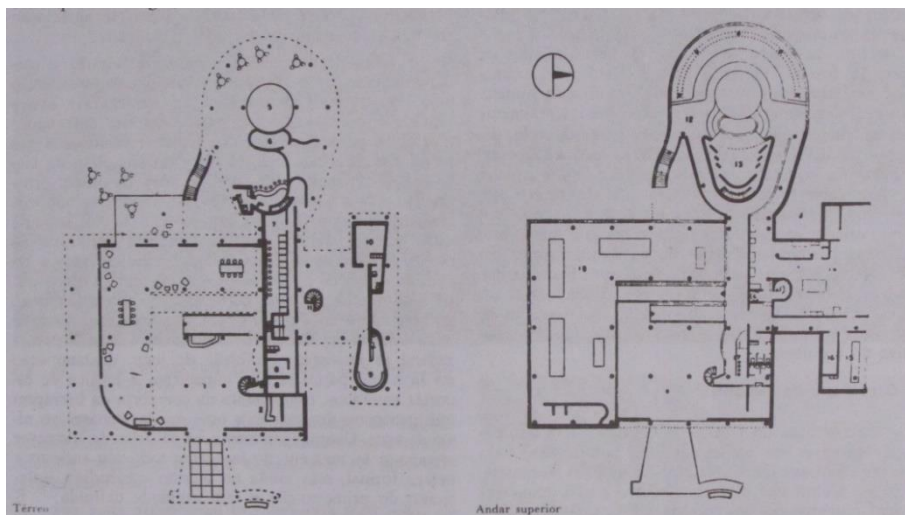


Ilustração 194 - Plantas Baixas do Cassino da Pampulha

Fonte: Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 110.



Ilustração 195 - Cassino da Pampulha

Fonte: Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 111.

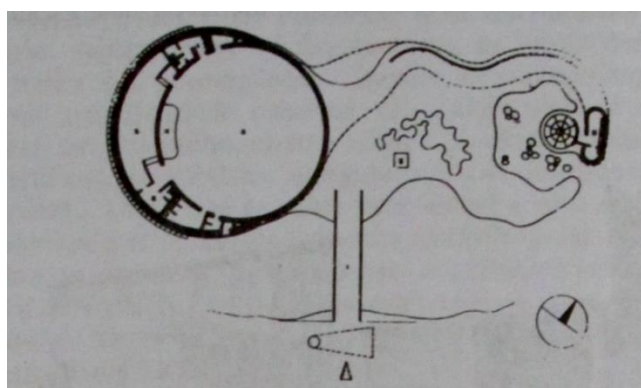


Ilustração 196 - Planta Baixa da Casa de Bailes da Pampulha

Fonte: Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 112.

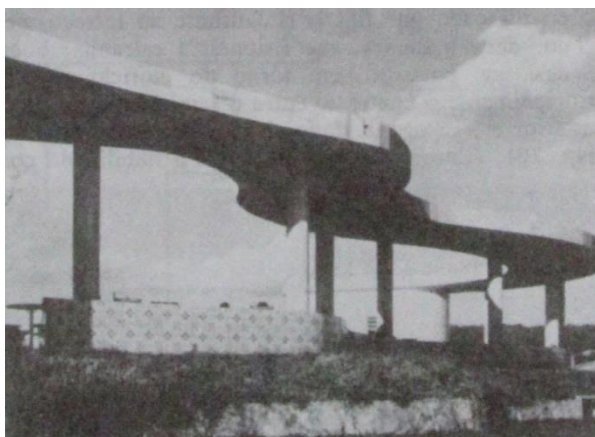


Ilustração 197 - Casa de Bailes da Pampulha

Fonte: Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 112.

De acordo com Yves Bruand, a partir da construção do Ministério da Educação e Saúde até as obras da Pampulha pode-se notar um percurso e um “evidente parentesco do ponto de vista estético. O mesmo autor afirma que a arquitetura brasileira desse período caracteriza-se por sua leveza, audácia e graça, aliadas a uma grande força de expressão”<sup>603</sup>. Exalta que esta arquitetura “caracteriza-se ainda pela riqueza, tanto formal, quanto material e por um efeito de síntese das artes”<sup>604</sup>, onde “escultura, pintura mural e azulejos são o complemento quase obrigatório e, em geral, de grande efeito. Mas a arquitetura conserva a liderança”<sup>605</sup>, sendo o arquiteto quem organiza os elementos nos lugares adequados.

Reconhecendo um percurso de “obras isoladas, muito importantes por sua repercussão e pelo caminho que abriram”<sup>606</sup>, o arquiteto indica que “existe, portanto, uma unidade nessa arquitetura brasileira que se desenvolveu de uma só vez, pouco antes e durante a Segunda Guerra Mundial, chegando à maturidade no final desta”<sup>607</sup>.

Sobre os anos seguintes afirma que:

Daí por diante, a partir do momento em que praticamente da noite para o dia surge uma clientela privada, convertida à nova

---

<sup>603</sup> Yves Bruand. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2012), 115.

<sup>604</sup> *Ibidem*.

<sup>605</sup> *Ibidem*.

<sup>606</sup> *Ibidem*.

<sup>607</sup> *Ibidem*.

arquitetura, uma produção em massa apoderou-se do mercado. É verdade que tudo o que foi construído na época está longe de ter um valor uniforme e os fracassos são pelo menos tão numerosos quanto os sucessos. Talvez, depois de 1944, não tenham surgido obras de primeiríssimo plano como as anteriores, mas a qualidade média aumentou e ocorreu uma diversificação nítida. Por essa razão e porque a atmosfera não era mais a mesma, a primeira página da história da nova arquitetura do Brasil tinha sido virada<sup>608</sup>.

Embora Bruand estabeleça esse período até 1945, o que retrata neste capítulo se encerra com as obras da Pampulha. Este capítulo, entretanto, aborda o conjunto completo incluindo a paradigmática Igreja de São Francisco de Assis, que não chegou a ser retratada no *Brazil Builds*. Assim, o livro-catálogo mostra essa evolução da arquitetura moderna desde o início e praticamente coincide com o fim da etapa delimitada por Bruand. Por esse ponto de vista, pode-se inferir que *Brazil Builds* tenha tido grande relevância na difusão da arquitetura e tenha contribuído para o surgimento da “clientela privada” e a consequente “produção em massa”, que Bruand aponta.

#### **4.3. Arquitetura Moderna Brasileira – Sylvia Ficher e Marlene Milan Acayaba-1982<sup>609</sup>**

Em 1982, Sylvia Ficher e Marlene Milan Acayaba (Ilustração 198), voltam o olhar para o passado e para a arquitetura que foi gerada a partir das origens da Arquitetura Moderna.

---

<sup>608</sup> *Ibidem*.

<sup>609</sup> Sylvia Ficher e Marlene Acayaba. *Arquitetura Moderna Brasileira*. (São Paulo: Projeto, 1982).

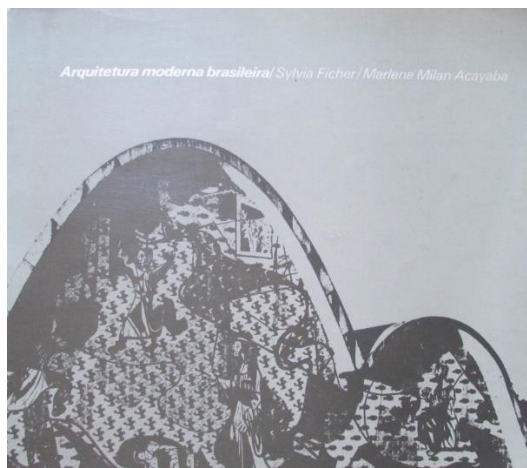


Ilustração 198 - Capa de Arquitetura Moderna Brasileira

Fonte: Sylvia Ficher e Marlene Acayaba. *Arquitetura Moderna Brasileira*. (São Paulo: Projeto, 1982).

Segundo o prefácio do livro, escrito por Miguel Alves Pereira:

A história que esse livro conta assume os últimos cinquenta anos da arquitetura como sendo o acervo de um conjunto de objetos arquitetônicos e de idéias [sic], cuja interação sugere uma leitura a partir do lugar, da região do país, onde essas obras foram produzidas [...]. O livro conta a história em dois momentos. O primeiro vai dos contatos iniciais dos arquitetos brasileiros com a produção européia de vanguarda até a inauguração de Brasília. O segundo compreende a produção das duas últimas décadas<sup>610</sup>.

*Brazil Builds* já é mencionado nas primeiras páginas junto com os principais momentos da nova arquitetura. As autoras comentam as origens da arquitetura moderna no texto inicial, referindo-se à Casa de Warchavchik da Rua Santa Cruz como “primeira obra moderna a ser construída em São Paulo”<sup>611</sup>. No entanto acrescentam: “Porém, a divulgação ampla do ideário moderno só vai ocorrer na década seguinte devido, principalmente, ao papel da liderança exercida pelo jovem Lucio Costa”<sup>612</sup>.

Citam como obras relevantes o Aeroporto Santos Dumont, de Marcelo e Milton Roberto, e o Plano para a cidade de Goiânia, de Attilio Corrêa Lima que infelizmente eram apenas referenciados em *Brazil Builds* sem maiores informações (Ilustração 199). Apresentam,

---

<sup>610</sup> Miguel Alves Pereira. “Prefácio”. In: Sylvia Ficher e Marlene Acayaba. *Arquitetura Moderna Brasileira*. (São Paulo: Projeto, 1982), 5.

<sup>611</sup> Sylvia Ficher e Marlene Acayaba. *Arquitetura Moderna Brasileira*. (São Paulo: Projeto, 1982), 9.

<sup>612</sup> *Ibidem*, 9.



ainda, a Associação Brasileira de Imprensa, dos Irmãos Roberto, como um de seus trabalhos mais marcantes (Ilustração 200).

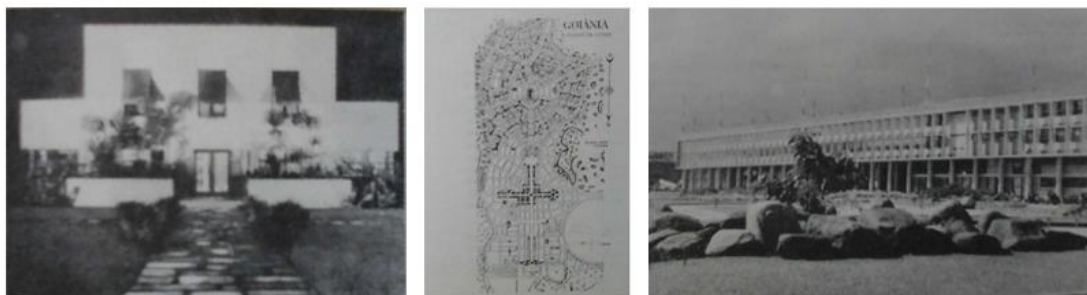


Ilustração 199 - Casa Warchavchik à Rua Santa Cruz, Plano Urbanístico para Goiânia e Aeroporto Santos Dumont

Fonte: Sylvia Ficher e Marlene Acayaba. *Arquitetura Moderna Brasileira*. (São Paulo: Projeto, 1982), 9.



Ilustração 200 - Associação Brasileira de Imprensa, RJ

Fonte: Sylvia Ficher e Marlene Acayaba. *Arquitetura Moderna Brasileira*. (São Paulo: Projeto, 1982), 23.

A seguir o discurso é direcionado para o Ministério da Educação e Cultura<sup>613</sup> que é contemplado com várias fotografias, plantas e desenhos perspectivos do processo de projeto. Na página 14 as autoras escrevem que:

---

<sup>613</sup> O Ministério teve seu nome modificado ao longo do tempo. Em 1937 passou a se chamar Ministério da Educação e Saúde, em 1953 Ministério da Educação e Cultura. Em 1985 passou a se chamar apenas Ministério da Educação.

O Ministério inaugurou um período de realizações importantes que obtiveram reconhecimento internacional por ocasião de uma exposição no Museum of Modern Art de New York em 1943 e a publicação do livro *Brazil Builds*<sup>614</sup>.

Contudo, não comentam mais nada sobre o livro. Em seguida mostram o Hotel de Ouro Preto com os desenhos de Niemeyer, a mesma fotografia apresentada por Mindlin anteriormente, enfatizando o crescimento das suas realizações para encomendas governamentais (Ilustração 201).

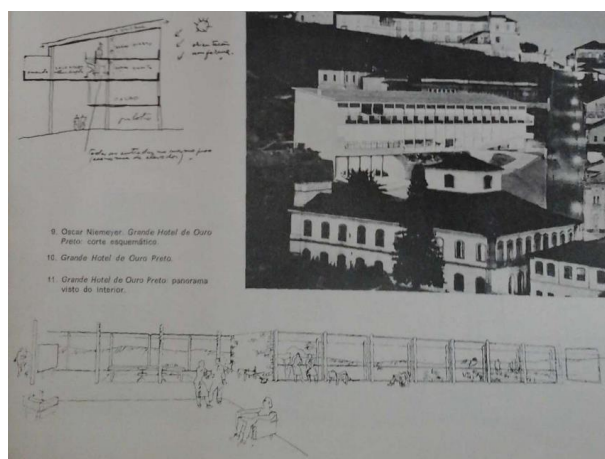


Ilustração 201 - Hotel de Ouro Preto

Fonte: Sylvia Ficher e Marlene Acayaba. *Arquitetura Moderna Brasileira*. (São Paulo: Projeto, 1982), 14.

Em seguida é apresentado o Parque da Pampulha já com a Casa de Baile, o Cassino, O Iate Clube e a Capela (que não faz parte de *Brazil Builds*). Uma fotografia mostra o exterior da Casa de Baile (Ilustração 202). Ainda há um desenho envolvendo o Cassino e o Iate Clube.

---

<sup>614</sup> Sylvia Ficher e Marlene Acayaba. *Arquitetura Moderna Brasileira*. (São Paulo: Projeto, 1982), 14.





Ilustração 202 - Casa de Baile da Pampulha

Fonte: Sylvia Ficher e Marlene Acayaba. *Arquitetura Moderna Brasileira*. (São Paulo: Projeto, 1982), 15.

Falam dos brises que se repetiram no Rio de Janeiro com uma “linguagem arquitetônica mais livre”<sup>615</sup> em outras edificações (Ilustração 203).

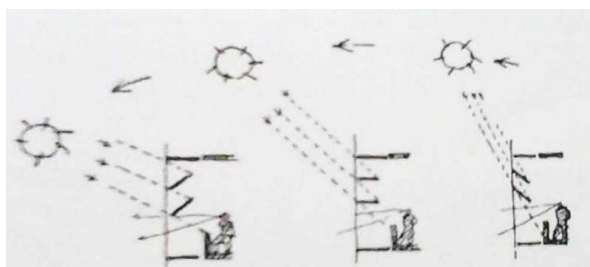


Ilustração 203 - Esboços dos brises do Edifício do Ministério da Educação feitos por Lucio Costa

Fonte: Sylvia Ficher e Marlene Acayaba. *Arquitetura Moderna Brasileira*. (São Paulo: Projeto, 1982), 23.

No capítulo *A difusão da Arquitetura Moderna Brasileira*, as autoras fazem menção aos arquitetos formados na Escola de Belas Artes no Rio de Janeiro que se estabeleceram em entre outras cidades, como Recife e Salvador.

O livro também mostra a conhecida fotografia de Kidder Smith que estampou o *Brazil Builds*, a Caixa d'água de Olinda de Luis Nunes em contraponto com uma edificação religiosa (Ilustração 204).

---

<sup>615</sup> Sylvia Ficher e Marlene Acayaba. *Arquitetura Moderna Brasileira*. (São Paulo: Projeto, 1982), 23.



Ilustração 204 - Caixa d'água de Luis Nunes, Olinda, PE

Fonte: Sylvia Ficher e Marlene Acayaba. *Arquitetura Moderna Brasileira*. (São Paulo: Projeto, 1982), 23.

Outro edifício a figurar em *Brazil Builds* e *Arquitetura moderna brasileira* é o da Faculdade Sedes Sapientiae de Rino Levi, entretanto, as autoras apenas mostram uma foto do pátio configurado pela edificação.

Sobre o período posterior à publicação de *Brazil Builds* são mostrados projetos de algumas personagens nele mencionadas, como por exemplo, Oscar Niemeyer, Lucio Costa, Affonso Eduardo Reidy e Roberto Burle Marx.

#### 4.4. Arquiteturas no Brasil 1900-1990 – Hugo Segawa – 1998<sup>616</sup>

O livro de Hugo Segawa (Ilustração 205) possui uma leitura mais intrincada dos fatos. O autor começa seu livro com um panorama da urbanização no Brasil que vai de 1862 até 1945. Tece uma trama entre anticolonialismos e neocolonialismos que tentam alcançar a modernidade até 1926. Fala de ufanismo, mostra projetos avançados de Dubugras e ao mesmo tempo projetos neocoloniais.

---

<sup>616</sup> A edição tomada para análise foi: Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010).

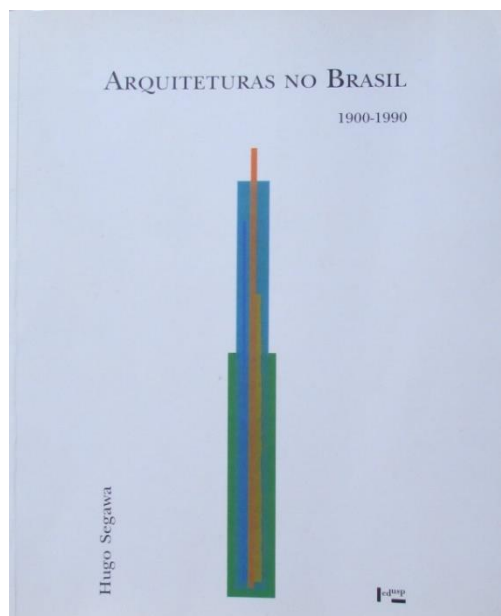


Ilustração 205 – Capa de Arquiteturas no Brasil

Fonte: Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010).

A parte da arquitetura moderna é dividida em *Modernismo Programático 1917-1932*, *Modernidade Pragmática 1922-1943*, e *Modernidade Corrente 1929-1945*<sup>617</sup>. Entre as obras que Segawa divulga em *Modernismo Programático 1917-1932*, a primeira é a Casa na rua Santa Cruz de Gregori Warchavchik (Ilustração 206).

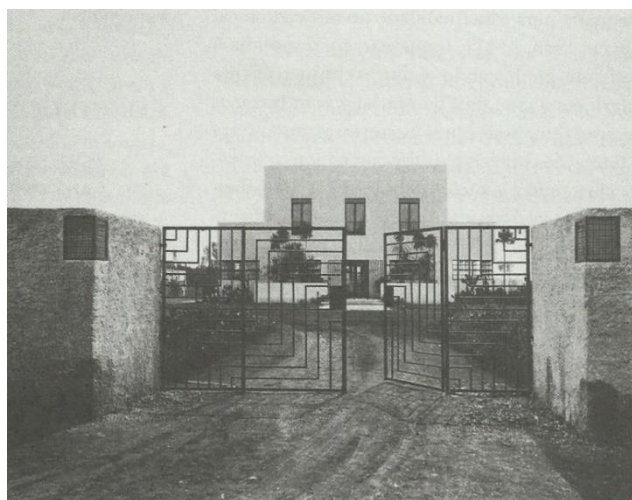


Ilustração 206 - Casa da Rua Santa Cruz, Gregori Warchavchik, 1928, São Paulo

Fonte: Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 45.

<sup>617</sup>Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010).

Segundo Segawa, “a sua primeira obra, a obra da residência na rua Santa Cruz, não pode ser considerada um trabalho fiel ao ideário moderno europeu, tampouco ao seu discurso revolucionário”<sup>618</sup>. Já as seguintes

experiências de casas populares de Warchavchik foram convencionais, tanto construtivamente, quanto em termos de planta (dir-se-ia rotineiras ao padrão local). As casas de melhor padrão, como as da rua Itápolis, a de Luiz da Silva (Rua Bahia) e a de Antonio da Silva Prado (rua Estados Unidos) – empregavam discretamente o concreto armado na estrutura e contando com terrenos maiores ou diferenciados (íngreme, na rua Bahia), tiveram plantas mais elaboradas<sup>619</sup>.

O livro apresenta uma fotografia da Casa na rua Bahia (Ilustração 207) que o autor informa ser da época da construção, do acervo do próprio arquiteto. Ainda assim e que se perceba que ainda não havia sinais de vegetação frondosa, é impossível não comparar com a discrepância com que a mesma obra é mostrada em *Brazil Builds* (Ilustração 208).

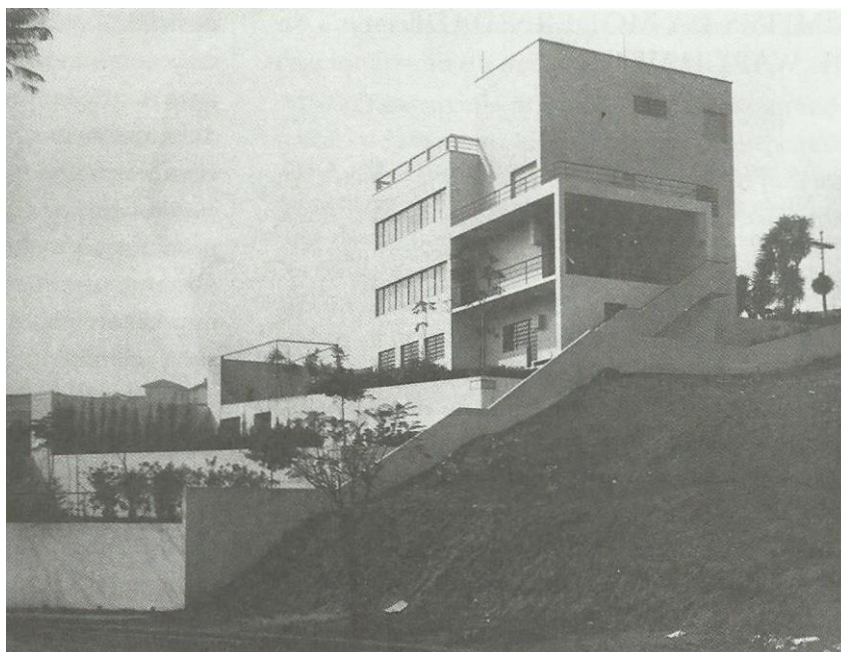


Ilustração 207 - Casa da Rua Bahia, Gregori Warchavchik, São Paulo, 1930

Fonte: Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 47.

---

<sup>618</sup> Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 46.

<sup>619</sup> *Ibidem*, 47.



Ilustração 208 - Essa construção de Gregori Warchavchik é geralmente citada como a primeira casa moderna construída em São Paulo

Fonte: Philip Goodwin. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. (New York: Museum of Modern Art, MoMA, 1943), 179.

Em *Modernidade Pragmática 1922-1943* Segawa afirma que “Warchavchik pode ter sido um pioneiro, mas outras formas de modernidade também se manifestaram”<sup>620</sup>. Ainda nesse capítulo, fala sobre:

arquiteturas que também foram chamadas de ‘modernas’, ‘cúbicas’, ‘futuristas’, ‘comunistas’, ‘judias’, ‘estilo 1925’, ‘estilo caixa d’água’ e assim por diante. Hoje podem ser identificadas ainda como Déco e também como fascista<sup>621</sup>.

As obras com estas características, de alguns arquitetos como Rino Levi, Roberto Simonsen, Alexander Buddeus e Christiano Stockler das Neves, além de Gregori Warchavchik, não estão presentes em *Brazil Builds*.

Já em *Modernidade Corrente 1929-1945* volta a falar de Le Corbusier (já citado no primeiro capítulo) e da Reforma na Escola Nacional de Belas Artes. O primeiro projeto mostrado é o Museu das Missões<sup>622</sup> (Ilustração 209), de Lucio Costa, consolidando o trabalho do SPHAN no sentido de integrar patrimônio moderno e antigo. Segundo o autor:

O arquiteto encontrou uma brilhante solução para inserir uma construção nova nas imediações das ruínas da missão jesuítica do século 18. O museu – construído em parte com elementos

<sup>620</sup> Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 54.

<sup>621</sup> *Ibidem*.

<sup>622</sup> O museu se situa no município de São Miguel das Missões e não em Santo Ângelo, como escreve o autor.

arquitetônicos remanescentes encontrados na região – e a casa do zelador integram-se inteligentemente ao conjunto monumental<sup>623</sup>.

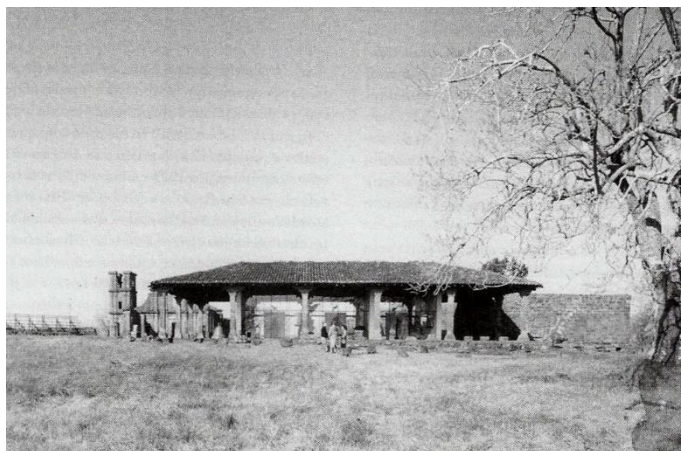


Ilustração 210 - Museu de São Miguel das Missões – Lucio Costa 1937

Fonte: Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 85.

Já no Nordeste, um egresso da ENBA chamava a atenção. Segawa mostra o trabalho de Luís Nunes como um fruto da reforma, que levou a arquitetura moderna para Pernambuco. Das suas obras, no Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Segawa destaca o Pavilhão de Pernambuco na Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha em Porto Alegre (RS, 1935); o leprosário de Mirueira (PE, 1936) com a fachada de cobogós e mostra o esquema estrutural do Reservatório de água de Olinda, PE (que aparece em *Brazil Builds*) (Ilustração 21110).

---

<sup>623</sup> Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 80.



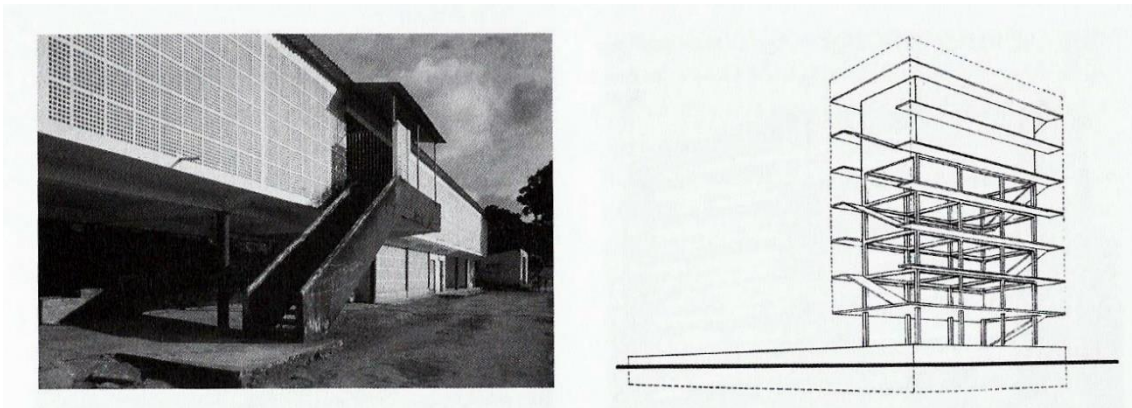


Ilustração 212 – Leprosário de Mirueira, 1936, PE e esquema estrutural do Reservatório de água de Olinda (PE). Luis Nunes /Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Fonte: Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 85.

Em seguida são citados mais ex-estudantes da ENBA, como Álvaro Vital Brazil e os irmãos Roberto. Vital Brazil teve a oportunidade de projetar com Adhemar Marinho o Edifício Esther (Ilustração 211) depois de ganharem um concurso de anteprojetos. Segawa afirma que “embora fosse um edifício de alto padrão, Vital Brazil conduziu o projeto no sentido de encontrar as soluções mais econômicas sem abrir mão dos ‘cinco pontos de arquitetura nova’ preconizado por Le Corbusier”<sup>624</sup>.

---

<sup>624</sup> Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 86.

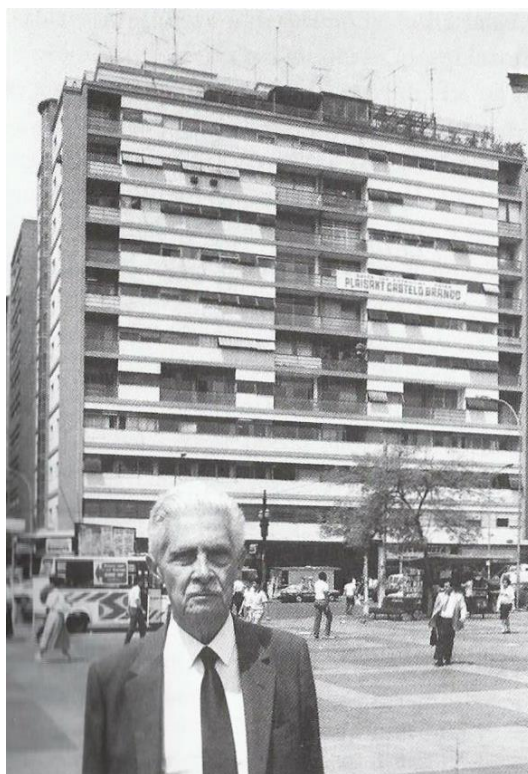


Ilustração 213 - Álvaro Vital Brazil em frente ao Edifício Esther

Fonte: Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 86.

Os irmãos Marcelo e Milton Roberto ganharam vários concursos no Rio de Janeiro, como por exemplo o Edifício da Sede da Associação Brasileira de Imprensa (A.B.I.) (Ilustração 214), e também estavam trabalhando no projeto do aeroporto Santos Dumont que haviam vencido em 1937, mas que ainda estava em obras na época de *Brazil Builds* e não foi fotografado.



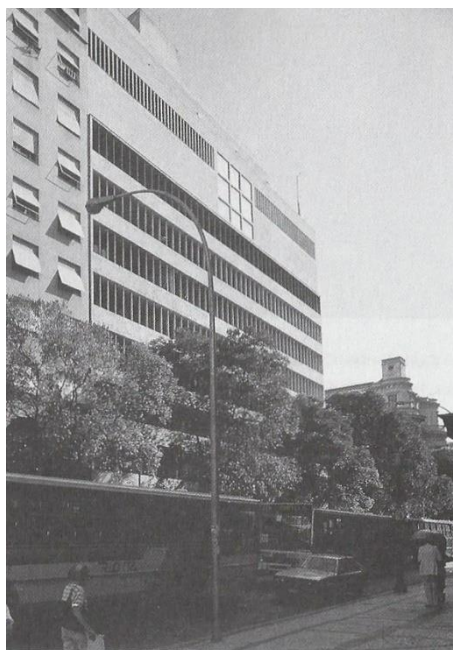


Ilustração 215 - Associação Brasileira de Imprensa, Marcelo e Milton Roberto, Rio de Janeiro, 1936

Fonte: Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 86.

O livro mostra a proposta para o Aeroporto Santos Dumont, algumas propostas não selecionadas para o concurso da sede do Ministério da Educação e Saúde do Rio de Janeiro em 1935 (Ilustrações 213 e 214). Sobre o Ministério, Segawa explica que:

A sede do Ministério da Educação e Saúde Pública é considerada o ponto inicial de uma arquitetura de feitiço brasileiro. A avaliação é controversa, mas os desdobramentos posteriores caminharam no sentido de confirmar a afirmação, sobretudo no plano internacional. A construção do edifício (iniciada em 1937) arrastou-se ao longo dos anos com dificuldades, sobretudo com o advento da Guerra em 1939. Por volta de 1942, o edifício estava virtualmente completo em seus exteriores e assim foi fotografado pelos norte-americanos para a exposição *Brazil Builds*<sup>625</sup>.

---

<sup>625</sup> Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 92.

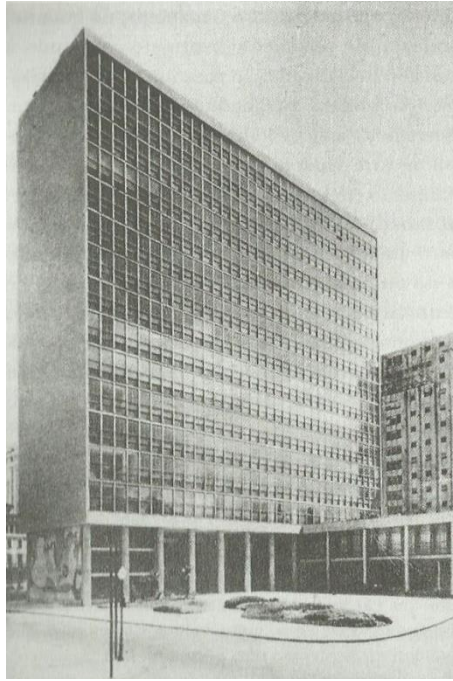


Ilustração 216 - Ministério da Educação e Saúde, em postal dos anos 40

Fonte: Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 92.



Ilustração 217 - Lucio Costa e o Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro, 1987

Fonte: Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 85.

Entre o projeto e a construção do Ministério da Educação, foi construído o Pavilhão brasileiro na Feira Mundial de Nova Iorque, em 1939 (Ilustração 215) .

O pavilhão brasileiro da Feira Mundial de Nova York foi considerado um dos pontos altos de toda a exposição, tanto na sua arquitetura quanto em seus interiores projetados pelo norte-americano Paul Lester Wiener (1895-1967)<sup>626</sup>.

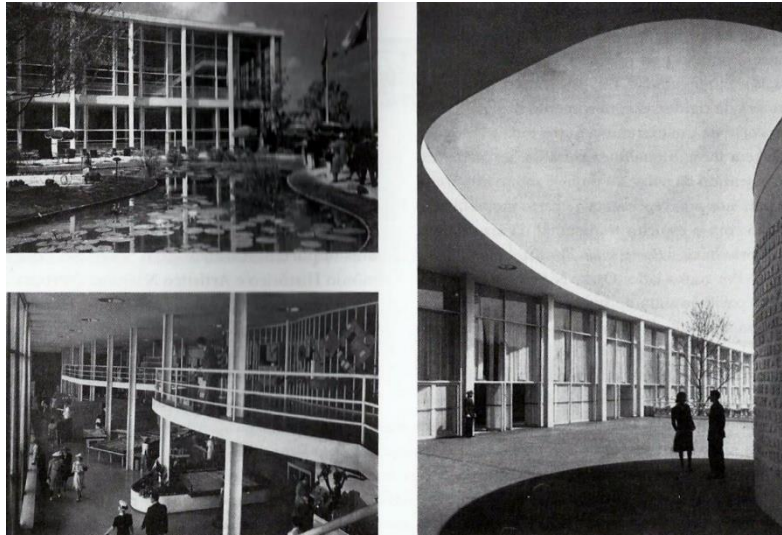


Ilustração 218 - Imagens Externas e Internas do Pavilhão Brasileiro na Feira de Nova Iorque de 1939

Fonte: Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 94-5.

A partir disso, Niemeyer teve sua capacidade reconhecida e foi convidado a projetar o Grande Hotel de Ouro Preto. Segawa mostra os desenhos para o *hall* do hotel e um recorte da fachada (Ilustração 216).

---

<sup>626</sup> *Ibidem*, 95.

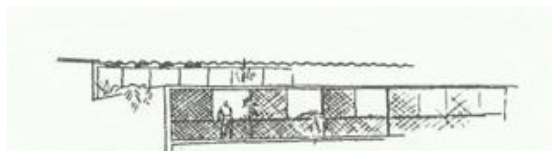
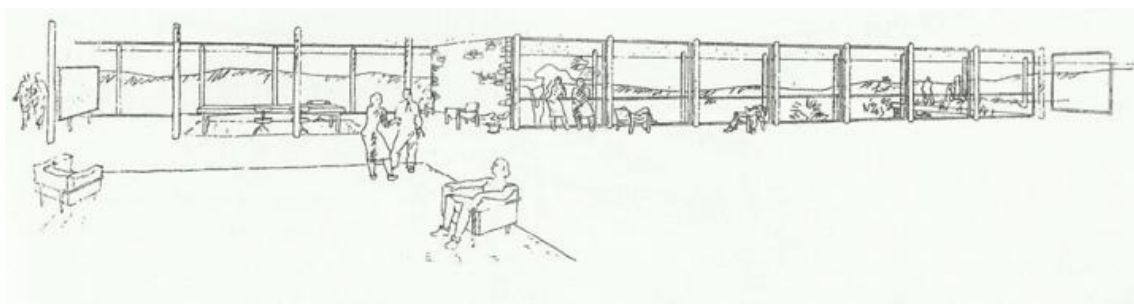


Ilustração 219 - Croquis de Oscar Niemeyer para o Grande Hotel de Ouro Preto (MG)  
 Fonte: Hugo Segawa. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. (São Paulo: Edusp, 2010), 97.

#### 4.5. Presença de *Brazil Builds*

Após a apresentação dos quatro livros selecionados, apresenta-se uma tabela (Ilustração 217) com as obras que permaneceram referenciadas, juntamente com seus arquitetos e demais informações para comparação.

Arquitetos/Livros	BRAZIL BUILDS	Arquitetura Moderna no Brasil - Henrique E. Mindlin – 1956	Arquitetura Contemporânea no Brasil – Yves Bruand - 1981	Arquitetura Moderna Brasileira – Sylvia Ficher e Marlene Milan Acayaba - 1982	Arquiteturas no Brasil 1900-1990 – Hugo Segawa – 1998
Gregori Warchavchik	Uma casa simples em São Paulo	Casa Rua Itápolis (1928) (SP)	1ª casa moderna em São Paulo (1927-28)	Casa à Rua Santa Cruz, SP	Casa da Rua Santa Cruz, São Paulo, (1928)
	Casa de apartamentos (1940)	Casa na rua Thomé de Souza (1929) (SP)	Casa “Modernista” à Rua Itápolis. SP (1929-1930).		Casa da Rua Bahia, São Paulo, (1930)
	Pormenor da Casa Bahia	Edifício Residencial (1939)			

Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Affonso Eduardo Reidy, Carlos Leão, Jorge Moreira e Ernani Vasconcelos.	Ministério da Educação e Saúde Pública (1937 -	Ministério da Educação e Saúde (1937-43)	Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro, 1936-43.	Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro	Ministério da Educação e Saúde Pública
Luis Nunes e Fernando Saturnino de Brito	Torre d'agua em Olinda (PE)	Castelo d'água em Olinda (PE) 1937		Caixa d'Água em Olinda	Esquema estrutural da Caixa D'Água de Olinda
Álvaro Vital Brazil e Adhemar Marinho	Edifício Esther (1937)  Instituto Vital Brazil (1942) (Com Ademar Marinho)	Edifício Esther (1938)  Instituto Vital Brazil (1942) (sem Ademar Marinho)			Edifício Esther
Oscar Niemeyer	Hotel em Ouro Preto (MG) 1942  Obra do Berço (RJ)  Ilha-Restaurante (Pampulha, MG) (1942)  Cassino (1942)  late Clube (1942)	Grande Hotel, Ouro Preto (1940)  Obra do Berço (RJ) (1937)  Salão de Dança da Casa do Baile (Pampulha) MG (1942)  Cassino (1942)  late Clube (1942)	Grande Hotel. Ouro Preto (MG) 1940  Cassino da Pampulha (1942)  Casa de Bailes da Pampulha (1942)	Hotel de Ouro Preto (MG)  Casa de Baile (Pampulha)  Cassino (Pampulha)  late Clube (Pampulha)	Desenhos do Grande Hotel de Ouro Preto (MG)  desenho da Capela (Pampulha)
Lucio Costa e Oscar Niemeyer	Pavilhão Brasileiro da Feira de Nova Iorque, de 1939	Pavilhão Brasileiro da Feira de Nova Iorque, de 1939	Pavilhão do Brasil na Exposição Internacional de Nova Iorque, 1939.		Pavilhão do Brasil na Exposição Internacional de Nova Iorque, 1939.
Marcelo e Milton Roberto	Edifício da Associação Brasileira de Imprensa - A.B.I.	Edifício da Associação Brasileira de Imprensa - A.B.I., de 1938	Prédio A.B.I. Rio de Janeiro. (1936-1938).	A.B.I. Rio de Janeiro	A.B.I. Rio de Janeiro

---

Attilio Corrêa Lima	Estação para Hidro-aviões (RJ) (1940)	Estação de Hidros (RJ) (1938)	Estação de Hidraviões. (Rio de Janeiro) 1937- 38.	Plano de Goiânia	Estação de Hidraviões. (Rio de Janeiro)
---------------------	---	-------------------------------------	--	---------------------	--

---

Ilustração 220 – Tabela comparativa entre publicações

As obras que aparecem em imagens nos quatro livros são o Ministério da Educação e Saúde – do grupo de arquitetos Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Affonso Eduardo Reidy, Carlos Leão, Jorge Moreira e Ernani Vasconcelos e consultoria de Le Corbusier, e o Edifício da Associação Brasileira de Imprensa - A.B.I, de Marcelo e Milton Roberto, e Grande Hotel de Ouro Preto de Oscar Niemeyer. Também há menção dos projetos da Pampulha em todos os livros, contudo Hugo Segawa mostra imagem apenas de um desenho da Capela, que não constava em *Brazil Builds*.

Percebe-se que, mesmo tendo sido um tanto negligenciado em *Brazil Builds* - pela escolha da primeira obra ou pelo ângulo e enquadramento da fotografia das outras duas - Gregori Warchavchik é mencionado em todos os livros e aparecem mais exemplares inéditos da sua obra, que tiveram mais sucesso do que o que foi apresentado no livro-catálogo.

O Ministério da Educação e Saúde é consenso entre todos os autores. É a obra mais analisada e detalhada, tendo sido relevante o envolvimento de Le Corbusier, naquele que se tornou e permaneceu como o símbolo da arquitetura moderna no Brasil.

A Torre d'água, em Olinda, de Luis Nunes e Fernando Saturnino aparece em três dos livros, é a obra mais citada na área do Nordeste, fora do eixo Rio-São Paulo, além do Grande Hotel de Niemeyer em Minas Gerais.

Os arquitetos que aparecem em todos os exemplares são Oscar Niemeyer e Milton e Marcelo Roberto. Os dois últimos venceram muitos concursos e participaram de obras de relevo. Já Oscar Niemeyer foi uma grande revelação, cujo sucesso foi impressionante. O arquiteto teve o *Brazil Builds* como grande vitrine mundial para seu talento, tendo obtido mais sucesso do que podia esperar. Depois do catálogo surgiram inúmeras publicações sobre suas obras nos mais diversos países e as encomendas começaram a surgir.

Fato relevante é que a maioria das obras que Goodwin apresenta como edifícios modernos não aparecem nos livros analisados. Uma leitura possível é de nem todas seguiam exatamente o Movimento Moderno protagonizado por Le Corbusier, que teve grande impacto nesse período da arquitetura brasileira. Este permaneceu eternizado no Ministério da Educação que seguia os seus cinco pontos da arquitetura e e outras obras que, se não seguiam todos, apontavam uma ou outra característica facilmente reconhecível. Muitas das obras eram menos relevantes ou não se enquadravam no que, mais tarde, passou a ser considerada como Arquitetura Moderna Brasileira. Por outro lado, outros projetos seguiam todas ou algumas das cinco premissas, em maior ou menor relevância e de modo mais ou menos visível, mas não foram republicados.





## CONCLUSÃO

A missão que Goodwin e Kidder Smith enfrentaram não era nada simples. Mostrar toda a arquitetura de um país tão vasto como o Brasil não é tarefa fácil. Deve ter sido uma jornada exaustiva para o corpo e para a mente. Esta principalmente, ao tomar contato com tanto exemplares excitantes, tanto na arquitetura antiga, quanto na ousadia revelada pela arquitetura moderna. Não se conhece exatamente a rota traçada por Goodwin. Entretanto, através da sua narração é possível imaginar um percurso passando pelo Norte do Brasil, porque mostra imagens e fala de avistar o Rio Amazonas. Logo depois menciona Belo Horizonte, onde deve ter visitado as cidades vizinhas e provavelmente se encantou ao passear pelas estreitas ruas a contemplar a arquitetura mineira. Mais tarde ele fala da Baía da Guanabara e não fornece mais dados da sua viagem. É difícil saber por onde realmente esteve, então acredito que provavelmente não tenha conseguido visitar todos os exemplares citados, porque há exemplares fora do roteiro narrado e porque eram numerosas obras em relação ao tempo de viagem que teve. Algumas pessoas lhe forneceram material e fotografias, principalmente através do SPHAN e por toda a equipe que lhe deu suporte no Brasil, tendo assim material de lugares onde não conseguiu estar.

*Brazil Builds* teve um sucesso maior que o esperado. A arquitetura moderna foi a que mereceu maior repercussão. Com certeza a qualidade das edições de catálogos feitos pelo MoMA são indiscutíveis e já são encantadoras por si só. Mas o acervo do Brasil que o catálogo continha era imenso, curioso e surpreendente tanto na arquitetura antiga, quanto na recém-chegada arquitetura moderna, e o MoMA soube o momento exato de divulgar essa explosão de novas perspectivas. Como penso ter provado ao longo da tese, o papel da arquitetura antiga acabaria por se revelar uma estratégia bem planejada pelos organizadores da mostra e do catálogo. A aceitação pública extrapolou largamente o círculo profissional, chegando à sociedade brasileira e internacional.

Acredito ainda que a parte dedicada à arquitetura antiga do livro merece maior atenção do que aquela que tem sido dispensada. Existe espaço para trabalhos que corrijam algumas imprecisões, acrescentem outras informações de que carece e façam uma análise mais profunda da arquitetura. Parte importante da proposta desta tese foi exatamente reforçar tal posição em relação a estes pontos.

Como foi aqui descrito, a maioria das obras antigas que integram a amostragem de *Brazil Builds* fazia parte do universo de edifícios e conjuntos já previamente tombados pelo SPHAN, sendo que, a maioria havia sido tombada no ano de 1937, período muito próximo à produção do próprio catálogo. Outras 18 obras o foram em 1938, cinco em 1939, duas em 1940 e três em 1941. Quase todas as obras foram encontradas na listagem do SPHAN, com a exceção de seis exemplares. Essa atitude do SPHAN indica que o Brasil avançava naquele momento também na área da proteção do Patrimônio. Isto corrobora uma das hipóteses apresentadas na introdução que diz: “a seleção das obras antigas se mostra como sequência de um trabalho ou uma cultura de preservação do patrimônio que começava a se instaurar”.

No período que Lucio Costa se encontrava trabalhando no SPHAN, faz o projeto para o Museu das Missões, estabelecendo um modo de trabalhar com a interferência arquitetônica em locais históricos. Logo depois Oscar Niemeyer teria uma incumbência parecida, a de inserir um grande hotel na malha urbana de Ouro Preto, e não recorreu a arremedos que se confundiriam com o que lá estava, mas sim a uma intervenção respeitosa buscando suas referências sutis e adequando-se sem estardalhaço. Esta obra perdurou durante muito tempo como uma referência no domínio da intervenção em sítios históricos. Isso não ficou circunscrito ao Brasil, mas também nos circuitos internacionais como prova, por exemplo, a repercussão que teve nos círculos arquitetônicos portugueses modernos.

Na parte dedicada à arquitetura histórica predominaram as obras do século XVIII. O fato deve-se provavelmente às regiões geográficas escolhidas que maior contribuição dão para esta seção. Devido aos princípios da civilização e sua organização, a arquitetura antiga tem sua maioria de obras concentradas em Ouro Preto e Salvador, seguida do Rio de Janeiro e Recife. A predominância do programa *Igrejas e Capelas* na seção da arquitetura antiga não tem contrapartida na arquitetura moderna onde não se registra nenhum exemplar religioso na arquitetura moderna.

Mas a presença da arquitetura antiga e seus protagonistas, além de documentarem o período que vai a partir de 1652, tem uma enorme função no livro: validam a arquitetura nova. Mostram o passado, as raízes e todo o percurso de um país que começava a se tornar independente também a partir da sua arquitetura, e que mesmo buscando uma arquitetura própria, não esquece do passado. As suas referências estão refletidas nas obras modernas através do encanto dos azulejos, das curvas suaves do barroco, das soluções contra a incidência da luz solar e das rótulas coloniais. Assim, com o apoio ou

impulso da arquitetura antiga, o arquiteto começa se empenhar a fazer uma arquitetura moderna, mas moderna brasileira. São visíveis as influências, notadamente Le Corbusier, mas se busca uma ligação com a tradição.

Em uma leitura quantitativa, se encontra na primeira parte - Arquitetura Antiga, 40 exemplares. Os arquitetos quase não são referidos. Os edifícios mais apresentados foram os Religiosos: 22. As demais foram residências e fazendas. As obras antigas estão mais concentradas em Ouro Preto e Salvador, seguidas de Rio de Janeiro e Recife. A predominância das edificações é do século XVIII, embora haja algumas do início do século XIX e algumas sem data. Curiosamente um edifício tem a data anterior à que consta no título *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652-1942*, o Forte de Montserrat em Salvador, na Bahia data de 1586.

Na Arquitetura Moderna são 172 imagens, com 41 edificações, a grande maioria das fotografias é externa, mas aparecem alguns projetos e fotografias que retratam os espaços internos. Os arquitetos são 24 (manteve-se Milton e Marcelo Roberto como uma figura única). Houve o problema com o surgimento de um certo *Saturnino Nunes de Brito* que nada mais era uma confusão entre Luis Nunes e Fernando Saturnino de Brito.

*Edifícios de escritórios, apartamento e hotéis e Casas particulares* foram os grupos que mais se destacaram nas fotografias. A miscelânea de temas é muito variada. Na parte moderna os exemplares têm datas a partir de 1937, sendo que a maioria dos edifícios não tem data. Logo em seguida aparecem vários edifícios com data de 1942, ou seja, no ano que Goodwin e Kidder Smith levantam os exemplares a incluir e realizavam os respectivos registros fotográficos, os edifícios ainda estavam em obras ou por terminar. Na verdade, muita coisa estava para construir, em construção ou era recém-construída. O período dessa modernidade, portanto, é bem curto.

A maior parte das obras é da região sudeste, seguida pela região nordeste. A grande maioria está no Rio de Janeiro, seguido por São Paulo. Das 172 imagens, 62 são do Rio de Janeiro. Aparentemente, pela observação das fotografias, 17% das obras ainda estavam em fases de construção. Há ainda o Pavilhão Brasileiro da Feira de Nova Iorque fora do país.

O Pavilhão Brasileiro da Feira de Nova Iorque em 1939 já tinha sido um sucesso. A repercussão nacional e internacional foi tremenda, e antes de *Brazil Builds* a arquitetura do Brasil já tinha chamado a atenção da revista *Life* que citava a viagem de Goodwin e

já exaltava Niemeyer. O Pavilhão foi notícia do *The New York Times* e de várias revistas de arquitetura ou jornais, havendo inclusive revistas dedicadas inteiramente ao tema.

Em Portugal, assim que o catálogo chegou foi logo apreciado. Transformou-se em um *livro de referência* ao ser usado pelos professores e alunos de arquitetura. Caso muito particular da Escola Superior de Belas Artes do Porto, como testemunham diversos estudantes da época. É especial porque consagra e dá a conhecer a arquitetura herdada dos portugueses pelos brasileiros, mas também é uma fonte de novas ideias para a arquitetura moderna e para os jovens arquitetos.

Na arquitetura moderna se faz uma divisão em três partes dos arquitetos, sendo a primeira ocupada apenas por Oscar Niemeyer, pelo conjunto da obra, pela quantidade de projetos e imagens. Na segunda parte destaca-se principalmente Luiz Nunes, Attilio Corrêa Lima, Álvaro Vital Brazil, Milton e Marcelo Roberto, Gregori Warchavchik e Lucio Costa. Todos esses tiveram percursos interessantes pós-*Brazil Builds*, apresentaram marcas sólidas de talento e permaneceram sendo revisitadas pela historiografia fazendo parte do conjunto do imaginário arquitetônico moderno. Na terceira parte ficaram os arquitetos com apenas um trabalho citado no livro, destes, vale mencionar alguns que desenvolveram sua carreira de modo interessante: Rino Levi, Jorge Môreira, Carlos Leão e Affonso Reidy.

A presença de Oscar Niemeyer no livro é surpreendente. Principalmente em relação aos outros arquitetos, a soma de seus trabalhos concentra quase 25% do total de obras modernas. Participa em dez obras, das quais duas como co-autor. Já a análise das fotografias revela que as obras assinadas por Oscar Niemeyer como autor ou co-autor, ocupa mais de 1/3 do total de fotografias da parte moderna.

Em relação à área urbana, o autor de *Brazil Builds* encontrou o Brasil em um momento de grande crescimento, com muitas modificações em andamento, principalmente em São Paulo, mas optou por mostrar as obras isoladas. Um mapa estilizado dá uma ideia de onde estão os edifícios no Rio de Janeiro. Os planos urbanos de Belo Horizonte e Goiânia são apenas mencionados com objetivos específicos. De modo que, se Goodwin mostra a cidade, é através dos edifícios que mudam a fisionomia ou o panorama urbano.

Há uma surpresa dentro de *Brazil Builds* e com um potencial que Goodwin não reparou. Na parte antiga há uma intervenção moderna: Lucio Costa faz um Museu para as Missões. Provavelmente Goodwin e Kidder Smith não viajaram até lá, já que é a única obra do estado do Rio Grande do Sul que retratam, e apenas receberam arquivos do

SPHAN. Caso contrário teriam notado a delicadeza da intervenção e aproveitado para estabelecer um belo exemplo de ponte passado-presente, que entrelaçaria as duas partes do livro.

A relação desconfortável com o ecletismo que corresponde a um hiato entre as arquiteturas antiga e nova existiu porque não se acreditava que o eclético realmente fosse um estilo. A ideia de não o abordar, ou melhor, abordar de forma indelicada, foi uma escolha feita pelo autor do livro, provavelmente. No Modernismo Internacional, o eclético era renegado. Em *Brazil Builds* se tentou evitar o ecletismo e o neocolonial. Apenas existem citações quase escondidas. Há claramente uma quebra temporal. Fica bem claro que são duas partes independentes. O eclético só veio a ser estudado e pesquisado muito mais tarde por arquitetos formados pelos modernos. Foi nesse momento que se resgatou a história e se pôde ainda recuperar qualquer coisa da arquitetura que sobreviveu aos tempos e preconceitos.

Dois arquitetos importantes, que fazem falta por aparecerem pouquíssimo são Gregori Warchavchik e Lucio Costa. Gregori Warchavchik que por muitos autores é considerado grande pioneiro da arquitetura moderna, tendo escrito um manifesto importante em 1925 (o que é mencionado no início da tese), é praticamente neutralizado em *Brazil Builds*. O arquiteto possui no livro três fotografias em que aparecem uma “casa simples”, um recorte da fachada de outra e em um edifício, com fotografias que deixam a desejar e as tornam difíceis de decifrar, enquanto havia trabalhos muito mais interessantes. Todavia, recentemente, tem tido a devida atenção à sua obra. O Edifício da Rua Barão de Limeira foi reformado, a Casa da Rua Santa Cruz que havia sido abandonada e estava quase em ruínas foi reabilitada e aberta para visitas, enquanto a Casa Modernista da Rua Itápolis atualmente recebe visitas guiadas através do Museu da Casa Brasileira (MCB). Toda essa atenção mostra que de fato Warchavchik, nos dias atuais, é uma figura muito mais consensual do que era no início dos anos 40, possivelmente pela sua maior ligação com o setor imobiliário<sup>627</sup>. Pode ser em vista disso que esteve perdendo o protagonismo inicial para outros arquitetos. Lucio Costa aparece no Ministério da Educação e Saúde, no Pavilhão do Brasil na Feira de Nova Iorque de 1939 e somente em mais uma obra, o Museu das Missões. Seu papel importante à frente da ENBA, em seguida seu trabalho com o patrimônio histórico e sua obra escrita e projetada consistem em um vasto acervo, que não foi explorado na época.

---

<sup>627</sup> José Lira. *Warchavchik: Fraturas da vanguarda*. (São Paulo: Cosac & Naify, 2011), 403.

Esses dois aspectos – o hiato entre as arquiteturas antiga e nova e a desvalorização dos importantes arquitetos supracitados confirmam a segunda hipótese apresentada na introdução de que “apesar de sua importância, o *Brazil Builds* omite momentos importantes da história da arquitetura brasileira”.

A análise feita permite traçar a resiliência das obras modernas em publicações posteriores, identificando a precocidade de algumas das escolhas, designadamente o reconhecimento que a arquitetura brasileira viria a ter com o trabalho de Oscar Niemeyer na Pampulha. Como era intuído, Niemeyer foi uma figura consensual, daí sua forte presença e o domínio de obras suas na parte dedicada à arquitetura nova, antecipando um reconhecimento que se iria verificar. Já com o Pavilhão Brasileiro em Nova Iorque em parceria com Lucio Costa, Niemeyer se sobressai, continua em cena no Ministério da Educação e Saúde Pública, e depois teve muitos projetos executados, o que pode ter auxiliado a divulgação da própria arquitetura. Iniciou a carreira com obras residenciais, em seguida a Obra do Berço e foi se destacando. Depois teve a oportunidade de fazer o Grande Hotel de Ouro Preto no meio de um sítio histórico e o grande conjunto da Pampulha. Infelizmente a Igreja São Francisco de Assis não aparece em *Brazil Builds*, pois sua data de projeto é 1943<sup>628</sup>, mas é de conhecimento geral que foi um sucesso que veio descartar qualquer dúvida da habilidade do arquiteto.

*Brazil Builds* é uma antecipação da consagração do Niemeyer da nova arquitetura. E o fato da arquitetura antiga ter sido mostrada juntamente com a arquitetura moderna ajuda a projetar Oscar Niemeyer não apenas como protagonista da arquitetura nova, mas como grande protagonista da arquitetura do Brasil. É essa arquitetura que se vai mostrar ao mundo e torná-lo uma espécie de símbolo de arquitetura brasileira atemporal.

De forma geral, Goodwin teceu uma malha bastante segura com edifícios moderadamente adequados aos princípios de Le Corbusier, outros mais modestos ainda, e preparou o terreno para alguns edifícios-chave. Ali colocou a arquitetura nova, apostou em jovens arquitetos e projetos arrojados. A tentativa foi ousada, mas o reconhecimento veio confirmar a decisão. Embora muitos arquitetos promissores tenham ficado de fora da seleção ou tiveram seus talentos pouco explorados, num momento como aquele, de profusão de obras, é difícil ater-se ao limite que as publicações impõem. As exposições que o MoMA apresenta são de nível bastante alto.

---

<sup>628</sup> Lauro Cavalcanti (org.). *Quando o Brasil era Moderno – Guia de Arquitetura 1928-1960*. (Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001), 401.

Por isso a organização de um catálogo como o *Brazil Builds* passa pela ideia, depois por uma burocracia enorme, diversos interesses a serem atendidos, um calendário a ser cumprido, assim como um investimento com vistas de retorno, a montagem da exposição e a diagramação dos catálogos.

Desse modo, a terceira hipótese apresentada na introdução “o *Brazil Builds* mostra o modernismo brasileiro moldado segundo as preferências do editor ou dos coordenadores do projeto” é explicada por um aspecto mais importante: o *Brazil Builds* não é um livro de historiografia, nem um livro de teoria, nem um ensaio sobre arquitetura. *Brazil Builds* é um livro de divulgação de uma produção cultural que estava sendo feita e se mostra como interessante ao contexto internacional. Não tem o objetivo de traçar uma historiografia. Reproduz o senso comum da época. A arquitetura recente mostrava o país tentando as primeiras soluções de arquitetura mundiais moderna, mas adequada às suas características. O que não era consensual não está presente no livro-catálogo, o qual apenas reproduz o espírito do seu tempo, não traçando uma agenda para o futuro.

Por fim, algumas das obras modernas eram de grande impacto, e se perpetuaram ao longo do tempo através da bibliografia. Os livros analisados mostram que arquitetos como Gregori Warchavchik, Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Affonso Eduardo Reidy, Carlos Leão, Jorge Moreira, Ernani Vasconcelos, Luis Nunes, Fernando Saturnino de Brito, Marcelo e Milton Roberto, Álvaro Vital Brazil, Adhemar Marinho, Attilio Corrêa Lima, foram os personagens da trama que *Brazil Builds* desenvolveu, e sua história continuou a ser contada. Alguns participaram nos bastidores, seus nomes aparecem menos, mas foram profícuos. Seus edifícios continuaram a ser obras de referência anos e anos depois nos livros de Henrique Mindlin, Yves Bruand, Sylvia Ficher e Marlene Acayaba e por fim Hugo Segawa, o que valida o empenho de jovens arquitetos a lutar por uma arquitetura nova em um país latino, que culminou com a construção de Brasília anos depois. *Brazil Builds* mostra o arranque dessa época extraordinária para a arquitetura brasileira corroborando assim a última hipótese apresentada na introdução: “O *Brazil Builds* marca o início de uma nova era para a história da arquitetura brasileira, abrindo caminho e servindo de referência a outras publicações que proliferaram desde então, contribuindo para a construção de uma historiografia e de uma teoria da Arquitetura Moderna do Brasil”.









## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Paulo Henrique; CASTRIOTA, L. B. “Conhecer para preservar: documentação e preservação do patrimônio modernista em Cataguases, Minas Gerais.” In: *8º SEMINÁRIO DO COMOMO BRASIL. Cidade Moderna e Contemporânea: Síntese e Paradoxo das Artes, 2009*, v. 1. Rio de Janeiro: 2009.

AMERICAN ARCHITECTS AND BUILDINGS. “Philip Lippincott Goodwin” *Biography from the American Architects and Buildings database*, Philadelphia: 2006. <<http://www.americanbuildings.org>> (Acessado em 17 de janeiro de 2014).

AMORIM, Luiz. “Um Recife sobre a Emergência de uma Escola de Arquitetura”. In: RAMOS, Tânia Beisl (coord.). *Entre Brasil e Portugal: desafios, discursos, e práticas da Arquitetura Moderna e Contemporânea*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2016.

ANDRADE, Mário. “Brazil Builds” Folha da Manhã. São Paulo: 23 mar. 1944. In: XAVIER, Alberto (org.). *Depoimento de uma geração – arquitetura moderna brasileira*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

ARAVECCHIA-BOTAS, Nilce. “Concreto, muxarabis e cumeeiras para os industriários: a arquitetura e o urbanismo de Carlos Frederico Ferreira na produção do IAPI”. In: *Encontro Nacional de Pesquisa em Arquitetura, 2010, Anais do I ENANPARQ*. Rio de Janeiro: 2010.

ARRUDA, Ângelo Marcos Vieira de. “A difusão da arquitetura moderna em Campo Grande”. *Ensaio e Ciência*. v. 4. Campo Grande: 2000.

ATIQUE, Fernando. *Arquitetando a “Boa Vizinhança”: a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano. 1876-1945*. Tese de Doutorado. FAUUSP. São Paulo: 2007.

PAES, Márcia Bassetto. “Frank Lloyd Wright e a arquitetura orgânica”. *Engenharia e Arquitetura*. <<http://www.engenhariae-arquitetura.com.br/noticias/469/Frank-Lloyd-Wright-e-a-arquitetura-organica.aspx>> (Acessado em 15 de julho de 2015).

BEHRENDT, Walter Curt. “Review Brazil Builds. Architecture New and Old, 1652-1942 by Philip L. Goodwin”. *College Art Journal*, Vol. 4, No. 3. Mar., 1945.

BOTELHO, André Ahmud, VIVIAN, Diego, BRUXEL, Laerson. *Museu das Missões*. Ibram. Brasília: 2015.

BREIER, Ana Cláudia, SCHLEE, Andrey e TEIXEIRA, Maíra. "Fotografando a obra de Oscar Niemeyer [Parte 2]." *ArchDaily Brasil*. <<http://www.archdaily.com.br/br/772210/fotografando-a-obra-de-oscar-niemeyer-parte-2>> (Acessado em 25 de agosto 2015).

BRUAND, Yves. *Arquitetura contemporânea no Brasil*. 5ª Edição da 2ª reimpressão. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CALOVI PEREIRA, Cláudio. *Os Irmãos Roberto e a Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro (1930-1960)*. Dissertação de Mestrado. UFRGS. Porto Alegre: 1993.

CALOVI PEREIRA, Cláudio. "Os Irmãos Roberto e o edifício da A.B.I: uma história da modernidade arquitetônica brasileira". *ARQTEXTO* (UFRGS), v. 2. Porto Alegre: 2002.

CARDIM FILHO, Carlos A. Gomes. "A exposição "Brasil [sic] Builds" em Jundiaí." *Acrópole* Nov. 1945, ano 8, nº 92, São Paulo: Max Gruenwald & Cia, 1945, 209. <<http://www.acropole.fau.usp.br/>> (Acessado em 12 de março de 2014)

CARDOSO, Mário. "Entrevista". *Revista*. Nº 123. Lisboa: Setembro/Outubro 1971.

CARRILHO, Marcos. "Brazil Builds – 55 anos da exposição". *PiniWEB Notícias*. (01 Abril de 1998), <[http://www.piniweb.com.br/construcao/noticias/Arquitetura\\_brazil-builds---55-anos-da-exposicao-84648-1.asp](http://www.piniweb.com.br/construcao/noticias/Arquitetura_brazil-builds---55-anos-da-exposicao-84648-1.asp)> (Acessado em 26 de agosto de 2015)

CAVALCANTI, Lauro. *Quando o Brasil era moderno. Guia da arquitetura 1928-1960*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

CERÁVOLO, Ana Lúcia. "Projeto para o Morro Santo Antônio - 1938: as concepções urbanísticas de Paulo de Camargo e Almeida". In: *V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 1998, Campinas. Temporalidades em Confronto*. Campinas: FAU Puccamp, 1998.

CHAVES, Túlio A. P. V. "O solar do Barão de Japurá: entre práticas e representações". In: *ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História*. Fortaleza: 2009.

COLUMBIA UNIVERSITY. "Talbot F. Hamlin (1889-1956)". *Avery Architectural & Fine Arts Library*. Columbia University Libraries.

<[http://library.columbia.edu/locations/avery/da/collections/hamlin\\_tf.html](http://library.columbia.edu/locations/avery/da/collections/hamlin_tf.html)> (Acessado em 12 de fevereiro de 2016).

COMAS, Carlos E. D. *Precisões brasileiras: sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos: a partir dos projetos e obras de Lucio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia., 1936-45*. Tese de Doutorado na Universidade de Paris VIII. Paris: 2002.

COMAS, Carlos Eduardo Dias. "Arquitetura moderna, estilo Corbu, pavilhão brasileiro". In: GUERRA, Abilio (org.). *Textos fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira*. v. 1. São Paulo: Romano Guerra, 2010 [1989].

COMAS, Carlos Eduardo. "Brazil Builds e a Bossa Barroca". *Anais do VI Seminário Docomomo Brasil*. Niterói: UFF, 2005.

COMAS, Carlos Eduardo. *Entrevista à autora*. Lisboa: 20 de maio de 2015.

CONDURU, Roberto. "Vital Brazil". *Coleção Espaços da Arte Brasileira*. São Paulo: Cosac Naify, 2000.

CONTEL, Fabio Betioli. *As divisões regionais do IBGE no século XX (1942, 1970 e 1990)*. Terra Brasilis (2014) <<http://terrabrasilis.revues.org/990>; DOI : 10.4000/terrabrasilis.990> (Acessado em 05 Fevereiro 2017).

CONTIER, Felipe de Araujo. *O edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na cidade universitária: projeto e construção da Escola de Vilanova Artigas*. Tese de Doutorado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo - Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Carlos: 2015. <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/102/102132/tde-23032016-120753/>> (Acessado em 17 de agosto de 2016)

CORBUSIER, Le *Precisões. Sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo*. Coleção Face Norte, vol. 6. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

COSTA, Eduardo A. *'Brazil Builds' e a construção de um moderno, na arquitetura brasileira*. Dissertação de Mestrado. Campinas: 2009.

COSTA, Juliana Braga. *Ver não é só ver: dois estudos a partir de Flávio Motta*. Dissertação de Mestrado, FAUUSP. São Paulo: 2010.

COSTA, Lucio. “A situação do ensino das Belas Artes”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 29 dec. 1930. In: XAVIER, Alberto (org.). *Depoimento de uma geração – arquitetura moderna brasileira*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

COSTA, Lucio. “Pavilhão do Brasil na Feira de Nova York”. *Arquitetura e Urbanismo*. In: XAVIER, Alberto (org.). *Depoimento de uma geração – arquitetura moderna brasileira*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003 [1939].

COSTA, Lucio. *Lucio Costa: Registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

CZAIKOWSKY, Jorge. *Guia da Arquitetura Colonial, neoclássica e romântica no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra - Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2000.

DAVI, Renata. “Jacques Pilon, arquiteto empreendedor”. *Revista AU - Arquitetura e Urbanismo*. Edição 176 - Novembro/2008. <<http://au.pini.com.br/au/solucoes/galeria.aspx?gid=2112>> (Acessado em 26 de abril de 2016)

DECKKER, Zilah Quezado. *Brazil Built: the architecture of the modern movement in Brazil*. London and New York: Spon Press – Taylor & Francis Group, 2001.

DERENJI, Jussara da S. “Arquitetura Eclética no Pará: no período correspondente ao ciclo econômico da borracha: 1870-1912”. In: FABRIS, Annateresa. *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel, Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

DINIZ, Ângela M. Carrato. *Uma história da TV Pública brasileira*. Tese de Doutorado. FAC-UnB. Brasília: 2013.

FABRIS, Annateresa F. *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel, Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

FERNANDEZ, Sergio. *Percurso – Architectura Portuguesa 1930/1974*. Porto: Serviço Editorial da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1988 [1ª edição (do autor) 1985].

FERREIRA, Orlando da Costa. *Imagem e Letra*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

FICHER, Sylvia; ACAYABA, Marlene M. *Arquitetura Moderna Brasileira*. São Paulo: Projeto, 1982.

FRACALOSSI, Igor. *Clássicos da Arquitetura: Museu das Missões / Lucio Costa*. 31 Dez 2011. ArchDaily Brasil. <<http://www.archdaily.com.br/16239/classicos-da-arquitetura-museu-das-missoes-lucio-costa>> (Acessado em 11 de agosto de 2016)

FRACALOSSI, Igor. *Clássicos da Arquitetura: Pavilhão de Nova York 1939 / Lucio Costa e Oscar Niemeyer*. 04 Jun 2014. ArchDaily Brasil, <<http://www.archdaily.com.br/615845/classicos-da-arquitetura-pavilhao-de-nova-york-1939-lucio-costa-e-oscar-niemeyer>> (Acessado em 11 de agosto de 2016)

FRACALOSSI, Igor. *Clássicos da Arquitetura: Casa Modernista da Rua Bahia / Gregori Warchavchik*. 04 Abr 2015. ArchDaily Brasil. <<http://www.archdaily.com.br/764864/classicos-da-arquitetura-casa-modernista-da-rua-bahia-gregori-warchavchik>> (Acessado em 25 de abril de 2016)

FUNDAÇÃO DE CULTURA E TURISMO DE PETRÓPOLIS. *Personalidades Históricas: Julio Frederico Koeller*. <<http://www.petropolis.rj.gov.br/fct/index.php/cultura/artigos-historicos/personalidades-historicos/129-julio-frederico-koeler.html>> (Acessado em 03 de junho de 2016)

FUNDAÇÃO DE CULTURA E TURISMO DE PETRÓPOLIS. "Palácio Rio Negro". *Pontos Turísticos de Petrópolis*. <<http://www.petropolis.rj.gov.br/fct/index.php/turismo/atrativos-turisticos/94-centro-historico-aberto-a-visitacao/82-palacio-rio-negro.html>> (Acessado em 21 de abril de 2014)

FUNDAÇÃO OSCAR NIEMEYER. *Oscar Niemeyer – Vida (1940-1950)*. Disponível em <<http://www.niemeyer.org.br/biografia/1940-1950>> (Acessado em 19 de maio de 2016).

FUNDAÇÃO OSCAR NIEMEYER. *Obra do Berço*. Obra: Arquitetura. <<http://www.niemeyer.org.br/obra/pro004>> (Acessado em 16 de setembro de 2016)

GONÇALVES, Janice. "O SPHAN e seus colaboradores: construindo uma ética de tombamento (1938-1972)" *ANPUH. XXV Simpósio Nacional de História*. Fortaleza: 2009.

GOODWIN, Philip. *Brazil Builds – Architecture New and Old 1652 – 1942*. New York: Museum of Modern Art, MoMa, 1943.

GOOGLE MAPS. *Visualização do edifício através do aplicativo Google Maps*. [Casa de Apartamentos, Arquiteto Dr. Saldanha, RJ]. <<https://www.google.pt/maps/@-22.9757679,-43.1912814,3a,75y,148.68h,113.32t/data=!3m6!1e1!3m4!1s3-5UADuwBRfmLTnrfgdcXQ!2e0!7i13312!8i6656>>. (Acessado em 17 de setembro de 2016)

GRAY, Christopher. “1939 Arrival That Made Its Neighbors Old-Fashioned”. *The New York Times*. New York: 27 de julho de 1997. <<http://www.nytimes.com/1997/07/27/realestate/1939-arrival-that-made-its-neighbors-old-fashioned.html>> (Acessado em 11 de fevereiro de 2016)

GUERRA, Abilio. “A construção de um campo historiográfico”. *ANAIIS - I ENANPARQ - Arquitetura, Cidade, Paisagem e Territórios: percursos e perspectivas*. v. 1. Rio de Janeiro: Anparq, 2010.

GUERRA, Abilio; MARQUES, André. “João Filgueiras Lima, ecologia e racionalização”. *Arquitextos*, São Paulo, ano 16, n. 181.03, Vitruvius, jun. 2015 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.181/5592>> (Acessado em abril de 2016).

PREFEITURA DE OLINDA. *Guia Turístico da Prefeitura de Olinda*. <<http://www.olinda.pe.gov.br/guia-turistico/monumentos>> (Acessado em 19 de setembro de 2016).

HARRIS, Elizabeth D. *Le Corbusier Riscos Brasileiros*. São Paulo: Editora Nobel, 1987.

HERBST, Hélio. *Pelos salões das bienais, a arquitetura ausente dos manuais: expressões da arquitetura moderna brasileira expostas nas bienais paulistanas (1951-1959)*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo: 2007.

HITCHCOCK, Henry Russel. “Book Review: Brazil Builds (Construção Brasileira), Architecture New and Old, 1652-1942 by Philip L. Goodwin; G. E. Kidder Smith”. *The Art Bulletin*, Vol. 25, No. 4 (Dec., 1943) 383-385.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. *O Palacete Paulistano e Outras Formas Urbanas de Morar da elite Cafeeira, 1867-1918*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.



IBGE. *Evolução da divisão territorial do Brasil 1872-2010*. <[http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/default\\_evolucao.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/default_evolucao.shtm)> (Acessado em 05 de fevereiro de 2017).

IBRAM. "Museu Imperial comemora 70 anos com programação especial em Petrópolis". *Notícias Portal do Instituto Brasileiro de Museus*. <<http://www.museus.gov.br/tag/sarau-imperial>> (Acessado em 01 de junho de 2016).

INSTITUTO ANTONIO CARLOS JOBIM. *Sobre Lucio Costa*. Acervo Pessoal Lucio Costa. <<http://www.jobim.org/lucio/handle/2010.3/4146>> (Acessado em 4 de fevereiro de 2016).

INVAMOTO, Denise. *Futuro Pretérito: historiografia e preservação na obra de Gregori Warchavchik*. Dissertação de Mestrado, FAUUSP. São Paulo: 2012.

IPHAN, *Vida e Obra: Rodrigo Melo Franco de Andrade (1898 – 1969)*. 12 ago 2013. (Acervo Iphan). <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/481/vida-e-obra-rodrigo-melo-franco-de-andrade-1898---1969>> (Acessado em 2 de junho de 2016)

IPHAN. "Bens tombados e em processo de tombamento pelo IPHAN". (Acervo IPHAN) Atualizada 11 de maio de 2016, disponível em <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Lista\\_bens\\_tombados\\_atualizada\\_11\\_05\\_2016.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Lista_bens_tombados_atualizada_11_05_2016.pdf)> (Acessado em 30 de maio de 2016).

IPHAN. "São Miguel das Missões (RS)". (Acervo IPHAN) <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/292>> (Acessado em 3 de junho de 2016).

IPHAN. *Concluída Restauração da Igreja de Nossa Senhora da Glória*. Publicada em 13 de janeiro de 2008. (Acervo IPHAN) <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/1981>> (Acessado em 3 de junho de 2016).

JEWELL, Edward A. "Brazil Builds Anew – Other Shows". *The New York Times*. New York: 17 jan. 1943.

IPHAN. *Linha do Tempo - Iphan 80 Anos*. (Acervo Iphan).. <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1211>> (Acessado em 2 de maio de 2016).

KETTLE, W. O. O. *O Inventário de Antonio Landi e a invenção do "arquiteto genial": historia, biografia e a valorização do passado amazônico*. v.1, 1. Cantareira: UFF, 2011.

*L'architecture D'aujourd'hui*. N. 13/14, set. 1947. Especial Brasil.

LEJEUNE, Jean-Francois; SABATINO, Michelangelo. *Modern Architecture and the Mediterranean: Vernacular Dialogues and Contested Identities*. New York: Routledge, 2010.

LEMOS, Carlos. "Ecletismo em São Paulo". In: FABRIS, Annateresa. *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel, Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

LEMOS, Carlos. *Alvenaria Burguesa*. São Paulo: Livraria Nobel, 1985.

LEMOS, Carlos. *Arquitetura brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1979.

LEVI, Rino. "A arquitetura e a estética das cidades". In: XAVIER, Alberto (ed.). *Depoimento de uma geração – arquitetura moderna brasileira*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

LIERNUR, Jorge F. "The South American Way. O milagre brasileiro, os Estados Unidos e a Segunda Guerra Mundial – 1939-1943". In: GUERRA, Abilio (org.). *Textos fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira*. v. 2. São Paulo: Romano Guerra, 2010 [1999].

LIFE MAGAZINE. *Modern Brazil - New streamlined buildings make it a bright paradise for young architects*. 26 de outubro de 1942.

LIRA, José. *Warchavchik: Fraturas da vanguarda*. São Paulo: Cosac & Naify, 2011.

MACHABERT, Dominique; BEAUDOUIN Laurent. *Álvaro Siza - Uma questão de medida. Uma maneira de fazer portuguesa – a propósito de Fernando Távora*. Sintra: Caleidoscópio, 2009.

MARQUES, Sonia; NASLAVSKY, Guilah. "Eu vi o modernismo nascer... foi no Recife". *Arquitextos*, (São Paulo, ano 11, n. 131.02, Vitruvius, abr. 2011). <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.131/3826>> (Acessado em 28 de janeiro de 2013).

MARTINS, Carlos Alberto Ferreira. "Há algo de irracional...". *Notas sobre a Historiografia da Arquitetura Brasileira*. In: GUERRA, Abilio (org.). *Textos fundamentais*

sobre história da arquitetura moderna brasileira. v. 1. São Paulo: Romano Guerra, 2010 [1999].

FICHER, Sylvia. "Antonio Garcia Moya, um arquiteto da Semana de 22, parte 2". *MDC*, 25 fev. 2015, <http://mdc.arq.br/2015/02/25/antonio-garcia-moya-um-arquiteto-da-semana-de-22-parte-2/#fnref> (Acessado em 15 de maio de 2016).

MERIN, Gili. "AD Classics: Modern Architecture International Exhibition / Philip Johnson and Henry-Russell Hitchcock." *ArchDaily*, 02 Aug 2013. <<http://www.archdaily.com/409918/ad-classics-modern-architecture-international-exhibition-philip-johnson-and-henry-russell-hitchcock/>> (Acessado em 14 de janeiro de 2014).

MILHEIRO, Ana Vaz. *A Construção do Brasil. Relações com a Cultura Arquitectónica Portuguesa*. Porto: FAUP Publicações, 2005.

MILHEIRO, Ana Vaz. *Nos trópicos sem Le Corbusier, Arquitectura luso-africana no Estado-Novo*. Lisboa: Relógio d'Água, 2012.

MINDLIN, Henrique E. *Arquitetura moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano / IPHAN, 1999 [1ª edição, 1956].

MINISTÉRIO DA CULTURA. *História do Museu Imperial*. 09 de Agosto, 2011. <[http://www.museuimperial.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2051:historico-a-personagens&catid=9:historico-e-personagens-pt&Itemid=58](http://www.museuimperial.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2051:historico-a-personagens&catid=9:historico-e-personagens-pt&Itemid=58)> (Acessado em 15 de janeiro de 2016)

MIYOSHI, Alex. "Victor Dubugras, arquiteto dos caminhos". *Revista de História da Arte e Arqueologia*, v. 12. Campinas: 2009.

MONTEIRO, Érica G. Daniel. "Slogans da Guerra: a participação das empresas privadas norte-americanas e do OCIAA no Advertising Project durante a Segunda Guerra Mundial." *XXV Simpósio Nacional de História. História e Ética, 2009*. Fortaleza: ANPUH, 2009.

MORAES, Léo Ribeiro de. "'Brazil Builds' e os edifícios públicos paulistas". In: *Revista Acrópole*, nº 73, ano 7. São Paulo: maio de 1944.

MOREIRA, Pedro. "Alexandre Altberg e a Arquitetura Nova no Rio de Janeiro." *Arquitextos*, ano 05, n. 058.00, *Vitruvius*. São Paulo: 2005.

<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.058/484>> (Acessado em 8 de julho de 2013)

MOTTA, Edilson N. "Landi em Belém no século XVIII: a obra do Arquiteto D'el Rey". *Anais: Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*. v. 4, n. 2. Rio de Janeiro: 1996.

MOUREAU, Filipe E. *Arquitetura Militar em Salvador da Bahia – séculos XVI a XVIII*. Tese de Doutorado. FAU-USP. São Paulo: 2011.

MUSCHAMP, Herbert. "G. E. Kidder Smith, 83, Historian Who Wrote About Architecture." *The New York Times*, (New York, 26 oct. 1997). <[http://www.nytimes.com/1997/10/26/nyregion/g-e-kidder-smith-83-historian-who-wrote-about-architecture.html?\\_r=](http://www.nytimes.com/1997/10/26/nyregion/g-e-kidder-smith-83-historian-who-wrote-about-architecture.html?_r=)> (Acessado em 18 ago 2015).

NASCIMENTO, Flavia Brito do. "Arquitetos Modernistas". In: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. 1. ed. Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015.

NASLAVSKY, Guilah. "Escola Pernambucana ou Tradição Inventada? A construção da história da Arquitetura Moderna em Pernambuco, 1945-1970". *Anais 6º Seminário DOCOMOMO - Brasil: Moderno e Nacional- Arquitetura e Urbanismo*. Niterói: Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, UFF, 2005.

NASLAVSKY, Guilah.; SILVA, Aline de Figueirôa. "Da capital ao interior de Pernambuco: critérios para documentação da arquitetura moderna no Nordeste, 1930-1980". In: *9º Seminário DOCOMOMO Brasil, 2011, Brasília-DF. Interdisciplinaridade e experiências em documentação e preservação do patrimônio recente*. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/Universidade de Brasília, 2011.

NEDELYKOV, Nina; MOREIRA, Pedro. "Caminhos da Arquitetura Moderna no Brasil: a presença de Frank Lloyd Wright." *Arquitextos, ano 02, n. 018.03, Vitruvius*. São Paulo, 2001. <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.018/829>> (Acessado em 07 de setembro de 2015).

NOSSA SENHORA DA GLÓRIA. Acervo Matriz Nossa Senhora da Glória. *Igreja Matriz Nossa Senhora da Glória*. <<http://www.nsdagloria.com.br/>>. (Acessado em 3 de junho de 2016)

NUNES, Denise. V. "Morar Moderno - Dois projetos de Firmino Saldanha". In: 8º *Seminário Docomomo Brasil, 2009, Rio de Janeiro. Cidade Moderna e Contemporânea: Síntese e Paradoxo das Artes*. Rio de Janeiro: 2009.

OLIVEIRA, Natália *et al.* "Marquês de Pombal e a Expulsão dos Jesuítas: uma leitura do iluminismo português no século XVIII." *XI Jornada do HISTEDBR*. Cascavel: 2013.

OLIVEIRA, Camila. "Gregori Warchavchik e a arquitetura brasileira". *Drops* (São Paulo, ano 11, n. 040.06, Vitruvius, jan. 2011), <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/11.040/3704>> (Acessado em 12 de julho de 2015).

PATETTA, Luciano. "Considerações sobre o Ecletismo na Europa". In: FABRIS, Annateresa. *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel, Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

PEREIRA, Nuno Teotónio. "Escritos". *A influência em Portugal da Arquitectura Moderna brasileira*. Porto: FAUP publicações, 1996.

PEREIRA, Miguel Alves. "Prefácio". In: FICHER, Sylvia e ACAYABA, Marlene. *Arquitetura Moderna Brasileira*. São Paulo: Projeto, 1982.

PÊSSOA, José (org). *Lucio Costa; Documentos de trabalho*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

PONCIONI, C. *O Brasil visto por Louis-Léger Vauthier (Pernambuco 1840-1846), diário e cartas*. Lisboa: Românica, v. 19, 2011.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Robert Smith e o Brasil: arquitetura e urbanismo*. Brasília: IPHAN, 2012.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Victor Dubugras. Precursor da Arquitetura Moderna na América Latina*. São Paulo: Via das Artes, 2005.

RICCIOTTI, Dominic. "The 1939 Building of the Museum of Modern Art: The Goodwin-Stone Collaboration". *The American Art Journal*, Vol. 17, No. 3, (Kennedy Galleries, Inc 1985).

ROCHA, Ricardo de Souza. "A arquitetura moderna diante da esfinge ou a nova monumentalidade: uma análise do Monumento Nacional aos Mortos na Segunda Guerra

Mundial, Rio de Janeiro”. *Anais do Museu Paulista*. V. 15, n. 2. São Paulo: 2007.  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-47142007000200016&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142007000200016&lng=pt&nrm=iso)> (Acessado em 18 de maio de 2012).

ROCHA, Ricardo. “BR-PT: Oswaldo Bratke e Carlos Botti em Portugal”. *Drops*, ano 14, n. 073.03, *Vitruvius*. São Paulo: out. 2013.  
<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/14.073/4903>> (Acessado em 15 de julho de 2016).

ROCHA, Ricardo. “De museus e ruínas. Os liames entre o novo e o antigo”. *Arquitextos*, ano 01, n. 008.02, *Vitruvius*. São Paulo: jan. 2001.  
<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.008/927>> (Acessado em 12 de maio de 2015).

ROCHA, Ricardo. “O pavilhão Lucio Costa. Uma proposta.” *Minha Cidade* ano 01, n. 006.01, *Vitruvius*. São Paulo: jan. 2001.  
<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/01.006/2099>> (Acessado em 13 de julho de 2016).

ROCHA, Ricardo. “Resenhar Brazil Builds”. *Resenhas Online*, ano 12, n. 142.05, *Vitruvius*. São Paulo: out. 2013.  
<<http://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/12.142/4923>> (Acessado em 28 de março de 2014).

RTP. “Visita Guiada II”, *Casa de Chá da Boa Nova*.  
<<http://www.rtp.pt/play/p1623/e172893/visita-guiada>> (Acessado em 19 de novembro de 2014).

SCOTTÁ, Luciane. *Capelas, Igrejas e Catedrais: Arquitetura Religiosa de Oscar Niemeyer em Brasília*. Saarbrücken, Alemanha: Novas Edições Acadêmicas, 2014.

SCOTTÁ, Luciane. “Brazil Builds: Architecture New and Old. Repercussão da divulgação da arquitetura moderna brasileira”. *Revista AUS*, v. 1. Chile: 2015.

SCOTTÁ, Luciane. “A habitação moderna no livro-catálogo Brazil Builds”. *Conferência Internacional Optimistic Suburbia - Large housing complexes for the middle-class beyond Europe*. Lisboa: 2015.

SCOTTÁ, Luciane. “La presencia de Le Corbusier en el libro-catálogo *Brazil Builds*”. *LC-2015 Internacional Congress LE CORBUSIER 50 YEARS LATER. Le Corbusier 50 anos después*. Valencia: Editorial Universitat Politècnica de Valencia, 2015.

SCOTTÁ, Luciane e MILHEIRO, Ana Vaz. “A cidade em *Brazil Builds*: Sinalizar uma cultura urbana emergente”. *3º Seminário Internacional da Academia de Escolas de Arquitetura e Urbanismo de Língua Portuguesa. Arquiteturas do mar, da terra e do ar*. v. III. Lisboa: Academia de Escolas de Arquitetura e Urbanismo de Língua Portuguesa, 2014.

SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. 3ª ed. São Paulo: Edusp, 2010.

SILVA, Geraldo Gomes da. *Arquitetura do Ferro no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1986.

SIZA VIEIRA, Álvaro. “Glória ao Oscar Niemeyer”. *Entrevista*. Agência Lusa: 06 dez 2012. <[http://www.rtp.pt/noticias/cultura/gloria-ao-oscar-niemeyer-siza-vieira\\_n609558](http://www.rtp.pt/noticias/cultura/gloria-ao-oscar-niemeyer-siza-vieira_n609558)> (Acessado em 20 de fevereiro de 2013).

SIZA VIEIRA, Álvaro. *Relato do arquiteto sobre Brazil Builds a Luciane Scottá durante aula*. Programa de Doutorado em Arquitectura da FAUP. Porto: 27 de abril de 2013.

SLADE, Ana. “Arquitetura moderna brasileira e as experiências de Lucio Costa na década de 1920”. *Arte & Ensaio*, v. 15. Rio de Janeiro: 2007.

SLADE, Ana. “As experiências eclético-acadêmicas de Lucio Costa - uma lacuna na história da arquitetura no Brasil”. *Cadernos do PROARQ – UFRJ*. v. 1. Rio de Janeiro: 2013.

TELLES, Augusto C. S. *Atlas dos monumentos históricos e artísticos do Brasil*. MEC/SEAC/FENAME. 1980.

*The Architectural Review*, v. 95, n. 567, mar. 1944. Especial Brasil.

THE MUSEUM OF MODERN ART (MoMA) “Orozco Paints Fresco On Walls Of Moma-  
"The Dive Bomber"”, *MoMA Press Releases Archives*. New York. 18 jun. 1940.  
<[https://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press\\_archives/616/releases/MOMA\\_1940\\_0047\\_1940-06-18\\_40618-42.pdf?2010](https://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press_archives/616/releases/MOMA_1940_0047_1940-06-18_40618-42.pdf?2010)> (Acessado em 8 de fevereiro de 2016).

THE MUSEUM OF MODERN ART (MoMA): "Modern Architecture: An International Exhibition." *Exhibitions* <<http://www.moma.org/calendar/exhibitions/2044>>. (Acessado em 23 de abril de 2014).

THE MUSEUM OF MODERN ART (MoMA). *Alfred H. Barr: Biographical Notes*. <[http://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press\\_archives/4249/releases/MOMA\\_1969\\_Jan-June\\_0082\\_56.pdf?2010](http://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press_archives/4249/releases/MOMA_1969_Jan-June_0082_56.pdf?2010)> (Acessado em 23 de abril de 2014).

THE MUSEUM OF MODERN ART (MoMA) *Brazilian Architecture heads New Exhibition Schedule for Museum of Modern Art*. (MoMA Press Releases Archives). New York: 4 jan. 1943. <[https://www.moma.org/d/c/press\\_releases/W1siZiZlsljMyNTM2MSJdXQ.pdf?sha=6c0dea98cecf637e](https://www.moma.org/d/c/press_releases/W1siZiZlsljMyNTM2MSJdXQ.pdf?sha=6c0dea98cecf637e)> (Acessado em 8 de fevereiro de 2016).

THE MUSEUM OF MODERN ART (MoMA) *Stockholm Builds – Exhibit of Modern Swedish Architecture New York*. . MoMA Press Releases Archives. New York: 04. Ago. 1941. <[https://www.moma.org/d/c/press\\_releases/W1siZiZlsljMyNTI1MSJdXQ.pdf?sha=e6945b6edb61686d](https://www.moma.org/d/c/press_releases/W1siZiZlsljMyNTI1MSJdXQ.pdf?sha=e6945b6edb61686d)> (Acessado em 12 de fevereiro de 2016).

THE MUSEUM OF MODERN ART (MoMA) *Stockholm Builds*. August 4–September 8, 1941. Exhibitions. <<http://www.moma.org/calendar/exhibitions/3009?locale=pt>> (Acessado em 17 de setembro de 2016)

THE MUSEUM OF MODERN ART (MoMA). *Checklists*. <<http://www.moma.org/d/c/checklists/W1siZiZlsljMyNTM1OSJdXQ.pdf?sha=fda058cf030438ae>> (Acessado em 17 de setembro de 2016)

THE MUSEUM OF MODERN ART (MoMA). "A Modern Museum: The 1939 Goodwin/Stone Building." *MoMA Press Releases Archives*. New York, abril 1989. <[https://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press\\_archives/6668/releases/MOMA\\_1989\\_0035\\_35.pdf?2010](https://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press_archives/6668/releases/MOMA_1989_0035_35.pdf?2010)> (Acessado em 10 de fevereiro de 2016)

THE MUSEUM OF MODERN ART (MoMA). "Philip L. Goodwin, Edward Durell Stone: The Museum of Modern Art, New York City, New York 1939." *The collection*. <[http://www.moma.org/collection/browse\\_results.php?criteria=O%3AAD%3AE%3A16292&page\\_number=1&template\\_id=1&sort\\_order=1&background=gray](http://www.moma.org/collection/browse_results.php?criteria=O%3AAD%3AE%3A16292&page_number=1&template_id=1&sort_order=1&background=gray)> (Acessado em 10 de fevereiro de 2016).



THE MUSEUM OF MODERN ART (MoMA). "Brazilian Government leads western hemisphere in encouraging Modern Architecture. Exhibition of Brazilian Architecture opens at Museum of Modern Art." *MoMA Press Releases Archives*. New York. 12. Jan. 1943.

<[https://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press\\_archives/850/releases/MOMA\\_1943\\_0002\\_1943-01-12\\_43112-2.pdf?2010](https://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press_archives/850/releases/MOMA_1943_0002_1943-01-12_43112-2.pdf?2010)> (Acessado em 12 de fevereiro de 2016).

THE MUSEUM OF MODERN ART (MoMA). "Frank Lloyd Wright at The Museum of Modern Art". *MoMA Press Releases Archives*. New York. 1994. <[https://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press\\_archives/7220/releases/MOMA\\_1994\\_0006\\_5.pdf?2010](https://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press_archives/7220/releases/MOMA_1994_0006_5.pdf?2010)> (Acessado em 21 de fevereiro de 2016)

THE MUSEUM OF MODERN ART (MoMA). "Models assembled for opening of exhibit of Modern Architecture". *MoMA Press Releases Archives*. New York: 16. Jan.1932. <[https://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press\\_archives/64/releases/MOMA\\_1932\\_0001\\_1932-01-16.pdf?2010](https://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press_archives/64/releases/MOMA_1932_0001_1932-01-16.pdf?2010)> (Acessado em 05 de fevereiro de 2016)

THE MUSEUM OF MODERN ART (MoMA). "Prominent American Architects show special models in Modern Architecture Exhibit". *MoMA Press Releases Archives*. New York. 24 Jan 1932. <[https://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press\\_archives/68/releases/MOMA\\_1932\\_0005\\_1932-01-24.pdf?2010](https://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/press_archives/68/releases/MOMA_1932_0005_1932-01-24.pdf?2010)> (Acessado em 21 de fevereiro de 2016)

THE MUSEUM OF MODERN ART (MoMA). "René d'Harnoncourt Papers" *The Museum of Modern Art Archives*. New York: 2002. <https://www.moma.org/learn/resources/archives/EAD/dHarnoncourt/> (Acessado em 05 fevereiro de 2016)

THE MUSEUM OF MODERN ART (MoMA). *Mission Statement*. <<http://www.moma.org/about/>> (Acessado em 03 outubro de 2014)

THE MUSEUM OF MODERN ART (MoMA). "Brazil Builds: Installation images". Exhibitions. <[http://www.moma.org/calendar/exhibitions/2304/installation\\_images/0?locale=pt](http://www.moma.org/calendar/exhibitions/2304/installation_images/0?locale=pt)> (Acessado em 18 de setembro de 2016).

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY. "Brazil Builds; architecture new and old, 1652-1942". *General Research Division The New York Public Library Digital Collections*. 1926

- 1947. <<http://digitalcollections.nypl.org/items/510d47db-dea9-a3d9-e040-e00a18064a99>> (Acessado em 02 de setembro de 2013).

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY. "Brazil Participation - Building – Model". *Manuscripts and Archives Division, 1935 - 1945*. <<http://digitalcollections.nypl.org/items/5e66b3e8-9dd6-d471-e040-e00a180654d7>> (Acessado em 10 de março de 2013).

TOLEDO, Benedito L. *Esplendor do Barroco Luso-brasileiro*. Cotia: Ateliê Editorial, 2012.

TOLEDO, Luiz Carlos. *Feitos para cuidar: A arquitetura como um gesto médico e a humanização do edifício hospitalar*. Tese de doutoramento. UFRJ. Rio de Janeiro: 2008.

TOSTÕES, Ana. *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*. Porto: FAUP, 1997.

WARHAVCHIK, Gregori. "Acerca da arquitetura moderna". In: Alberto Xavier (ed.). *Depoimento de uma geração – arquitetura moderna brasileira*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003[1925]. Originalmente publicada em 1º de novembro no Correio da Manhã, Rio de Janeiro.

WILLIAMS, Richard J. *Brazil (Modern architectures in history)*. Londres: Reaktion Books Ltd, 2009.

XAVIER, Alberto (ed.). *Depoimento de uma geração – arquitetura moderna brasileira*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

ZAKIA, Silvia Palazzi. "Primeira visita de Le Corbusier ao Brasil em 1929. Uma chegada acidentadíssima!" *Arquitetismo, ano 09, n. 102.01, Vitruvius*. São Paulo: set. 2015. <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitetismo/09.102/5685>> (Acessado em 13 de fevereiro de 2014).

ZECHIN, Patrick A. "Atílio Corrêa Lima e o planejamento de Goiânia - Um marco moderno na conquista do sertão brasileiro". *Urbana - Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos da Cidade*, v. 4. Campinas: 2012.

### **Lista de abreviações:**

FE – Fotografias Externas

FI – Fotografias Internas

D/P – Desenhos e Plantas

**TABELA 01 – ARQUITETURA ANTIGA – Introdução I**

IMAGENS	OBRA	ARQUITETO	DATA	LOCAL	FI	FE	D/P	TOTAL
<b>Fazenda de café</b>	Fazenda de café Boa União	-	-	RJ	-	3	-	3
<b>Interior de casa em Vitória</b>	Casa em Vitória	-	-	ES	1	-	-	1
<b>Planta baixa da Igreja São Francisco de Assis</b>	Igreja São Francisco de Assis de Ouro Preto	-	1772-1794	MG	-	-	1	1
<b>Catedral de Braga</b>	Catedral de Braga	-	XVIII	PORTUGAL	-	1	-	1
<b>Planta da Igreja de São Miguel</b>	Igreja de São Miguel das Missões	João Batista Primoli	1760	RS	-	-	1	1
<b>Lavabo de talha para a Igreja Nossa Senhora do Carmo, Ouro Preto</b>	Lavabo de talha	Aleijadinho	-	MG	1	-	-	1
<b>Velho Armazém em Recife</b>	Armazém	-	-	PE	-	1	-	1
<b>Teatro Santa Isabel</b>	Teatro Santa Izabel	Louis Vauthier	1850	PE	-	1	-	1
<b>Palácio Rio Negro</b>	Palácio Rio Negro, Petrópolis	-	-	RJ	-	1	-	1
<b>Teatro de Manaus</b>	Teatro de Manaus	-	-	AM	1	1	-	2
<b>TOTAL</b>					<b>3</b>	<b>8</b>	<b>2</b>	<b>13</b>

**TABELA 02 – ARQUITETURA ANTIGA – Planchas**

OBRA	ARQUITETO	DATA	LOCAL	FI	FE	D/P	TOTAL
Palácio do Itamaraty, Rio de Janeiro	José Maria Jacinto Rebelo	1851-1854	RJ	-	2	-	2
Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, Rio de Janeiro	Julio Frederico Koeller e Phillipe Garçon Rivière	1842	RJ	-	1	-	1
Casa caiada de rosa	-	XIX	RJ	-	1	-	1
Residência Ribeiro, Rio de Janeiro	-	-	RJ	-	2	-	2
Igreja e Mosteiro de São Bento, Rio de Janeiro	-	1652	RJ	2	1	-	3
Igreja de Santo Antônio, Rio de Janeiro	-	-	RJ	-	1	-	1
Fazenda Colubandê, São Gonçalo, RJ	-	XIX	RJ	2	2	1	5
Fazenda Vassouras, RJ,	-	XIX	-	2	1	-	3
Fazenda Garcia, perto de Petrópolis	Roberto Burle-Marx, arquiteto paisagista (jardim)	-	RJ	-	1	6	7
Igreja São Miguel, Rio Grande do Sul.	João Batista Primoli	1760	RS	-	2	-	2
Museu São Miguel das Missões	Engenheiro Lucio Costa	-	RS	3	2	-	5
Nosso Senhor do Bom Jesus de Matosinhos, Congonhas do Campo		1777	MG	-	3	-	3
Nossa Senhora do Carmo, Ouro Preto	Manuel Francisco Lisbôa	1766	MG	-	2	-	2
Nossa Senhora do Carmo, Mariana	Domingos Moreira de Oliveira	1784	MG	-	1	-	1
Capela de São José, Ouro Preto, Minas Gerais	-	-	MG	-	1	-	1

<b>Igreja São Francisco de Assis, Ouro Preto</b>	-	1772-1794	MG	1	2	-	3
<b>Chafariz dos contos, Ouro Preto, Minas Gerais</b>	João Domingos Veiga	1745	MG	-	1	-	1
<b>Nossa Senhora do Rosário dos Pretos,Ouro Preto</b>	José Pereira Arouca	1785	MG	-	1	1	2
<b>Igreja Santa Ifigenia, Ouro Preto</b>	-	1785	MG	1	1	-	2
<b>Convento da Penha, Perto de Vitória</b>	-	-	ES		2	-	2
<b>Forte de Santa Maria, Salvador</b>	-	1696	BA	-	1	-	1
<b>Forte Montserrat, Salvador</b>	-	1586	BA	-	1	-	1
<b>Mosteiro de São Francisco de Assis, Salvador</b>	-	1710	BA	1	-	-	1
<b>Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, Salvador</b>	-	1703	BA	-	1	-	1
<b>Igreja de São Francisco de Assis, Salvador</b>	-	1710	BA	1	1	1	3
<b>Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Salvador</b>	-	XVIII	BA	-	1	-	1
<b>Igreja e convento, Paraguassú</b>	-	XVIII	BA	-	2	-	2
<b>Igreja colonial, Guia, Estado da Paraíba</b>	-	-	PB	-	3	-	3
<b>Igreja de São Pedro dos Clérigos, Recife,</b>	Manuel Ferreira Jacomé e Nazzoni	1729	PE	1	1	-	2
<b>Capela Jaqueira, Ponte do Uchôa, Recife, Pernambuco</b>	-	1794	PE	1	1	-	2
<b>Igreja de São Francisco, Recife,</b>	-	XVIII	PE	1	-	-	1
<b>Casa da Sra. Elvira Gonçalves de Moraes, Recife,</b>	-	1850	PE	-	2	-	2
<b>Engenho de açúcar, Recife,</b>	-	-	PE	-	1	-	1
<b>Igreja de São Bento Olinda, Pernambuco</b>	-	XVIII	PE	-	1	-	1

Palhoças de pescadores perto de Olinda,	-	-	PE	-	1	-	1
Velha casa brasileira em Olinda	-	XVII	PE	-	1	-	1
Cruzeiro da Igreja de São Francisco, Olinda	-	-	PE	-	1	-	1
Igreja e convento de Santo Alexandre, Belém, Pará	-	XVIII	PA	-	2	-	2
Colégio de Nazaré, Belém, Pará	-	1789	PA	-	2	-	2
Teatro da Paz, Belém, Pará	-	-	PA	-	1	-	1
<b>TOTAL</b>				<b>16</b>	<b>54</b>	<b>9</b>	<b>79</b>

**TABELA 03 – ARQUITETURA ANTIGA - Outras fotografias nas *Planchas***  
**(Paisagens, não obras específicas)**

LOCAL	OBRA	ESTADO	FI	FE	D/P	TOTAL
RIO DE JANEIRO	Paisagens do Rio de Janeiro	RJ	-	5	-	5
CONGONHAS DO CAMPO	Paisagens de Congonhas do Campo	MG	-	2	-	2
OURO PRETO	Paisagens de Ouro Preto	MG	-	1	1	2
RECIFE	Paisagens de Recife	PE	-	3	-	3
SALVADOR	Cidade de Salvador	-	-	3	-	3
TOTAL			0	14	1	15



**TABELA 04 – ARQUITETURA ANTIGA – Tipo das Imagens**

Fotografias Internas	Fotografias Externas	Desenho e plantas
16	54	9

**TABELA 05 – ARQUITETURA ANTIGA – Lista de Arquitetos**

ARQUITETO	OBRAS	IMAGENS
1. José Maria Jacinto Rebelo	1	3
2. Julio Frederico Koeller	1	1
3. Phillipe Garçon Rivière	1	1
4. Roberto Burle Marx (paisagismo)	1	5
5. João Batista Primoli	1	3
6. Lucio Costa	1	5
7. Manuel Francisco Lisboa	1	2
8. Domingos Moreira de Oliveira	1	1
9. João Domingos Veiga	1	1
10. José Pereira Arouca	1	2
11. Manuel Ferreira Jacomé e Nazzoni	1	2

**TABELA 06 - ARQUITETURA ANTIGA – Tema das Obras**

TEMA	OBRAS	IMAGENS
Fazenda	3	15
Residência	5	8
Igrejas e capelas	22	40
Museu	1	5
Chafariz	1	1
Conventos	1	2
Forte	2	2
Mosteiro	1	1
Engenho	1	1
Palhoças	1	1
Colégio	1	2
Teatro	1	1
<b>TOTAL</b>	<b>40</b>	<b>79</b>

**TABELA 07 – ARQUITETURA ANTIGA – Data das Edificações**

DATA	OBRAS	IMAGENS
1586	1	1
1652	1	3
1696	1	1
XVII	1	1
1703	1	1
1710	2	4
1729	1	2
1745	1	1
1760	1	2
1766	1	2
1772-1794	1	3
1777	1	3
1784	1	1
1785	2	4
1789	1	2
1794	1	2
XVIII	5	7
1842	1	1
1850	1	2
1851-1854	1	2
XIX	3	9
Sem data	11	25

**TABELA 08 – ARQUITETURA ANTIGA – Data das Edificações**

DATA	OBRAS	IMAGENS
Século XVI	1	1
Século XVII	3	5
Século XVIII	19	34
Século XIX	6	14
Sem data	11	25

**TABELA 09 - ARQUITETURA ANTIGA – Localização das Obras**

LOCAL	OBRAS	IMAGENS
Estado do RJ	3	11
Rio de Janeiro - RJ	5	9
São Gonçalo- RJ	1	5
São Miguel d'Oeste – RS	2	7
Congonhas do Campo - MG	1	3
Ouro Preto - MG	6	11
Mariana - MG	1	1
Vitória - ES	1	2
Salvador - BA	6	8
Paraguassú - BA	1	2
Guia - PB	1	3
Recife- PE	5	8
Olinda - PE	4	4
Belém - PA	3	5

**TABELA 10 - ARQUITETURA ANTIGA – Localização das Obras**

LOCAL	OBRAS	IMAGENS
RJ	9	25
PE	9	12
MG	8	15
BA	7	10
PA	3	5
RS	2	7
PB	1	3
ES	1	2

**TABELA 11 - ARQUITETURA ANTIGA – Localização das Obras**

REGIÃO	OBRAS	IMAGENS
Norte	4	8
Nordeste	16	22
Centro-oeste	0	0
Sudeste	18	42
Sul	2	7



**TABELA 12 – ARQUITETURA MODERNA – Introdução II**

OBRA	ARQUITETO	DATA	LOCAL	FI	FE	D/P	TOTAL
<b>Mapa ilustrativo do Rio de Janeiro com marcações da Edificações “ Buildings shown in this book”</b>	-	-	RJ	-	-	1	1
<b>Ministério da Educação e Saúde Pública – Rio de Janeiro</b>	Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Afonso Reidy, Carlos Leão, Jorge Moreira e Ernani Vasconcelos, arquitetos, Le Corbusier, consultante	1937 -	RJ	1	1	2	3
<b>Obra do Berço</b>	Oscar Niemeyer	-	RJ	1	1	-	2
<b>A.B.I (Associação Brasileira de Imprensa)</b>	Marcelo e Milton Roberto	-	RJ	1	1	1	3
<b>Instituto Vital Brazil</b>	Álvaro Vital Brazil e Ademar Marinho	1942	RJ	-	1	-	1
<b>Pavilhão Brasileiro na Feira de Nova Iorque</b>	Lucio Costa e Oscar Niemeyer	1939	Nova Iorque	-	1	-	1
<b>Hotel em Ouro Preto</b>	Oscar Niemeyer	1942-	MG	-	1	-	1
<b>Pavilhão de Anatomia Patológica (Recife)</b>	Saturnino Nunes de Brito	1940	PE	-	1	-	1
<b>Casa de apartamento com venezianas e grade de cimento</b>	-	-	-	-	1	-	1
<b>Edifício de Escritórios</b>	Escritório Ramos de Azevedo	-	SP	-	1	-	1
<b>Residência Frontini</b>	Bernard Rudofsky	1940-1941	SP		2	-	2
<b>Casa simples em São Paulo</b>	Gregori Warchavchik	-	SP	-	1	-	1
<b>Casa autêntica do século XVIII, de Ouro Preto</b>	-		MG	-	1	-	1
<b>Residência “colonial de hoje”</b>	-	-	-	-	1	-	1

Velha casa perto do Rio	-	-	RJ	-	1	-	1
<b>TOTAL</b>				3	15	4	21

**TABELA 13 – ARQUITETURA MODERNA – Planchas**

OBRA	ARQUITETO	DATA	LOCAL	FI	FE	D/P	TOTAL
<b>Companhia Nacional de Cimento Portland), Niteroi</b>	-	-	RJ	-	2	-	2
<b>Recebedoria de Rendas (Recife)</b>	Saturnino Nunes de Brito <sup>629</sup>	-	PE	-	1	-	1
<b>Ministério da Educação e Saúde Pública</b>	Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Afonso Reidy, Carlos Leão, Jorge Moreira e Ernani Vasconcelos, arquitetos Le Corbusier, consultante	1937-	RJ	-	7	1	8
<b>A.B.I.</b>	Marcelo e Milton Roberto	-	RJ	3	3	1	7
<b>Casa de Apartamentos, Avenida Augusto Servero, 78</b>	-	-	RJ	-	2	-	2
<b>Instituto dos Industriários</b>	Marcelo e Milton Roberto	-	RJ	-	1	-	1
<b>Casa de Apartamentos</b>	Gregori Warchavchik	1940	SP	-	1	-	1
<b>Apartamentos com sala para exposição de automóveis</b>	H. E. Mindlin	-	SP	-	1	-	1
<b>Edifício Esther</b>	Álvaro Vital Brazil e Ademar Marinho	1937	SP	-	2	3	5
<b>Casa de apartamentos, Praia do Flamengo</b>	-	1938	RJ	-	2	-	2
<b>Casa de apartamentos, rua Bolívar</b>	Dr. Saldanha	1940	RJ	-	3	-	3

<sup>629</sup> Na verdade houve a confusão entre os nomes de dois arquiteto: Luís Nunes e Fernando Saturnino de Britto. O correto é Fernando Saturnino de Britto. Fonte: <[http://www.docomomo.org.br/seminario%209%20pdfs/083\\_M19\\_OR-DaCapitalAoInterior-ART\\_guilah\\_naslavsky.pdf](http://www.docomomo.org.br/seminario%209%20pdfs/083_M19_OR-DaCapitalAoInterior-ART_guilah_naslavsky.pdf)>

<b>Casas para operários no Realengo</b>	Carlos Frederico Ferreira, arquiteto com a colaboração de Waldir Leal e Mario H. G. Torres	1942	RJ	-	5	2	7
<b>Hotel em Ouro Preto</b>	Oscar Niemeyer	1942-	MG	-	1	4	5
<b>Asilo de Inválidos</b>	Paulo Camargo Almeida	-	RJ	-	2	-	2
<b>Biblioteca Pública do Departamento de Cultura</b>	Jacques Pilon, Matarazzo e Departamento de Obras da Prefeitura Municipal	1942	SP	-	1	-	1
<b>Sanatório de Tuberculosos Santa Terezinha</b>	-	-	BA	-	1	-	1
<b>Obra do Berço</b>	Oscar Niemeyer	-	RJ	1	3	1	5
<b>Escola Primária Raul Vidal (Niterói)</b>	Álvaro Vital Brazil	1942	RJ	1	3	-	4
<b>Escola Industrial</b>	Carlos Henrique de Oliveira Porto	-	RJ	1	1	1	3
<b>Escola Normal (Salvador)</b>	-	-	BA	2	2	-	4
<b>Instituto Superior de Filosofia, Ciências e Letras “Sedes Sapientiae”</b>	Rino Levi	1942	SP	-	2	1	3
<b>Liceu Industrial</b>	Marcelo e Milton Roberto	1942	SP	-	2	1	3
<b>Estação de Hidro-aviões</b>	Atílio Corrêa Lima	1940	RJ	3	5	1	9
<b>Hangar 1, Aeroporto Santos Dumont</b>	Marcelo e Milton Roberto	1940	RJ	1	2	2	5
<b>Estação de Barcas</b>	Atílio Corrêa Lima	1940	RJ	-	2	1	3
<b>Torre d'água (Olinda)</b>	-	-	PE	-	1	-	1
<b>Pavilhão de Anatomia Patológica (Recife)</b>	Saturnino Nunes de Brito	1940	PE	-	1	-	1
<b>Instituto Vital Brazil (Niterói)</b>	Álvaro Vital Brazil e Ademar Marinho	1942	RJ		3	-	3
<b>Residência Cavalcanti</b>	Oscar Niemeyer	1940	RJ	1	4	1	6
<b>Residência do próprio arquiteto</b>	Oscar Niemeyer	1942	RJ	-	3	1	4

<b>Casa Johnson (Fortaleza)</b>	Oscar Niemeyer	1942	CE	-	1	4	5
<b>Residência João Arnstein (São Paulo)</b>	Bernard Rudofsky	1941	SP	2	5	1	8
<b>Residência Frontini, (São Paulo)</b>	Bernard Rudofsky	1940-1941	SP	1	4	-	5
<b>Fazenda São Luis Residência Hermenegildo Sotó Maior</b>	Aldary Henriques Toledo	1942	RJ	-	-	2	2
<b>Casa Moderna</b>	H. E. Mindlin	-	SP	-	1	-	1
<b>Casa Moderna</b>	Gregori Warchavchik	-	SP	-	1	-	1
<b>Casa do Dr. Arthur Moura</b>	José Norberto	1940	SP	-	2	-	2
<b>Cassino (Pampulha, Belo Horizonte)</b>	Oscar Niemeyer	1942	MG	2	7	2	11
<b>Ilha-Restaurante</b>	Oscar Niemeyer	1942	MG	-	2	1	3
<b>Yacht Club, Pampulha, Belo Horizonte</b>	Oscar Niemeyer	1942	MG	1	5	1	7
<b>Pavilhão Brasileiro na Feira de Nova Iorque</b>	Lucio Costa e Oscar Niemeyer	1939	Nova Iorque	-	2	1	3
<b>TOTAL</b>				19	99	33	151

**TABELA 14 - ARQUITETURA MODERNA – Tipo das Imagens**

<b>Fotografias Internas</b>	<b>Fotografias Externas</b>	<b>Desenho e plantas</b>
19	99	33

**TABELA 15 – ARQUITETURA MODERNA – Lista de Arquitetos**

ARQUITETOS	OBRAS	IMAGENS
1. Fernando Saturnino de Brito (Saturnino Nunes de Brito) <sup>630</sup>	1	1
2. Lucio Costa	1+1	8+3
3. Oscar Niemeyer	8+1+1	46+8+3
4. Afonso Reidy	1	8
5. Carlos Leão	1	8
6. Jorge Moreira	1	8
7. Ernani Vasconcelos	1	8
8. Le Corbusier, consultante	1	8
9. Marcelo e Milton Roberto <sup>631</sup>	4	16
10. Gregori Warchavchik	2	2
11. H. E. Mindlin	2	2
12. Álvaro Vital Brazil	1+2	8+4
13. Ademar Marinho	2	8
14. Dr. Saldanha	1	3
15. Carlos Frederico Ferreira, com a colaboração de Waldir Leal e Mario H. G. Torres	1	7
16. Paulo Camargo Almeida	1	2
17. Jacques Pilon, Matarazzo e Departamento de Obras da Prefeitura Municipal	1	1
18. Carlos Henrique de Oliveira Porto	1	3

<sup>630</sup> Houve a confusão entre os nomes de dois arquitetos: Luís Nunes e Fernando Saturnino de Britto. Os dois foram co-autores da Torre d'Água de Olinda. O correto neste caso é Fernando Saturnino de Britto. Fonte: [http://www.docomomo.org.br/seminario%209%20pdfs/083\\_M19\\_OR-DaCapitalAoInterior-ART\\_guilah\\_naslavsky.pdf](http://www.docomomo.org.br/seminario%209%20pdfs/083_M19_OR-DaCapitalAoInterior-ART_guilah_naslavsky.pdf)

<sup>631</sup> Os nomes de Milton e Marcelo Roberto foram mantidos como uma unidade, já que as duas obras foram projetadas pelos dois arquitetos conjuntamente.

19. Rino Levi	1	3
20. Atilio Corrêa Lima	2	12
21. Luís Nunes (Saturnino Nunes de Brito) <sup>632</sup>	1	1
22. Bernard Rudofsky	2	13
23. Aldary Henriques Toledo	1	2
24. José Norberto	1	2

---

<sup>632</sup> Houve a confusão entre os nomes de dois arquitetos: Luís Nunes e Fernando Saturnino de Brito. Os dois foram co-autores da Torre d'Água de Olinda O correto neste caso é Luís Nunes.  
 Fonte: <[http://www.docomomo.org.br/seminario%209%20pdfs/083\\_M19\\_OR-DaCapitalAoInterior-ART\\_guilah\\_naslavsky.pdf](http://www.docomomo.org.br/seminario%209%20pdfs/083_M19_OR-DaCapitalAoInterior-ART_guilah_naslavsky.pdf)>



**TABELA 16 – ARQUITETURA MODERNA – Tema das Obras**

TEMA	OBRAS	IMAGENS
Construções de concreto armado	2	3
Edifícios de escritórios, apartamentos e hotéis	10	41
Colégios, hospitais, bibliotecas	9	27
Edifícios de sistemas de transporte	3	17
Diversos	5	5
Casas particulares	8	34
Edifícios de recreação	4	24

**TABELA 17 - ARQUITETURA MODERNA – Data das Edificações**

DATA	NÚMERO DE OBRAS
Sem data	14
1937	2
1938	1
1939	1
1940	9
1941	1
1942	13

**TABELA 18 - ARQUITETURA MODERNA – Localização das Obras**

LOCAL	OBRAS	IMAGENS
Niterói - RJ	3	9
Recife-PE	3	4
Rio de Janeiro-RJ	14	62
São Paulo-SP	11	29
Realengo (RJ)	1	7
Ouro Preto - MG	1	5
Salvador-BA	2	5
Olinda - PE	1	1
Fortaleza-CE	1	5
Belo Horizonte-MG	3	21
Nova Iorque - USA	1	3

**TABELA 19 - ARQUITETURA MODERNA - Localização das Obras – Estados**

REGIÕES	OBRAS	IMAGENS
Norte	0	0
Nordeste	7	15
Centro-Oeste	0	0
Sudeste	33	133
Sul	0	0
Exterior	1	3

**TABELA 20 – ARQUITETURA MODERNA – Situação das Obras**

SITUAÇÃO	OBRAS	IMAGENS
Construído	34	120
Em construção	7	31